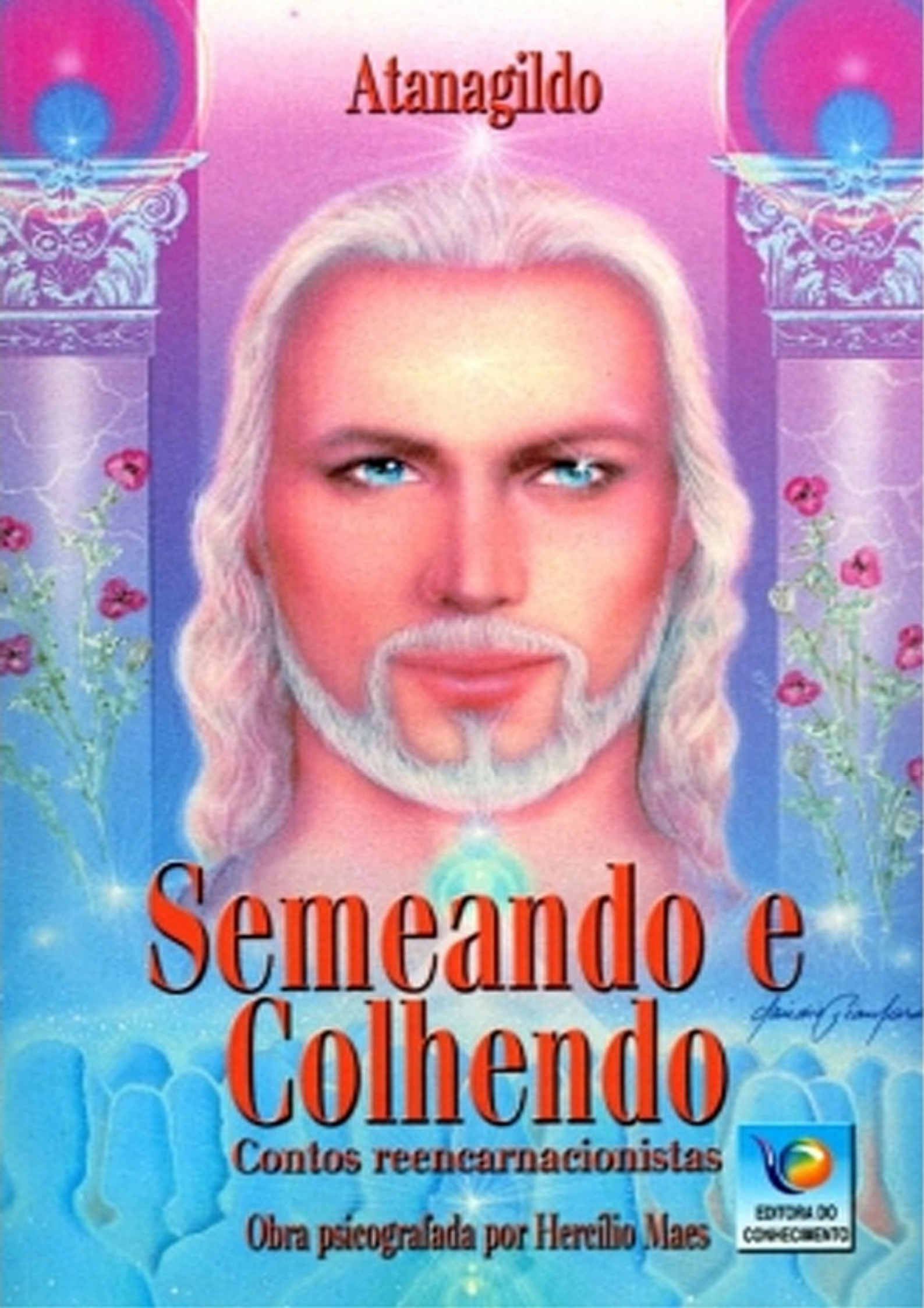
Atanagildo



# Semeando e Colhendo

## Contos reencarnacionistas

Obra psicografada por Hercílio Maes

EDITORA DO CONHECIMENTO

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do ***ebook espírita*** com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O ***ebook espírita*** disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site:www.ebookespirita.org.

www.ebookespirita.org

# ATANAGILDO

## SEMEANDO E COLHENDO

Obra psicografada
por HERCÍLIO MAES

**CONTOS**
**REENCARNACIONISTAS**

# SEMEANDO E COLHENDO

Obra psicografada
por HERCÍLIO MAES

**CONTOS**
**REENCARNACIONISTAS**

As narrativas de SEMEANDO E COLHENDO identificam dezenas de situações inconvenientes e perigosas à ventura do espírito, após a morte do corpo carnal. O autor descreve acontecimentos trágicos ocorridos no mundo material, para mostrar em seguida as condições dos personagens depois do desligamento do organismo físico, conforme o rendimento espiritual benéfico ou maléfico de suas atividades materiais. Finalmente, completa o seu labor de advertência, ao remontar às origens dos dramas que se geraram no processo cármico e justo de "semear' e colher".

# SEMEANDO E COLHENDO

Obra mediúnica
ditada pelo espírito Atanagildo
ao médium HERCÍLIO MÃES

Mesmo quem conhece bem os mecanismos da Lei do Carma, às vezes se vê perplexo diante dos grandes sofrimentos - aqueles em que a "mão do destino" parece pousar implacável sobre as criaturas.

O autor espiritual de "Semeando e Colhendo"- Atanagildo, discípulo de Ramatís, desencarnado neste século no Brasil - apresenta, nesta série de fascinantes contos reencarnacionistas, os reflexos dramáticos, no espelho de existências atuais, e as imagens originais -ou causas geradoras — em existências passadas, relativos a casos extraordinários de reparação cármica.

Nenhuma ficção: são histórias reais - comoventes todas, líricas algumas, sempre tocantes e profundamente esclarecedoras.

Da vida do cantor das multidões à terna história de Verinha, adolescente vítima da lepra; da redenção de um ex-inquisidor à incrível alquimia, num campo de concentração, da alma guerreira de um ex-líder das sombras (e onde se desvelam as raízes cármi-cas do holocausto judeu), entre outros, "Semeando e Colhendo" é um verdadeiro tratado das sutilezas e da eficácia da Lei de Causa e Efeito.

Depois de cativar milhares de leitores, este livro continua despertando lágrimas e sorrisos, e iluminando os mecanismos cármi-cos com rara sabedoria e encanto.

**MINHA GRATIDÃO**

Ao professor BRENO TRAUTWEIN

Imensamente grato pela inestimável ajuda e sugestões, que contribuíram para a melhor contextura desta obra de contos mediúnicos.

# OBRAS DE RAMATIS .

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| 1. | A vida no planeta marte | Hercílio Mães 1955 | Ramatis | Freitas Bastos |
| 2. | Mensagens do astral | Hercílio Mães 1956 | Ramatis | Conhecimento |
| 3. | A vida alem da sepultura | Hercílio Mães 1957 | Ramatis | Conhecimento |
| 4. | A sobrevivência do Espírito | Hercílio Mães 1958 | Ramatis | Conhecimento |
| 5. | Fisiologia da alma | Hercílio Mães 1959 | Ramatis | Conhecimento |
| 6. | Mediumnismo | Hercílio Mães 1960 | Ramatis | Conhecimento |
| 7. | Mediunidade de cura | Hercílio Mães 1963 | Ramatis | Conhecimento |
| 8. | O sublime peregrino | Hercílio Mães 1964 | Ramatis | Conhecimento |
| 9. | Elucidações do além | Hercílio Mães 1964 | Ramatis | Conhecimento |
| 10. | A missão do espiritismo | Hercílio Mães 1967 | Ramatis | Conhecimento |
| 11. | Magia da redenção | Hercílio Mães 1967 | Ramatis | Conhecimento |
| 12. | A vida humana e o espírito imortal | Hercílio Mães 1970 | Ramatis | Conhecimento |
| 13. | O evangelho a luz do cosmo | Hercílio Mães 1974 | Ramatis | Conhecimento |
| 14. | Sob a luz do espiritismo | Hercílio Mães 1999 | Ramatis | Conhecimento |
| 15. | Mensagens do grande coração | America Paoliello Marques ? | Ramatis | Conhecimento |
| 16. | Evangelho , psicologia , ioga | America Paoliello Marques ? | Ramatis etc | Freitas Bastos |
| 17. | Jesus e a Jerusalém renovada | America Paoliello Marques ? | Ramatis | Freitas Bastos |
| 18. | Brasil , terra de promissão | America Paoliello Marques ? | Ramatis | Freitas Bastos |
| 19. | Viagem em torno do Eu | America Paoliello Marques ? | Ramatis | Holus |
| | Publicações | | | |
| 20. | Momentos de reflexão vol 1 | Maria Margarida Liguori 1990 | Ramatis | Freitas Bastos |
| 21. | Momentos de reflexão vol 2 | Maria Margarida Liguori 1993 | Ramatis | Freitas Bastos |
| 22. | Momentos de reflexão vol 3 | Maria Margarida Liguori 1995 | Ramatis | Freitas Bastos |
| 23. | O homem e a planeta terra | Maria Margarida Liguori 1999 | Ramatis | Conhecimento |
| 24. | O despertar da consciência | Maria Margarida Liguori 2000 | Ramatis | Conhecimento |
| 25. | Jornada de Luz | Maria Margarida Liguori 2001 | Ramatis | Freitas Bastos |
| 26. | Em busca da Luz Interior | Maria Margarida Liguori 2001 | Ramatis | Conhecimento |
| 27. | Gotas de Luz | Beatriz Bergamo 1996 | Ramatis | Série Elucidações |
| 28. | As flores do oriente | Marcio Godinho 2000 | Ramatis | Conhecimento |
| 29. | O Astro Intruso | Hur Than De Shidha 2009 | Ramatis | Internet |
| 30. | Chama Crística | Norberto Peixoto 2000 | Ramatis | Conhecimento |
| 31. | Samadhi | Norberto Peixoto 2002 | Ramatis | Conhecimento |
| 32. | Evolução no Planeta Azul | Norberto Peixoto 2003 | Ramatis | Conhecimento |
| 33. | Jardim Orixás | Norberto Peixoto 2004 | Ramatis | Conhecimento |
| 34. | Vozes de Aruanda | Norberto Peixoto 2005 | Ramatis | Conhecimento |
| 35. | A missão da umbanda | Norberto Peixoto 2006 | Ramatis | Conhecimento |
| 36. | Umbanda Pé no chão | Norberto Peixoto 2009 | Ramatis | Conhecimento |

# INDICE


| | | |
|---|---|---|
| Preâmbulo | | 7 |
| Algumas Palavras | | 9 |
| Prefácio | | 11 |
| (1) | O Quebra Ossos | 14 |
| (2) | Não se levanta! | 17 |
| (3) | O Ergástulo de Carne | 23 |
| (4) | A Mina | 28 |
| (5) | Os Romeiros | 32 |
| (6) | Assim estava escrito | 40 |
| (7) | Inquisição Moderna | 50 |
| (8) | O Cantor | 55 |
| (9) | A Serraria | 65 |
| (10) | Um mau negócio | 79 |
| (11) | Frustração | 91 |
| (12) | Adestramento Materno | 105 |
| (13) | Hei de ser rico | 113 |
| (14) | A Vida contra a vi | 129 |
| (15) | Expurgo Psíquico | 137 |
| (16) | Anjos Rebeldes | 155 |

# P R E A M B U L O

Estimados leitores.

Quando eu vivia na Terra, nascido em S. Paulo, viajava freqüentemente pelo interior do Brasil, como topógrafo ou, agrimensor, e, muitas vezes, preocupou-me a natureza trágica e dramática de certas existências terrenas. Embora conhecedor da doutrina espírita, cultor de ensinamentos esotéricos,. teosofistas e rosa-cruzes, que me esclareciam quanto ao processo reencarnacionista e à disciplina da Lei do Carma sôbre o espírito encarnado, confundia-me o raciocínio certas tragédias, as quais não compreendia dentro das normas da Justiça Divina!

Logo depois de desencarnado, e entregando-me às atividades próprias do mundo espiritual, desejei conhecer a origem. cármica de alguns dramas tristes e cruciantes que eu conhecera na vida carnal. Então, consultei os maiorais da metrópole onde vivo, (1) solicitando-lhes permissão para investigar as causas e os acontecimentos funestos na forma de narrativas singelas, e proporcionar-lhes ensinamentos imediatos. O próprio médium, ao saber de meus propósitos pediu-me esclarecer casos do seu conhecimento, inclusive alguns fatos dolorosos de sua parentela. Daí, surgiu o plano e a seqüência desta obra, guardando-se o necessário anonimato quanto à identidade dos protagonistas, a fim de não se ferir suscetibilidades de parentes encarnados ou expôr o médium a processos desagradáveis.

Aliás, atendendo a sugestões superiores, procurei evitar propositadamente a identificação dos personagens destas estórias. Mudei os locais, datas, circunstâncias e pormenores. dos fatos narrados, porque as suas famílias ainda encontram-se na superfície terráquea no labor e aprendizado da vida. Evidentemente, alguns leitores poderão associar assuntos e coincidências destes contos, de modo a comprovar fatos e dramas que presenciaram ou tiveram conhecimento. Mas, o meu intuito é o de evitar tanto quanto possível essa identificação, pois ainda me soa aos ouvidos as recomendações de meu preceptor espiritual, ao me advertir: "Atanagildo, não esqueça que os mortos bem intencionados não devem dificultar a existência dos vivos; deixe isso para os obsessores."

Também, não procurei fazer ficção nestes contos reencarnacionistas, nem os dramatizei de modo a merecer mais apoio ou lisonja dos leitores. A verdade é que descrevi o mais fielmente possível as coisas como elas aconteceram, e se, alguém julgá-las exageradas ou inverossímeis, ou demasiadamente dramáticas para comover o público, isso é assunto de fácil comprovação pela simples leitura cotidiana dos jornais.

Desejoso de cooperar para a evolução de meus irmãos encarnados, dirigi-me à administração da metrópole "Grande Coração", onde solicitei permissão para a tarefa a realizar . Atendido fraternalmente pelos mentores da mesma, muni-me das credenciais necessárias para fazer as pesquisas das origens cármicas empreendidas pelos protagonistas desta obra. Desloquei-me para algumas comunidades espirituais situadas nas regiões asiáticas, européias e sul-americanas, a fim de colher dados e apontamentos sôbre as causas que originaram certas vidas tão lastimáveis, que eu defrontara na minha última existência física. Também devo agradecer ao espírito de J.T. (2) conhecido escritor brasileiro, que ajudou-me

a compor o enredo dos contos de modo a não causar confusões aos leitores, ensinando-me a sintetizar as ações e os fatos, em afinidade com êsse gênero literário tão difícil.

Aliás, devo explicar que não fui escritor na Terra, nem publiquei qualquer trabalho literário. Não cheg'uei mesmo a compor a indefectível poesia própria da adolescência. Na minha profissão de topógrafo, aproveitava a disponibilidade do tempo para estudar obras espíritas, teosofistas, esotéricas, rosa-cruz ou yogas, dominado pela avidez de saber, e não pela ambição de criar. Em conseqüência, não pretendo fazer literatura, mas apenas informar aos meus irmãos da Crosta, sôbre os fatos e as conseqüências, que produzem as cruciantes torturas aos desencarnados no Além-túmulo! Despreocupei-me dos rendilhados e atavios estilísticos, que fizeram a tortura de Flaubert, Victor Hugo, Machado de Assis, Maupassant e outros escritores, para só comunicar os acontecimentos na sua expressão exata. O leitor não deve confundir o mensageiro, cujo trabalho é informar, com o artista que comove! A principal finalidade dos "contos reencarnacionistas" é de utilidade espiritual, numa tentativa de esclarecer dramas, tragédias, vicissitudes e dores, tão comuns à vida de muitos leitores.

Esforcei-me para lher dar 'uma visão panorâmica dos diversos matizes cármicos gerados pela "lei de retôrno" na vida do ser imortal. Há problemas trágicos, frustrações, escândalos, ingratidões, impiedades e as mais variadas situações no seio de tôdas as famílias humanas, em analogia com muitos acontecimentos sucedidos nestes contos reencarnacionistas. Independente da consagração na esfera da literatura mediúnica, preocupa-me somente a satisfação íntima e impessoal de advertir, sugerir ou confortar os leitores, para que ao retornarem à pátria espiritual, possam fazê-lo de modo pacífico, agradável e consciente, em vez de sofrerem as torturas e angústias dos personagens imprevidentes de "Semeando e Colhendo".

Evidentemente, o médium que me serve, ainda se prende às convenções do mundo material, e, talvez, preocupe-se em ajustar vocábulos mais afidalgados para melhor compor a singeleza do meu pensamento. É justo que isso possa acontecer, no tocante à sintaxe e altiloqüência do enrêdo destes contos; mas, confio na sua proverbial boa intenção, e deixo a seu critério não trair a realidade dos fatos pelo requinte de estilo!

Oxalá, as narrativas verídicas que constituem o texto desta obra, possam proporcionar novos ensejos de discernimento e confôrto espiritual nos leitores, compensando a mim e aos demais participantes da tarefa, do esfôrço singelo mas bem intencionado. (3)

Curitiba, 30 de janeiro de 1965

ATANAGILDO

(1) ***Metrópole do "Grande Coração", comunidade espiritual situada. sôbre região populosa do Brasil! Vide as obras "A Vida Além da Sepultura" e "Sobrevivência do Espírito", de Atanagildo e Ramatís sôbre a mesma.***

(2) ***O médium não está autorizado a identificar o espírito do escritor J. T., e se isso acontecer, será por mera coincidência, pois as iniciais do seu nome referem-se apenas à uma de suas criações literárias no Brasil.***

(3) ***N. Atanagildo: — Releve-me o leitor a composição de tantos rodapés nesta obra, além das citações do médium; mas, sinceramente, não elaborei obra para divertimento, passatempo ou simples***

***prazer de leitura, porém, conteúdo didático, informativo e esclarecedor, em coparticipação com sublimes amigos das esferas superiores.***

# ALGUMAS PALAVRAS

Estimados leitores. Paz e Amor.

Não nos cabe abusar do tempo precioso do leitor, a fim de comentar o conteúdo benfeitor desta obra, pois irmão Atanagildo é bastante conhecido através de duas co-participações conosco, (1) quando divulgou certos acontecimentos do "lado de cá". Investigador percuciente e espírito laborioso, sinceramente interessado em auxiliar a solução das dificuldades espirituais dos irmãos encarnados, êle se propôs transmitir através do médium obra de leitura amena, agradável e ao mesmo tempo instrutiva, buscando atrair aos leitores pelos enredos sugestivos, preocupado principalmente na valiosa advertência espiritual dos fenômenos e das conseqüências dolorosas comuns aos sêres humanos.

"Semeando e Colhendo" é obra que enfileira uma série de contos esquematizados em acontecimentos verídicos, cujos protagonistas viveram os fatos descritos que ali se relata, e, quase todos, ainda lutam afanosamente pela sua angelização!

É tempo do homem integrar-se na freqüência vibratória da realidade imortal, evitando existência imprudente e prejudicial, que depois o faz desencarnar entre terrores e sofrimentos, abalando a contextura do perispírito no cenário atemorizante do baixo astral. É freqüente a leva de almas enlouquecidas, atribuladas e esfrangalhadas pela imprevidência e desinteresse das coisas espirituais, que aportam diàriamente ao mundo oculto depois de viverem existência epicurística, gozadora e inescrupulosa. Aí no plano carnal muitos zombam e riem dos tôlos que pesquisam a origem de si mesmos; mas é impressionante vê-los depois acovardados nas sombras tristes e ameaçadoras das regiões purgatoriais!

Eis porque 'achamos oportuníssima a obra "Semeando e Colhendo", de Atanagildo, cujas narrativas identificam dezenas de situações inconvenientes e perigosas à ventura do espírito, após a morte do corpo carnal. O autor descreve acontecimentos trágicos ocorridos no mundo material, para mostrar em seguida as condições dos personagens depois do desliga-mento do organismo físico, conforme o rendimento espiritual benéfico, ou maléfico de suas atividades materiais. Finalmente, completa o seu labor de advertência, ao remontar às origens dos dramas, que se geraram no processo cármico e justo de "semear e colher"!

Não é obra de estilo rebuscado, nem se valoriza pelas filigranas e tessituras literárias, porém, manual didático, compêndio de informações e até livro de consultas. São condições dolorosas, expiativas, atribuladas dos personagens tão comuns em nossas vidas carnais, ou que podem se suceder na trama dos futuros destinos delineados pelos nossos maiorais. Os lei tores encontrarão motivos para avaliar e comparar acontecimentos relacionados com as próprias vidas, discernindo a conduta, a reação ou solução mais favorável para o seu caso espiritual.

Também, é conveniente se considerar a gi ande diferença 'que existe entre os objetivos visados pela literatura mediúnica, com a forma convencional de se escrever no mundo. As entidades desencarnadas, em geral, assumem perante os "Mes-. tres da Evolução", o

compromisso de transferir para a Terra sômente advertências, esclarecimentos ou revelações inusitadas, sem qualquer preocupação estilística. Basta-lhes a clareza, realidade e singeleza e utilidade imediata, sem as preocupações de burilamento da forma, requintes de sintaxe ou fluência verbal. São obras mais didáticas, tendo algo da frieza técnica dos compêndios científicos e ilustrativos de fatos prósaicos.

"Semeando e Colhendo", portanto, não é obra de ficção. para excitar a emotividade humana, mas, acima de tudo, compêndio escolar de ensinamentos e revelações da vida além da carne, onde o espírito enfrenta problemas imensuràvelmente mais complexos do que os fenômenos corriqueiros do mundo. material. Aqui, nós operamos na matriz das formas através das leis utilíssimas da vida imortal, e, porisso, distinguimos o que é melhor para a criatura humana. Felizmente, pouco a pouco, o homem assume a responsabilidade direta dos seus atos compreendendo os ensinamentos sensatos e lógicos do Es piritismo e desvencilhando-se do infantilismo das lendas bíblicas do Catolicismo e das provas de fé do Protestantismo!

Entende, conscientemente, que além da devoção religiosa e do amor ao próximo, resta-lhe o dever e o compromisso íntimo de ampliar sua consciência espiritual pelo trabalho, estudo e amor, e não pela crença e adoração. Jamais pode confiar na salvação ou conversão à última hora, sob a aquiescência de prestimoso sacerdote, pois o paraíso não é concessão de nenhum credo religioso!

Finalmente, Atanagildo deixa entrever nos epílogos dos seus contos a esperança de que a felicidade espiritual é realmente o tema fundamental da vida do homem! Todos podem sofrer, errar e desanimar, porém, jamais alguém deixará de ser feliz!

Curitiba, 30 de dezembro de 1935

RAMATIS

***(1) Atanagildo escreveu com Ramatís as obras "A Vida Além da Sepultura" e "A Sobrevivência do Espírito", edições da "Livraria Freitas Bastos S/A".***

# PREFACIO

Meu prezado amigo Hercílio.

Não pude atinar o motivo plausível para que me fôsse dada a primazia de escrever o prefácio desta obra. Na Terra, vez ou outra, aceitei prefaciar alguma coisa no trato da cultura livresca do "bicho homem"! Mas, quanto a prefaciar coisas de mortos, jamais eu poderia imaginar isso na massa cinzenta da caveira. Chegado ao Além e depois de acomodar as malas na estalagem sideral, passei a examinar mais ponderadamente o cidadão terrícola, que de um canto desintegra o átomo para fundir milhares de colegas em Hiroshima, e, de outro lado, é capaz de hipotecar os bens da vida e secar o depósito lacrimogênico, no melodrama de arrancar um pombo preso na cumieira da Catedral!

Se evoluiu o homem, pergunta-me você? Morava antigamente em cavernas de pedras, hoje habita elegantes canudos de cimento; apanhava pelos cabelos a mulher do vizinho e a arrastava pelas sébes espinhentas da era paleolítica; hoje, faz a mesma coisa usando coruscante "rabos de peixe"! (1) Matava a tacape, de frente e berrando; no século XX ataca à traição empunhando luzidia automática de tiro silencioso. Outrora fazia o delinqüente estrebuchar na corda tesa da fôrca provinciana, após ligeiro conluio de um juízo sonso; agora põem-no amarrado à lúgubre cadeira elétrica e ainda recorrem ao invento de Edison, torrando o infeliz para gáudio de sádica assistência! Matava-se, antes, por emoção ou ignorância; hoje, um bando de togados, exalando cultura de ranço jurídico, liquida o desgraçado, fria e calculadamente, entre um$_e$ sanduiche de pernil e um copo de água mineral!

A velhacaria humana ainda é a mais séria competição à matreirice da raposa, covardia da hiena ou à traição da serpente! Mata-se milhões de seres de tôdas as raças e credos, e depois se atribui essa resolução cretina aos deuses. Aqui, Jeová, feroz e racista, sanciona imoralidades e cruezas bíblicas; ali, Maomé defende Allah pregando a tolerância no massacre sangrento de infiéis; acolá, Brahma protege a casta sacerdotal e a aristocracia indu, mas escorraça os párias para os monturos de lixo! Deus dos católicos patrocina a "Noite de S. Bartolomeu", nas punhaladas dos huguenotes herejes, ou então paraninfa a queima de judeus e mouros nas fogueiras da Inquisição, divertimento macabro concedido aos padres pelo piedoso rei Felipe II — um sacripanta digno de ser torrado no primeiro brazeiro! Só os católicos? Não! Os protestantes, por sua vêz, também trucidaram hereges e feiticeiros nas terras do Nôvo Mundo, com o santo intuito de limpar cracas e detritos para candidatá-los ao Paraíso. Aliás, Miguel Servet é queimado por Calvino em Basiléia.

Se evoluiu o homem? Matava atrabiliàriamente sob as: hordas ferozes de Tamerlão, Gengis-Can, Atila, Aníbal, Júlio César ou Napoleão, abrindo crânios inimigos à custa de bordoadas; mais tarde espingardeava crianças, velhos e mulheres indefesas, socando pólvora nos trabucos de museus. Sem dúvida, o terrícola progrediu consideràvelmente, no tocante à exigência sanitária em matar, como fez a corja hitlerista gazeificando judeus nos fornos dos campos de concentração de Dachau, Belsen, Auschwizt ou Buchenwald! Parece-me que o "bicho homem" não evoluiu, mas deve ter perdido os pêlos devido alguma "dermatose"

(2) imprevista, e assim ingressou atabalhoadamente na civilização! Entrou de contrabando, sem a devida promoção ou autorização dos meirinhos de fronteiras.

Mas, que estou a dizer neste prefácio, caro Hercílio? Que devo expôr além do dito por Ramatís e Atanagildo? Na Terra, as vezes escrevia assuntos que julgava de critério saneador, porém, logo me saía matéria abraziva a queimar a pele das sensitivas das letras! Embravecia os embasbacados pelo mundo, quando mexia-lhes com os penduricalhos de ferro e baeta ou subestimava-lhes as comendas e os pergaminhos! Investia nas minhas quixotadas contra supostos apiários, e caía-me o queixo ante a surpresa dos vespeiros! Mas é tempo de parar meu atrevimento de "falecido", sem abusar da condição privilegiada do herói de Welis ( 3) a beliscar impune a pele dos "vivos". Afinal a morte corpórea é apenas reajuste à vida imortal, mostrando-nos as burrices feitas na carne! Talento, galões, comendas de ferro e baeta, diplomas de papel "couchê" e solitários faiscando no dedão acadêmico, são apetrechos usados no mundo, num "faz-de-conta" infantil, e que a Parca um dia intromete-se acabando com o brinquedo! O Além é o chuveiro que tira a "craca" das ilusões humanas, limpando o cidadão do pó do mundo, que êle junta na sua espiada ilusória através do corpo carnal!

* * *

Não vou me demorar, caro leitor!

Leia a obra do bom Atanagildo e você mesmo perceberá na série de narrativas extraídas da vida dos protagonistas, dores, lutas, vicissitudes, dramas, tragédias, frustrações ou sucessos, coisas evidentes em tôdas existências humanas! Acontecimentos que nós já vivemos, ou que teremos de vivê-los nas próximas encadernações carnais. Na Terra, vez ou outra, ria ou blasonava da sobrevivência do espírito, apesar de haver traduzido obras de outras línguas, mas depois o espanto tomou-me a alma e caí em mim, desenxabido e aparvalhado, reconhecendo-me gasoso, mas vivo! Quanta coisa por fazer, quanta coisa por começar, e, evidentemente, por corrigir? Muito valente que fazia côro comigo, rindo às bandeiras despregadas à simples hipótese de sobreviver à forma de nervos, ossos e músculos, hoje bate-se por aqui, aos gemidos, aos sustos e pulos, fugindo da própria sombra!

Aliás, Atanagildo compôs o rumo certo dos seus protagonistas, pois suas vidas foram algo de nossas vidas. Em verdade, todos nós temos algo da obstinação de Clementino em "ser rico", da lubricidade instintiva de Claudionor; do orgulho ferido de Romualdo; dos temores intuitivos de Salústio; da resignação mórbida de Mathias; da generosidade de Verinha; da ferocidade de Sesóstri; do fatalismo desesperado de Leonardo ou da avareza de Cardoso! E os pressentimentos de Rosalino, a simplicidade de Gumercino, a tragédia de Fabiano, a frustração de Cristina ou a tara psíquica de Marilda e Sônia?

Semeia-se cacto, colhe-se espinho! O terreno fértil da carne dá de tudo; abobrinhas, morangos ou pepinos; mas, cautela e caldo de galinha, pois também nela brota capim-navalha, erva tiririca ou piolheira! Lavoura fértil ou lavoura estéril; e se colhem os bons e os maus frutos! E nisso Atanagildo foi felicíssimo; pôs sua gente a colher do bom ou do pior, mas depois explicou as razões de fulano chorar pelo mau toucinho que encontrou no seu jacá! (4) E também valorizou os préstimos de quem semeou bem e colheu melhor!

Que dizer do que disse Atanagildo? Afora da narrativa "Anjos Rebeldes", que pede

interêsse e perspicácia dos leitores pelas revelações ocultas nas entrelinhas, os demais contos explicam por si a natureza da infelicidade humana! E fico por aqui, devolvendo a "caneta viva" que Atanagildo me emprestou na pessoa do caro Maes, prometendo voltar, quando Deus o quiser, mas sem "beliscar" os caros irmãos!

Curitiba, 1 de janeiro de 1966

J.T.

***(1) No tempo em que J.T. vivia na Terra, era moda os "cadilacs" rabo do peixe, hoje substituídas pelos "impalas" e "bel-air"!***

***(2) Dormatose, designação genérica das doenças da pele.***

***(3) O autor alude ao personagem de H.G. Wells, da obra "O Homem. Invisível".***

***(4) Jaca espécie de cesto de forma variável, feito dc taquara ou cipó, para conduzir, às costas dos animais, carnes salgadas, peixe, toucinho ou queijos.***

# O QUEBRA OSSOS.

— Paulo! Chame a ambulância! Ligeiro, homem! Ma-tias está quebrado, lá embaixo!

Os operários desciam dos andaimes, apressados, pela escada improvisada de madeira tôsca; os mais afoitos escorregavam pelas cordas. Sôbre retalhos de sarrafos, ripas e tábuas de pinho, jazia um homem de bruços, imóvel, gemendo, sem que alguém *se animasse* de tocá-lo, tais eram os gritos lancinantes que soltava ao tentarem socorrê-lo. Vinte minutos depois se fêz ouvir o uivo estridente da ambulância correndo amalucadamente pelas ruas de S. Paulo, aproximando-se do "local do acidente. Chegou e partiu dentro de alguns minutos levando a vítima, na qual o médico responsável pela tarefa constatou várias e dolorosas fraturas ósseas.

— Não sei o que há com *êsse* homem! — dizia "seu Joaquim", o feitor, quando prestava declarações no inquérito formal da companhia seguradora. Essa é a sétima vez que Matias se acidenta em nossa firma, durante onze anos de serviço. Até parece mandinga, pois êle se quebra todos nos ossos. — E numa sugestão desconsolada, aduziu — Creio ser tempo dêle se aposentar!

Matias não podia ser exonerado sem o consentimento do "Sindicato de Construções Civis", porquanto era empregado estável, com mais de dez anos de trabalho na mesma firma. Realmente, em onze anos de trabalho acidentara-se sete vêzes, caindo de andaimes, de escadas e do caminhão que servia para o transporte de materiais. Então êle ficava engessado algumas semanas, no hospital. Houve casos em que os médicos ajustaram os ossos de modo deficiente, e o infeliz teve de ser quebrado outra vez, para retornar à forma normal. Haviam-no apelidado de "quebra ossos", e a quantidade de chapas radiográficas que êle possuía era suficiente para comprovar uma das mais tristes histórias de sofrimento e azar!

Vinte dias depois desse último acidente, Matias obtinha alta do hospital e se apresentava novamente ao serviço. O capataz olhou-o, de fisionomia azeda e desconsolada.

-- Homem de Deus! Por que você não se aposenta duma vez? Que adianta trabalhar assim, se vive mais no hospital, todo quebrado?

— Que é que vou fazer, seu Joaquim? Tenho mulher e cinco filhos. O que o instituto paga não dá nem "prô" sustento, quanto mais "prô" futuro?

Encolheu os ombros, desacorçoado:

— Pode ser sina, não digo que não; mas se Deus quer assim, que vou fazer? Um dia isso termina, nem que seja mesmo com a morte!

— Qual, homem! — atalhou Joaquim, o capataz. — Dêsse jeito você ainda vira farinha de ossos!

Joaquim, apesar de enérgico e rústico, era dessas almas simples e laboriosas, malgrado enfrentar os tipos mais ordinários em sua função espinhosa de feitor. Tirou o chapéu e passou a mão pelos cabelos, numa arrumação pensativa; em seguida, decidido, deu um leve empurrão em Matias, como a disfarcar a sua boa intenção:

— Vai, homem! Você daqui por diante fica na guarita, apontando os empregados e controlando os caminhões de carga. — Abrindo-se num sorriso satisfeito, arrematou, sem maldade: — Acho que do chão você não passa!

Matias assumiu a nova tarefa, com o desânimo a lhe minar a alma, e parecia ouvir uma voz íntima predizendo o fatalismo incessante de novas dores e quebradeiras ósseas. Sentia-se vencido pela má sorte; batido pelo cansaço que o deixava desencorajado para o futuro. No entanto, nenhuma criatura reagia tão vigorosamente na reparação dos ossos fraturados. O organismo de Matias zombava de suas angústias, parecendo ter pressa em lhe reconstituir os ossos, a ponto de algumas vêzes corrigir os enganos médicos e acertando-lhe a conformação anatômica. Depois de uma fratura reparável só-mente em dois ou três meses, bastavam semanas para êle se recompor. Os médicos do instituto, surpresos, examinavam-lhe a ossatura recuperada, as suturas coerentes e a rapidez da cura. E o laudo, portanto, era sempre o mesmo: "Apto para o serviço!"

De há muito tempo, Matias sonhava com a aposentadoria por invalidez, e depois complementaria o orçamento familiar fazendo alguns "bicos". Entretanto, sentia-se dominado por um complexo; naquela existência malvada já temia andar pelas ruas, desviando cascas de banana, contornando o asfalto húmido. Custava atravessar uma rua movimentada. Não subia mais escadas. Não se arriscava ao mais suave degrau. Não aceitava qualquer convite para uma passagem de caminhão, InütiLmente, tentava se libertar do gênio mau e sarcástico, que parecia rir-se ao predizer no âmago do seu espírito, a sina dolorosa de ser esmigalhado até o último osso! Graças a "seu" Joaquim, podia ficar protegido, junto ao chão, como apontador e porteiro da construtora, longe dos andaimes traiçoeiros, das cordas fracas e dos degraus podres que se desmantelavam à sua passagem. -

— Acho que do chão não passa! — dissera seu Joaquim, consolador.

A sua infância fôra bem azarada; a velha Maria Turquesa cansara de arrumar-lhe os ossos dos braços, das pernas, e, certa vez, precisou consertar-lhe o queixo fraturado numa queda do muro.

— Matias! — clamou "seu" Joaquim. — Abra o portão dos fundos; o caminhão vai entrar por lá! Avia-te, homem!

Era o terceiro mês que êle servia como apontador de operários e fiscal das cargas trazidas para o almoxarifado da construção. Sentia-se bem, muito bem; havia engordado cinco quilos naquela vida tranqüila . Apanhou o molho de chaves e desceu para os fundos do terreno, onde terminava o esqueleto da construção. Abriu o portão e calçou as duas fôlhas pesadas de madeira; fez sinal ao chofer e indicou-lhe o caminho para levar a carga de ferros, cimento e quase uma tonelada de cano galvanizado para a rêde de água e esgôto. O pesado veículo roncou forte e o motorista pisou firme no acelerador, para vencer o declive da calçada e dobrar, rápido, em direção ao almoxarifado, cujo terreno cedia facilmente. O ar tresandou a gasolina e os pneus estalaram no cascalho sôlto. Um golpe violento de direção, uma derrapagem e quando o motor amainou foi que ouviram os ais de Matias, atirado numa poça de sangue junto ao pilar do primeiro pavimento. O feixe de canos galvanizados, que se sobressaia do caminhão, apanhara Matias na curva da entrada, e o lançara a mais de dez metros de distância, como arremessado por certeira catapulta.

Quando os companheiros do infeliz chegaram, êle agonizava nos últimos estertores, pois dessa vez, além dos ossos partidos, haviam-se rompido as vísceras. Um filete sanguinolento escorria-lhe dos lábios entreabertos e ouvia-se a dispnéia da agonia. Joaquim, o feitor, chegou afobado e estacou, descrente do que via. Mas era tarde; Matias expirara ali mesmo e os homens entreolhavam-se surpresos e intrigados pelo fado implacável, cruel e vingativo, consumado no fatal acidente.

Oito quebradeiras de ossos! Santo Deus! Assim nunca vi! Isso até parece praga de madrinha! — desabafou Joaquim passando a mão na testa, vendo-se frustrado nos seus bons intentos.

Enquanto mãos piedosas erguiam dali o corpo inerte de Matias, para conduzi-10 ao necrotério, do outro lado da vida o seu espírito também era socorrido por almas benfeitoras,

amparando-o amorosamente. Um sono pesado entorpeceu-o e pelas faces perispirituais espraiou-se uma expressão venturosa de paz e serenidade. Momentos depois, os espíritos auxiliares afastaram-se, respeitosamente, ante uma entidade venerável, de cabelos níveos e faces ternas nimbadas de luz, que se curvou sôbre o corpo perispiritual de Matias. Em seguida, fez um aceno de despedida a todos e alçou-se, num vôo angélico, conduzindo em suas mãos fulgentes a carga preciosa em direção à alguma moradia feliz!

Tempos depois o espírito de Matias, o "quebra ossos", despertou bastante surpreendido num ambiente sereno e confortante, todo iluminado por suave luz côr de topázio com reflexos róseos. Sentia-se eufórico e recuperado em suas fôrças vitais. Naturalmente, pensava, devia encontrar-se abrigado em moderno hospital e sob os cuidados de médicos renomados, tal a sensação de saúde e bem-estar que sentia. Procurou mover-se, com extremo cuidado, receiando as dores habituais das contusões; mas estranhou a leveza do corpo, ausência de dor ou edemas provindos de contusões. Surpreso, viu-se completamente livre, sem ataduras ou moldes de gesso que tanto o incomodavam depois de cada acidente.

Ao se virar, no leito, ainda ficou mais surpreso e quase assustado, ao deparar com um ancião de cabelos brancos e fisionomia ascética, que num gesto bondoso acalmou-o:

— Matias; fica tranqüilo, pois a tua conformação na vida carnal libertou-te das culpas pregressas!

E ante o espanto do mesmo, prosseguiu, bondoso:

— Doravante, quando voltares à matéria, terás um fardo mais suave; mais aprendizado espiritual e menos retificação cármica. Agora estás em harmonia com a Lei que violentastes no passado, pois vivestes resignadamente o programa crucial de uma retificação espiritual. Os ossos do teu corpo físico quebravam-se sob o determinismo da Lei, mas tua alma fortaleceu-se na prova redentora.

Matias arregalava os olhos sob os influxos magnéticos, que saiam das mãos do venerável mentor; sua memória clareava-se surgindo-lhe quadros nítidos na mente. Acontecimentos estranhos, mas que êle sentia tê-los vivido alhures, projetavam-se à semelhança da projeção de filmes na tela cinematográfica. Confuso, porém, consciente, viu-se travetido noutro homem; um robusto espanhol tostado pelo Sol, arbitrário, de mau gênio, agressivo, cruel e vingativo. Alguns homens da mesma têmpera cercavam-no com respeito e temor, enquanto ele transmitia instruções severas. Chamava-se Manuel Gonzales, — o contrabandista — e tinha por hábito perverso vingar-se dos desafetos, nas fronteiras de Espanha e Portugal, atirando-os dos altos penhascos, para vê-los esfacelarem-se nas quedas desamparadas contra as rochas aguçadas, quebrando-lhes os ossos!

Então Matias volveu os olhos umidecidos para o mentor generoso, e reconhecendo-o na sua indumentária espiritual, agradeceu-lhe como a criança após reparar alguma imprudência. Uma doce paz tomou conta do seu coração, enquanto esvanecia-se dele o remorso que há muitos anos crepitava càusticamente no imo da alma. Curvou a cabeça, reverente,. murmurando num tom venturoso e de incontido alívio:

— Obrigado, meu Deus!

# NAO SE LEVANTA!

João Batista e Margarida mostravam-se exultantes, junto à pia de batismo na igreja de Santo Antônio. O padre Marino, espanhol magriço e ossudo, arengava um latim ininteligível e aspergia de água benta a Hortência, a primeira filha do casal. Os patrões de João Batista, "seu" Marcos e dona Merenciana, sua espôsa, donos do armazem "Arco-lris", faziam as honras de padrinhos. A festinha do batizado fôra simples e pródiga de doces, salgadinhos, refrescos e cervejas, terminando quase de madrugada, após muitas danças ritmadas pela harmônica do Germano.

Hortência era moreninha; de cabelos pretos, os olhos castanhos. Muito viva aos cinco meses. Os pais pobres e o advento da primeira filha, embora significasse um acontecimento auspicioso, aumentara as preocupações agravando o orçamento do lar. Infelizmente, passado um ano do nascimento de Hortência, João Batista sentiu-se mal no armazém, febril e com dores no baixo-ventre. Apesar das tisanas de camomila, chá de losna e erva-doce, receitada pelas comadres vizinhas, o médico foi chamado às pressas. Mas já era tarde, pois João Batista mal chegou ao hospital falecia de apendicite com peritonite. Margarida, além de viúva, ficou grávida, sem aposentadoria, sem seguro de vida ante a imprudência do espôso, nada provendo para a família no futuro.

Decorridos quatro meses da morte de João Batista, nascia Guiomar, outra menina morena, bem nutrida, significando novos gastos. Margarida atirou-se decididamente à luta e pôs-se a lavar, passar e serzir roupas para criar as filhas. Felizmente, elas gozavam de boa saúde, mas à medida que cresciam, era fácil de se observar a diferença entre o caráter eo temperamento de ambas. Guiomar, quieta e afável, entretanto, de espírito calculista, sovina, exigindo recompensas pelo mínimo favor prestado a qualquer um. Hortência, embora mais pródiga, era má e irascível, além de orgulhosa.

Margarida pedalava a máquina de costura durante o dia e pela madrugada afora, a fim de obter o sustento mínimo da família. Infelizmente, má alimentação, trabalho excessivo e fadiga, minaram-lhe a resistência orgânica, e a tuberculose tomou conta dos pulmões. Nem chegou a sofrer os quadros trágicos da doença insidiosa. Morreu em poucos dias, justificando plenamente os dizeres dos vizinhos: "Margarida estava à beira do túmulo; a tuberculose únicamente lhe deu um empurrão!"

Hortência tinha quinze anos, quando ficaram sôzinhas no mundo, obrigadas a aceitar tôda sorte de emprêgos para sobreviverem no lugarejo pobre onde tinham nascido. Eram infelizes órfãos entregues à própria sorte, num mundo agreste e mau!

Certa manhã, Hortência levantou-se apreensiva, pois alguma coisa estranha ocorria-lhe nos ossos, à altura da coluna vertebral, onde uma fôrça esquisita parecia-lhe inclinar o corpo para a frente. Assustada e aflita, semanas depois ela percebeu os braços pendendo em demasia para diante, contrariando a forma habitual. Lentamente foi-se modificando. Decorrido algum tempo ela já se movia num balouço grotesco, com braços e mãos pendentes, lembrando a oscilação dos pêndulos de relógios. O rosto moreno, amarelecento, de traços duros e antipáticos. A cabeça angulosa coroada por uma cabeleira espetada e fôsca.

Èste aspecto asqueroso tornava-lhe a vida mais difícil. Negavam-lhe trabalho, e os conhecidos antigos procuravam evitar até o simples encontro com ela. Nas festas da igreja local, desprezada, ela se refugiava num canto, obstinada e de olhar duro, sem esconder sua agressividade. Guiomar, bem feita de corpo, de formas arredondadas e

voluptuosas, passava de braços com as companheiras, numa garridice e trejeitos sensuais de moçóilas casamenteiras. Hortência, no entanto, via fugir a cada momento a possibilidade de arranjar um marido que a amparasse pela vida fora.

A doença estranha avançava rápida e impiedosa. Quando Hortência foi examinada por um especialista da Capital, o diagnóstico foi chocante e desconsolador; era a hipertrofia da coluna vertebral com deformações irreversíveis. Ela então foi-se curvando, paulatinamente, para o chão. Os braços, para a frente, davam-lhe um aspecto ridículo; alguns meses depois ela tocava o chão com as pontas dos dedos, despertando piedade nas almas boas e repulsão nas insensíveis.

Guioimar ficou atarantada com a desgraça insuperável da irmã e deplorava o fardo oneroso que isso lhe causava na vida môça, cheia de sonhos. Porém, tornou-se indiferente à sina de Hortência, e sua alma primária e inescrupulosa sentia certa satisfação mórbida, ao vê-la caminhar trôpega e balouçante, oscilando os quadris e os joelhos, tocando no solo com os dedos sujos e unhas enegrecidas.

Hortência ao completar vinte e cinco anos tinha a fisionomia completamente simiêsca, causando susto e asco. A testa era um mapa geográfico, com mil rugas, pelo esfôrço de olhar para a frente, sem poder erguer a cabeça. O movimento espasmódico e antinatural fizera dela um objeto de escárnio para a gurizada traquinas e inconsciente, que a apelidaram de "relógio de parede"! A infeliz aleijada já cogitara algumas vêzes do suicídio, todavia o espírito egocêntrico e ainda essencialmente apegado à vida física dava-lhe fôrças para prosseguir naquele corpo deformado. Confiante no milagre de uma cura imprevista, vibrava-lhe na alma a esperança de encontrar algum mago poderoso, capaz de livrá-la da enfermidade tão repulsiva. Isso lhe animava o andar trôpego pelas ruas, malgrado reconhecer-se uma caricatura humana. Certa vez, abalada nas fibras do ser, ouviu alguém verberar a estupidez de Deus, que ao "fazer a criatura à sua imagem, produzira um monstro!"

Guiomar, enojada, punha-lhe a comida no prato e Hortência alimentava-se como um cão esfomeado, abocanhando os alimentos, fuçando o prato, sacudindo-se tôda para partir um pedaço de carne com os dentes e sem o auxílio das mãos ossudas e rígidas, que não se dobravam apesar do máximo esfôrço. Quando se lavava metia o rosto na bacia de água e depois enxugava-se esfregando as faces de encontro aos ombros. O banho do corpo simiesco só era possível com a ajuda de Guiomar, ou de qualquer outra alma caritativa. Infelizmente, Guiomar, espírito irresponsável e ocioso desviava-se cada vez mais da rota de mulher digna, e punha-se a especular com o seu corpo vistoso, em troca de moedas aviltantes. Algumas vezes retornou ao lar com visíveis sinais de embriaguês e censurada por Hortência, esbofeteou-a num assômo de nojo, ira e ódio, exclamando sob o efeito do álcool:

— É uma bruxa! ... Bruxa!... Há de pagar tudo o que me fez!

No dia seguinte, sóbria, sentia remorsos por bater numa aleijada, e punha-se a chorar de modo piegas, enquanto a infeliz irmã curtida pelo destino humilhante, suplicava-lhe, num gesto de mendicância:

— Guiomar! Leva-me desta aldeia miserável! Leva-me para a Capital e lá pode me abandonar!

E depois de se mover bamboleante pelo quarto, envolta em trapos, Hortência aninhava-se na enxerga imunda, com lágrimas ferventes nos olhos esgazeados pelo intenso sofrimento.

Guiomar conseguiu juntar algum dinheiro e resolveu livrar-se da irmã atendendo-lhe as próprias súplicas. Em fria madrugada partiram de carroça, levando solicitação do juiz local para pernoitarem durante uma semana no albergue noturno. Ao entardecer chegaram a Capital, rumando para o albergue, onde encontraram sopa nutritiva, pouso e banho refrescante de chuveiro. Na manhã seguinte, sairam cedo à rua, com Hortência deformada, a se mover numa ginga grotesca semeando confrangimentos, repulsas e até

sarcasmos. As faces cada vez mais embrutecidas pelo sofrimento. Os olhos frios e duros a disfarçarem-lhe a revolta surda. Os gestos bruscos e agressivos. Então formava um conjunto dissonante e indesejável na cidade, enquanto Guiomar sentia-se cada vez mais revoltada em ser o "cicerone" de uma criatura teratológica. Irritada e impiedosa, passou a hostilizar Hortência, responsabilizando-a, também, pela sua própria vida inútil e libertina.

Mas, dias depois, um acontecimento inesperado transfigurou Guiomar e encheu-lhe os olhos de cobiça e avidez ante a fabulosa descoberta; em apenas uma hora, depois de Hortência recostar-se na parede de um muro arruinado, fatigada de suas andanças, dezenas de pessoas condoídas daquele quadro burlesco, despejavam dinheiro, enfeites e até adereços de bom valor no regaço da infeliz. Era um acontecimento inédito no lugarejo pobre onde viviam. Lá, ambas mal conseguiam adquirir os meios para se alimentarem, pois nos últimos dias aceitavam roupas e auxílios dos conhecidos mais generosos. À noite, Guiomar contou a féria e ficou perturbada. Ali estava uma pródiga fonte de renda para si e a possibilidade de amealhar dinheiro fácil, cabendo-lhe Unicamente a tarefa de custodiar a irmã aleijada.

No princípio, tratou Hortência com fingida ternura e afabilidade, velando por sua saúde e bem-estar, mas, decorridos alguns dias, o seu espírito mercenário e calculista passou a explorar tôdas as circunstâncias favoráveis na especulação da desgraçada irmã. Percebendo que o aspecto melhor de Hortência, também lhe reduzia a féria diária, Guiomar negou-lhe os mínimos recursos de higiene e bem-estar, cuidando propositadamente de lhe dar um ar lúgubre, grotesco e trágico! Empurrava Hortência para os lugares de maior afluência de pessoas. Fazia-a levantar de madrugada e impelia-a pela rua escurecida a fim de apanhar o primeiro transeunte; e, altas horas da noite, ainda a sustinha nos pontos estratégicos de boa renda e muita gente. Obsidiada pela mórbida especulação sôbre a deformidade da irmã, Guiomar às vezes transportava Hortência de automóvel, de um canto para outro, a fim de apanhar festas de igreja, saída tumultuosa dos cinemas ou término das novenas bem freqüentadas. Largava-a quase aos arrastos na porta dos templos repletos de fiéis, ou lhe apurava o trote largo pelas ruas da cidade, na precipitação de alcançar a chegada de trens na gare ferroviária.

Hortência atingira os trinta anos e estava horrenda. O crânio alongado com ralos cabelos eriçados, o rosto terroso e comprido, formavam um esbôço humano mal acabado, esculpido por grosseiro artista. Também perdera a maioria dos dentes, e, os que restavam eram pontudos, acentuando-lhe o aspecto animalesco.

Algumas criaturas de coração magnânimo compraram-lhe um carrinho de rodas de borracha facilmente movido à mão. Guiomar ficara furiosa com essa providência caritativa, que logo reduziu grande parte das esmolas; e, certa noite escura, enquanto Hortência dormia, ela largou o carrinho no trilho da estrada de ferro e um trem o esfacelou. Dali por diante pôs-se a vigiar Hortência como um felino vigia sua presa, impedindo-a de contacto com qualquer outra criatura. Evitava as proximidades de associações beneficientes, só lhe permitindo o direito de pedir uma esmola pelo amor de Deus! Tôda *a* contextura espiritual primária de Guiomar veio à tôna por fôrça da ganância e sovinice. Ela batia em Hortência, quando a féria era magra. verberando-lhe a moleza no pedir; e deixava-a propositadamente sem comida até conseguir determinada importância. Explorava-lhe tôdas as possibilidades do ganho fácil, verificando que a própria fome melhorava a receita de Hortência.

Eis que, certa organização espírita, condoendo-se da situação pungente de Hortência, promoveu uma subscrição entre os associados e conseguiu pecúlio suficiente para interná-la numa instituição hospitalar adequada à sua enfermidade. Em seguida, entregou certa importancia em dinheiro para Guiomar adquirir roupas e utensílios necessários à irmã. Mas para surpresa de todos, Guiomar desapareceu com o dinheiro subscrito e deixando a irmã na mais extrema miséria. Mais tarde soube-se de tôda a

verdade; Guiomar retirara farto pecúlio da Caixa Econômica e sumira-se para lugar ignorado em companhia de conhecido vigarista da Capital.

Passaram-se os anos. Um dia Hortência desapareceu da instituição em que fôra acolhida. Algum tempo depois, no lugarejo de Taperibá, o dia estava quente e abafadiço, o ar estagnado. Os próprios pássaros refugiavam-se nos ramos imóveis dos arvoredos. Entre os tufos de capim amarelecidos e pintalgados pela poeira vermelha, que subia da estrada principal, existia um caminho estreito e sinuoso entre os *arbustos* e sob os arvoredos copados. Ao longe, na estrada, trotava uma carruagem deixando uma nuvem côr de tijolo à retaguarda. No riacho, debaixo de uma ponte, algumas mulheres lavavam roupas nas tábuas lisas, depois de as esfregarem com sabão de cinzas. Algumas delas fumavam cigarros de palha, espalhando no ar o cheiro acre do fumo caboclo; outras tagarelavam e riam numa prodigalidade de gestos próprios do mulherio de cortiço. Entretidas na faina laboriosa e como não eram dotadas com a "faculdade de vidência", (1) elas não podiam perceber a cena insólita que se passava justamente sôbre a ponte onde se abrigavam do sol causticante. Ali, sem se preocupar com o calor estorricante, encontravam-se três homens de vestes translúcidas, envoltos por uma luminosidade suave e um "lusco-fusco" lilás safirino. Jamais as lavadeiras poderiam ouvir-lhes o diálogo, pois eram, realmente, espíritos em alguma tarefa importante naquela zona.

— Creio estarmos bem orientados! — exclamou o mais idoso entre eles, um senhor de aspecto agradável, tipo latino, mas envergando uma túnica de seda branca como usavam os antigos gregos, a qual lhe caía harmoniosamente até um pouco abaixo da cintura. Apontando para o atalho sinuoso entre os arbustos, êle acrescentou — A nossa cliente deve agonizar nessa direção! — E sorriu, com certo ar travesso, mas cordial, ao mencionar a palavra "cliente".

Os outros dois companheiros trajavam um costume branquíssimo lembrando a figura de enfermeiros. Cada um deles segurava um pequeno aparelho prateado que refulgia sob as côres dum verde-suave respingado de lilás emanado das próprias auras. Em seguida, êles se puseram a caminhar, lentamente, alcançando o caminho estreito. Depois de alguns minutos de caminhada num cordial entretenimento espiritual, chegaram defronte a uma cabana arruinada, que só por um milagre estava de pé. Foram recebidos por uma mulher de meia-idade, envolta num halo cinzento e sem claridade definida, cuja fisionomia rejubilou-se ao comprovar a chegada dos espíritos.

— Graças a Deus! — disse ela, pondo a mão no peito e apontando para dentro do casebre. — Ela está sofrendo demais e não pode se libertar sem o socorro desencarnatório. Eis, porque, rogo-lhes desculpas pelo meu apêlo aflito.

Os três espíritos penetraram no casebre e não puderam ocultar um choque vibratório desagradável, que os atingiu causado pelos fluidos densos e mortificantes, e pela multiplicidade de miasmas, germens e bacilos psíquicos ativados no entretenimento de sua vida inferior. Num canto, atirada sôbre uma enxerga de trapos e capim infecto, Hortência, a mulher simiesca e repulsiva, estertorava em tormentosa agonia, com os olhos esbugalhados para o teto esburacado da cabana. Não havia qualquer semelhança com algum ser humano, mas apenas uma caricatura que fôsse esculpida no tronco de uma árvore carcomida. O espírito mais idoso curvou-se sôbre ela, num gesto de profunda comiseração e ao mesmo tempo de pesquisa, como o técnico que procura alguma falha em peça valiosa. Em seguida, êle esclareceu, erguendo-se:

— Realmente, o cordão umbilical rompeu-se e o chacra laríngeo está se apagando pela evasão do éter-físico, o que se comprova pela perda da voz e a dispnéia na tentativa de falar. Já foi superada a fase instintiva e o nosso trabalho agora resume-se na região mental, onde se aninha a última onda de vida carnal!

Os dois jovens postaram-se ao lado de Hortência e conforme as instruções do seu

mentor, moviam os seus aparelhos em complicados processos a despedir clarões de um alaranjado brilhante e às vezes matizado de um prateado fulgurante. Dali a pouco via-se perfeitamente o duplo 'astral de Hortência projetado uns três palmos acima do seu corpo físico, mas ainda ligado por um cordão prateado, (2) que resplandecia como um fio elétrico incandescente. Alguns minutos depois, o espírito mais idoso apanhou de um estojo castanho claro, uma espécie de tesourão pequeno de podar arvoredos, e ligou-o numa caixa presa à cintura de um dos jovens companheiros, algo parecida com um pequeno transformador. Ato contínuo, despediram-se milhares de fagulhas serpenteantes do referido tesourão, num tom azul-aço, e dali a pouco pendia da região bulbar do perispírito de Hortência o cordão prateado, de cuja ponta balouçante fluia o "tonus vital", em clarões intermitentes. O venerável espírito voltou-se para os companheiros e para a mulher, que então se achava amparada por outro espírito deser carnado, de aspecto modesto e humilde, dizendo-lhes:

— Irmãos Margarida e João Batista, entrego-lhes o espírito de Hortência, que foi sua filha na última existência terrena, e deixo a cargo de vocês a assistência que ela poderá necessitar. Almejo a todos compreensível vivência espiritual e eficiente programa redentor para o futuro.

Retornaram pelo mesmo caminho sinuoso entre os tufos de capim avermelhado, enquanto o mentor comentava:

— O problema cármico na Terra ainda é complicado e bem tormentoso! No entanto, quando o espírito aceita espontaneamente a prova redentora e a cumpre com resignação, conformidade e estoicismo, é sempre compensador ajudá-lo no seu transe final a se desvencilhar dos últimos grilhões da carne! Hortência, a irmã que atendemos, apesar do orgulho e ferocidade do passado, aceitou e cumpriu resignada a prova trágica e dolorosa, que impôs a si mesma para a sua mais breve retificação espiritual.

— Irmão Demócrito, — indagou um dos jovens espíritos — qual foi a causa que gerou um destino material tão horripilante para essa irmã?

A simpática entidade, depois de um momento de abstração, explicou:

— Hortência foi no século passado dona Francelina, espôsa de abastado fazendeiro paulista. Mulher cruel e tirânica, que administrava pessoalmente os bens do marido, o qual consumia a existência e fortuna no bulício de Paris, sustentando vaidosa e fútil amante. Dona Francelina não fôra nascida mulher para o lar, pois, se fôsse homem, seria um feroz sargento de quartel. Era espírito de comportamento masculino, resoluto e despótico, vigiando tirânicamente a vida e as negaças dos escravos da senzala. Ela sabia extrair o máximo do trabalho cativo no eito. Escravo doente, defeituoso ou exaurido, era vendido de modo inclemente para outros fazendeiros menos privilegiados. Não vacilava em separar os filhos dos pais. Não escondia sua desusada volúpia, quando apanhando escravos em falta grave, podia se vingar deles separando-os dos familiares.

— Demócrito fez uma pausa, como a coordenar lembranças:
— Mas a vingança mais impiedosa e sádica de dona Francelina, consistia em obrigar a escrava ou escravo faltosos a ficarem de quatro, o dia todo, com as mãos no chão, só permitindo-lhe alimentar com a bôca, como fazem os cães! Qualquer gesto ou tentativa de burlar o castigo e livrar-se da posição incômoda e dolorosa, ela mandava vergastar. E enquanto os feitores castigavam o lombo dos infelizes cativos, ela gritava, num tom de voz varonil e no sotaque arrastado de mulher nortista:

— Não se levanta! ... Não se levanta! ...

Atingida a ponte de cimento, Demócrito arrematou:

- - Sob a lei de que a "semeadura é livre, mas a colheita é obrigatória", dona Francelina retornou à Terra, na localidade de Taperibá, vivendo a figura da infeliz Hortência e nas condições dramáticas que vocês puderam verificar, modelando durante anos

na sua deformidade insuperável e posição quadrúmana, a mesma configuração que no passado ela impunha impiedosamente a seus infelizes escravos. Considerando-se que o "amor une" e o "ódio imanta", as almas entre si, junto de Hortência nasceu-lhe como irmã, Guiomar, a escrava mais pérfida da fazenda, e da qual dona Francelina mais se desforrava pela chibata. O espôso, boêmio, irresponsável e sua amante parisiense, também se aliaram à prova de Hortência na carne, vivendo as figuras de João Batista e Marciana, seus pais, a quem ainda a pouco entregamos a filha.

Enquanto os dois espíritos moços refletiam sobre a trama cármica que reajusta a entidade faltosa na busca da felicidade perdida, Demócrito, num gesto de sincera ternura, acrescentou:

— Que êles sejam felizes; mas, em face do seu primarismo espiritual, ainda precisam de muitos séculos para alcançar a ventura angélica!

***(1) Vidência, faculdade própria dos médiuns que podem enxergar os espíritos desencarnados.***

***(2) Citado na Bíblia: Eclesiastes 12-6. O último cordão perispiritual a ser seccionado após à desencarnacão.***

# O ERGASTULO DE CARNE.

Ali pelo ano de 1923, eu fôra convidado para ir à Curitiba, a fim de proceder um levantamento topográfico em terrenos de propriedade do governo do Estado do Paraná. Embora estivesse habituado ao ruido e à agitação da capital paulista, onde nasci e vivia, agradei-me bastante da tranqüila "cidade sorriso", como a chamavam na época, pelo seu povo pacato e afável. Depois do almôço, no "Grande Hotel", à rua XV de Novembro, convidei Hamilcar, sócio de minha empreitada de agrimensor, para então visitarmos alguns logradouros públicos, e conhecermos melhor a cidade.

Achava-me à porta do "Café Brasil" (1) tomando um cafezinho gostoso a 200 réis. a chícara, servido em mesas e com direito à dobradinha quando, de súbito, percebi, quase a meus pés, uma criatura de aspecto repulsivo, que em movimentos ofídicos, arrastava-se pela calçada, ora firmando os cotovelos, ora de joelhos e as vêzes a própria cabeça, contra o solo. As mãos estavam calejadas. Os cotovelos e os joelhos que lhe serviam de apoio para se arrastar, protegidos por retalhos de couro. Êle se movia numa oscilação desconexa; erguia, por vêzes, a metade do corpo, como a foca no jôgo de bola, e deixava-se cair novamente sôbre o chão, despertando sentimentos contraditórios nos transeuntes, entre o asco e a compaixão. Os mais compassivos metiam-lhe nos bolsos do paletó, moedas de valôres variados. Êle os olhava, inexpressivamente, cansado e indiferente diante da própria situação horrível. Não se mostrava grato às esmolas pródigas, nem se lhe notava qualquer gesto de revolta ou ressentimento contra os que se recusavam a ajudá-lo ou injuriavam-no.

Graças aos meus estudos esotéricos e às conclusões filosóficas espíritas, eu podia identificar ali naquela criatura infeliz, apenas um espírito endividado e submetido à retificação cármica para se ressarcir de algum passado tenebroso. O meu cérebro trabalhava inquiridoramente, condoído do tal desgraça:

"Que fêz essa alma, no passado, para gerar destino tão trágico?"

Olhei-o, demoradamente, e nesse momento êle voltou-se; então percebi por que as criaturas mais otimistas ou insensíveis, estremeciam num gesto de repulsa, quando o aleijão lhes passava perto. O seu ouvido direito era uma chaga aberta, cujas bordas ainda apresentavam os sinais indefectíveis de uma corrosão impiedosa. As vêzes, num gesto maquinal, sacudia a cabeça, tentando enxotar as môscas que voejavam em tôrno. Diante do quadro tão infeliz, voltei-me para Hamilcar, interrogador:

— Qual seria o motivo dessa criatura enfrentar um viver tão cruel?

Um oficial médico da Polícia Militar, que ali se achava, destacando-se de um grupo de pessoas que se aquecia do Sol, informou-nos, gentilmente:

— Essa criatura surgiu há duas semanas, aqui em Curitiba, trazida por um trem de carga do Sul. Nasceu no Uruguai, e muito cedo foi abandonado ao léu, criando-se à custa de esmolas e dos favores públicos. Arrasta-se de um canto para outro, até o dia em que Deus lhe termine a existência tão complicada.

Oferecendo-nos um cigarro "Liberty", que agradecemos por não fumar, o médico militar concluiu, solícito:

— Contaram-me que o desventurado, há dois ou três anos, dormia acomodado no chão do laboratório de uma farmácia, em Pôrto Alegre, quando, ao voltar-se, num espasmo, bateu com violência no suporte inferior da prateleira onde se achava próximo. Para sua desgraça, entornou-se um frasco de ácido nítrico, caindo a rolha de vidro e vazando-lhe

o conteúdo corrosivo diretamente no ouvido direito.

Sorvendo longa baforada de fumo, o oficial médico assim arrematou, na sua linguagem impessoal e curtida pela profissão:

— Dizem que os gritos dêle acordaram tóda a vizinhança, como berros de um animal sacrificado no matadouro. Depois dessa tragédia e apesar do tratamento mais generoso, ele só dorme à custa de anestesiantes e soporíferos em altas doses. As esmolas, assim nô-lo disse, mal servem para cobrir-lhe os gastos de comprimidos!

A chaga do ouvido parecia resistir a qualquer terapêutica e já lhe havia atingido o ouvido interno. Naquela época, a Medicina ainda não gozava dos benefícios bactericidas e antibióticos, pois as infecções semelhantes eram tratadas à base de iodo, arnica, nitrato de prata, ou então pelas tradicionais pomadas de Reclus ou pasta de Lassar.

Jamais pude esquecer a configuração tétrica e arrazadora daquele homem rastejando pelo solo na forma de um verme humano, exaurindo-se no gasto de suas energias, a fim de avançar alguns palmos de calvário de sua vida estigmatizada pelo infortúnio. Não me confrangi de examiná-lo atentamente, mas o fazia como um clínico interessado em minorar o sofrimento do paciente. Verifiquei-lhe a atrofia dos braços, que se mostravam estranhamente colados até os cotovelos no dorso, e as pernas, que êle as virava, num só movimento, como se estivessem amarradas. O seu esfôrço exaustivo para empurrar o corpo para frente, lembrava-me o mineiro ao se arrastar pelos túneis de ligação às galerias das minas; ou alguém tentando passar debaixo de uma cerca ou portão. Não, havia dúvida; ali se mostrava uma criatura realmente "amarrada" pelos cordoames implacáveis dos nervos e dos músculos atrofiados!

Depois que desencarnei (2) e me reajustei, no Alem Tumulo, ingressando nas atividades socorristas da metrópole espiritual "O Grande Coração", desejei conhecer alguns destinos trágicos ou catástrofes, que surpreendem e confrangem os encarnados na face da Terra. Logo recordei-me do "amarrado vivo", que tanto impressionara o meu espírito durante a visita feita à Curitiba. Através do "Departamento Sideral de Fichas Cármicas", de minha metrópole, soube que a referida entidade havia se encarnado no Uruguai, mas era espírito egresso de colônias espirituais situadas no astral da Espanha. Munido do credenciais superiores tive acesso aos "registros akhásicos" ou "anotações etéricas" de processos cármicos, da colônia espiritual conhecida por "Mansão do Vale".

Embora eu fôsse um razoável psicômetro, isto é, com a faculdade de ler no Éter alguns acontecimentos do pretérito, solicitei ao mentor responsável o obséquio de projetar por certo aparelho, sem analogia na Terra, apenas os quadros cármicos que haviam gerado a existência tão cruel e causadora do aleijão, que eu conhecera em Curitiba como um "amarrado vivo". Logo em seguida, um técnico sideral pôs em funcionamento o aparelho, ao mesmo tempo projetor e receptor no astral, e em seguida desenhou-se numa tela leitosa a configuração de uma cidade, que logo depois reconheci tratar-se de Barcelona, ali pelo século XVI, na época de Felipe II. Em seguida, a cena foi se esfumando e Barcelona desapareceu na tela esbranquiçada, surgindo, pouco a pouco, os contornos de uma vasto porão, cuja abóboda era sustentada por uma série de arcos de pedras enegrecidas. Em virtude das projeções tela-cinematográficas no mundo astralino revelarem em sua intensidade todos os fenômenos oriundos dos acontecimentos em projeção, como seja o colorido local, a temperatura, os sons e os odores, diante daquele porão construido na forma de arcada, senti um bafio desagradável de humidade e as exalações repugnantes de sangue misturadas ao cheiro acre da fumaça de enxofre. Ouvia o remexer de ferros e alguém mover-se sôbre o chão de pedras polidas. Súbito, o aparelho focalizou no campo etérico a figura de um homem agigantado, com traços de mouro, vestindo calções de algodão ordinário e tendo o dorso completamente nu. Os cabelos curtos, espessos, recobrindo parte da testa, tão duros como a piaçaba, davam-lhe um aspecto simiesco e agressivo. Era um tipo de magarefe

rotundo, pernas curtas e "biceps" assustadores; suava em bicas e mexia alguns ferros cm dois cadinhos de material refratário, onde ferviam enxofre e chumbo sôbre forte chama avivada por um fole.

Em seguida, o projetor focalizou junto à trempe do brazeiro, um homem amarrado do pescoço aos cotovelos, cujos pés, também, estavam atados por uma vigorosa corda de couro cru. Os seus olhos revelavam um sofrimento indescritível. Dai cantos dos lábios fluia uma baba sanguinolenta. Os dedos retalhados das mãos sangravam prodigamente pelos ferimentos parcialmente queimados com enxofre. Seus cabelos deviam ter embranquecido algo rapidamente, pois êle ainda era môço e sua barba em ponta, repartida ao meio, bem feita e bem tratada, era quase preta. Tôda vez que algo respingava do brazeiro e queimava as mãos do rotundo magarefe daquele porão, êle grunhia de raiva, e à guisa de compensação, tam- bém respingava gotículas de chumbo ou enxofre fervente nos pés da infeliz criatura amarrada ali no solo, fazendo-a sacudir-se numa crise de estremecimentos convulsivos e gemidos estertorados.

A cena confrangedora deslocou-se, pouco a pouco, e reconheci os primeiros degraus de uma escada de pedra encardida, a qual devia dar acesso ao porão. Assim como acontece na cinematografia terrena, o aparelho projetor foi subindo a escada, e, súbito, surgiram duas botas côr de manteiga, de couro finíssimo e macio, magnificamente trabalhadas por exímio artezão. Em seguida, gradualmente, delineou-se na tela a figura imponente de um homem robusto, espécie de requintado fidalgo da côrte de Felipe II, diante do qual o magarefe curvou-se servil e atencioso. Alto e forte, o fidalgo movia-se numa pose estudada, traindo a preocupação de não decepcionar o público; num gesto voluptuoso e narcísico, retirou as luvas de pelica branca e sacudiu os punhos rendados. Vestia um, gibão de veludo côr de jaboticaba sôbre a blusa de sêda imaculadamente branca, da qual sobressaiam-se as mangas fritadas e rendilhadas. O traje se completava por um calção de veludo, côr de avelã madura, e prêso pelos canos bordados das botas flexíveis, acima dos joelhos. Sôbre a cabeça usava um gorro de veludo, azul-marinho, caído em dobras delicadas e com preciosos bordados de fios de sêda formando volutas prateadas. Os cabelos negros e ondulados sobressaiam-se soltos sôbre os ombros e salientados pelos lavores do gorro. O seu rosto era quase redondo; mas o queixo agudo, avançava decididamente sobre as rendas branquíssimas que lhe envolviam o pescoço não Muito vigoroso; o nariz, por mais que ele o disfarçasse, tinha aquela curvatura peculiar do homem de mau instinto, um quê de ave de rapina à cata dos despojos humanos. Malgrado a sua estudada movimentação, o esmêro dos gestos e a fanática vigilância para não causar qualquer impressão desagradável alheia, aquêle fidalgo da côrte de Felipe II trazia estampada na figura o estigma da serpe traiçoeira ou a avidez felina pelo bem alheio.

Desceu os degraus de pedra. Os olhos faiscaram ao dar com o homem manietado a seus pés. Rodeou-o, como a hesitar no ponto em que deveria feri-lo. Sem disfarçar o estremecimento de ódio, que o dominou num relance, virou-se para o magarefe, indagando-lhe:

— Éle confessou?

— Nada, Excelência! — respondeu-lhe o interlocutor numa curvatura servil.

Transmutou-se o fidalgo! As faces maquiladas pelo mais fino creme à moda da fidalguia espanhola, corou violentamente pelo sangue afluindo de roldão e os olhos ficaram congestos, as mãos se crisparam sob as rendas finíssimas, num movimento de incontida fúria interior. Percebia-se, ali, a alma de instintos vis disfarçada superficialmente pelos reta ques protetores da civilização. Aquêle fardo humano, jogado a seus pés, devia ser-lhe algum entrave a objetivos ambiciosos ou impecilhos às suas paixões.

— Vamos! Confessa, miserável! Onde escondeste Consuelo? — exclamou mal podendo conter a fôrça que se abafava sob os seus nervos tensos.

Ante o silêncio e a indiferença da vítima, desabafou num tom perverso e ameaçador:

— Não adianta calares; revolverei tôda a Espanha e hei de encontrá-la! Fala, se ainda queres ver a luz do Sol !

O homem perdera a compostura, o requinte humano e surgia a fera! Os movimentos, antes tão comedidos, agora transformavam-se em impulsos de ariete ameaçador. Irritado com a atitude estóica do adversário jungido a seus pés, parecia rebuscar mil vinditas e torturas inimagináveis para vencê-lo. Finalmente, fez, um sinal irritado ao carrasco, apanhou um dos cadinhos de cabo comprido aproximando-se do infeliz amarrado, que estremeceu de pavor, ao perceber o chumbo derretido em efervescência. O temor da vítima pareceu animar o algoz, tentando convencê-la com voz melíflua e insincera:

— Vamos, Lorenzo! Conta onde se encontra Consuelo e ficarás em liberdade, pois do contrário era melhor que não tivesses nascido!

Num supremo gesto de desespêro, como se desejasse terminar todo o sofrimento duma só vez, Lorenzo ergueu a cabeça e escarrou sôbre as botas finíssimas, que se achavam próximas de sua cabeça. O fidalgo perdeu as estribeiras; num turbilhão de cólera incontrolável, pôs-se a dar pontapes com selvageria na cabeça do adversário impotente, fazendo-a sangrar em diversas partes. Súbito, como arrependido de sua precipitação em liquidar Lorenzo, cessou a brutal ofensiva e acenando para o carrasco, ordenou-lhe, irado:

— Não o mates! Quero deixá-lo apodrecer vivo!

O verdugo, com meticuloso cuidado, deixou cair um filete de chumbo líquido no orifício do ouvido da vítima, a qual se transformou num grito lancinante e prolongado, até atingir o esgotamento vital pelo desmaio sob o impacto da dor cruciante. Depois de algum tempo, o fidalgo abaixou-se e auscultou-lhe o coração a bater vigorosamente.

— Leve-o daqui para onde sabes! Ponha-lhe a mordaça!

O bruto amordaçou Lorenzo, ergueu-o do solo, saindo por certa porta disfarçada entre as pedras pondo-se a subir silenciosa ladeira. Após algum tempo de exaustiva caminhada com o fardo vivo às costas, deixou-o completamente manietado no seio da mataria fechada, em lugar ermo e inhóspito, jogado sôbre o "humus" das árvores.

Depois das cenas terríficas que presenciei, acontecidas em Barcelona, no século XVI, a tela leitosa mudou para um tom mais espesso ou cremoso. Surpreso, revi novamente o infeliz aleijão que eu denominara de "amarrado vivo", a rastejar pelas ruas de Curitiba. Mas êle era uma cópia fiel daquela criatura que fôra pisoteada e torturada pelo chumbo derretido no macabro porão. Percebendo a trama retificadora do Carma em existência tão deserdada, indaguei ao espírito que comandava a projeção de registros cármicos no Éter da "Mansão do Vale":

— Naturalmente, é o algoz que transitava pelas ruas de Curitiba naquele terrível ergástulo de carne, não é assim?-

– Realmente, irmão Atanagildo; quem se arrastava pelas ruas da sua pátria terrena, manietado pelos músculos atrofiados, vítima da prova do ácido nítrico no ouvido, era Don Ramon Avelleda y Guadalquivir, isto é, o responsável por diversos corpos encontrados nas matas de Barcelona, em deplorável estado depois de serem impiedosamente torturados. Era o modo cruel dele se desvencilhar dos seus competidores políticos, rivais amorosos, judeus ou protestantes, e depois lhes arrebanhava a fortuna sob o beneplácito da Inquisição do Santo Ofício.

E fazendo um gesto ao técnico sideral, o venerável mentor de linhagem espanhola, recomendou:

— Focalize, no Éter, o término da vida carnal de Don Ramon Guadalquivir, quando ele então resolveu resgatar suas culpas pretéritas, depois de quatrocentos anos de sofrimentos e revoltas no mundo astral.

A tela cremosa iluminou-se, novamente, e percebi uma estrada lamacenta, em noite chuvosa e sob o clarão de relâmpagos. Nela se movimentava um carroção típico do sul do Pa-

raná, e no assento dianteiro iam o carroceiro e mais dois homens encharcados pela chuva, com visíveis sinais de embriaguez, a passar uma garrafa de bebida de bôca em bôca. Então pude distinguir deitado no fundo do veículo vazio o "amarrado vivo", que eu conhecera rastejando pelas ruas de Curitiba, provavelmente conduzido à cidade próxima por favor daqueles indivíduos. Numa verdadeira tomada de câmera cinematográfica, vi-lhe a chaga horrenda, que já havia destruido a orelha e parte dos músculos do pescoço. Súbito, devido à violenta sacudida do carroção, o infeliz foi lançado contra a grade direita, e dos seus bolsos caíram diversas moedas, que brilharam à luz rápida dos relâmpagos nas tábuas escuras do assoalho. Aquilo foi uma tentação irresistível para os homens rudes e bêbedos do carroção, avivando-lhes a cobiça, pois, numa confabulação quase instintiva, decidiram-se a espoliá-lo dos bens. Tudo foi rápido e implacável; os dois acompanhantes do carroceiro lançaram-se sôbre o aleijado e limparam-lhe os bolsos, aliás bastante recheados! Depois, entre chacotas e pragas impiedosas, tiraram-no da carroça e o jogaram mata a dentro, sôbre o lodaçal de detritos orgânicos e fôlhas apodrecidas.

Era uma clareira de mato batida pela chuva torrencial. O aleijado retorcia-se, entre gritos cruciantes e brados de desespero, decidido a extinguir a vida tão tormentosa . Sangrava fortemente das mãos e dos pés deformados, numa crise histérica incontrolável, pois atirava-se contra as farpas dos troncos de pinheiros ou enterrava-se de bruços no lôdo fétido, esperançado de afogar-se. Sem anestésicos ou comprimidos para suas dores, Don Ramon Avelleda e Guadalquivir, fidalgo da côrte de Felipe II, em Espanha, no século XVI, acertou suas contas com a Lei do Carma. Reproduziu, em noite chuvosa, a mesma espécie de morte que êle costumava sentenciar aos seus desafetos e competidores.

(I) **N. do Médium: — No mesmo local, hoje existe o "Restaurante Tingui.**

***(2) N. do Médium: — Atanagildo relata minuciosamente o seu processo desencarnatório, na Terra, quando completava 28 anos de idade, o qual se encontra descrito na obra "A Vida Além da Sepultura", desde os capítulos iniciais a cuja Segunda parte pertence a Ramatís.***

# A MINA.

Salústio Mulinari, pensativo, segurava a lanterna acesa, e quando a movimentava, as pernas da mesa e a cafeteira formavam estranhos bailados de figuras sombreadas na parede de tábuas amarelecidas da cozinha. Maria, a espôsa, trouxe-lhe a manta de pelúcia, pois um vento frio zunia fora do casebre. Faltavam apenas vinte minutos para a turma da noite começar o serviço na "Plumbum S.A.", mina de chumbo dos franceses, próxima à casa de Salústio.

Ele ficaria encerrado vivo, naquela tumba, até ao amanhecer, a dezenas de metros abaixo do solo e cavando o minério, que seria transformado em chumbo. Mas Salústio vivia cada vez mais absorto e melancólico. O seu espírito se distanciava do presente e se punha a reviver o passado triste e doloroso. Já faziam nove anos que Geraldo, seu filho, môço robusto e alegre, havia sucumbido num desabamento trágico. Desde menino se devotava à fatigante tarefa de catar as escórias da mina e fazer alguns miúdos para auxiliar em casa. Crescera forte e disposto; decidido a triunfar na vida através da própria capacidade. Foi para êle um grande dia, quando assinou o primeiro contrato de serviço da "Plumbum S.A.", com a perspectiva de ganhar bom salário e assim cooperar nas despesas onerosas dos pais.

Satisfeito, vivia cantarolando, mas impaciente para começar o serviço marcado para o início do mês, com a turma da madrugada. Enchia de vida o casebre de tábuas de pinho e resfolegava, ruidoso, quando lançava as mãos cheias de água fria sôbre o rosto recém-saido das cobertas. Correto no horário, fazia seu trabalho jubiloso sem reclamar da exploração dos franceses, que se serviam do braço pobre do lugarejo a trôco de migalhas. Sem vacilar, era o primeiro a mergulhar no ventre traiçoeiro da mina, retezando os músculos ao mover a pá chumbada no solo; as veias pareciam saltar à superfície da pele queimada pelo Sol. Êle tinha um gôsto sadio por tudo, irradiando otimismo; à sua chegada, até velório se encantava! Era de riso farto, bom gênio e sôlto de bôlso.

Quase sempre, pai e filho, substituíam-se à luz da madrugada, pois Geraldo partia cedo para a mina e Salústio retornava *à* noite de sua faina exaustiva. Geraldo herdara *a* resignação otimista do temperamento caboclo de Maria, e *a* exuberância emotiva do sangue quente de Salústio, nascido na viçosa Itália!

Um dia, lembrava-se Salústio, com angústia, ele chegara exausto e desconsolado, pois se metera na dura empreitada de escorar o teto precário da galeria dezesseis, cuja madeira poía-se com a vibração do bater das picaretas na rocha apodrecida pelas infiltrações de água. Ao retornar para casa e algo atrasado, reconheceu Geraldo, que já atingira a ponte na entrada da mina, cujo vulto recortava-se à luz tênue da madrugada, tendo por fundo a moldura cinza do céu. O filho então pareceu-lhe um ser imponderável, no seu andar bamboleante nas pranchas sôltas da ponte. Imerso nessas reflexões, aproximaram-se um do outro.

— Bênção, meu pai!

Salústio, surpreso, caíra em si, superando o mau presságio que lhe toldava o espírito e trazia-lhe a dolorosa inquietação de uma desgraça iminente.

— Deus lhe abençoe, filho! — E num desafôgo repentino, havia indagado — Dormiu bem?

— Nem se pergunta, pai. Quando me deito sou que nem o chumbo dos franceses!

E num gesto amplo, passando *a* lâmpada para a mão *es*-quer d a , Geraldo bateu

afetuosamente nos ombros de Salústio, aconselhando:

— Vai dormir, pai; o café está na chocolateira. Sei que está cansado; deixa-me terminar o serviço que você começou na mina.

— Até à noite!

Salústio dera alguns passos, quando, súbito, voltara-se aflito:

— Geraldo; você não se aventure pela dezesseis, pois o esfaqueamento dela está ruindo. Só por milagre o Casimiro e eu não ficamos soterrados. Queixe-se de doença, de dores, do que quiser, mas não deixe o velho Jean mandá-lo para *a* galeria dezesseis! — E num arremate angustioso, desesperado: — Meu filho, mesmo que seja preciso; peça demissão da "Plumbum", mas não entre na dezesseis!

— Fique sossegado. Não vou assim às cegas; sei onde piso!

Salústio tinha parado, outra vez, além da ponte, pois algo o induzia *a* olhar demoradamente para Geraldo. Quisera vê-lo bem antes de se deitar. A sua figura robusta e o engraçado balanço do corpo, comoviam-no de modo estranho. De longe o filho acenara-lhe com a lanterna, num movimento cordial mostrando o rosto risonho a mover-se à luz mortiça. Em seguida, tomando o elevador, mergulhara nela bóca do túnel nas prsfundezas do sub-solo plúmbeo.

O repique do sino de alarme quebrou o sossego da manhã fria. Salústio, porém, já estava de olhos abertos, insone, vagueando pela noite, como a esperar o lúgubre som da mina traiçoeira e assassina. Fôra o primeiro a chegar ao portão e a penetrar no pátio, enquanto dezenas de pessoas corriam de casas em trajes precários, para saber dos familiares trabalhando no fundo da mina.

Salústio sentia terrível abandono na alma, vendo a multidão a se comprimir junto ao pesado portão da "Plumburn", aos brados, gritos e súplicas. Éle tinha os olhos fitos sôbre as roldanas de ferro do elevador, e quando elas se moveram e o cabo de aço começou a subir, ansioso esperou até aparecer o gancho da gaiola, a qual logo surgiu trazendo Jean, o feitor, e quatro mineiros sujos de pó e terra. Temendo ao som das próprias palavras, indagara temeroso:

— "Seu" Jean, onde foi o desastre?

-- Na dezesseis!

Era justamente a zona de trabalho dele e de Geraldo. Faltaram-lhe as fôrças sob a terrível intuição que lhe dominava a alma. Não o deixaram descer para o fundo da mina e ajudar a socorrer; para isso existia equipe adextrada. Salústio retornara à casa com passos estugados e uma vontade imensa de beber, de embriagar-se para esquecer a angústia e a dor daquela premonição de desgraça. Abraçou Maria e lágrimas caíram pelo rosto queimado, enquanto ela, num gesto doloroso, foi caindo de leve, sôbre a caldeira, lutando para vencer o chôro convulso que também lhe subia à garganta. E por estranho que pareça, quando o cadáver de Geraldo foi retirado dos escombros da galeria dezesseis, ao meio-dia, ate as velas para o velório já estavam providenciadas, tal a certeza de Maria e Salústio na morte do filho!

E agora, decorridos nove anos, Salústio sentia o estranho pressentimento, que antes o advertira da morte do filho. Súbito, ouviu o som familiar, longo e estridente da sirene avisando os retardatários.

Ponha a manta, Salústio; faltam cinco minutos para fechar os portões! — advertiu-lhe Maria, fazendo-o livrar-se das reminiscências lúgubres dos acontecimentos trágicos que há nove anos vitimaram Geraldo na mina.

Salústio detestava a maldita mina dos franceses. Era um serviço duro e o salário reduzido, além dos acidentes freqüentes, das doenças do chumbo, que causavam aos mineiros cólicas cruciantes. Em seguida saiu rápido, enquanto Maria, encostada melancolicamente na

porta da cabana, tinha os olhos úmidos. Talvez recordasse o desastre de Geraldo, naquele mesmo dia, há nove anos. Atravessou a ponte do escoadouro da mina e ainda movido pelas lembranças tristes do passado, pareceu-lhe ver Geraldo, mas de cabelos louros, ricamente vestido, a sorrir-lhe do mesmo jeitáó habitual, à porta do elevador e fazendo-lhe acenos afetuosos. Passou a mão pela testa, pois sentia-se cansado do esfôrço mental para desanuviar as lembranças tristes e angustiosas de sua imaginação.

Depois olhou o túnel; as lanternas dos companheiros brilhavam, lá embaixo, fazendo dançar-lhes as imagens nas paredes lustrosas. Êle penetrou no elevador e a carga humana desceu, lentamente. Salústio, entontecido e indiferente à sua tarefa de mineiro, apanhou a picareta e aumentou a luz da lanterna, seguindo a fila em direção à galeria vinte e seis, onde tinha sido descoberto farto veio de chumbo.

Maria, enleada num cobertor e sentada na cadeira de balanço, completamente insone, ainda chorava quando o sino repicou desesperadamente, anunciando outro acidente. Era aniversário da morte de Geraldo, e ela não sabia se a dor estranha que lhe subia do fundo da alma era proveniente da lembrança da morte do filho, ou era fruto do pressentimento de nova desgraça. Sentia-se desassossegada, a memória aguçada e inquieta pelo mau presságio . De onde proviria o motivo daquela esquisitice? Por quê, antes de Salústio sair para a mina, ela fora algumas vêzes ao quarto, vê-lo no seu sono repousante e sentindo-se completamente inquieta?

Por isso, quando o apito da "Plumbum" deu sinal da nova tragédia e trouxeram-lhe a notícia da morte de Salústio, na galeria vinte e sete, Maria levantou-se, resignada, e acendeu o fogo, para fazer o café do velório! Dali por diante passou a viver do socorro dos vizinhos, pois não havia na época a legislação trabalhista e institutos de aposentadorias que protegiam a família do trabalhador. Um profundo desencanto minou-lhe a saúde abreviando-lhe a vida. A tuberculose insidiosa e irrecuperável num lugarejo pobre e longínquo, não encontrou a mínima resistência para lançá-la desamparada no curso de lenta agonia! Numa noite fria e de forte garoa , depois de três horas de sofrimento atroz, Maria partiu da carne apenas assistida por um casal de vizinhos caritativos e generosos, embora o casebre depois ficasse lotado pela vizinhança pobre, mas amiga.

Ao aproximar-se o desencarne, os sentidos perispirituais se aguçam sob o impulso liberativo do espírito. Maria agonizava, mas sentia-se surpreendida pela projeção cinematográfica regressiva de sua vida a se suceder na tela indestrutível da memória sideral. Sob a ação de estranha fôrça, ela via-se consciente de todos os atos bons e maus de sua existência humana. Um sonho misterioso a fazia retroceder para a mocidade, meninice e o próprio bêrço de recém-nascida! Incapaz de tolher o impulso que a projetava para trás, sentiu-se prosseguindo além do próprio bêrço, reconhecendo-se situada num ambiente estranho à. sua atual memória. Viu-se envergando riquíssimo traje de veludo bordado com jóias faiscantes, recostada em luxuosa poltrona, examinando alguns objetos preciosos retirados de uma caixa de marfim. Ao seu lado estava Salústio, falando-lhe idioma estranho, mas diferente; era um homem de cabelos claros, gestos nobres, mais requintado e de porte aristocrático. Ele se lamentava das exigências absurdas dos mineiros de sua mina de carvão e dos enormes prejuízos causados pelos acidentes tão freqüentes. Maria pouco escutava o marido, pois num gesto coquete arrumava o cabelo castanho, bem, tratado e sôlto sôbre a gola de rendas finíssimas. Ela se mostrava completamente indiferente à sorte dos trabalhadores desconhecidos, que só traziam preocupações e mau humor ao seu espôso. Salústio então puxou o cordão da campainha, junto à porta, e ordenou ao criado que o atendeu:

— Chame o dr. Charles; preciso falar com êle!

Envolvida nessa alucinatória regressão de memória à beira da morte, e tendo consciência simultânea de duas vidas, Maria surpreendeu-se ao reconhecer Geraldo entrando sob a aparência do dr. Charles, um homem jovem, forte, de cabelos louros e trajando

impecável costume. Era alegre, despreocupado e de riso fácil. Ante a indagação de Salústio sôbre os percalços da mina de carvão, das exigências dos mineiros e dos prejuízos produzidos pelos acidentes, Geraldo, ou dr. Charles, o engenheiro louro e sócio de Salústio, ria-se, despreocupado, fazendo um muchocho nos lábios e concluindo impassivelmente:

— Quem são os mineiros? Criaturas miseráveis a implorar serviço em troca da própria vida! Evidentemente, êles têm bem mais do que o destino lhes determinou. — Encolheu os ombros, num gesto de indiferença — Porventura cabe a nós a culpa dessa situação? Não fizemos o mundo, nem criamos os mineiros, não é assim?

Rindo-se, eufórico, acendeu luxuoso charuto, enquanto Salústio, mais calmo, arrumava uns documentos no cofre atrás do quadro e suspirava aliviado do remorso que ferira sua alma por alguns momentos. A visão esfumou-se e Maria no término de sua agonia, sentiu-se precipitada no vórtice de um turbilhão flamejante. Era o fim. O espírito culposo desprendia-se do corpo, sublime instrumento de resgate dos erros passados e ensejo de progresso angélico do futuro!

# OS ROMEIROS.

Era domingo, e o ar estava tranqüilo, proporcionando sensação de agradável quietude. A canoa deslisava silenciosa "sôbre a superfície da água cristalina e mansa. O Sol fulgurante atingia o fundo pedregoso e limpo do rio, mostrando o cardume de cascudos e pintados em movimentos lépidos e sinuosos. Um majestoso pé de chorão inclinava-se na margem do rio e fazia deliciosa sombra. Abaixo dele estendia-se a faixa de areia suja de cavacos, pedregulhos e do lixo varrido pela chuva dos barrancos de terra descarnada. Arvores esguias, mas copadas e verdejantes, pareciam achegar seus troncos escuros até o espelho líquido do rio, como se apenas desejassem molhar as raízes na água límpida. Alguns pássaros de plumagem branca e as pontas das asas sarapintadas de um azul escuro arroxeado, voejavam baixo à cata de peixes imprudentes.

Rapazes e meninos estavam de cócoras, na praia do rio, jogando botões e baralho, quando Gumercino e Bonifácio encostaram a canoa e foram acolhidos por gestos amistosos. Arriaram os remos, saltaram da canoa e os pés descalços imprimiram sua marca na areia. Depois subiram o barranco, por uma escada rústica feita de costaneiras de madeira. Alguns metros mais adiante, num tabuleiro de terra côr de tijolo pontilhada de grama rasteira e amarelecida, quatro rapazes tostados pelo Sol e de nervos retezados, jogavam argolas -de ferro em piquetes de madeira. Fizeram um gesto amistoso, quando Gumercino dirigiu-se a um deles:

— Atanázio, você não sabe se o Estanislau está com o caminhão livre? Ou se êle desceu para Itaióca?

Atanázio, homem alto e espinafrado, um tanto curvo para a frente, coçou uns restos de barbicha, respondendo numa voz dolente e arrastada:

Homem; saber mesmo num sei! Mas parece que ouvi o ronco do caminhão dele hoje de madrugada! — E apontando para a direita, em direção a uma casa feita de tábuas de canela brava, acrescentou: — Acho que o Miroslau, filho dele, está lá, no Sezefredo, e deve saber do pai!

Gumercino seguiu o carreiro de terra arenosa, que se abria entre tufos de ervas sêcas e capim empoeirado, não tardando a chegar à casa côr de café desbotado. O caminhão do Estanislau estava num largo de terra batida e alguém mexia nele. Miroslau, um rapagão de cabelos côr de mel, olhos azuis e faces apagadas, próprias do mestiço de caboclo e polonês, apareceu sendo interpelado por Gumercino:

— Olá! O Estanislau está aí?

— O pai está de cama; pegou febre nos baixios do Xerém. Estou lidando com o caminhão e aprontando as cargas para Itaióca.

— Nós queremos alugar o caminhão para a festa do Bonfim, desde quinta-feira até o domingo — replicou Gumercino.

— Mas tenho o compromisso do carregamento de Itaióca.

— Mas você não vai voltar na terça-feira? Nós só vamos na madrugada de quinta-feira; acho que assim vai dar certo! Miroslau pensou, titubeou, indagando algo hesitante:

— O negócio tem de ser fechado agora mesmo?

— Ah! isso tem! Nós somos uns vinte e três e já havíamos combinado o preço com o Estanislau. Sabe como é; o pessoal tem suas coisas para arrumar e precisa saber com antecedência a certeza da viagem. Em caso contrário temos de arranjar outro caminhão. — Gumercino pensou e reforçou a proposta: — Outra coisa, nós garantimos tôdas as despesas de

você! Serve?

Miroslau ainda cismava, indeciso, mas em seguida concordou:

— Tá bem. Desço hoje mesmo para Varginha e de madrugada sigo até Mirinsinho. Na quarta-feira, então, eu engraxo o caminhão e arrumo as instalações elétricas, para não termos surpresas durante a viagem de noite.

Gumercino, típico caboclo nortista, forte e atarracado, pele cobreada com veias à mostra, tinha as calças arregaçadas até o meio das canelas e vestia uma camisa sem mangas, xadrês preto e vermelho. Usava chapéu de palha trançada, meio atirado à nuca. Tirou o palhinha encharcado dos lábios, e circundando a mão num gesto significativo, inquiriu, resoluto:

— Feito o negócio, Miroslau?

— Mas o pai falou que precisa mais uns 20%, devido o aumento da gasolina.

Gumercino estacou, num gesto de desânimo e ao mesmo tempo especulativo:

— Não dá, Miro! De jeito nenhum! Tem dó; seja companheiro, pois a turma está chiando no preço combinado e há gente desistindo! Imagine qualquer aumento? O que posso fazer, e isso eu garanto, é arranjar mais uns cinco romeiros e assim você melhora a diferença. Serve?

Dali há pouco, êle e Bonifácio remavam rio acima, devagar, e suando em bicas sob o Sol dardejante das duas horas da tarde. Novamente a canoa foi encostada no baixio de urna enseada-mirim, onde o rio descansava da corredeira. Gumercino amarrou a canoa na estaca fincada no barranco e quando Bonifácio pulava para a margem, recomendou:

— Bonifácio; dê a notícia prô pessoal. O caminhão está fretado e agora não tem mais esse negócio de vai ou não vai! Quem assinou alista tem que ir ou então paga sua parte. Tá?

Quinta-feira. A madrugada estava deliciosamente fresca e o céu límpido pontilhado de estréias a tremeluzirem sôbre a superfície tranquila das águas preguiçosas do rio raso. Três canoas encostavam na margem, ao pé dos chorões e delas desciam diversas pessoas bulhentas, carregando sacos de roupas, sacudindo canecos, bules, frigideiras e panelas, e subiam alvoroçadas os degraus de madeira tôsca fincados na terra e entremeados de erva rasteira. Depois misturavam-se com outros grupos em tôrno do caminhão de Miroslau, num vozerio ruidoso e atrapalhação. O veículo estava coberto por um toldo alto esticado sôbre seis pés direitos; no seu interior estendia-se a fila de cinco bancos colocados transversalmente.

— Vamos pessoal! Ponham as tralhas debaixo dos bancos; cada um no seu lugar e não misturem, para não dar confusão, — orientava Gumercino, num tom enérgico. — Os lampiões pendurem nas estacas da tolda, mas cuidado com o querosene; as lonas dobrem debaixo dos pés.

— Gumercino! — gritava nhá Verônica — Os farnéis, onde pomos?

Como um general, compenetrado de sua responsabilidade, Gumercino apoiou o queixo na mão esquerda e correu os olhos pelo caminhão, em cujo fundo havia sacos de aniagem, cestos, caixas de papelão, cobertores, caixotes contendo talheres, pratos, copos, bules, bacias, frigideiras e panelas. Então decidiu-se:

— Os farnéis temos que arrumar no banco do fundo; nem que alguém viaje encostado na grade. — Súbito, olhando o teto da cabine, gritou: — Ei, quem é que vai levando tarrafa, que só enche lugar?

— Sou eu, Gumercino! — E a voz tímida e embaraçada do velho Favoreto sobressaiu-se na algazarra geral. — Quero dar umas tarrafadas no rio da Várzea, junto à ponte das Araras e pegar uns cascudos dos bons! Vai servir para todos nós e garanto que não escapa um!

Gumercino, pensativo, trepou no estribo do caminhão, apalpou a tarrafa que fazia um volume grande sôbre a cabine atuchada de coisas e conformou-se:

— Bem, desta vez você leva, mas os farnéis bem que podiam ir aqui!

— Dá muito sôco! — atalhou o Miro, numa voz profissional.

Os galos já haviam cantado algumas vezes. As galinhas e os marrecos saiam a ciscar e a se debicar no terreiro, enchendo de bulha o ar fresco da manhã. Gumercino vistoriou tudo, mais uma vez, e num gesto de aprovação deu o sinal de partida.

— Toca, Miroslau!

O motor já estava aquecido e o caminhão partiu costeando a casa do Sezefredo; em seguida desceu para a esquerda, como se fôsse para o rio, mas, de repente, num ronco forte e surdo, virou à direita em curva fechada e subiu a encosta dirigindo-se decididamente para a estrada arenosa talhada no seio do capinzal. Mas a marcha do veículo foi interrompida pelos gritos de alguém que parecia desesperado, superando o próprio barulho do motor.

— Pare, Miro! Pare, homem de Deus!

Era o Bonifácio, que saltou para o chão, alvoroçado:

— Espera um pouco, Miro, esqueci a cachaça e os torresmos lá no Jeremias!

E saiu a correr desabaladamente em direção à venda do Jeremias, recortando a silhueta agitada contra o horizonte iluminando-se pela luz do Sol vencendo a noite. Minutos depois êle voltava esbaforido, carregando pequeno saco de aniagem nos ombros e uma engradado de garrafas de pinga tinindo no sacolejo apressado. Com extremado carinho, os romeiros içaram a carga para o interior do caminhão.

— Éta Bonifácio! — exclamou o velho Favoreto — Quase esquece o principal!

O motor roncou novamente, e dali a pouco o caminhão corria pela estrada à margem do rio rumo à capital. De longe ainda se ouvia o som da harmônica cromática, puxada por alguém, executando uma trepidante rancheira acompanhada aos trancos pelas vozes dos romeiros jubilosos. O início da viagem se mostrava festivo. Dentro em pouco, corria entre eles o café quente, os bolos de goma, de polvilho e as panquecas de milho cozido, enquanto o cheiro forte dos cigarros de palha juntava-se ao aroma da cachaça.

Diz um velho adágio que: "em dia de divertimento, ninguém percebe passar o tempo", e, assim, chegou o domingo, com o fim da festa do Bonfim, com os festeiros e vendedores procurando ganhar os últimos tostões de qualquer maneira O leilão de prendas corria apressado e a roda da fortuna dava três e quatro prêmios de cada vez, num estímulo para os últimos candidatos. O padre Timóteo movia-se atribulado entre o povo bulhento, expedindo ordens e fiscalizando cosas, atendendo crianças e orientando festeiros. Os derradeiros foguetes eram disparados para o céu, num estouro contínuo e seco. O churrasco sobejava chiando nas trempes aquecilas e os churrasqueiras berravam a plenos pulmões, sôbre o vozerio humano:

— Vamos, minha gente! Dois churrascos por um! Aproveitem! Está gostozinho! A farinha é de graça e à vontade!

O povo ria e mais adiante as môças anunciavam:

Vai correr a colcha de seda! São os últimos bilhetes! Os últimos bilhetes!

No meio da multidão festiva, as pretas velhas vendiam gostosos acarajés, nadando no azeite de "dêm-dêm", bolinhos de camarão com pimenta malagueta, munguzá feito de milho no caldo de côco, cocadinha, pipoca na manteiga, passocas de milho cozido, "quindins" de gema de ovo no côco ralado, amendoim torrado, bolos de arroz, de polvilho, de carne e aveia; os vendedores ambulantes ofereciam pentes, bexigas coloridas, espelhinhos, colares de contas de vidro, bijouter ias, e tôda sorte de quinquilharias.

Os dois sinos da igreja batiam festivamente anunciando o fim de festa com a saída da procissão. A pinga e a cerveja corriam sôltas. Os namorados passavam sobraçando bonecas, estatuetas, garrafas de vinho, cestinhas, bolos enfeitados é imagens de santos, prêmios que haviam ganho na roleta, pesca e no leilão. Atrás da igreja juntavam-se as carroças e os caminhões dos romeiros. Tudo ali era movimento; desmanchavam-se barracas,

enrolavam-se lonas, recolhiam-se roupas, caixotes com utensílios e garrafas vazias. O vozerio e a atrapalhação dominavam o ambiente; alguns manobravam os veículos, apontando-os para a estrada; outros apressavam-se a conferir as cargas, juntar os trastes e separar coisas, enquanto ainda era dia.

— Vamos pessoal; a noite está chegando e precisamos sair logo daqui, senão perdemos a última balsa do rio da Várzea, — gritava o Gumercino, enquanto Miro punha água no radiador do "Chevrolet".

Eram nove horas da noite, quando eles chegaram à margem do rio; dez caminhões já esperavam, em fila, a vez de passar à balsa. Na outra margem as casas eram grotescas figuras sob o efeito da cerração formada na superfície da água. Duas horas depois chegou a vez do caminhão do Miro; a balsa deslizou de enviés movida pela fôrça da própria corredeira do rio, e momentos depois o veículo já roncava fortemente na subida da outra margem. Dentro, os romeiros procuravam-se acomodar para cochilar, enquanto outros conversavam trocando poucas palavras, frases sôltas e sem ânimo, pois era visível o cansaço e o desejo de chegar ao lar. Em breve, fez-se completo silêncio e só de vez em quando se ouvia alguma tosse ou o ronco do mais dorminhoco. Quando o caminhão fazia as curvas, os faróis então projetavam sua luz sôbre os palanques das cercas, as rochas descarnadas e as árvores, cujas sombras dançavam na superfície da estrada arenosa um bailado fantasmagórico . As vêzes um mocho voava súbita-mente do cimo de algum arvoredo ou um lagarto, lépido, cruzava a estrada numa corrida rasteira . Nas descidas, a luz dos faróis sumia-se nos descampados das curvas engulidas pelos precipícios. Gumercino, o chefe daquela empreitada, não abusara da bebida para comprovar sua responsabilidade. Viajava sentado junto do Miro, na cabine do caminhão, satisfeito e tirando longas baforadas do cigarro de palha, mas sem dominar estranha inquietação. Singulares lembranças lhe invadiam a mente. A estrada amarelecida e ensaibrada, às vêzes lhe parecia branquíssima e pedregosa, enquando os pneus do caminhão, de repente, perdiam o seu chiado costumeiro, transformando-se em rodado de carruagens barulhentas.

Súbito, êle bateu no joelho direito, com excessivo vigor:

— Que bobagem!

Miro voltou-se, calmo:

— Que foi que disse, seu Gumercino?

— Nada! Bobagens, Miro. Para não cochilar, eu pensava no mundo e não sei por quê, prendi meu pensamento em coisas da Itália! Ora, veja só; da Itália! Nunca me incomodei com isso!

A viagem prosseguiu monótona e aos sacolejos. Os romeiros estavam completamente fatigados e a maioria num sono confortante. O caminhão gemia nas subidas da estrada e depois de vencer os topes, ganhava velocidade no declive, acordando o pessoal e fazendo alguém esparramar-se pelos bancos. Olhando para os lados, Gumercino franziu os supercílios, algo inquieto, pois as árvores, os palanques, as encostas rochosas da estrada surgiam e desapareciam cada vez mais ràpidamente. Sem poder dominar o temor que o invadiu, êle exclamou:

— Cuidado, rapaz! Não corra tanto que aí vem a curva do Gancho! A mais perigosa de tôdas!

Era tarde! Miro, desesperado, tentava mudar de marcha e metia o pé no freio até o fim; porém, tudo em vão! O caminhão crescia em velocidade. A luz dos faróis lambia violentamente as margens da estrada, os palanques e as árvores relampejavam num relance. Os pneus chiavam sem atender ao esfôrço inútil de Miro para aguentar o veículo no declive cada vez mais abrupto. Gumercino

gritou forte e o pânico tomou conta dos romeiros, quando surgiu a curva do Gancho. A estrada ali parecia suspensa sôbre o abismo devorador.

Miro, desesperado, torceu a direção num golpe seco e violento para a esquerda, tentando jogar o caminhão contra o barranco rochoso da margem direita e evitando o precipício. Mas o caminhão não aguentou o impacto devido à velocidade muito acelerada e foi tombar de lado, chocando-se violentamente no chão, estilhaçando parte da grade, moendo o para-lama direito; e depois, ainda impulsionado pela fôrça centrífuga virou de rodas para o ar e continuou aos trambolhões, a triturar paus, cabine, bancos, mulheres e homens. O motor deslocou-se ao solo, a carga voava por todos os lados, e depois do seu valsar tão macabro, o caminhão parou à beira do abismo, completamente destroçado! Deixara atrás de si a destruição e a morte, num côro trágico de gritos e gemidos dos acidentados!

Dez minutos mais tarde, outro caminhão de romeiros surgia no local e os seus ocupantes ficaram estupefatos diante do espetáculo confrangedor descortinado à luz dos faróis. As manchas de gasolina e óleo confundiam-se com as poças de sangue dos corpos mutilados. Aqui, romeiros jazam de bruços, com os corpos reduzidos a frangalhos; ali, alguns gemiam ou gritavam de dor sob destroços; acolá, outros haviam sido atirados contra o barranco rochoso e pareciam bonecos sangrentos! De baixo do motor sobressaiam-se as pernas de alguém completamente esmagado; das grades do caminhão pendia um braço esfacelado e um ferido arrastava-se pela estrada sem rumo definido.

O balanço do desastre fôra trágico; dos vinte e oito romeiros, dez haviam sucumbido sob o massacre do caminhão; dois estavam desaparecidos e três outros não resistiram à viagem de retôrno, morrendo antes do amanhecer devido à forte hemorragia das vísceras rompidas. Miro ficara pouco ferido. Ao torcer a direção a portinhola abrira-se e fôra lançado contra a margem arenosa, sofrendo escoriações pelo corpo e fratura da perna direita. Gumercino morrera esmagado pelo motor, que lhe caira em cima depois de saltar do caminhão; Bonifácio havia sido lançado com extrema violência sôbre as pedras, rompendo o tórax e sucumbindo na primeira golfada de sangue. Entretanto, o seu rosto não parecia contrafeito naquela morte violenta; talvez sucumbiu inconsciente e sob o torpor da pinga de que ele tanto abusava. Salvaram-se treze romeiros entre mulheres, velhos e rapazes, embora alguns bastante feridos e com fraturas generalizadas. No dia seguinte foram encontrados os corpos do velho Favoreto e de seu filho André, arremessados pelo grotão abaixo e estatelados nas lajes do riacho do Gancho. O Sol mostrou-se radiante no céu azul e claríssimo, refletindo-se na superfície da estrada manchada de óleo e sangue.

Enquanto nove dos falecidos eram sepultados no modesto cemitério de Itaperica, outros seis cadáveres seguiam de canoa para a outra margem do rio, a fim de serem enterrados no seu lugarejo. Num gesto que fez todos chorarem, "seu" Jeremias estendeu a tarrafa sôbre o corpo do velho Favoreto, cujo destino implacável o havia impedido de pescar alguns cascudos na bacia raza do rio da Várzea, junto à ponte das Araras. A noite chegou, outra vez pontilhada de estrelas a luzirem indiferentes sôbre a quietude das águas do rio das Pedras. Itaperica dormia, mas em alguns lares diversas criaturas choravam os parentes acidentados no desastre da serra do Gancho.

No entanto, espíritos familiares dos desencarnados também haviam se exaurido em prestar-lhes tôda assistência possível no mundo espiritual. Quase tôdas as vítimas da trágica romaria, já haviam sido acomodadas em postos de socorro situados nas adjacências da Crosta terráquea. Algumas delas mostravam-se agitadas sob o impacto da morte violenta, e outras imobilizavam-se numa espécie de "choque" psíquico. Entidades benfeitoras dispendiam todos os recursos para livrar os desencarnados da "queda específica" na direção dos charcos do astral inferior, embora se tratasse de almas primárias e bastante presas às algemas da carne

animal. Decorridas algumas semanas, os espíritos mais calmos foram encaminhados para as moradias astrais de sua ascendência espiritual, situadas na área astralina brasileira.

Gumercino, o cérebro organizador da romaria fatídica era o principal personagem daquele drama inesperado. Sua espôsa, dona Merenciana, não quisera acompanhá-lo na excursão, alegando "maus pressagies"; Gabriel, seu cunhado, chegara atrasado e depois benzia-se pela boa sorte. Bonifácio tinha alegado o impossível para escapar da tragédia que estava a pressentir no âmaᵍo de sua alma; mas a espôsa obrigara-o a ir de qualquer modo, para depois chorar inconsolável de remorso.

Gumercino abriu os olhos, lentamente, e pôs-se a examinar o quarto singelo onde se encontrava, estranhando a claridade fosforescente. Descansava em cômoda poltrona de assento tão macio como espuma; um cobertor leve o aquecia produzindo um efeito vitalizante, pois sentia um frio cortante quando se descobria. Os pés estavam apoiados num respaldo revestido de algodão. Ao lado havia uma jarra cristalina com um líquido róseo, escuro, muito parecido ao suco de morango; junto à janela de caixilho de alumínio brilhante, balouçavam-se duas cortinas branquíssimas rendilhadas de bordados verde-malva agradabilíssimos. Alguns vasos de material translúcido, semelhantes a conchas do mar voltadas para cima, estavam guarnecidas de ramalhetes de flôres azulíneas, róseas, lilases e topazinas. Tudo era simples, mas agradável e tranquilizante.

Gumercino sentia-se algo confuso e perturbava-se quando as luminosas côres empalideciam e o ar pesava-lhe nos ombros despertando um desejo veemente de fugir dali em direção as vôzes, que o chamavam para o lar no vilarejo. Naqueles momentos desaparecia a fosforescência opalina para dar lugar a uma côr cinzenta e sombria; e ele jurava ter entrevisto a imagem da espôsa lacrimosa. Ainda julgava-se entontecidó pelas pancadas recebidas na queda espetacular do caminhão, tratando de identificar o lugar onde estava hospitalizado.

Alegrou-se, aliviado, vendo penetrar no aposento um senhor idoso, de porte alto, majestoso e nobre. Os cabelos eram bastos e brancos, com reflexos prateados. Na face destacavam-se as sombrancelhas escuras, grossas, arqueadas sôbre os olhos fulgurantes e dominadores, o que lhe dava um aspecto incomum no contraste singular com os cabelos esbranquiçados. Vestia uma espécie de túnica, com gola alta, presa à cintura por um cinto largo com lavores bronzeados. Trajava calças fôfas, de seda côr de manteiga, que se prendiam junto aos tornozelos por um par de botas pequenas de belo matiz castanho. Apesar do seu traje lembrar algo da indumentária grega, a fisionomia de exuberante vitalidade mostrava as características próprias do tipo italiano e os traços másculos do calabrês.

Aproximou-se do leito e Gurmercino notou as belas mãos de dedos finos e compridos, de molde aristocrático, das quais êle podia jurar que saiam reflexos azulados, quando num gesto suave e harmonioso, tocou-lhe a testa, a região cardíaca e o plexo solar, numa auscultação profissional. Em seguida, meneando a cabeça, dirigiu-se a Gumercino com voz cordial e cálida:

— Meu irmão acha-se muito bem! Folgo em cumprimentá-lo por isso e pela sua boa disposição perispiritual.

Embora algo surpreendido pelo tratamento tão afetivo e o estranho diagnóstico, que nada o esclarecia, Gumercino apressou-se a dizer, num suspiro de alívio:

— Doutor, eu estava desassossegado e confuso, sem saber onde me encontro. — E depois riu, num desabafo quase infantil. — Creia, doutor; eu cheguei a imaginar que havia morrido! Por favor, pode me dizer onde fui hospitalizado depois do desastre, e o que é feito do meu pessoal?

O senhor idoso, malgrado a sua fisionomia severa, deixou transparecer no rosto uma expressão travessa, e fitando Gumercino bem dentro dos olhos, fazendo-o estremecer sob a energia crepitante que lhe penetrava no cérebro e descia-lhe pela coluna vertebral, avivava-lhe

a mente despertando-lhe imagens e recordações longínquas. Gumercino, espantado, identificava ambientes, revia criaturas estranhas e conhecidas em lugares que lhe eram familiares, mas não se lembrava de tê-los visto em tôda sua existência . Em vez da paisagem bucólica de Itaperica e as ribanceiras do rio das Pedras, êle só percebia um terreno montanhoso atravessado por estrada branquíssima, feita de pedras talhadas entre jazidas de mármore. Atônito, sentia-se outro homem movendo-se na paisagem diferente; reconhecia-se a si mesmo, porém, nada tinha a ver com Gumercino! Ainda sob a fôrça magnética projetada pelo senhor de olhos chamejantes e sombrancelhas hirsutas, êle teve um sobressalto, um verdadeiro estalido no cérebro, e sem qualquer peia, exclamou num tom de profundo espanto:

— Santo Deus! Morri?!

E ante o aceno afirmativo do seu interlocutor, perguntou, surpreso:

— Dom Giovanni?

— Sim, Gumercino, sim caro Pietro, "il Consentino"; eu sou Dom Giovanni!

Gumercino abriu a bôca, embaraçado, baixou a cabeça, pois tudo se aclarara na sua mente, quanto ao pretérito. Traindo extrema humilhação, indagou, confrangido:

— Morreram todos?

— Quinze! Não eram quinze?

— Sim! Como isso aconteceu tão ràpidamente, dom Giovanni? Ainda me sinto em Consenza, namorando o mar Jônio, Tirreno e o pico Polino! — E num longo suspiro: — Parece que foi ontem; aceitamos o seu conselho e o programa de recuperação. Não foi assim? — Impulsionado por rápida lembrança, acentuou. — Que pena! Carletto fugiu à prova?

— Não! — redarguiu Dom Giovanni. — Carleto também estava presente no desastre. Conseguimos burlar a vontade dele e encaminhamo-lo para a Terra, no devido tempo. É certo que não lhe cabe o mérito da escolha!

— Quem era êle?

— Bonifácio — elucidou o mentor. E acrescentou: — A Lei é severa mas justa! Nenhum estranho sofreu no acontecimento trágico, porquanto foram afastados, à última hora, quem nada tinha a ver com a prova. Os sobreviventes feridos em breve prosseguirão na sua existência educativa, ainda mais fortalecidos para o futuro.

– Hum! — fez Gomercino sacudindo a cabeça. — Estaríamos quites com a Lei?

Dom Giovanni não respondeu, mas encaminhou-se à janela e de um só lance abriu as cortinas, desvendando formosa calina envolta per uma tênue nuvem luminosa, em cujo sopé se via modesta vivenda esbranquiçada sobressaindo-se entre flôres e arbustos delicados. Bandos de pássaros voejavam como flocos de luz viva, em bela policromia, pousando ora nos ramos das árvores, ora se rejubilando no frescor de deliciosa fonte de água cristalina. Gumercino sentiu a alma bafejada por inefável gôzo espiritual, e num impacto, quase infantil, inquiriu, algo suplicante:

— Virgínia?

— Espera-o para o repouso sideral no devido tempo. Vocês começarão o programa ideado a séculos e agora já podem auxiliar os retardatários. Virgínia empenhou-se a seu favor; e por isso você está aqui bem assistido. Malgrado o seu pretérito violento, a existência simples na figura de Gumercino, serviu-lhe bastante para a recuperação espiritual. Antes a singeleza de uma vida laboriosa e prestativa de um caboclo brasileiro, do que a indesejável fortuna de Pietro, "Il Consentino", não é assim?

Enquanto Dom Giovanni também parecia evocar suas lembranças amargas na sucessão dos séculos findos, Gumercino fechou os olhos e se viu, outra vez, na figura daquele célebre Pietro "II Consentino", mentor de uma quadrilha de bandoleiros chefiados por Carletto, que assaltavam os viajantes ricos e diante de qualquer reação os lançavam com as próprias carruagens, encosta abaixo, fazendo-os estatelarem-se nos abismos insondáveis da Calábria, na Itália. Suas reminiscências foram interrompidas pela voz severa e fraterna de

Dom Giovanni:

— Primeiramente o erro! Depois a dor! E, finalmente, a recuperação! Agora cabe-lhe "reiniciar" o curso educativo, pois só o amor, o bem e o estudo é que realmente fazem o espírito progredir! — Refletindo, acentuou. — A dor e o sofrimento não fazem evoluir; mas apenas retificam!

# ASSIM ESTAVA ESCRITO.

Eram duas horas da madrugada. A noite estava quente e abafadiça. As maripôsas e os besouros dançavam alvoroçados ao redor das lâmpadas elétricas da praça. Os bancos estavam vazios e ouvia-se os grunhidos de algum bêbedo tentando encontrar o rumo de casa. As vezes, o silêncio da noite era quebrado repentinamente pelo barulho dos carros de padeiros fazendo bulha nas pedras da rua, ou pelo latido de algum cão notívago. Ali, junto ao meio-fio, estacionavam dois automóveis de aluguel. Os choferes dormiam, esparramados sôbre os assentos e gozando de rápido sono, enquanto não lhes apareciam fregueses.

Das sombras saiu um vulto de mulher pequena que, em movimentos rápidos, esgueirou-se por trás de um renque de cedros e pequenos arbustos da praça; atenta à qualquer movimento exterior, ela evitava mostrar-se à luz das lâmpadas. Movia-se aos pulinhos, como os pássaros; surgia, de relance, recortando o seu vulto na claridade difusa e depois era sumida pelas sebes e pelos arbustos compactos. Súbito, parou, indecisa. Orientou-se no meio da escuridão, aproximou-se .com passos cuidadosos, perto dos automóveis estacionados. Cautelosamente ela se certificou de que os choferes dormiam. Em seguida, tomou de um embrulho, e, num gesto furtivo e rápido, que mal lhe desenhou a silhueta sob a réstia de luz, largou-o sôbre o coletor de lixo, junto ao banco de cimento e sumiu-se definitivamente tragada pela escuridão. Tudo continuou quieto como se nada tivesse acontecido; mas a quietude logo foi quebrada por uma voz masculina e vigorosa:

— Olá, Waldemar! Acorda, homem! — O passageiro bateu fortemente no vidro da porta do automóvel. O chofer' acordou-se, sonolento, esticou os braços num movimento de aliviar a tensão do corpo e deu conta do que acontecia. Abriu, rápido, a porta do veículo para o freguês notívago. Neste instante, ambos ouviram, ali perto, um chôro abafado, que os fez mover a cabeça, num gesto unânime de surpresa em direção ao coletor de lixo.

— Ué! — interveio o passageiro, desistindo de entrar no automóvel. — Ali há coisa!

O chofer saiu do carro, rodeou-o, curvando-se sôbre o embrulho deixado pela mulher misteriosa no coletor de lixo. Livre dos panos que o oprimiam, o recém nascido entrou num chôro convulso e interminável.

— Ora; mais essa? — exclamou o chofer, perplexo, erguendo o boné e coçando o cimo da cabeça. Caminhou para o outro veículo e bateu forte na porta, arrancando o colega do sono gostoso:

— Armando! ... Armando! Acorda, homem! Temos coisa por aqui!

— E quando o companheiro achegou-se, ainda esfregando os olhos e mal acordado, mostrou-lhe o bebê a berrar sôbre o banco de cimento, e mofou, num tom chocarreiro:

— Olha aí teu filho, homem! Eu bem que desconfiava!

— O que?! — exclamou o outro, atarantado, enquanto o passageiro ria alto e considerava depois:

— É um sêr humano, não é? Acho que devemos levá-lo à Polícia, para ela dar um jeito! — E num gesto familiar. —A não ser que um de vocês queira adotá-lo!

— Eu?! — fez o segundo chofer. — Mal dou conta das minhas cinco bôcas em casa!

— Quanta a mim sou solteiro. Não tenho jeito para ama-seca! — desculpou-se o primeiro.

Na "Delegacia de Ordem Social", o suplente da noite tirou uma baforada de fumo do

cigarro, e sem qualquer emotividade, considerou:

— Naturalmente isso é de alguma vagabunda. Elas enchem a barriga e chutam o filho para os outros criarem! Isso é muito comum. Essa teve algum remorso ou escrúpulo, pois se renegou o filho não o matou.

E depois de uma pausa, coçando a cabeça, aventou uma solução:

— Não podemos obrigar uma sem-vergonha a criar os filhos. Quanto a isso nada posso fazer, nem abrir um inquérito ou qualquer punição. Talvez êsse diabo aí esteja com fome. Não pára de berrar. Olhe, vou dar a vocês uma recomendação para gente minha conhecida, e que já tem me "quebrado uns galhos" como este! — E apontando o enjeitado, indagou. —É menino ou menina?

— Menina! — redarguiu o chofer.

O suplente sentou-se, puxou da caneta e redigiu um rápido bilhete, entregando aos choferes:

— Levem isso à "Casa Madalena", dos espíritas, e digam à dona Lavínia para recolher essa enjeitada até amanhã. Mais tarde, eu passo por lá e darei uma solução definitiva. Contem como a acharam numa lata de lixo!

A "Casa Madalena" era um edifício nôvo, amplo e de estilo moderno. Fruto de doações generosas dos espíritas e destinada exclusivamente ao amparo das meninas órfãs e enjeitadas, podia abrigar cinqüenta crianças. Entretanto, ali se internavam 65 meninas. Malgrado as alegações justas de dona Lavínia, mulher laboriosa e responsável pela vida cotidiana da instituição, ela se viu obrigada 'a aceitar a menina, para não a deixar ao relento e também atender ao suplente amigo e cooperador da casa.

Marilda, assim escolheram o nome para a enjeitada, cresceu entre as demais meninas, quase tôdas da mesma idade, pois a "Casa Madalena" fôra fundada há pouco tempo e amparava a primeira leva de órfãs abandonadas. Apesar dos subsídios precários do govêrno, sempre de má vontade, para com as instituições espíritas benfeitoras, e bastante atencioso e pródigo para as realizações do Clero Católico, que lhe dá o apoio político, foi possível terminar a obra filantrópica, graças aos donativos pródigos de alguns confrades magnânimos. Felizmente, a instituição possuía tôdas as condições necessárias para proporcionar às abrigadas o confôrto e o amparo desejável.

A casa erguia-se no centro de florido jardim emoldurado por delicado tapête de grama esverdescente, verdadeiro veludo vegetal. As roseiras, em grupos isolados, estavam pensas de flôres e coloriam o ambiente de matizes "bordeaux", gema de ovo, branco, rosa quase lilás e um vermelho tijolo. Circundava todo o edifício uma espaçosa varanda onde as meninas bordavam, estudavam ou palestravam acomodadas em confortátáveis poltronas e espreguiçadeiras. Aos domingos ensolarados conduzidas pelo ônibus da própria instituição, elas desciam à praia ou se rejubilavam em excursões aos lugares mais pitorescos. A "Casa Madalena" lutava com falta de mentores adequados para o seu generoso labor, çomo sói acontecer à maioria das instituições espíritas. Lavínia, mulher abnegada e seu Morales, espírita da velha guarda e bom caráter, mal podiam atender às necessidades físicas das internadas, em número superior ao que fôra previsto no programa filantrópico. Não lhes sobejava tempo suficiente para cuidarem dos problemas emotivos e de esclarecimento espiritual; tudo era feito às pressas e ambos se davam por felizes quando, à noite, podiam orar convictos de haverem cumprido o seu dever.

Sem dúvida, a magnanimidade dos espíritas havia contribuído para oferecer o bom e o melhor às enjeitadas pelo mundo. A cozinha era até luxuosa com o chão de mosaico sempre lustroso. As mesas de imbuia lavrada e tampos de mármore polido. Os fogões a gás, sempre luzidios e limpos, decorados com panelas de pressão cintilantes. Os talheres de alpaca e os pratos de porcelana fina garantiam a higiene desejável na alimentação coletiva. As próprias cadeiras estofadas de gobelim, proporcionavam agradável confôrto durante às

refeições. Os quartos eram limpos e claros, acortinados de veludo e sêda, em harmonia com os leitos guarnecidos de colchões de molas, cobertos de lençóis alvíssimos e colchas rendilhadas sob os macios travesseiros de espuma. Pequeninos tapêtes com delicados desenhos floridos, preservavam as meninas de um contato desagradável com o assoalho gélido nos meses de inverno.

Sob a direção inteligente dos diretores da "Casa Madalena", não se despersonalizava as internas, coisa comum em instituições semelhantes. As meninas trajavam de modo diferente, entre si, demonstrando o gôsto individual até no corte do cabelo. Quando saíam à rua moviam-se jubilosas, em grupos afins, rindo venturosas. Não manifestavam aquele aspecto de rebanho de outras organizações religiosas ou de assistência pública, que passam pelas ruas em compridas procissões, na fusão descolorida do mesmo uniforme, sapatos, meias, gorros e tipo de cabelos. Os próprios quartos eram diferentes e permitiam um certo toque pessoal; variavam o estilo do abajur, o colorido dos tapêtes e o bordado das colchas! Os salões eram amplos e bem decorados em estilo moderno. O principal divertimento era o rádio, mas alguns anos depois a direção conseguira um aparelho de cinematografia projetando filmes como distração. Últimamente, elas haviam sido presenteadas com excelente aparelho de televisão.

********

Marilda crescia neste ambiente amigo, confortável e prazenteiro. Entretanto, não demorou a mostrar o temperamento obstinado, rebelde e desobediente, sempre inconformada com a disciplina e as obrigações cotodianas. Dona Lavínia viu-se obrigada a lhe fazer severas advertências, além das admoestações de "seu" Morales, homem brusco, incisivo, justo e coerente. Malgrado as concessões afetivas e tratamento amistoso, e até ameaças de reclusão, Marilda transformava-se dia a dia num problema sério e espinhoso para a "Casa Madalena", porque o seu mau comportamento também semeava exemplos nocivos. Ela desfazia, irritada, todo o bem que lhe proporcionavam, caso não lhe permitissem agir discricionariamente. Mal iniciou a puberdade, ela se punha de rosto sombrio e amuada, quando os responsáveis pela instituição impediam-na de "flertar" junto aos portões de ferro, onde alguns rapazes ociosos burlavam a vigilância dos zeladores em acenos galanteadores às internas.

Sônia, outra moçoila de procedimento leviano, aliou-se Incondicionalmente à Marilda na- tarefa inglória de contrariar os zeladores, procurando encontros furtivos à noite. Finalmente, Lavínia e Morales consultaram a diretoria da instituição, solicitando prerrogativas para agirem com mais rigor e evitarem conseqüências piores, pois ambas as môças já atingiam os dezesseis anos de idade, e se mostravam completamente contrárias à disciplina da casa. Além disso, tiveram de ser isoladas das outras, ante a descoberta de revistas galantes e perniciosas, que elas contrabandeavam de fora . Apesar da ma¹s severa vigilância e do segregamento disciplinador, certa manhã, dona Lavínia quase desfaleceu arrazada pela amarga notícia: Marilda estava grávida!

Morales e Lavínia, feridos no zelo e devotamento às internas, não puderam esconder a dor e frustração incalculável pelo fracasso na função educativa de menores. Qual seriam os motivos daquele evento e da ingratidão de Marilda, sempre tratada com carinho e submetida sómente a corretivos suaves, malgrado suas freqüentes rebeldias? O autor da desgraça de Marilda fôra o próprio condutor de ônibus da instituição, que arrependido assumiu plena responsabilidade do ato e o casamento foi realizado na própria "Casa Madalena".

Lavínia e Morales não conseguiam livrar-se do ressentimento que lhes feria o espírito amarguradó. Dali por diante, ambos modificaram o tratamento habitual para as demais môças, e passaram a agir com o máximo rigor e vigilância, alegando terem sido advertidos

severamente quanto ao futuro. Restringiram os divertimentos, excursões e passeios tão • comuns. Tornaram-se sizudos e bruscos, alegando que Marilda prevalecera-se do excesso de carinho e condescendência dêles para agir de modo ignóbil. As môças tinham de se recolher mais cedo e as visitas, afora de parentes, foram pràticamente proibidas. As imprudentes que se aproximassem dos portões de ferro, seriam imediatamente reclusas e proibidas de assistir televisão.

Quando Sônia foi denunciada como a principal alcoviteira de Marilda, caiu-lhe em cima tôda mágoa e desforra de Lavinha e Morales. Dali por diante ela foi seguida em todos os passos, e vigiavam-na minuto a minuto, vasculhando-lhe todos os armários, as bôlsas e rouparia, à cata de revistas censuráveis ou bilhetes de namoricos. Sob qualquer pretexto segregavam-na de todo divertimento. Sônia era môça astuta e dissimulada. Seu espírito matreiro encouraçava-se numa silenciosa ofensiva contra os zeladores, e pouco se preocupava com as ameaças de expulsão, se tentasse qualquer ligação com o exterior. Ela aceitava tranqüilamente as reprimendas antecipadas por aquilo que "poderia fazer" de errado, mas seus olhos não escondiam o sarcasmo e a desforra arquitetada dia a dia no âmago da alma.

Certa manhã fria e chuvosa, Lavínia e Morales foram surpreendidos com a chocante notícia; Sônia fugira alta noite, com um jovem aprendiz de carpintaria, auxliada por diversas companheiras ocultas sob anonimato. Porém, o pior viera depois: o sedutor era casado! Lavínia e Morales ameaçaram de castigo severo tôdas as internas, até serem denunciadas as alcoviteiras de Sônia. Contudo ninguém fez qualquer denúncia, mas os zeladores perceberam nos olhos e nos gestos das môças a zombaria e a desforra. Passaram a irritá-los dali por diante e o ambiente cordial foi substituído pelo temor e a tristeza tomou conta do ar.

Transcorrido pouco mais de um ano, os responsáveis pela instituição sofreram novo_e duro golpe. Marilda e Sônia, portadoras de um mesmo temperamento indócil e irresponsável, tornaram-se amigas inseparáveis no mundo profano e profundamente desajustadas e inexperientes para enfrentar a responsabilidade e as lutas de um lar pobre, revoltaram-se contra a vida conjugal, e sob o espanto dos vizinhos, um dia mudaram-se para o mais baixo meretrício da cidade!

Lavínia e Morales, que haviam se mostrado recuperados de sua amargura e ressentimentos anteriores, desta vez quebrantaram-se completamente frustrados. O destino inglório das môças pesava-lhes nos ombros para sempre. Não podiam compreender os motivos daquela decisão condenável, após tanto carinho, instrução e mesa farta proporcionados na "Casa Madalena". Ademais, sabia-se que os companheiros de Sônia e Marilda, embora modestos operários, viviam contentes e sustentavam razoavelmente a casa, felizes com o primeiro filho. Não podiam explicar os motivos daquela queda moral e espiritual das môças. Onde o equívoco de Lavínia e Morales? Onde as falhas da instituição no amparo às meninas sem lar?

Dali a dias, alegando a inutilidade do amor e do bem às criaturas imperfeitas e de má fé, Morales demitiu-se em sinal de protesto ao seu amor próprio ferido!

A diretoria da "Casa Madalena" mostrava-se bastante hesitante, no tocante à responsabilidade, temendo a falência dos esforços caritativos para o futuro de renovação espiritual das internas e integração à sociedade. Conviria prosseguir na obra? A implacabilidade da Lei Cármica parecia negar propositadamente o lar amigo a essas criaturas desamparadas. Sônia e Marilda podiam ser uma caso excepcional de meninas de mau carater e que se haviam unido através da afinidade de sentimentos censuráveis. Como distinguir, futuramente, quais seriam as órfãs de "bom" ou "mau" caráter acolhidas pela instituição? Entre 63 abrigadas, quantas Marildas e Sônias ainda existiam em potencial e capazes de repetir a façanha deplorável?

Sem dúvida, era profundamente doloroso comprovar-se que os sacrifícios, as preocupações e o ideal esposados pelos espíritas no advento benfeitor da "Casa Madalena",

terminassem num fracasso inglório! Duas sementes vivas, plantadas ali naquele jardim submetido ao melhor adubo para a alma, transformaram-se em frutos apodrecidos na maturidade. Entre as primei'ras jovens chegadas à idade adulta, depois de acariciadas e educadas sob os preceitos espirituais sadios, elas haviam optado pelo prostíbulo, negando os preceitos aprendidos. Após comovente reunião dos diretores, ficou resolvido de se consultar a entidade Abelardo, mentor da casa e sempre atencioso em auxiliar na solução de problemas de ordem espiritual.

Em noite tranqüila, com a presença de Lavínia e de todos os componentes da instituição, fez-se a reunião destinada a ouvir as considerações do Alto. Feita a leitura do Evangelho, capítulo "Buscai e Achareis" (Mateus, VII vs. 7 e 11), Abelardo pôs-se à disposição dos companheiros encarnados, atuando através de Agostinho, médium de bom quilate espiritual. Lavínia, mulher decidida e acostumada ao mando, mal podendo conter a tortura que lhe ia na alma, indagou, logo, de modo intempestivo:

— Irmão Abelardo; creio que conheceis os motivos desta reunião mediúnica, pois fomos seriamente abalados em nossos labores assistenciais na "Casa Madalena", onde abrigamos dezenas de meninas órfãs. O nosso car nho, desinteresse e abnegação tributados às internas, talvez as fôrças maléficas interferiram para subverter os objetivos benfeitores e cristãos.

Fazendo uma pausa, aumentando a expectativa dos presentes, Lavínia inquiriu, nervosa e até desesperada:

— Por que, essas meninas, Marilda e Sônia, destruiram tantos anos de afeto e benefício, a ponto de prevaricarem como qualquer moçoila leviana criada nas favelas e cortiços, sem afeto e sem bom trato no mundo? Qual o nosso equívoco? Qual a causa dêsse fracasso?

Abelardo, calmo e atencioso, a transparecer na fisionomia do médium um vislumbre inteligente, respondeu:

— Meus queridos irmãos, a própria terra depois de *lavr*ada não oferece exclusividade de vegetais e frutos sadios, mas também fecunda ervas daninhas. Planta-se o trigo e o joio existente na terra nasce junto. Nem podemos separá-los. É certo que sob o carinho, o discernimento e a perseverança do lavrador, em breve o solo torna-se cada vez mais fértil e a messe melhor. Obviamente, nós só podemos aguardar a segurança dos frutos sazonados, depois de dominarmos as surpresas da plantação e ultrapassarmos o período da experimentação sáfara. Algo semelhante também pode acontecer convosco na direção filantrópica da "Casa Madalena", cujo terreno ainda se mostra inculto e agreste. Talvez, faltam-vos conhecimentos psicológicos e freudianos, experiências e métodos modernos de educação. Melhor contrôle emotivo e discernimento de educadores para vos aperceber melhor da índole e das reações dêsses espíritos comprometidos espiritualmente na prova cármica da orfandade bastarda. Considerando-se *a* não existência da injustiça no seio da Divindade, *é* evidente que essas criaturas atiradas em portas de igrejas ou latas de lixo, desprezaram seus pais, preceptores ou benfeitores noutras existências. São espíritos primários e egoístas, presos às sensações inferiores do sexo. Se depois disso elas ainda viessem a encarnar-se em lares pródigos, afetivos ou venturosos, então a lei de retificação espiritual seria apenas uma fantasia. Além da assistência material e do amparo físico tendes de desenvolver *a* habilidade, a experiência e o estoicismo espiritual nessas criaturas, a fim delas superarem os impulsos animais, as frustrações e os óbices que inevitàvelmente irão defrontar, quando forem devolvidas ao mundo profano. Isto acontece com o lavrador; êle arranca violentamente as ervas daninhas, fere a planta sadia na poda retificadora. Usa o inseticida mortal no extermínio dos insetos nocivos, para obter *a* planta resistente e sazonada.

— Naturalmente, referi-vos à nossa inexperiência no programa assistencial às órfãs, não é assim? — interveio um dos diretores da instituição.

— Sem qualquer laivo de censura ou crítica estéril, reconhecemos que as instituições espíritas filantrópicas, no momento, defrontam com a falta de preceptores para o bom êxito

e *a* segurança dos programas benfeitores. Há muitos servidores de boa vontade para atender as exigências humanas dos deserdados da sorte, mas é bem reduzida a "equipe" de preceptores para esclarecê-los e ensiná-los a enfrentar as vicissitudes da vida! (1) Repito, não basta ao lavrador apenas plantar as mudas ou sementes em bom terreno, preservá-las dos insetos daninhos, da chuva torrencial, da aspereza das geadas ou da violência dos tufões. Embora o solo esteja bem adubado e as espécies bem amparadas, *é* preciso podar as vergônteas nocivas no "tempo certo" e quando tenras, dando condições ao vegetal para sobreviver naturalmente.

E Abelardo arrematou o esclarecimento numa voz conciliadora e cordial:

— Assim como a "qualidade" da muda da laranjeira superior deve predominar sôbre a rudeza violenta da laranjeira brava, apesar de presa ao "caule selvagem", a qualidade superior do espírito humano também precisa sobrepujar a "tendência" inferior do instinto animal da carne!

— E que deveríamos fazer, caro irmão Abelardo, se depois de mobilizarmos esforços, capacidade, recursos e inteligência para melhor solução de nossos problemas assistenciais, ainda fracassamos pela imprevisão? — solicitou o presidente da mesa.

— Trabalhar e prosseguir! Cada fracasso, inexperiência, imprevisão e prejuízo, significam novas advertências e ensinamentos para o êxito futuro. O mundo em que viveis também não é perfeito e está cheio de desilusões; mas o Pai continua a trabalhar para o nosso eterno Bem!

— Não seria mais coerente deixarmos os "enjeitados" cumprirem o carma sob a espontaneidade própria da vida? Que podemos fazer, perante à Lei Espiritual, que os obriga a sofrerem os efeitos das atividades nocivas do passado?

— Em primeiro lugar, ao fazermos o bem ao próximo só estamos "fazendo aos outros", exatamente, o nosso próprio bem. Amar é evoluir. Ademais, se essas almas forem lançadas desde cedo a uma vida sem lar e sem rumo, embora meninas impúberes, elas serão transformadas em matéria prima carnal para a exploração prazenteira de criaturas inescrupulosas e perversas, que as prostituiriam desde crianças, não lhes dando oportunidade de redenção. A infelicidade a começar de tenra infância, aumenta-lhes a revolta contra o Criador. A cooperação amorosa e benfeitora de mulheres e homens, como Lavínia e Morales, no ambiente sadio de instituições socorristas, proporciona-lhes agasalho, alimentação farta, diversão e amizades, e se mesmo assim se prostituirem pela fôrça das paixões inferiores, elas jamais poderão esquecer o bem recebido. Mas se forem atiradas desde cedo no mundo, não ficam devendo obrigações à humanidade. Mas não esqueçamos que o Pai procura redimir pelo amor e não pela dor, pois esta é solução drástica quando falham tôdas as inspirações superiores! Sob o acolhimento de instituições benfeitoras, não poderão odiar o mundo que lhe é benfeitor desde os seus primeiros dias de vida.

Abelardo cessou de falar, como era de seu costume, antes de emitir qualquer conceito final às suas explanações:

— Em verdade, queridos irmãos — prosseguiu êle, depois,

ninguém odeia em sã consciência o bem recebido, mas sempre há de se arrepender dos benefícios que destruir pela própria maldade. Marilda • e Sônia devem odiar os homens que as tornaram infelizes, porém não podem prolongar êsse odio à "Casa Madalena", onde viveram momentos felizes, tanto na infância como na mocidade.

— É aconselhável prosseguirmos uma obra como "Casa Madalena", embora antevendo certos fracassos no futuro? —interrogou o tesoureiro da instituição.

— Depende da disposição espiritual dos irmãos, — redarguiu Abelardo.

— Gostaríamos de ser melhor esclarecidos!

— Caso pretendam realmente ajudar o próximo, sem qualquer preocupação de glória, lucro ou posse de algum título no Paraíso, eu recomendo o mesmo conselho transmitido daqui por outra entidade espiritual através de excelente médium, e que assim recomendou: "Ajude e Passe" (2). Dêste modo, a caridade será absolutamente desinteressada e exclusiva do Bem pelo Bem, sem indagações sôbre resultados ou recompensas.

— E os nossos sentimentos magnânimos, porventura não influíam nos deserdados pelos quais somos responsáveis? — Lavínia.

— Apesar de mobilizarmos os mais puros sentimentos de amor e abnegação aos nossos irmãos infelizes, jamais poderemos livrá-los da retificação espiritual pelos seus erros pregressos. O anjo não é produto de fabricação em massa, mas conquista real e gradativa do próprio ser. Cada um de nós terá de progredir perante o processo geral que estimula e reajusta, impulsiona e corrige, crienta e gradua. Os espíritas, principalmente, sabem que a Lei Sideral não se modifica nem se desvia em seu ritmo educativo para atender privilégios e sentimentalismos humanos. "Quem semeia urzes colhe espinhos e não morangos", pois se a "semeadura é livre a colheita é obrigatória."

Mudando o tom de sua prosa, Abelardo prosseguiu, novamente:

— Jamais poderíamos olvidar a renúncia, o afeto e a ação benfeitora de todos os batalhadores da "Casa Madalena". Meditemos, porém, sôbre a natureza e a qualidade espiritual de criaturas que não mereceram um lar. Por quê? Sob a lógica da lei cármica, são almas atrasadas que em vidas anteriores desprezaram os pais e os lares pelos prazeres materiais. Egoístas, levianas, sensuais, ociosas ou revoltadas, cuidaram só-mente de si e fizeram da vida humana uma incessante diversão. Pagaram todo o bem recebido com a mais fria ingratidão. Entretanto, a pedagogia espiritual preconiza que "o espírito será beneficiado segundo suas obras" e não conforme o "amor alheio". Embora amparadas, elas teriam de efetivar a colheita boa ou má de sementeira pretérita.

Abelardo fez nova pausa, deixando pressentir que alinhava premissas para a sua conclusão final:

Marilda e Sônia desceram à carne para cumprir uma prova de desventuras esquematizadas pelas imprudências de outrora. Sem dúvida, a Lei Cármica marcou-as com a orfandade, sem o direito do lar amigo, que já haviam conspurcado ou desprezado antes. Planificaram a atual existência conforme linhas de forças espirituais geradas càrmicamente, que não lhes davam o d reito ao bêrço quente e amigo. Graças aos sentimentos generosos de criaturas bondosas, elas foram ternamente acolhidas na 'Casa Madalena" e passaram a usufruir de confôrto, prazeres e estima ou favores, a que ainda não tinham direito. Todavia, a Lei Espiritual, que não é punitiva, porém educativa, aguardou a regeneração de ambas nessa oportunidade e só voltou a agir, quando verificou que elas, incautas, continuaram a repetir os erros passados, cedendo novamente aos impulsos animais inferiores. Almas primárias, reagiram iradas e insatisfeitas contra a primeira advertência justa e disciplina corretiva. Embora materialmente amparadas não estavam suficientemente esclarecidas para enfrentar *as* dificuldades e os sofrimentos próprios da vida cotidiana *e* foram atraídas para a prostituição, pelas tendências ancestrais pregressas.

Lavínia mostrou-se inquieta e nervosa, interpelando o guia:

— Porventura, irmão Abelardo, ainda fomos insuficientes a essas órfãs?

— Em verdade, não faltou amor nem proteção às jovens frustradas, porém, esclarecimento de modo a superar as ciladas da vida profana. — Insistiu Abelardo cordialmente. — Não se pode culpar os integrantes da "Casa Madalena" por essa omissão involuntária, quando os seus servidores mal conseguem atender às necessidades materiais das internas.

E Abelardo completou, num sorriso fraterno:

— Aliás, isso já aconteceu a todos nós!

— Não compreendo! — redarguiu Lavínia, algo confusa.

— Criaturas como Sônia e Marilda, ainda não conseguem dominar 'os desejos, as tentações e dificuldades da vida humana, enquanto não forem convenientemente educadas espiritualmente. Até as almas de melhor padrão espiritual, por vezes fracassam no intercâmbio com as paixões humanas. *Espíritos* primários, reagem voluntàriamente ante a primeira contrariedade, magoam-se pela diferença de tratamento alheio e revoltam-se quando lhes impedem a realização imediata dos seus desejos./

— Mas isso é suficiente para justificar-lhes a prostituição? — insistiu Lavínia, inconformada.

— Cinjo-me apenas aos fatos já ocorridos, sem examinar sentimentos ou tecer críticas à vossa boa intenção. Embora a ternura, o devotamento e a renúncia sejam virtudes que vos glorificam perante Deus, nem porisso elas modificam a aplicação correta e educativa da Lei do Carma sôbre os espíritos falidosi Examinamos "friamente" a vida agradável e sem obrigação onerosa de Marilda e Sônia transcorrida na "Casa Madalena" até os dezessete anos de idade, em comparação com os contrastes que ambas defrontaram no trabalho penoso de mulheres casadas com homens pobres.

Na "Casa Madalena" elas andavam sôbre assoalhos de "parquete" encerado, repousavam em poltronas fôfas e aveludadas, dormiam em colchões de molas, macios e confortáveis, guarnecidos de lençois alvíssimos e cálidos acolchoados. Viviam despreocupadas e alegres, assistindo filmes cinematográficos e programas de televisão. Aos domingos excursionavam às praias e outros lugares pitorescos. Durante o Inverno eram protegidas pelos aquecedores e no Verão dormiam tranquilamente em aposentos amplos e de boa ventilação. Em suas dores e incômodos, sempre tiveram assistência médica carinhosa. Cumpriam as tarefas escolares entre jardins floridos e alimentavam-se fartamente, acrescidas de gostosas sobremesas. Durante o Natal e a Páscoa, os espíritas ofereciam-lhes presentes e bombons de chocolate, ou então festejavam-lhes os aniversários em comemorações joviais em tôrno dos simbólicos bôlos de velas. Infelizmente, devido ao *seu* primarismo espiritual e cegas pelo egoísmo e amor-próprio, elas atingiram a mocidade sem desenvolver a paciência, resignação, coragem e estoicismo, virtudes necessárias às mulheres oneradas com a pobreza. Sem dúvida, julgando vingar-se dos benfeitores, terminaram cavando a própria ruína na rebeldia contra a disciplina e os estatutos da "Casa Madalena", e depois não puderam superar os "contrastes violentos" e óbices imprevistos encontrados no mundo.

— Agradeceríamos ao irmão Abelardo suas considerações de modo a nos elucidar quanto a êsses "contrastes violentos", que Sônia e Marilda defrontaram ao deixar nossa instituição4 — solicitou o diretor da casa.

— De início, devemos examinar os motivos psicológicos que minaram a resistência espiritai dessas môças desventuradas e assim obtermos ilações proveitosas para o futuro. Talvez elas sobrevivessem num ambiente de confôrto, prazer *e* amparo, que já haviam usufruido na "Casa Madalena"; mas *em* face do seu passado delituoso, a Lei Espiritual não lhes permitiu outros favores além de um lar pobre e companheiros incertos e modestos. A infância e a mocidade de Sônia e Marilda, na vossa instituição, foi um prêmio antecipado a que *elas ainda* não faziam jus. Entre a vivência agradável anterior e a vida repleta de obrigações próprias de mulheres casadas, formou-se um profundo abismo que não puderam transpor. Os salários deficientes dos companheiros só lhes permitiam existência difícil, ateando-lhe o fogo da revolta *nas* almas débeis. O choque ou o contraste, entre a vida benfeitora anteriormente vivida na "Casa Madalena" e a situação da vida real, foi de mudança demasiadamente violenta, *um* "salto" psicológico violento e imprevisto do

"bom" para o "ruim", da "ociosidade" para a "responsabilidade", do "con- fôrto" para a "miséria", da "alegria" para a "tristeza"!

Tudo mudou para pior; o chão de parquete, sempre limpo

encerado da "Casa Madalena"', foi substituído pelas tábuas de um assoalho encardido de pinho, no barracão de subúrbio onde foram habitar; o fogão a gás e os utensílios polidos da cozinha moderna, transformaram-se numa trempe fumarenta aquecendo panelas de barro e de ferro; a enxerga de capim mal cheiroso ficou no lugar do colchão de molas confortável. O antigo aposento luxuoso, amplo e claro, todo acortinado de sêda e veludo onde elas passaram a infância, jamais poderia comparar-se ao quarto escuro e desbotado, cujas janelas eram decoradas com panos de algodão à guisa de cortinas. O banheiro moderno e as instalações limpas e coloridas da instituição, nada tinham a ver com aquela guarita sanitária de tábuas bolorentas. Durante o Inverno rigoroso, Marilda e Sônia levantavam-se alta madrugada a fim de aprontarem o café e o lanche dos companheiros madrugadores. A alegria da televisão e o divertimento da cinematografia desapareceram mal substituídos por um rádio guinchante; a mesa sempre farta de alimentos, guloseimas e frutas de antigamente, depois mal podia oferecer o feijão aguado com pedaço de carne na refeição pobre de modestos operários. O primeiro Natal que ambas comemoraram depois de casadas, foi sem festas e sem presentes; da Páscoa nem se aperceberam, vazia dos tradicionais "bombons" de chocolate. Além disso, a pequena economia do lar consumiu-se nas doenças dos filhos de poucos meses, agravando-lhes a revolta, a frustração e o desespêro numa existência repleta de vicissitudes e sofrimentos.

Em conseqüência, sob a fôrça da animalidade fustigante e pela debilidade espiritual, elas julgaram se desforrar daquele destino odioso de pobreza e responsabilidade, preferindo o meretrício em troca das preocupações e dos deveres onerosos do lar!

Alebardo fêz um longo silêncio, deixando perceber que havia terminado o assunto principal de sua preleção. Então Lavínia, num desabafo, cuja voz mal conseguia disfarçar o protesto e a decepção de sua alma, inquiriu, quase ríspida:

— Então pouco vale o nosso amor e a nossa dedicação aos deserdados da sorte, se além de não podermos salvá-los de suas infelicidades, ainda assumimos a culpa dos seus deslises e frustrações?

Abelardo tomou o médium, novamente, e num voz terna, mas significativa, esclareceu:

— Meus irmãos, sem dúvida a vossa generosidade e renúncia em favor dos infelizes são sentimentos sublimes que vos elevam perante Deus, ratificando as virtudes superiores da Vida Imortal!

E numa síntese, onde êle resumia todo o seu pensamento fraterno, então concluiu:

— Mas a verdade, meus caros irmãos, é que "ninguém ajuda ao próximo", porém, "só ajuda a si mesmo"!

Mensagem de Humberto de Campos, por Chico Xavier, extraída da revista "O REFORMADOR", de julho de 1965.

***(1) N. do Médium: — Em face de coincidir bastante o pensamento do espírito de Abelardo, com idêntico assunto traçado pelo irmão X, pseudônimo e Humberto de Campos, quanto à diferença notável entre "amparar" e "esclarecer" transcrevemos "Lição nas Trevas", no final deste conto.***

***(2) Ni do médium: — Conceito do espirito de André Luiz, por intermédio de Chico Xavier, inserto em "Agenda Cristã".***

# LIÇÃO NAS TREVAS

## Irmão X

No vale das trevas, delirava a legião de Espíritos **infelizes.**

Rixas, obscenidades, doestos, baldões.

Planejavam-se assaltos, maquinavam-se crimes.

O Espírito Benfeitor penetrou a caverna, apaziguando e abençoando...

Aqui, abraçava um desventurado, apartando-o da malta, de modo a entregá-lo, mais tarde, a equipes socorristas; mais adiante, .aliviava com suave magnetismo a cabeça atormentada de entidades em desvario...

O serviço assistencial seguia difícil, quando enfurecido mandante da crueldade, ao descobri-lo, se aquietou em súbita acalmia e, impondo respeitosa serenidade à chusma de loucos, declinou-lhe a nobre condição. Que os companheiros rebelados se acomodassem, deixando livre passagem àquele que reconhecia por missionário do bem.

— Conheces-me? — interrogou o recém-chegado, entre espantado e agradecido.

— Sim — disse o rude empreiteiro da sombra —, eu era um doente na Terra e curaste meu corpo que a moléstia desfigurava. Lembro-me perfeitamente de teu cuidado ao lavar-me as feridas...

Os circunstantes entraram na conversação de improviso e um deles, de dura carranca, apontou o visitador e clamou para o amigo:

— Que mais te fêz este homem no mundo para que sejamos forçados à deferência?

— Deu-me teto e agasalho.

Outro inquiriu:

— Que mais?

— Supriu minha casa de pão e roupa, libertando-nos, a mim e a família, da nudez e da fome...

Outro ainda perguntou com ironia:

— Mais nada?

Muitas vezes, dividia comigo o que trazia na bôlsa, entregando-me abençoado dinheiro para que a penúria não me arrasasse...

Estabelecido o silêncio, o Espírito Benfeitor, encorajado pelo que ouvia, indagou com humildade:

— Meu irmão, nada fiz senão cumprir o dever que a fraternidade me impunha; entretanto, se te mostras tão generoso para comigo, em tuas manifestações de reconhecimento e de amor que reconheço não merecer, porque te entregas, assim, à obsessão e à delinqüência?! ...

O interpelado pareceu sensibilizar-se, meneou tristemente a cabeça e explicou:

— Em verdade, és bom e amparaste a minha vida, mas não me ensinaste a viver!...

Espíritas, irmãos! Cultivemos a divulgação da Doutrina Renovadora que nos esclarece e reúne! Com o pão do corpo, estendamos a luz da alma que nos habilite a aprender e compreender, raciocinar e servir.

(Mensagem recebida pelo médium Francisco **Cândido Xavier.)**

# INQUISIÇÃO MODERNA

Giordano Alencastro atingira os vinte e dois anos, pródigo de vida e belo de formas. Tinha consciência de sua exuberante vitalidade; usufruia a gostosa volúpia de se sentir um rapagão admirado na cidade, cujo corpo fremia nos movimentos amplos e arrogantesi A Natureza exagerara; dera-lhe fartura de viço e perfeição de formasi Sua alma transbordava de felicidade, desconhecendo a dor ou a frustração comuns à vida humana. Tudo nele era em excesso; suas mãos embora vigorosas e decididas mostravam certa graça nos movimentos sinuosos e sensuais. Giordano ria, de lábios vermelhos, mostrando os dentes tão regulares e branquíssimos, que fariam inveja a muita mulher bonita.

Não temia qualquer esfôrço ao erguer caixotes pesados, pranchas, tábuas e fardos de materiais, para colocá-los sôbre os veículos da firma paterna. Jamais precisaria fazer aquilo, nem substituir empregados; mas êle o fazia por desafio e vaidade, provando na prodigalidade do gesto a sua fôrça extraordinária.

— Deixa disso, seu Giordano! — censurava o preto Sola-no, servente de caminhão.

Giordano batia de leve, nas costas de Solano, satisfeito:

— Eu preciso de exercício, Solano! Dê graças a Deus que eu te ajude, pois isso pra mim é ninharia.

E comprovando o seu dizer, ajustava a rede de nervos e músculos sob o róseo da pele, erguendo um fardo de azulejos que dois homens mal podiam mexê-lo. E depois o recolocava, mansamente, no solo, fazendo cair o beiço de Solano ante a façanha. O preto admirava o ritmo, a proporção e a coordenação segura dos movimentos de Giordano, que se esmerava incentivando-lhe o culto ingênuo ao seu corpo sadio e poderoso. Depois ria, satisfeito e zombeteiro, ao ver o negro coçar a cabeça, surpreso, e repetir a mesma frase de sempre:

Santo Deus, seu Giordano! Vaçumecê inté parece guindaste de osso e carne!

Dona Bianca, mãe de Giordano, mulher de grande beleza, cuja côr dos cabelos mudava ao sabor da moda volúvel, atraente e sensual, vivia feliz pela dádiva de Giordano, o filho preferido. Durvalino, o outro filho, era uma antítese perfeita do primeiro; fraco, exaurindo-se ao mínimo esfôrço. Tinha os olhos tristes e camuflados pelos óculos espessos. Os seus gestos eram tímidos, e quase pedia desculpas ante a figura de escandalosa vitalidade do irmão mais jovem. Mas Durvalino, além de ser simples e laborioso, era dócil e boníssimo. Tudo o que lhe faltava em vitalidade e atração física, sobejava-lhe na riqueza espiritual. A mente dêle era aguçada e perspicaz, raciocinava com precisão e ràpidamente. Enquanto Giordano abandonou o ginásio, na primeira série, Durvalino formou-se em Direito e ainda cursava Filosofia.

Inexplicavelmente, Dona Bianca não escondia sua frustração diante daquele filho modesto e descolorido. Durvalino não se sentia à vontade diante da mãe, como se ela lhe fôsse estranha; por isso deixava todo o espaço livre para ela cultuar o filho magnífico, embora Giordano fôsse glutão, sádico e sarcástico. No entanto, ele se afinizava admiràvelmente com Don Camilo, — o pai, — espanhol eufórico, estouvado e ruidoso, que se acertava às mil maravilhas com o filho sizudo, calado e ordeiro até para apontar um lápis.

Malgrado a diferença de temperamento, ambos eram justos e bondosos, além de hábeis e prudentes na direção da indústria de madeiras constituída depois de intensa luta e perseverança. Giordano, ao contrário, abusava dos proventos da firma, consumindo grandes somas nos antros de vício de S. Paulo e Rio de Janeiro, acobertado sempre pelo beneplácito imprudente de dona Bianca. Ante qualquer advertência de Durvalino sôbre o procedimento

negligente de Giordano, dona Bianca enfurecia-se e fitava-o de modo hostil e insultuoso:

— Ponha-se no seu lugar, Durvalino! — exclamava sob . intensa ira. — O que você faz em cinco anos, Giordano realiza num dia. Não se intrometa na vida dele, que é rapaz adulto e sabe se governar!

Durvalino, constrangido, baixava os olhosi A mãe voltava-lhe as costas e subia, para o quarto, batendo a porta desaforadamente. Não havia afinidade entre os irmãos; um ébrio de fôrça e saúde, cinismo e orgulho; o outro mobilizando tôdas as reservas de energias precárias para sobreviveri Giordano, ruidoso e desabusado, traindo um gôsto pela malvadeza; Durvalino quieto, sizudo e desviando o curso dos passos para não destruir um inseto imprudente. Durvalino recusava-se a assistir a morte de uma galinha; Giordano ria-se, escandalosamente e fazia a ave demorar na morte pelo estrangulamento sádico.

Uma noite, a horas avançadas, Don Camilo despertou com o chamado urgente pelo telefone interurbano de S. Paulo. Dona Bianca acendera a luz, apreensiva e temerosa de alguma complicação amorosa de Giordano. Talvez nem fôsse coisa de se preocupar; apenas um pedido de dinheiro para cobrir algum gasto mas vultoso, fruto da vida boêmia e tão natural a uni môço tão saudável. Don Camilo escutava, ao telefone, com profundo vinco entre os supercílios; lentamente levou a mão ao lenço e enxugou o suor que lhe porejava à testa.

— Sei, sei! Sigo já, de auto, até aí. Não: êle nunca teve tal coisa. Eu é que agradeço, doutor; o senhor fêz o que devia fazer e tem minha total aprovação. Não há dúvida; deixo tudo a seu critério profissional.

Assentou o fone no gancho, olhou incisivamente para dona Bianca, e, pela primeira vez, seus olhos brilharam severamente diante dela.

— Eu sabia que isso iria acontecer!

Levantou-se, lépido e pôs-se a mudar a roupa, ordenando:

— Mude-se, duma vez, Bianca. Não adianta olhar-me com esse ar de mártir. O seu excesso de mimos estragou nosso filho. — E num tom incisivo: — Giordano está à morte, num hospital de S. Paulo, depois de uma farra brutal!

Chegados à capital bandeirante, na tarde outonal do dia seguinte, Dona Bianca e Don Camilo, acabrunhados e nervosos, penetraram no saguão do Hospital de Beneficiência Portuguêsa. Logo foram encaminhados até o quarto, enquanto um cheiro forte e enjoativo de medicamentos entrou-lhes pelas narinasi Aos poucos êles distinguiram Giordano sôbre o leito alvíssimo; êle tinha os olhos cerrados e o queixo erguido fortemente, num espasmo nervoso e incômodo devido a sofrimentos atrozesi

Dona Bianca sentiu as pernas dobrarem-se, desamparadas e o sangue afluir-lhe à cabeça, deixando-a entontecida, tudo a rodar-lhe em tôrno. Don Camilo, a princípio, ficou confuso, dominado por estranhas recordações que lhe afloravam à mente diante do quadro doloroso. Não amava profundamente aquele filho, mas não podia compreender o estranho sentimento que o faz'a ter aversão a êle. No entanto, as fibras paternas vibraram instintivamente, ante a possibilidade de perder o filho.

O médico não demora; o môço está inconsciente há dois dias — informou o enfermeiro, com impassibilidade profissional. — O companheiro de quarto dele é que notou as mãos roxas, o rosto congesto e a respiração dificultosa. Se não fôsse isso, talvez, o môço já estaria liquidado.

— Mas qual é o diagnóstico dos médicos? — indagou Don Camilo, estranhando a própria frieza.

— Só o doutor Loureiro é que poderá dizer-lhe o diagnóstico exato. O môço foi operado de um tumor muito perigoso no lado direito da cabeça!

Mais tarde, o médico responsável pelo caso confirmou o que o enfermeiro havia dito. Dona Bianca estava desesperada, e, realmente, recordava-se das dores de cabeça, de que Giordano queixava-se freqüentemente nos últimos meses. Sentia-se até ferida no seu amor

próprio, perante os componentes daquele hospital, que habituados aos dramas cotidianos da vida humana, falavam de um modo impessoal e objetivo, desinteressados de sua dor pungente.

Finalmente, veio a pior notícia, quando os médicos comunicaram a Don Camilo a realidade trágica — o rapaz era portador de um câncer avançado no cérebro, à altura do osso parietal direito. Os nervos motores estavam comprometidos e mesmo que ele sobrevivesse, ficaria cego, surdo, mudo e possivelmente imóvel para o resto da vida. Alguns dias depois Don Camilo fretou um avião e conduziu o filho, inconsciente e imobilizado, para sua cidade no Rio Grande do Sul. E ali iniciou-se o calvário interminável para tôda a família, que passou a viver em tôrno do "cadáver vivo" do filho, cujos dias tormentosos sucediam-se sem qualquer solução.

Decorrido três meses daquela tortura constante, Giordano ainda mantinha-se imóvel, os olhos cerrados, a respiração opressa e com leves estremecimentos nas extremidades hirtas. No lado direito do crânio trepanado via-se um curativo do qual tresandava um líquido fétido. A pele, antes rosada e aveludada, escurecia aos poucos, num tom sépia e emurchecida; os traços apolíneos do corpo esplendoroso desfaziam-se ao impacto do sofrimento intenso. Giordano era o centro convergente de complicado equipo de apetrechos e aparelhos médicos. O dorso dos pés estavam espetados por agulhas injetando um líquido côr de café. O sôro gotejava-lhe nos braços entumecidos formando edemas que eram reabsorvidos à custa de compressas de água quente ou de aplicações de pomadas descongestivas. O plasma sanguíneo filtrava-se com extrema dificuldade nos fleimões, enquanto o tórax arfava aspirando o oxigênio artificial. Quando a morte se avizinhava, pela sufocação iminente, o enfermeiro acudia, lépido, acionando cruel aparelho, cujo tubo de metal nobre penetrava pela traquéia aberta, a insuflar e a sugar os pulmões quase em colapso.

Na família tudo era desolação. Dona Bianca ainda resistia, algo rebelde, à fatalidade daquele destino inexplicável, mobilzando tôdas as reservas egocêntricas para não trair a sua desdita. Por que Deus lhe dera um filho tão formoso e depois o destruía tão estúpidamente? Por que havia de ser Giordano, estuante de vida e saúde, e não Durvalino, débil, enfermiço e titubeante? Os seus belos olhos perdiam o viço e se apagavam, pouco a pouco. A vaidade abatia-se, impotente, ante a sina trágica de ser a espectadora de sua própria ruiva, vivida nas faces convulsas daquele filho adorado. Desorientada, cobria-lhe mil vêzes os pés perfurados e arrumava-lhe o macabro turbante de gazes, estremecendo, hesitante, quando suas mãos tateavam a terrível depressão deixada pelo câncer junto na cabeça.

O calendário, implacável, marcava cento e quatro dias tormentosos e de lenta destruição de Giodano. .0 enfermeiro fazia a sua ronda habitual; tomava-lhe a temperatura e a pressão, graduava o maquinário como hábil técnico, movendo-se pelo quarto como um verdugo moderno. Mudava a seringa da veia do pé, e num gesto apático varava outro ponto da pele, mostrando certa satisfação prof' ssional, quando percebia o êxito do seu labori As mãos de Giordano estavam frouxas, inertes e descarnadas. A pele tôda contundida pelas agulhas hipodérmicas e semeada de manchas roxas e azuis. A traquéia edemaciada produzia o ronco longínquo dos brônquios lutando por um pouco de ar. Os tubos de borracha oscilavam prêsos pelos esparadrapos e sob a pressão dos líquidos em convergência para o enfêrmo.

Um dia, Durvalino olhava pensativo para o irmão que se aniquilava e jamais lhe dera um momento de alegria ou confôrto. Nascido do mesmo ventre, nutrira-se com o mesmo sangue, e, contudo, sempre lhe fôra um estranho hostil. Súbito, movido por singular intuição, pediu silêncio a todos, e curvando-se sôbre o ouvido de Giordano, falou-lhe incisivamente:

— Giordano! Giordano! Se estás nos escutando e tens consciência do que te acontece, faz um esfôrço; reúne tôdas as tuas energias dispersas e concentra-te de moda a moveres a pálpebra direita. Sómente a pálpebra direita! Isso será um sinal convencionado para sabermos se estás consciente! Se puderes, repitas o sinal outra vez!

Ante a surpresa dos presentes, curvados, ansiosos, sôbre o enfêrmo torturado. eis que Giordano pareceu ficar mais quieto), mais hirto, numa coordenação propositada, enquanto lhe cessavam todos os tremores dos pés e das mãos e se moderaram os estertores dos pulmões. Decorridos alguns segundos, após a expectativa dramática, a pálpebra esquerda (1) estremeceu fortemente, no único sinal de vida do corpo imóvel! E ante o espanto de todos, repetiu mais duas vezes, atendendo ao propósitos de Durvalino. Depo's, como se o esfôrço hercúleo houvesse exterminado tôdas as energias, Giordano teve um estremecimento e recaiu na costumeira apatia.

— Misericórdia! Êle ouviu-nos durante todo esse tempo! — bradou dona Bianca, entre soluços de dor e humilhação. E completou numa voz pungente. — Só lhe demos notícias más e desesperadoras!

Levou a mão ao peito, e num gesto de angústia desfaleceu. Mas naquele instante expirou na mulher todo o orgulho e à arrogância por ter gerado falho tão atraente e saudável. Sob o impacto da vaidade ferida ela havia tombado ao solo; mas ao despertar, dona Bianca era sombra da figura ostensiva anterior.

Realmente, dolorosa era a verdade, pois se os familiares ignoravam o curso implacável e retificador das leis espirituais, Giordano não estava inconsciente, porém, mentalmente desperto na sua trágica situação. Malgrado a impotência motora, 03 sentidos estavam aguçados e o relacionavam com o mundo exterior. Êle ouvia a voz inconformada da mãe, o chôro slenc'oso dos seus parentes, os comentários funestos em tôrno do seu leito e a notícia sinistra do câncer. Sofria o mais terrível suplício imaginado por um ser humano, sem poder libertar-se do corpo mortificante pelo benefício da morte! Esperançado do recurso intelegível de Durvalino, quis gritar; um clamor interminável e potente, que pudesse ferir o ouvido de alguém na face da Terra! Sua mente superexcitava-se sob o domínio de estranhas recordações, enquanto fluiam do seu corpo as derradeiras energias, que uniam sua alma ao organismo físico. Ouvia gritos lancinantes, sentia-se diferente, estava distante de si mesmo, num delírio infernal! Percebeu-se fora da carne hirta e massacrada, flutuando em lugar estranho, a ouvir alguém bradar:

— Mate-me, pelo amor de Deus!

Giordano sentiu-se aturdido e espantado, pois a voz era de Durvalino, que se debatia à sua frente, os braços e as pernas presos por fortes correias às tábuas de uma roldana de tortura. Todavia, ele, Giordano, ordenava sem piedade: "Aperte o torniquete! Aperte!" E um homem de rosto bestial obedecia, torturando Durvalino, que, a seguir, diluiu-se numa nuvem esbranquiçada. No seu lugar, para espanto de Giordano, surgiu Don Camilo, com farpas nas unhas dos pés e das mãos,o torniquete apertando-lhe o crânio e as carnes violáceas torturadas pelas tenazes aquecidas, também a clamar, num protesto heróico:

— Mate-me! Jamais trairei companheiros!

Giordano enfureceu-se, preso de um ódio louco, quando Don Camilo, num assomo de desforra e talvez impelido pelo desejo de libertar-se da tortura pela morte, conseguiu cuspir-lhe no magnífico traje clerical de monsenhor. Ainda sob o guante de intensa cólera, sua surprêsa foi ao auge, quando a seu lado e sob os ricos trajes de abadessa, êle viu Dona Bianca, a sorrir-lhe de um modo sensual, dizendo-lhe:

— Monsenhor Valdéz! É inútil converter êsses herejes tão endurecidos! Não só perdeis o vosso precioso tempo, mas ainda perturbais a vossa calma habitual!

E numa expressão de cruel prazer, arrematou:

— Mande-os para a fogueira; eles precisam tanto de purificar seus pecados!

Depois de fitá-lo de modo esquisito e pecaminoso, a abadessa Dona Bianca beijou-o longamente. Giordano sentiu-se encabulado, pois o beijo de sua mãe nada tinha de maternal, senão a avidez e o fogo de uma violenta paixão! Em seguida ela também foi-se esfumaçando no traje de abadessa, ou sóror Conceição, cujo nome soava-lhe de modo

insistente. Aterrado, sentiu-se retornando para o seu martírio carnal, tomando contato sensorial com os familiares, pois ouvia-lhes os passos e as vozes em tôrno do leito. Mas isso tudo não passou de um rápido vislumbre. Em seguida viu-se envolvido no vórtice de um turbilhão que tragava os últimos resquícios de consciência, enquanto ouvia a sentença venturosa do médico da Terra, junto ao seu corpo:

— Nada mais temos a fazer! O senhor Giordano faleceu!

***(1) N Atanagildo: Em face do avanço canceroso de Giordano, no lado direito da cabeça, êle só poderia mover a pálpebra esquerda, sob a ação reflexiva dos nervos motores.***

# O CANTOR

Rosalino Sampaio era um menino pobre, muito meigo e de bom gênio. Tôda vez que êle ouvia o preto Jerônimo pontear o violão, com seus dedos compridos e ossudos a deslizarem velozmente sôbre as cordas do instrumento, produzindo um cascatear de sons transformados sob a forma de chorinhos sapecas, maxixes, mazurcas aligeiradas e compridas valsas romanticas, êle sonhava fazer aquilo um dia. Seria muito admirado. Atenderia convites para tocar nos batizados, nas festinhas de amigos e parentes, como Jerônimo, em suas noites boêmias

— Jerônimo — pedia freqüentemente Rosalino — quer tocar a valsa "Abismo de Rosas"?

Enquanto o prêto, sempre afável e sorridente, satisfazia-lhe o pedido executando com maestria aquelas passagens vivíssimas e rápidas pelo pescoço do violão até a sua base encordoada, Rosalino embevecia-se hipnotizado pela melodia romântica e saudosa.

Quando ele fêz onze anos de idade, Padre Tibúrcio — vigário da Igreja do Senhor Bom Jesus — convidou-o para ser coroinha e ajudar a missa: Rosalino sentiu-se feliz. Saiu correndo para dar a notícia alvissareira à velha tia Nica —irmã de sua mãe — que o criara depois dele ficar órfão. Alegre, ante a perspectiva de aparecer em público, vestiu a sobrepeliza branca e rendada, sôbre o saiote de cetim vermelho de sacristão para ajudar Frei Tibúrcio a rezar a missa.

Era o coroinha mais compenetrado no serviço religioso; movia-se junto ao altar com a delicadeza de um beija-flor sôbre perfumada flor! Atencioso, mas tímido, sempre com aquele sorriso meigo aflorando-lhe ao rosto, Rosalino atravessava a nave com a bandeja de esmoler, agradecendo gentilmente com acenos de cabeça, tôda vez que alguém doava moedas para ajudar o Senhor Bom Jesus. As meninas sorriam enamoradas para ele, admirando-lhe o porte ereto, quase angélico, quando carregava a pequena cruz do Cristo nas procissões a preceder as "filhas de Maria", que cantavam a "Salve Rainha" com suas vozes encantadoras.

Algum tempo depois, a comunidade da Igreja do Bom Jesus resolveu organizar um côro de meninos, a fim de participar dos festejos da "Semana do Evangelho", com as demais associações religiosas dos municípios vizinhos. Frei Benito, muito experiente na organização de côros desde sua juventude, na Itália, além de profundo conhecedor das composições musicais dos grandes clássicos como Bach, Handel, Hayden, Mozart e outros especializados em peças sacras, visitou as famílias católicas mais nobres e pediu que mandassem seus filhos para êle organizar o conjunto coral da paróquia.

Após muitos ensaios, "testes" é de inúmeros candidatos, conseguiu selecionar cinqüenta meninos, que durante as primeiras horas da noite enchiam a nave com suas vozes cristalinas seguidas pela música suave do órgão tocado por Frei Barnabé. Atendendo aos apelos de Frei Tibúrcio, as senhoras cristãs compuseram os trajes adequados ao conjunto coral. Constituia-se numa túnica branca, de punhos rendados, com o emblema do Coração de Jesus e uni laço de fita vermelha na gola, completando o uniforme um saiote azul escuro todo de pregasi

O solista do côro infantil era o menino Gabriel, um dos melhores alunos do catecismo. Sua voz, embora pouco sonora, um tanto aguda, não muito clara, era volumosa e assim ajustava-se às necessidades daquele encargo.

Aproximava-se a "Semana do Evangelho" e crescia a expectativa dos paroquianos para a estréia do "Coral dos Meninos do Bom Jesus". O bispo viria especialmente para rezar a missa campal e fazer as crismas esperadas há mais de três anos. Ao faltar vinte dias

para os festejos, surgiu aflitivo contratempo; o tenorzinho Gabriel adoeceu com pneumonia, deixando Frei Benito perplexo e angustiado, pois era de .urgência encontrar outro substituto do enfermo. Procurou aliciá-lo entre os demais meninos do coral, mas ficou decepcionado. Não conseguia uma voz capacitada para interpretar os seu; arranjos musicais. Entretanto, as coisas devem acontecer de acôrdo com a vontade do Govêrno Oculto do mundo. Frei Benito caminhava apressadamente pelo comprido varandão do convento, a meditar sôbre o problema do nôvo solista, quando estacou, surpreso, ao ouvir uma voz de menino, suave e de agradável sonoridade, interpretando com ânimo e ternura a "Ave Maria" de Schubert, justamente a melodia mais ensaiada pelos seus pupilos e escolhida como a peça de abertura do programa sacro. Frei Benito correu à janela, alvoroçado, mas não viu o msterioso cantorzinho. Aguçou os ouvidos e parecia-lhe que a voz, inexplicavelmente, vinha do porão da sa-cristia. Desceu as escadas de pedra, excitado, mas lentamente, sem fazer qualquer ruido, estacando, perplexo, ao identificar o coroinha Rosalino, que arrumava caixotes vazios, enquanto cantava. Frei Benito sentiu os olhos cheios de lágrimas e uma dor apertada no coração, rogando perdão a Deus pelo remorso de não ter experimentado no seu conjunto coral aquele menino tímido e quieto . Entre as arcadas do porão, aquela voz infantil ecoava sonora, harmoniosa, com belo efeito de acústica e sem qualquer ressonância. O frade subiu as escadas dominado por profunda emoção; ajoelhou-se diante do Senhor Bom Jesus e agradeceu-lhe a dádiva de poder estrear o seu coral de meninos no dia aprazado.

Em seguida, do alto da escada, chamou Rosalino, num brado forte e cordial e pôs-se a indagar da sua qualidade apreciável de cantor precoce. O menino acanhado, e desculpando-se pela sua ousadia, contou que depois de assistir os ensaios, descia ao porão e ali repetia os trechos mais fáceis e comuns, porque somente gostava de cantar. Jamais tencionava tomar o lugar de qualquer outro menino do côro.

E que sabe você cantar, além da "Ave Maria" de Schubert? — indagou Frei Benito um tanto aflito, por verificar que faltavam só quinze dias para o ensaio geral.

— Bem! — respondeu Rosalino, encabulado. — Eu acho que sei mais ou menos aquelas músicas que o senhor chama de cantatas e oratórios...

— De Bach, Hayden, Mozart e Beethovem? — indagou o frei, num espanto feliz.

— Acho que é, Frei Benito, se é estes os nomes das músicas que o senhor fazia os meninos cantarem.

E depois de uma pausa, enquanto Frei Benito ia até à janela disfarçar as lágrimas, Rosalino acrescentou:

— Também acho que sei aquelas outras duas "ave ma-rias" ...

— De Verdi, Bach-Gnoud? — rejubilou-se Frei Bento, erguendo as mãos para o alto d[i]ante do Bom Jesus, num sorriso aberto e lavado de lágrimas. — Obrigado! Obrigado, Senhor! Estamos salvos! — E esquecendo o menino, saiu a correr varandão afora, a fim de dar a notícia alvissareira aos outros frades.

Frei Benito devotou-se de corpo e alma a educar a voz de Rosalino, o qual, muito dócil, receptivo e atencioso, ass[i]milou-lhe as recomendações com incrível facilidade. Aprendeu a respiração disciplinada entre os hiatos das longas frases melódicas; a empostar a voz de modo que o ar fluisse pela garganta, em vez de comprimí-la, e a aliviar a tensão dos mús

culos oc[c]ipitais, evitando a voz nazal muito comum no espasmo vocali Em poucos dias mostrava-se o cantor de voz afinada, comovente e expressiva. /

A sua participação no "Coral dos Meninos do Bom Jesus" foi um sucesso interminável e êle empolgava os fiéis na transcrição musical dos oratórios, cantatas e páginas sacras arranjadas por Frei Benito. A igreja ficava superlotada. Dizia-se que muitos anti-clericais e ateus a freqüentavam, só para assistir ao canto angélico de Rosalino acompanhado pelo murmúrio doce ou pela sonoridade mais grave do "coral" dos meninos, numa suave mistura

mística de sons e da fragrância do incenso e do odor peculiar das velas de cera!

Rosalino cresceu. Sua voz melhorou de timbre e volume. Ficou mais nítida e sonora. Em breve, êle se sentia desafogado na vida de pobre e pôde realizar o velho sonho de criança; aprendeu a tocar violão! Agora já podia compensar os dias em que ficava boquiaberto admirando o preto Jerônmo, quando ponteava as cordas do "pinho" com maestria nunca vista. Tornou-se um cantor de fama nacional; passou a cantar em rádios, gravou milhares de discos e sua fama atravessou as fronteiras do Brasil. Em breve, ganhava rios de dinheiro podendo coordenar sua vida de modo venturoso.

Casou-se, mas por circunstâncias inexplicáveis, jamais o seu lar teve a graça de um falho. Talvez foi êsse o motive do desacerto com a espôsa, a qual já vivia algo contrariada pelas suas atividades de cantor sempre obrigado às noitadas boêmias e à prodigalidade de gastos com os "fans". Nessa época ele conheceu Lumila, jovem de rara beleza e mãe solteira de dois f lhos pequeninos, frutos da união comum de um companheiro falecido. Rosalino sentiu-se atraído por ela

e chegou a crer tê-la conhecido alhuresi Separado espiritual e fisicamente da espôsa, ele resolveu enfrentar a opinião pública. Moutou casa para Lumila e passou a viver com ela.

A nova companheira, tolerante e meiga, talvez por fôrça da cond ção insegura de amásia de Rosalino, tributava-lhe car nhoso afeto e sem advertí-lo ou irritar-se pela vida boêmia que levava. Assim, Rosalino resolveu os problemas de ordem afetiva, pois já os tinha resolvido os de condição financeira. A vida transcorria-lhe num "mar de rosas", como diz o adágio de senso comum. Era um dos cantores mais bem pagos do Brasil e proporcionava à nova companheira e aos dois falhos adotivos uma vida regalada.

No entanto, algo lhe ensombrava a vida — o fogo! Pare-eia tolice ou fobia, mas quando apanhava uma revista onde colorido da rotogravura lhe mostrava incêndios, desastres de aviões, explosões ou automóveis em chamas, êle se sentia tomado por inesperado temor a se refletir no brilho febril dos olhosi Essa fobia agravava-se dia a dia. Numa reação quase infantil, ele evitava assistir aos filmes cinematográficos, cujo enredo mostrava o fogo na sua faina destruidora. Jamais embarcava num avião ou se arriscava a quaisquer empreendimentos em que o fogo estivesse por perto.

— Rosalino, você não acha melhor consultar um médico sôbre esse nervosismo que sente diante do fogo? Deus faça que isso não o deixe enfermo! — aconselhava-lhe á companheira.

— Não! Isso é algum complexo ou recalque de infância, e que eu mesmo terei de resolver! — respondia Rosalino, sem esconder sua preocupação.

— Não sei realmente o que se passa comigo, mas diante do fogo ou das chamas de qualquer espécie, sejam em pinturas ou fotografias, eu me sinto angustiado! O fogo me horroriza! — E voltando-se para Lumila, acrescentou. — Lembra-se você, quando irrompeu o incêndio no "Edifício Oriente", diante de nossa casa? O fogo violento lambia os caixilhos das janelas! Fiquei tão atemorizado que precisei tomar calmantes para os nervos!

Rosalino ainda continuou cismando, vendo através da janela as riscas luminosas do asfalto molhado convergirem tôdas entre si e a se fundirem num feixe de luz amarela, esbranquiçada, para em seguida transformarem-se em chamas vermelhas, a dançarem entre veículos velozes. Fechou a cortina, desassossegado, e voltou a sentar-se.

— Por que você não consulta os espíritas? — lembrou a companheira.

— Já consultei. Disseram-me que deve ser recalque de vida passada, quando fui queimado em algum incêndio. Por isso, associo o fogo às minhas

lembranças do pretérito, sentindo-me aflito ante a sensação de perigo iminente. /

Silenciou, preocupado, para dizer num tom dramático.

— Everaldo, médium espírita e meu amigo, acha que eu fui queimado nas fogueiras da Inquisição, noutra encarnação, pelo pecado da heresia. No entanto, desde pequenino, eu sempre senti a mais terna devoção pela Igreja Católica, e, às vêzes, chego a lamentar porque não sou um bispo ou padre, cujas vestes clericais tanto me fascinami Nenhum menino sentiu-se tão jubiloso como eu a envergar as vestes de coroinha da Igreja do Bom Jesus. Parece-me bem incoerente essa hipótese de ter sido um herege queimado nas fogueiras da Inquisição, quando sinto a mais ardente devoção e amor ao Catolicismo.

— Bem, Rosalino, — insistia a companheira — alguma coisa deve ter fundamento da parte dos espíritasi Se você não encontra outro motivo para justificar o nervosismo contra o fogo? Acredito que deve ser mesmo alguma coisa de outra existência, como dizem eles!

Rosalino completava os cinqüenta anos de idade, sempre afável, generoso, paciente e simpático. Não era egoista nem ganancioso. Semeava venturas, atendia necessitados, fazia donativos às instituições caritativas e ajudava muitos amigos a solucionarem os seus problemas financeiros, graças à sua grande fortuna. Era cantor de respeito. Amava a própria terra e punha todo o coração naquilo que cantava. Escolhia as mais belas canções, eliminando o que era torpe. fescenino e desagradável. Preferia cantar estrofes sem malícia e evitava as gírias antipáticas. Cantava certo e limpo, além de tocar com arte o violão.

Certa noite chuvosa e fria, no aconchego do lar, Rosalino sentiu-se dominado pelas recordações de sua infância, comovendo-se pelas lembranças de Frei Tibúrcio, Frei Benito e Frei Barnabé, os três frades humildes, bondosos e santificados, que o haviam ajudado na gloriosa carreira de cantor famoso. Enternecido ao evocar a f pura dos meninos que foram seus companheiros no célebre "Coral do Bom Jesus", pôs-se a lembrar da luz mortiça das velas, do odor agradável do incenso e da quietude das imagens dos santos nos altares, com enfeites dourados sôbre as toalhas alvíssimas e imaculadas. Gostaria de fazer algo em favor de alguma instituição de caridade. No dia seguinte fêz um contrato vultoso com a companhia produtora de discos, e gravou como solista entre o "Coral de Meninos da Igreja de S. Francisco", cuja renda seria tôda em favor das crianças pobres. O disco foi um sucesso incomum, arrecadando excelentes proventos para os garôtos.

Aquela gravação fôra também o cântico de cisne de Rosalino. No dia seguinte, ao retornar da gravadora situada no Rio, o seu automóvel chocou-se violentamente contra a trazeira de um ônibus na "via-Dutra", e caiu grota abaixo, perecendo Rosalino prêso entre as ferragens e completamente carbonizado. O fogo, que ele tanto temia o havia apanhado na forma daquela morte trágica! O terrível presságio se realizara fatalmente!

Mas enquanto as chamas violentas lambiam os destroços do automóvel, Rosalino era assistido no "outro lado" da vida por uma singular equipe de espíritos, vestidos de branco. Éles o envolviam numa densa nuvem de gás esbranquiçado com fluorescências azuis, que lhe penetrava pelos poros perspirituais Ela provinha de um aparelho semelhante aos extintores de incêndios da Terra. As criaturas encarnadas que tentavam arrancá-lo , das ferragens ainda quentes, não poderiam supor que o espírito já se achava livre do seu corpo físico torrado pelo fogo!

Os homens de branco o afastaram dali e deitaram-no numa rede macia revestida de uma espécie de pó muito parecido ao talco, e que produzia reflexos luminosos. Em seguida, puseram-se a caminho, em marcha disciplinada para além da zona do desastre. Rosalino tinha

os dentes cerrados, as sobrancelhas arqueadas num espasmo nervoso e seu perispírlto sacudia-se num tremor convulsivo, como a fugir de algo horroroso. Nesses momentos, os homens trajados com macacões branquíssimos e ajustados até os tornozelos, submetiam-no a fluidos sedativos. O cantor se acalmava e dali a minutos a fisionomia desenrugava-se, os lábios descerravam-se acusando repouso. Êsse processo socorrista parecia exigir muita paciência e abnegação, pois os "homens de branco", em sucessivas etapas, ficaram o dia e a noite aliviando Rosalino das angústias e prováveis pesadelos que ocorriam na sua mente recém-liberta do corpo físico.

Decorrida uma semana, certa manhã, em que o Sol punha-se a vaporizar o orvalho cintilante pousado na grama verdejante, e fazia escorrer a umidade dos telhados das casas, surgiu à porta do posto socorrista, "Os Samaritanos", onde se encontrava Rosalino, um senhor vestindo um traje de túnica e calças brancas, bem elegante e uri tanto faceiro, cujo rosto corado e alegre, e a maleta que conduzia, traía a figura de um médico experimentado. O seu cabelo mostrava algumas estrias prateadas, dando-lhe o ar de respeito e venerabilidade.

— Então, meus amigos? — exclamou êle, num gesto longo e afetuoso, espalmando as mãos para cima. — Qual é o problema?

O chefe da expedição espiritual dos "homens brancos", Domício, respondeu à indagação:

— Mandei-o chamar, irmão Cristiano, porque Rosalino acusa sinais de despertamento de sua consciência espiritual. O seu espírito, talvez já se livrou das imagens aterradoras do fogo e das aflições dos seus últimos momentos de vida carnal, mas percebemos a interferência de algumas idéias reflexas de existências anteriores, associadas na sua mente excitada e capazes de causarem-lhe alguma confusão mental ao despertar em nossa esfera. Creio que êle precisaria cingir-se apenas aos quadros educativos da última vida carnal, de cantor, para melhor ajustar-se à atual vigília espirituali Sem dúvida, o nosso trabalho socorrista foi muito beneficiado pelas vibrações sedativas transmitidas da Terra pelas preces enviadas pelos seus conterrâneos e dezenas de beneficiados. Isso reduziu bastante o período aflitivo, peculiar a esse tipo de desencarnação violenta, além de ajudá-lo a se reajustar na sua verdadeira condição espiritual de vida no além-túmulo.

Irmão Cristiano sentou-se ao lado do leito de campanha revestido com lençóis alvíssimos e sedosos. Concentrou os olhos como duas lentes a convergirem sôbre a região do hipotálamo de Rosalino. Os demais companheiros mantinham-se silenciosos e expectativosi Depois daquela concentração vigorosa, ativa e minuciosa, êle exclamou, satisfeito:

— A recuperação de Rosalino é excelente! — E levantando-se, num gesto de quem deseja aliviar a musculatura perispiritual, acrescentou:

— Embora estigmatizado pela prova retificadora do fogo, a qual êle pressentia incessantemente na vida carnal,. Rosalino retorna para nós em condições melhores do que muitos desencarnados comuns. Êle se preparou bastante antes de descer à carne e solucionar suas dívidas cármicas de Sevilha, Portugal e Lombardia. A sua nova disposição espiritual de meiguice, bondade, desprendimento, generosidade e honestidade, elevou-lhe o padrão sidério a ponto de imunizá-lo na desencarnação contra os efeitos estigmatizantes de sua contextura perispirituali Merece, portanto, a messe de orações transm'tidas da Terra por seus amigos, parentes, beneficiados e pelo povo que o amava, amenizando-lhe as angústias da partida violenta da matéria.

Irmão Cristiano, olhou, comovido, para Rosalino, imóvel, aduzindo:

— São decorridos apenas seis dias e êle está quase recuperado!

Naquele momento penetravam pelo aposento flocos luminosos, parecidos a escamas de peixe transparentes e, dum colorido entre o lilás suave e o róseo puro. Pousavam na zona cerebral de Rosalino e ali se desfaziam em pulverizações cintilantes. Em seguida, êle

desenrugava a fronte contraída e os pulmões pareciam elevar-se num ritmo suave e repousante.

Os encarnados jamais poderão imaginar o poder da prece amorosa produzida pelos corações plenos de gratidão, cuja natureza benfeitora e energética tanto fertiliza os fracos como balsamiza os sofredores! — comentou Cristiano.

Depois dessa apreciação, êle pôs a mão no queixo e fitando demoradamente o rosto tranqüilo de Rosalino, acrescentou:

— O cântico também é uma prece! Rosalino, apesar de ter sido apenas um cançonetista popular, no Brasil, soube escolher o assunto que cantava. Além de sua voz sonora e cativante, êle também sabia atrair pelas estrofes ternas e respeitosas das canções afetivas, catalizando as melhores vibrações dos sentimentos humanos dos ouvintes, em louvor à pátria, ao lar, aos amigos, à família, à criança e à paz!

Pousou a mão direita sôbre a fronte e a esquerda na parte posterior da cabeça de Rosalino, depois ergueu os olhos para o Alto e numa voz tranqüila, profundamente afetuosa, orou:

"Senhor da Vida!

Fortalece-nos, para transmitirmos ao nosso irmão Rosalino as energias mentais de equilíbrio e harmonia, de poder e contrôle, para êle se reajustar ao ambiente de nossa vigília espiritual. Senhor, ajuda-nos, porque já aprendemos a confiar no vosso Amor e na Vossa Sabedoria!"

Logo a seguir, o halo de luz que circundava a cabeça do espírito de Cristiano, apresentando uma côr verde-seda ou verde-palha das fôlhas tenras, foi-se esmaecendo substituido por um matiz amarelo claríssimo, atraente e respigado de tons de bronze velho a diluir-se ràpidamente para um amarelo dourado translúcido. (1) Através dos braços da venerável entidade fluia até suas mãos, colocadas em concha sôbre a cabeça de Rosalino, aquele tom amarelo vivo esmaecendo nas extremidades. Alguns minutos depois Cristiano mostrou-se satisfeito e bem recompensado do labor espiritual, quando verificou que o amarelo dourado transferido pelas suas mãos, também se polarizava em tôrno da cabeça do paciente, formando um halo amarelo, menos brilhante, mas tarjado de nuanças lilases e fulgurações violetas. (2)

— Bela recuperação espiritual! — repetiu Cristiano, algo emocionado. — Alguns séculos de contradições, egoismos, frieza, fanatismo, cobiça e Rosalino os resgatou em meio século de sua existência humana, conseguindo o desligamento cármico pela renúncia, ternura, humildade e filantropia. E, louvàvelmente, ainda partiu da carne com as credenciais de benfeitor!

Em seguida, o espírito de Cristiano caminhou para a porta e fazendo um aceno cordial com a mão direita, despediu-se de todos, acrescentando, jovialmente:

— Helo, Rosalino! Podem acordá-lo; êle alcançará "Mansão Esmeralda" com as próprias fôrças! Tenho certeza!

Domício, o chefe dos "homens brancos", estendeu 03 braços sôbre o corpo imóvel de Rosalino e pôs-se a fazer-lhe passes longitudinais, demorando-se um pouco em cada plexo per:spiritual, e gastando mais tempo à altura do ventre na região do plexo solari Depois prosseguiu lentamente, até os pés, fechando as mãos e recuando num gesto de desligar-se da corrente magnética na técnica da polarização. Dali há poucos minutos, Rosalino manifestava estremecimentos nas pontas das mãos e dos pés. Os lábios mexeram-se. Contraiu as pálpebras, serpenteando-lhe pelo corpo um movimento de vida a superar o repouso demorado.

— A circulação perispiritual se restabelece, — explicou

o passista, voltando-se para os demais amigos e aduzindo: —Como disse irmão Cristiano, a recuperação de Rosalino é uma coisa surpreendente! Assim dá gôsto da gente trabalhar!

Ergueram-lhe um pouco a cabeça no travesseiro minúsculo e outro assistente enfiou-lhe nos lábios uma chupeta ligada a um frasco parecido com as mamadeiras dos recém-nascidos e apertou-o, como se fôsse de plástico, fazendo Rosalino ingerir o tradicional líquido, que eu já me acostumara a observar em certos casos, cuja côr de morango ou cereja mostrava sempre uma aura radioativa. Decorreu certo tempo, quando ele abriu os olhos, calmamente, e volvendo-os em tôrno, mostrou-se um pouco surpreso ao defrontar-se com os espíritos sorridentes e até mesmo divertidos que o cercavam em tôrno do leito. Depois também sorriu, bastante lúcido em sua consciência espiritual, pois franziu a testa, num esforço memorativo e a fisionomia inundou-se de júbilo.

— Estou na "Mansão Esmeralda?" — indagou, emocionado.

— Ainda não, irmão Rosalino; mas vamos para lá! —redarguiu Domício, gentil.

— E vocês são a "Equipe Branca"?

— Para o servir, companheiro!

E todos curvaram-se delicadamente, num gesto de extrema cortesia. Rosalino sentou-se no leito de campanha, enver gou um caprichoso traje cinza-claro, que lhe estendeu um companheiro. A um sinal do chefe, a caravana, sem muita hesitação e dramaticidade, pôs-se em movimento rente à superfície da Crosta, até alcançar um "pôsto socorrista" junto à orla de uma praia santista. Ali viviam diversos tarefeiros do reino vegetal, dirigidos por um espírito de aspecto rude, alto, robusto e majestoso, contudo cordial e serviçal, que os atendeu:

— Mestre Guaciro! — exclamou Domício, cujo tratamento especial e lisonjeiro pareceu agradar bastante ao interpelado. — Quer ter a bondade de manipular alguma cota de energia vital de mamoeiro, abacateiro ou mangueira, para revitalização do irmão Rosalino, porque daqui iremos num vôo longo e energético até "Mansão Esmeralda"? (3)

— Com todo o prazer! — retrucou a entidade de aspecto primário, vestido com traje simples, em côr verde-mar, o que não conseguia disfarçar-lhe o porte imponente do cacique brasileiro. O interpelado reuniu meia dúzia de selvícolas e todos desapareceram por entre as frondes das árvores frutíferas da propriedade terrena, onde se situava o pôsto espiritual socorrista denominado "Mestre Guaciro".

— Repousemos um pouco, enquanto nossos irmãos cooperadores do reino vegetal preparam o "tônico vital" pela extração das emanações abençoadas das árvores frutíferas criadas pelo Pai. — Convidou Domício, sentando-se na grama verdejante, cujo toque perispiritual ativou os eflúvios luminosos do "éter físico" a fluir por entre as folhinhas tenras.

Reparando na atitude de Rosalino e pressentindo-lhe as elucubrações mentais ou memorizações do passado, disse-lhe, num tom afetuoso e conselheiro:

— Aproveite êsse hiato, irmão Rosalino, para fazer a catárse das lembranças confrangedoras que tumultuam-lhe a mente. Limpe-a o melhor possível para chegar à "Mansão Esmeralda" liberto do pretérito e ensejar uma vida sadia e venturosa no futuro. Extinga as sombras obscuras do espírito e a nossa volição será mais segura e mais rápida.

Rosalino agradeceu com o olhar compreensivo. Recostou-se num belo tronco de magnólia, entrecerrou os olhos mergulhando no mar revôlto das imagens agitadas na mente pela sua hipersensibilidade perispiritual. Sob o poder fabuloso do espírito, senhor da memória sideral de todos os gestos, pensamentos e atos pregressos, êle regressou ao passado fixando-se no momento em que teve início aquele débito espinhoso na contabilidade divina.

Viu-se sentado junto à pesada mesa de mogno e investido nas funções de monsenhor Domingos Serrano, um dos juízes do Santo Ofício da Inquisição de Sevilha, no século XV, sob o reinado dos reis católicos, Fernando e Isabel. Ele também havia sentenciado hereges, judeus, renegados e relapsos católicos às fogueiras estorricantes, em nome da Justiça de Deus! A adquirira o terrível "carma do fogo", naquela existência clerical, onde confundira a devoção, a fé e o sentimento religioso, com as próprias paixões de cobiça, ambição, fanatismo

e vinganças políticas. Exausto das vidas pregressas tumultuosas e censuráveis, saturado da companhia de inúmeros comparsas que o instigavam das Sombras, deixou-se tocar pela inspiração divina do espírito que lhe fôra mãe carnal e curvou-se, submisso, ao programa cruciante de purgação dos tóxicos nocivos perispirituais. Rosalino sofreu por quatro vezes a tortura das fogueiras da Inquisição, às quais êle condenara diversas criaturas, sendo queimado em Aragão, Lisboa e Sevilha. Na penúltima existência, encarnando-se na Itália, em Lombardia, na figura de um belo e famoso cantor de estradas, cuja voz encantava nas trovas amorosas, êle, ainda, se deixou tentar pela cobiça e falsidade. Uniu-se à uma jovem aldeã, herdeira de excelente fortuna, mas em vez de cumprir a promessa de união conjugal, não só a abandonou num dia infeliz, com dois filhos espúrios, como despojou-a dos bens mais valiosos. Entretanto, o "carma do fogo" sob a implacabilidade da Lei estava à espreita, e o trovador Rosalino, como também se chamava naquela existência, foi saqueado por bandidos que o limparam de jóias, ouro, moedas e valôres roubados da companheira infelicitada. Ao procurarem dar sumiço à prova do roubo, os salteadores espancaram-no, atearam-lhe fogo ao corpo, atirando-o semi-vivo grota abaixo.

Rosalino ao terminar a evocação pretérita suspirou longamente, compreendendo o motivo porque o fogo sempre angustiava-lhe a alma. Ele temia o fogo como inimigo e algoz, certo de que seria enlaçado por suas línguas coruscantes e destruidoras, ante o primeiro descuido. Fugia dele! Enervava-se ante a sua imagem mesmo pintada ou fotografada. Assustava-se com o clarão dos relâmpagos, das luzes súbitas dos faróis de automóveis ou da idéia de aviões em chamas. Mas agora sentia-se calmo e venturoso. Gozava de inefável paz de espírito, com a esperança de ter cumprido o destino tormentoso e conseguido boa nota espiritual. Aliás, também resgatara a dívida que contraíra com Lumila e os dois filhos adotivos, tendo-lhes devolvido, através do canto, a fortuna surrupiada na Itália, quando era um belo rapagão de alaúde em punho a cantar trovas românticas. Oxalá, estivesse definitivamente liberto da angústia do fogo e pudesse viver em futuras existências educativas na carne, sem esse recalque atemorizante. Súbito, sem poder dominar o fenômeno ideoplástico mental, Rosalino viu-se inexplicàvelmente diante de línguas de fogo serpenteantes a crescer em sua direção. Surpreso, porém, não assustado, ficou espiando tranqüilamente o fogaréu, quase divertido com as volutas chamejantesi Jubiloso e desafogado, verificou que o fogo já não se mostrava seu adversário ou algoz. Era o amigo purificador na própria lei, de que "os semelhantes curam os semelhantes"!

Nesse momento, Mestre Guaciro retornou. A sua silhueta recortava-se contra o sol da tarde, traindo o porte de um gigantesco tupinambá à paisana. Trazia a preciosa substância vital extraída das emanações "etéreo-físicas" das árvores frutíferas. Sob a técnica e o conselho de Domício, Rosalino fez-se bastante receptivo para absorver pelos poros do perispírito e pela respiração, a carga energética do "tonus-vegetal" que lhe era ministrada numa operação sem similitude na matéria.

Dali a pouco, a caravana chefiada por Domício volitava segura, sustentada pela energia mental originária da jubilosa sincronia espirituali O céu estava claro, de um azul translúcido. A superfície da Crosta terráquea matizara-se de tons verde-escuro das florestas e verde-claro dos campos. O litoral surgia emoldurado pelo beje das praias arenosas e recortado pelo oceano banhando as orlas de Santos, S. Vicente e Guarujá. Rosalino sentia-se a ave feliz de retôrno ao ninho querido situado entre flôres siderais.

Algum tempo depois ele divisou ao longe, como preciosa jóia suspensa no Espaço, a silhueta da "Mansão Esmeralda", estância espiritual venturosa a refulgir luminosa entre o arminho do éter multicor. Ali naquela comunidade espiritual transitória, verdadeiro "oasis" de repouso às almas fatigadas pela ascenção na busca da consciência cósmica, Rosalino também

estagiara algum tempo, quer aprimorando sentimentos e treinando bons propósitos, quer haurindo energias espirituais necessárias para o êxito da prova cármica no Brasil.

Logo à frente, surgiu munificente portal recortado num azul suave e emoldurado por um halo lilás delicadíssimo. Quatro colunas confeccionadas de um alabastro refulgente suportavam a arcada, cujo tom azulado pendia para um verde de fôlha nova. A luz interior revelava nitidamente os rendilhaangélica. Encantadora cortina de lilás-róseo e de pingentes prateados, balouçava as dobras sob o impulso de misteriosa brisa carregada de perfumes e combinações odorantes, que faziam lembrar os lírios, narcisos e jasmins da Terra.

Rosalino, profundamente enternecido, não pôde conter as lágrimas a lhe aflorar aos olhos diante do pouso edênico da comunidade espiritual, de tão grata recordação antes de reencarnar-se no Brasil. Em seguida, ele ouviu um conjunto de vozes infantis cantando sublime melodia e ficou mais comovido ao reconhecer o primeiro verso da "Nona Sinfonia", de Beethovem, quando as vozes humanas misturam-se com a orquestra e atingem o primeiro "climax", na canção, "E o Querubim está diante de Deus", (4) cuja melodia era a saudação tradicional da "Mansão Esmeralda", aos filhos que retornavam da carne libertos do processo de retificação cármica.

A cortina de lilás-róseo abriu-se, de chofre, Rosalino sentiu vibrar tôdas as fibras da alma, ante as frondes formosas dos arvoredos, dos caminhos polvilhados de areia fina e sedosa, que se abriam para a formosa estância de repouso espiritual e preparo reencarnatório.

A mansão estendia-se através de inúmeros pavilhões decorados ao gôsto oriental, submersos entre flôres e vegetação encantadora envôlta na musicalidade dos pássaros multicores, semelhantes aos pintassilgos, sabiás, azulões, rouxinóis e rolinhas brasileiras. Êle pousou os joelhos no solo aveludado e beijou-o com ternura e afeto. O filho retornara à pátria querida, depois de longo período de ausência. Nesse momento, esplendorosa mulher nimbada de luz solferina e filigranada de focos prateados, achegou-se a Rosalino e o atraiu para si, num amplexo amoroso, dizendo-lhe satisfeita:

— Rosalino, meu filho, seja benvindo ao lar!

Enquanto isso, êle aconchegava-se em doce quietude no seio daquela alma benfeitora, que algumas vezes fôra sua mãe carnal, na Terra, e o convencera de se libertar dos pecados pretéritos aceitando o sofrimento retificadori Eis que, também, se aproxima dele um grupo de "querubins" vestidos de sobrepeliza rósea e saiote azul-claro, oferecendo-lhe um buquê de violetas e rosinhas miudas de suave fragrância. Rosalino enterneceu-se diante dos coroinhas do céu que lembravam-lhe o saudoso "Côro dos Meninos da Igreja do Bom Jesus", naquela gentil oferenda de flôres simbólicas da saudade e do amor.

De repente, arregalou os olhos sob deliciosa suspeita, quando viu de costas para si, e empunhando a batuta de regente, um espírito ladeado por infinidade de focos de luzes verde-claro, pontilhados de raios azuis e brancos, dirigindo o coral de meninos à sua frente. Rosalino, quase nas pontas dos pés, deu a volta e pôs-se diante daquela entidade tão refulgente; e ali ficou, boquiaberto, fitando-a com indizível espanto.

Frei Benito, rosto alvo e a barba de capuchinho, estava metido num magnífico hábito branco, de mangas largas e cordões de um carmim puro. Sorriu jubiloso, sem disfarçar sua emoção angélica e exclamou, espalmando a mão direita num aceno cordial:

— Olá, Rosalino!

Erguendo a batuta e rodeando-a no ar, como era costume fazer na Igreja do Bom Jesus, na Terra, então comandou com voz angélica, ao mesmo tempo afetiva:

— Vamos, menino; é a sua vez de fazer o solo!

Enquanto o coral dos meninos mais semelhantes a serafins rosados iniciava um murmúrio caricioso e encantador, Rosalino elevava a voz cristalina e atraente, pronunciando as primeiras frases musicais da terníssima "Ave Maria" de Schubert.

***(1) O amarelo dourado represen[a na cromosofia astral os efeitos da' mente; o tom claro e translúcido define objectivos intelectuais elevados e os matizes escuros ou oleosos, quando se trata de criaturas que subvertem esse poder para fins egocêntriccs.***

***(2) Os matizes lilases e violeta definem a humildade, a resignação o doçura.***

***(3) Aconselhamos o leitor a compulsar o capítulo "Entre Arvores", da obra "Os Mensageiros" e o final do capítulo "Cidadão do Nosso Lar", da obra "Nosso Lar", ambas descrevendo acontecimentos semelhantes e ditados pelo espírito de André Luiz a Chico Xavier. Edições da "Livraria da Federa. ção Espirita Brasileira".***

***(4) Hino com orquestra e côro da Coral beethoviniana, cantada em :alemão: "Under Cherub steht vor Gott".***

# A SERRARIA

Mês de junho. O Sol resplandecia num céu azul-claro,. prateando num toque mágico as nuvens dispersasi Os telhadas brilhavam e escorria o orvalho da noite, pois, embora estivesse bastante frio, ainda quase não geara. O barracão da serraria estava na encosta da colina suave, firmado sôbre esteios de toros compridos e cortados de pinheiros finos, que ainda deixavam à mostra os nós resinosos. Os grotões mais profundos desPareciam sob as toneladas de serragem de um fõfo pardacento, que a locomóvel não pudera consumiri A chaminé da casa da máquina soltava um fumo preto, enovelado, de começo de fogo. Os operários saíam das casas, alguns agasalhados por blusões de flanela, outros tiritando de frio . Quando falavam ou tossiam soltavam vapores dos lábios a confundir-se com a fumaça azulada dos cigarros. Ouvia-se o mugir dos bois ao serem atrelados nos carretões de puxar toras do matão. A estrada para a mata subia escorregadia por entre os barrancos de capim amarelecido, e, depois, se perdia, lá ao longe, no meio dos bosques ricos de pinheiros, canelas, imbuias e perobas.

Súbito, ouviu-se um silvo longo e sonoro, respondido• pelo eco a morrer longínquo nas encostasi Era o apito habitual de tôdas as manhãs, apressando gentes para os serviços,. fazendo outros acertarem os relógios nas choupanas pobres ou. nas vivendas ricas. No alto do morro o sino da capelinha convidava os mais folgados à missa das seis. Os caminhões, começaram a esquentar os motores e a vida a se fazer. O ar enchia-se do pio de galinhas, grito de aves, papagaios, grunidos de porcos, mugir de bois, balidos de ovelhas e pelo grasnari rachado dos marrecos. Era um atropelo entre eles, às bicadas.

e mordidas, deixando o terreiro em desassossego. A tudo isso. misturava-se o grito dos boiadeiros e as ordens estentóricas; dos capatazes.

Leonardo, maquinista improvizado por fôrça da morte do velho Gustavo, a quem antes ajudava na limpeza da máquina e cuidava do fogo, examinava o manômetro da "Wolff", loco-

móvel moderna, que ele tratava melhor do que sua mulher, pois, dizia; "ela só falta falar".

O dorso de ferro cintilante estava luzidio. Os corrimões niquelados faiscavam bem como os dourados das cintas, dos êmbolos e dos frizos das portinholas. A máquina resfolegava, satisfeita, numa respiração tranqüila, enquanto os seus pulmões de aço expiravam o vapor usado, pela chaminé comprida e segura pelos cabos de aço . De vez em quando, Leonardo abria a fornalha econômica, adquirida Ultimamente pela firma "Indústria e Comércio Irmãos Cardoso Ltda.", e jogava para dentro da bôca chamejante algumas pás de serragem avivando o fogo e aumentando a fumaça em cima.

Estopa na mão, limpa aqui, esfrega ali, lustra acolá, ele pensava no rumo descolorido de sua vida naqueles confins. As dificuldades humanas cresciam cada mêsi Chegara aos quarenta anos, bom de saúde e forte de corpo; mas já havia falido duas vezes nas empreitadas de toras no mato, ora devido ao excesso de chuvas, ora em virtude da mesquinharia do velho Cardoso. Ainda seria simples ajudante de caminhão, ou empilhador de madeiras, se o velho Gustavo não o tivesse aceito como ajudante de maquinista. Quando ele esticou os gambitos, Leonardo passou de foguista a manobrar a "Wolff", cuja tarefa lhe era bastante familiar, pois há tempos substituia o velho Gustavo nos seus porres compridos. Contudo,. os sovinas dos patrões fingiam não perceber a mudança e deixaram tudo correr sem lhe dar o aumento de ordenado correspondente à nova responsabilidade. Decorriam três anos e Leonardo continuava a assinar a fôlha de pagamento com o salário de um

simples empilhador de madeiras. Tinha de começar o fogo pela madrugada, a fim de tocar a serra "Tissot" às sete horas no inverno, e às seis horas no verão. Além disso, era o último a sair, e quando havia serão ele dormia ali mesmo, na casa da máquina, atento ao despontar da madrugada.

Leonardo compensava' a falta de interesse dos patrões tratando bem a locomóvel, aquela "diaba" de ferro, aço e metal cromado, — confidente silenciosa de alguns anos de suas queixas e lamentosi Precisava ganhar mais, porém, estremecia ante a idéia de enfrentar o velho Cardoso, seu patrão, português usurário e capaz de roer as unhas para não gastar, reclamando de tudo e de todos.

Uma onda de azar amargava-lhe a vida. O salário magro da serraria sumia-se na comida e nas doenças de casa. A situação era desesperadora, quando Leonardo soube que o velho Joaquim Cardoso havia melhorado alguns operários, que ameaçavam trabalhar na fábrica de pasta mecânica de Tijucas; então encheu-se de coragem e rosolveu tentar a sorte pedindo aumento de ordenado. Espionou uma semana os passos do velho Cardoso; queria pegá-lo de boa-maré. Viu-o sentado no escritório, a sós, remexendo em papéis sôbre a escrivaninha.

Leonardo acendeu um cigarro, concentrou suas energias mentais e entrou no escritório rústico, feito de tábuas de pinho de terceira qualidade pintadas a cali Achegou-se ao balcão-zinho de ferro paulista, pôs o chapéu no canto, mirando, de esguelha, o patrão todo absorvido a examinar romaneios, notas fiscais e papéis do serviço do guarda-livros Waldemar, que fôra almoçar mais cedo. Cardoso, como se fôsse tomado por um mau presságio, ergueu os olhos do "pince-nez" sujo de pó de serragem, e sem mesmo esconder a sua antipatia indagou, cauteloso e frio:

— Que é que há, seu Leonardo?

Êle sentiu o sangue fugir-lhe das veiasi A respiração afogueou-se e não podia compreender porque ficava gelado e temeroso diante daquele homem velho, obeso e desumano, mas fácil de ser batido com um sôco do braço musculoso. Decidido e brusco, largou a bomba:

— Eu queria pedir um aumento, seu Cardoso. As coisas andam cada vez mais ruins lá em casa. Estou com a mulher doente e os guris encrencados. O senhor sabe; vai um dinheirão prôs médicos!

Cardoso nem pestanejou. Continuou remexendo papéis, impassível e alheio à aflição de Leonardo. Depois, num gesto de protesto, voz mansa e seca, advertiu:

— Leonardo, o senhor escolheu a pior época do ano para pedir aumento. A crise vem aí e faz a gente até pensar em acabar com a firma.

Leonardo coçou-se, desajeitado.

— Bemi Bastava o senhor dar o salário de maquinista e algumas horas extras, para me deixar servido e satisfeito. Acho que não é pedir muito!

Desta vez Cardoso largou a papelada e fitou o empregado, com um ar sério e mal-humorado:

— Raios! Homem de Deus! Então não basta a confiança que depositamos no senhor? Alguém lhe tirou a máquina, desde que morreu o velho Gustavo?

Bem, — gaguejou Leonardo, indeciso — mas acontece que o serviço aumentou. Antes eu era ajudante, agora trabalho como maquinista responsável. Tenho feito serão e madrugadas para dar conta do recado!

— Se fôr para a firma lhe pagar salário especial, então •é melhor contratar um maquinista de longa prática; que saiba poupar a "Wolff". — E depois de um pigarro cronicificado pelo fumo mal cheiroso, o velho acrescentou, significativo. —Não tivemos

parados dois dias, em fevereiro, só porque o senhor não conseguiu desentupir as válvulas?

— Bem, seu Cardoso; as válvulas entupiram naqueles dias, porque é preciso limpar a locomóvel todo o mês, com gasolina e ar comprimido. Ela trabalha de sol a sol sem parari

— O caso é que o senhor é o responsável, não eu. Podia fazer isso muito bem num domingo sim e noutro não. — E num gesto de censura: — O que fica fazendo aos domingos, aí nesses matos? Jogando truque, bebendo pinga, atirando castanholas? Eu aproveito o domingo para pôr muitas coisas em dia..

— Bem, a gente vai para a casa da sogra, tem de visitar os parentes ou precisa ir à uma festa, de vez em quando, pois somos mortais!

Cardoso mostrava-se inquieto e não ajeitava a papelada na mesa; entretanto, parecia desmanchar o serviço feito. Havia necessidade de anular aquele impulso oneroso para a firma. Doía-lhe fazer concessões. Sem saber porquê, alguma coisa estranha o fazia até sentir prazer em negar favores a Leonardo.

— Outra vez a "Wolff" não começou a patinar, caindo a produção e esquentando as juntas? E daí?

— A locomóvel patinou, só por falta de breu nas correias; mas a culpa foi do almoxarifado, que deixou acabar o estoque velho sem fazer pedido.

Cardoso afastou a cadeira, puxou a calça caída abaixo do umbigo, movendo o corpo obeso e atarracado entre a mesa e .0 balcão, apanhou a cuia de chimarrão fumegante, que o servente aprontara no fogareiro a álcool, ajeitando a bomba de metal com relevos de prata. Súbito, num gesto de cordialidade estendeu-a em direção a Leonardo, oferecendo-lhe:

— Aceita?

Era o único elo de aproximação humana, que às vezes se fazia entre o patrão e os empregados mais velhos e importantes, pois êle os considerava matéria-prima tão incolor e útil corno suas toras e tábuas.

— Aceito! — acedeu Leonardo com esperança de amolecer o velho na troca cordial do chimarrão.

Enquanto durava o silêncio, apenas interrompido pelos goles de água fervente e esverdeada da erva-mate, que Leonardo chupava, ele refletia: "O velho Cardoso era o exemplo de dureza, sovinice e egoismo. Ficara cada vez mais rico. Era o tipo do madeireiro muito comum naquelas bandas. Sempre inconformado com as leis fiscais e imposto de renda. Lamentava o tempo, a chuva, a carestia, as quebras dos caminhões, o caruncho nas madeiras e os aumentos de salários. Conforme suas queixas incessantes, jamais tivera lucros na indústria; no entanto, derrubara a casa velha e erguera no lugar ampla vivenda sôbre pisos de cimento e áreas de lajotas "Si Caetano". Comprava terrenos, imbuias, pinheiros e perobas, possuindo reserva de madeira para serrar cinqüenta anos sem parar. De seis em seis meses trocava as juntas de bois por outras luzidias e fortes. No fim do ano chorava os prejuízos dos gastos nos caminhões velhos, todavia os trocava por uma frota nova e

mais possante. Abria estradas no mato recheado de árvores para o corte. Ampliara a afiação e pusera trilhos "decauville" para os vagonetes transportarem madeiras dentro da serraria, do pátio para o monturo de serragem. Quando tudo parecia de mal a pior, eis que chegou a "Wolff", tôda empinada num carretão e descida em Curitiba, para- substituir a velha locomóvel "Lincoln".

— Quem é que tem coragem de aumentar sua indústria, com essa política errada do Governo, cujos afilhados roubam como ratos nos celeiros? Se não fôsse a família, há muito tempo eu teria desistido de tudo isso! — E Cardoso fez um gesto largo com a mão num círculo precário, tentando abarcar tôda a vasta propriedade espalhada por quilômetros e quilômetros. — Curvando a cabeça, meio calva, apontou os cabelos desbotados, dizendo. — Olhe aqui; perdi meus cabelos nessa empreitada só de sacrifício! — Encheu a cuia

de chimarrão e estendeu outra vez a Leonardo:

— Vai mais uma?

— Vai!

"A família do Cardoso", pensava Leonardo, sorvendo outra vez a água quente esverdeada, "tinha do bom e do melhor. Os filhos estudavam na cidade; um deles seria médico naquele ano, outro engenheiro e o mais môço cursava direito. Os dois mais velhos, filhos da primeira mulher, gerenciavam o escritório de exportação, em Curitiba, e a casa de despachos no pôrto de Paranaguá. Os genros cuidavam do entreposto de tabuado, em Jaguaré, S. Paulo. Quando vinham visitar o velho, quase sempre traziam automóveis do último tipo, num esbanjamento de dinheiro. Os "Irmãos Cardoso" exportavam imbuia para a Alemanha e serravam toras para as laminadeiras da Capital. Aproveitavam os quadradinhos das costaneiras de pinho e faziam cabos de primeira qualidade para os Estados Unidos e as sobras vendiam no mercado interno de Si Paulo. As tábuas de terceira e quarta qualidade entravam nas cotas do Instituto do Pinho, sendo exportadas para a Argentina."

Leonardo terminou de chupar o chimarrão e de pensar. Passou a cuia e disse, reagindo às queixas do patrão:

— O senhor está feito na vida; mas desta vez preciso de aumento. Já nem é aumento, porém caridade! Minha mulher está esperando o quinto filho, e, falando com franqueza, não posso comprar as roupinhas dele, quanto mais pagar a parteira!

A voz dramática de Leonardo quase fêz estremecer a bomba pulsante que o velho tinha no lugar do coração. Agora êle estava à janela, meio abstrato, olhando para o pátio, onde os carretões despejavam excelentes toras de pinho provindas das matas da Tijuca.

— Leonardo! — interrompeu êle, meio amuado. — Não me julgue mal, sinceramente, sinto não poder atendê-lo, devido à crise, às novas leis do impôsto de renda, fiscalizações arbitrárias, taxas de exportação e as despesas do pôrto de Paranaguá, cada vez mais escorchantes! Garanto a você: nenhum serrador, nestas redondezas; vai poder aumentar os seus empregados. Ah! Isso não vai! Sabe quanto por cento aumentaram os fretes, impostos de vendas e consignações, imposto de consumo por cabos beneficiados? Sabe?

Leonardo não sabia; apenas pôde balbuciar sem convicção:

— Desta vez necessito de melhora, seu Cardoso! O negócio é sério mesmo!

Cardoso não ouviu-lhe a nova solicitação. Inflamado pelo protesto contra a carestia e o roubo nos impostos, enfiou as mãos nos bolsos da calça, e num tom quase profético e desesperador, aduziu:

— Ontem, ainda falei com o Zenatto, o feitor, e trocamos idéias para demitir os empregados mais novos, porque segundo vão as coisas, teremos grandes prejuízos, ou vamos trabalhar só de graça. E num arremate filosófico, onde pôs tôda a fôrça verbal e veemência: "Então o negócio vai ser nessa base: vamos trocar "seis" por "meia dúzia"!

Leonardo estava desesperado. A mãe envelhecida e reumática morando com êle. A mulher escarrando sangue e pondo em perigo as crianças, sem poder lavar roupa para fora num bom ajutório. O segundo filho era um infeliz retardado, a olhar para o fôrro do quarto o dia todo, no fundo da cama, paralítico. A sogra que o ajudara um pouco e vivia da renda de uma chacrinha na colônia Muricy, mudara-se para Curitiba, escrevendo para êle vender o terreninho, a fim dela viver os últimos dias sem passar fome.

— É! A vida de operário é miséria mesmo! — falou num tom vago e desconsolado.

Numa tentativa algo estratégica, fruto do desespero, aventurou-se:

— Acho que tenho de mudar o rumo de minha vida! Devia me meter com qualquer coisa por aí, para ganhar um pouco maisi Assim não é possível, pois a gente fica marcando passo e as coisas piorando!

Cardoso nem tugiu, nem mugiu, fazendo ouvidos moucos ao tom lacrimoso do interlocutor. Impassível, calculou ràpidamente o tempo de serviço de Leonardo; quase nove anos de registro e perto da perigosa estabilidade com indenização dupla. Seus olhinhos miúdos piscaram atrás do "pince-nez", e a voz se fêz algo acariciadora:

— Eu não costumo segurar os meus empregadosi Quero que eles progridam, embora eu sinta a sua ausência! Um dia, eu também abandonei um emprêgo sem futuro e tentei trabalhar por minha conta! É certo que fui um boi dia e noite sem descanso! Mas, se tenho alguma coisa, devo a essa minha decisão: me libertar de emprêgo!

Depois de uma pausa, acertando a mira do fuzil para o tiro final, exclamou com disfarçado desinterêsse: — O Travassos, maquinista dos "Irmãos Prevedelo" ainda na semana passada me pediu emprêgo. Éle tem um sitiozinho aqui por perto e quer que os filhos façam plantação. Eu só não me interessei por êle, para não deixar você sem emprêgo. —Encolheu os ombros, encheu a cuia de água fervente e estendeu-a novamente para Leonardo:

— Vai mais uma?

— Não! Obrigado! — replicou Leonardo, agora sem in teresse de aproveitar aquela circunstância cordial, mas inútil. Vendo-se ameaçado longinquamente de deixar o emprêgo, Leonardo olhou para a chaminé da locomóvel, e num gesto desolado alegou:

— Bem; vou aumentar o fogo na fornalha, acho que está no fimi — E saiu do escritório como um cão surrado. Junto à "Wolff" êle se desabafou: — É, minha velha! Esse mundo é uma infelicidade mesmo; os patrões ficam podres de ricos e choram miséria chupando o sangue da gente! — Num longo suspiro, arrematou; — Mas Deus é grande!

A vida do infeliz Leonardo piorou dia a dia. O quinto filho nasceu com os membros atrofiados e terrível infecção no couro cabeludo. Marquito, guri vivo e solerte, quebrou o braço ao cair de uma guabirobeira, e devia ir a Curitiba consultar um especialista. Belinda, a mulher, tentou fazer alguns acolchoados de penas de ganso para vendê-los em Si José; mas alguém malévolo contou que era tuberculosa e ninguém comprou-lhe a produção modesta.

Chegou o dia em que êle ficou em pânico e atordoado. O médico exigiu o internamento imediato da mulher atacada por tuberculose miliar, em adiantado estado. O caso era sério, grave e perigoso, e sobretudo contagioso. Leonardo não teve outra solução, iria falar com o patrão de qualquer forma. Achegu-se a êle, mais uma vez, arrasado e nervoso:

.— Seu Cardoso! O senhor sabe que estou numa urucuba-
ca danada!

— É! Eu soube! A doença estraga a nossa vida. Eu mesmo não me sinto bem ultimamente. Tenho uma dores que não me deixam dormir direito. — Botou as mãos sôbre os quadris à altura dos rins, acrescentando num tom confrangedor. — Creio que são os rins, não é?

— Deve ser. — Grunhiu Leonardo, com os olhos fixos nas tábuas do soalho. — Eu preciso de um empréstimo, para 'descontar em seis vezes. Estou arruinado com as doenças! Só dando um tiro no ouvido eu mudava a situação!

Cardoso mal continha a sua ira, pois era homem que perdia a cabeça, quando alguém tentava arrancar-lhe dinheiro com motivos sólidos, que não podia negar. Uma tempestade rugia sob os seus nervos tensosi Restos de decôro humano ainda o impediam de emergir à periferia o seu caráter mesquinho, sórdido e duro. Então desabafou numa voz de censura e advertência:

— Leonardo, eu não sei trabalhar assim, com empregado em volta de mim a pedir aumento, ajutório e empréstimo! Raios! Preciso ter a "cabeça fria" para dirigir isso aqui, pagar as dívidas e os compromissos em dias certos! Se vocês trabalham e ganham o pão de

casa, é porque sofro as preocupações, nessa teimosia de tocar a indústria para a frente e sem resultado compensador. Sei que suas despesas aumentaram, porém, que diabo faz você dos seus salários? Por que não faz economia? Não guardou algum dinheiro para essas horas de apuro?

E num gesto, quase heróico:

— Já pensou o que seria de mim, se não fôsse econômico, com a família que tenho?

Leonardo estava alheio a tudo, prêso à uma idéia fixa.

— Se não precisasse não pedia, seu Cardoso. Mas desta vez apelo para o seu coração. Sei que não vai me deixar perecer; tenho certeza. Eu lhe pago; nem que tenha de trabalhar dia e noite, mas preciso internar Belinda no hospital com tôda urgência. É um perigo para as crianças. O senhor já pensou na tuberculose dela espalhando-se pelos filhos?

Cardoso já havia previsto aquilo e há tempos preparava-se para ouvir os argumentos do maquinista. Não tinha diplomas acadêmicos, contudo sentia-se talentoso e mais efi ciente do que muitos homens de "cultura". Defendia-se do mundo pela couraça de obstinação, método e acima de tudo a avareza. Não era homem de ajudar ninguém e nunca faria um negócio sem "ganhar"! Isso era próprio de sua estrutura egocêntrica e da estranha volúpia que sentia ao levar a melhor numa especulação. Ninguém havia de rir às suas costas, nem pôr dúvida à sua sagacidade, astúcia, capacidade e segurança financeira. Êle não cedia empréstimos, e, também, não os pedia. Nunca se ajoelhara diante de gerentes de bancosi Pagava tudo em dia, com desconto. No silêncio da noite louvava-se pela habilidade e o proveito do dia findo.

Ali estava seu empregado, com um motivo sólido e pungente. Seria capaz de comover uma fera e arrancar-lhe o dinheiro. Mas Leonardo já era um caso perdido, estava afundado em tudo e significava-lhe um "mau" negócio! Um negócio perdido, falido! Isso deixava Cardoso frenético e apoplético pela ira surda. Tentavam quebrar-lhe a linha rígida de vida, perturbar-lhe o seu modo tradicional de viver, progredir, comandar e lucrar! Não poderia "perder" ou "ceder", cujos verbos soavam-lhe numa língua estranha, porquanto era únicamente habituado a exprimir o verbo "ganhar". Sua alma vil e avara fazia cálculos velozes. Súbito, animou-se percebendo uma solução, onde poderia conjugar tanto o negócio como o ajutório.

— Leonardo, empréstimo não posso fazer. Jamais farei uma coisá contrária aos meus hábitosi Você sabe, não dou dinheiro emprestado; mas também não peço a ninguémi Não quero abrir precedente na firma. — Encarou o infeliz empregado, e num ar de expectativa, indagou, maciamente:

— Quanto tempo você trabalha na firma?

— Bem. Trabalhar mesmo, trabalho há m2 is de dez anosi O Waldemar é que sabe direito.

Não preciso indagar ao Waldemar, redarguiu Cardoso, num tom amistoso. — Confio em você. Sempre confiei. Escuta, Leonardo. Quer fazer um negócio que vai ajudar a resolver seus problemas e você não precisa ficar devendo favor?

Leonardo tornou-se inquieto e apreensivo. A proposta cheirava vantagens para o patrão.

• — Depende, seu Cardoso, da proposta.

— Quanto era o empréstimo que você queria?

— Vinte mil cruzeiros. Menos não adianta.

— Você está louco, homem!? Vinte mil cruzeiros? E pagar como??

— Desconto uns dois mil por mês.

— E iria viver só com mil e seiscentos, fora o desconto do IAPI? Se você não consegue se equilibrar com o salário de três mil e seiscentos, como vai viver com menor?

— Pois é, seu Cardoso. Eu não tenho culpa. É falta de sorte que me persegue.

Cardoso foi à janela, avaliou a situação e fez cálculos rápidos e frios, sem emoção ou complacência. Leonardo significava-lhe apenas um negócio. Poderia lhe dar lucro ou prejuízo. Voltou-se, decidido, propondo:

— Se você pedir demissão, pago metade da indenização e metade das fériasi Assim você resolve a situação, recebe uns quinze mil cruzeiros e fica sem dívidas! Que tal?

Leonardo mostrou-se aflito e uma revolta subiu-lhe pelo peito. Sentiu um asco enorme daquele homem obeso e viscoso, cujos olhos miúdos, atrás do "pince-nez", tinham a expressão das aves de rapina. A sua indenização exata, contando aviso-prévio, duas férias completas e nove anos de serviço registrado, dariam uns 45.000 cruzeiros, conforme lhe dissera o advogado do sindicato, em Curitiba.

— Tenho uns 45.000,00 para receber de indenização, incluindo 2 férias, nove anos de firma e aviso-prévio de lei! O senhor me paga 30.000, eu topo a parada. Saio até já!

Cardoso nem pestanejou; e ficou descontrolado, sem esconder a ira.

— Nada feito, Leonardo! Eu não o despachei, entendeu? Ofereci-lhe a oportunidade de resolver a sua situação sem fazer dívidas! — E encolheu os ombros, agastado. — Você aceita se quiser! — Moveu-se agitado, pelo escritório, arrumando o tinteiro, mexendo em papéis ou armáriosi E num ímpeto decisivo, quase agressivo, exclamou: — Para liquidar o caso; dou-lhe 20.000 cruzeiros, nem mais um tostão! — Virou as costas e deu por findo o negócio.

No dia seguinte, Leonardo aceitou os vinte mil do Cardoso. Estava desesperado. Assinou os papéis de demissão, mandou a mulher para o hospital e pagou as dívidas mais urgentes, inclusive o médico para o Marquito. E à noite quis beber uma pinga, no polaco, e verificou, surpreso, já estava sem dinheiro! Sem dinheiro e sem trabalho! Uma semana depois voltava a ser ajudante do empreiteiro de mato Juvenal, com salário minguado e serviço mais duro do que tocar a "Wolff"! As despesas da casa passavam de 4.000 cruzeiros; e ele agora só recebia uns 2.000 cruzeiros, na sub-empreitada do corte de pinheirosi Enterrou-se na venda do polaco. Acabou-se o medicamento para o filho paralítico, que dali por diante foi atendido pela vizinhança desde a comida. Marquito e Onofre, menores, ficaram dispersos pela redondeza. O recém-nascido encostado na casa dos padrinhos, até solução melhor. Belinda tinha os dias contados no hospital, em Curitiba, onde faleceu numa tarde triste e nevoenta. Leonardo pusera-se a beber e jogava tôda culpa de sua desgraça naquele velho sovina, completamente arrependido do gesto impensado em aceitar a injusta indenização.

Uma idéia fixa tomou-lhe a mente; a sua desgraça chamava-se Cardoso! Dominava-o a gana mórbida e destruidora de que o velho patrão devia ser responsabilizado por todo o seu sofrimento! E sua cólera ainda aumentava sob o potencial do álcool a que se entregava cada vez mais freqüentemente. O filho nascera-lhe paralítico e o outro quebrara o braço, ficando defeituoso. A mulher morrera tuberculosa e o caçula também sucumbira só pele e osso. Morte, tragédia, dor e pranto ele os atribuía à sovinice, astúcia e esperteza do velho Cardoso, que o pegara num dia infeliz e o fizera abandonar o emprego, iludindo-o com miserável indenização. Agora todos estavam na miséria. Os dois menores, aos trapos, viviam de expedientes censuráveis, furtando das vendas e dos caminhões nas estradas. Hilário, o mais velho, com dezoito anos, entrou à noite no almoxarifado da serraria dos Cardosos e roubou um jôgo de facas de plaina, duas engrenagens de tupia e duas circulares de oito polegadas, vendendo-as por preço de banana na serraria dos Prevedelos. Quando Leonardo soube disso, o filho encontrava-se encarcerado em Si José, devido à queixa apresentada pelo velho Cardoso, que estimou o roubo de dois mil cruzeiros, em mais de vinte mil, "só para aliviar o im-

pôsto de renda", como lhe disse o guarda-livros Waldemar, numa roda de pinga.

Foi o estopim dos acontecimentos. Leonardo mergulhou definitivamente na cachaça e aos tombos pelos carreiros do mato, gritava como louco, que iria incendiar a serraria dos Irmãos Cardoso e liquidar aquela raça infame. E nas bebedeiras sem contrôle, na ira exacerbada pelo instinto animal, uma dia, êle armou-se de um cacete de cabriuva e pôs-se a bater furiosamente na porta da casa do antigo patrão. Quebrou-lhe os vidros das janelas, os vasos da área, fazendo estrepolias, enquanto o pessoal alvoroçado abandonava os leitos em trajes íntimosi Depois de muita luta conseguiram dominar Leonardo, que se debatia aos ponta-pés e soltava os nomes mais indecorosos, dando vasão à violência mal contida em sua alma. Um empregado pegou o "Ford" e dali há pouco trazia o cabo e os soldados do destacamento .

Quando Leonardo acordou-se, na manhã seguinte, os olhos em brasa e a cabeça a romper-se pelos vapores alcoólicos, viu-se, surpreso, na miserável enxerga da cadeia local. Levantou-se, atarantado e olhou pelas grades da prisão; ao longe, um caminhão carregado de tábuas de pinho roncava na subida do morro da Pitanga, rumo à Capital. A manhã estava quieta e fria, emoldurada por céu cinzento escuro. As casas de madeira, em grupos espaçados, derramavam-se pelas margens da estrada e pareciam subir, de lado, acompanhando o caminhão. Passava um cavaleiro de chapéu de couro, grande e virado na frente, caindo-lhe o cordão bordado até o ombro; ia num trote largo, quase rente à cadeia. As crianças, de aventais, pareciam manchinhas brancas movendo-se pela estrada nos carreiros que sulcavam o campo em direção à escola de dona Cotinha. Leonardo achegou-se mais à janela gradeada e espichou o pescoço para a esquerda; lá estava a serraria dos Cardosos. A chaminé da "Wolff" soltando o fumo prêto sob a competência do Fontana. O nôvo maquinista, conforme diziam, ganhava um ordenadão. Chegava até êle o eco do grito dos boiadeiros empurrando os carretões pela encosta do mato. No silêncio da alma, o coração de ferro da locomóvel parecia pulsar junto do peito, avivando-lhe o saudade daquela irreparável separação.

Tudo aquilo entrou fundo na alma de Leonardo; êle sentiu um gôsto amargo na bôca e um espasmo angustioso na garganta. Lembrou-se de sua mocidade; fôra sempre um rapaz alegre, forte e disposto, que se metia nas empreitadas fatigantes e no futebol do clube dos italianos, em Curitiba. Era assíduo freqüentador de todos os bailes do seu subúrbio e gozava da simpatia das môças. Casara-se com Belinda. Foi um festão, de dois dias, quando os pais dela ainda não tinham falido no armazémi Era môça bonita, atenciosa e trabalhadeira, embora sempre sentisse fraqueza, queixando-se de cansaço por coisa atôa. Lembrava a alegria do primeiro filho, — Hilário —, agora prêso em S. José e acusado de um roubo vultoso pelo miserável do velho Cardoso, que havia exagerado o montante do valor surrupiado. Indubitàvelmente, o velho infame fôra o autor de sua infelicidade, o verdadeiro responsável pela sua desdita!

— Saindo daqui hei de matar aquele malvado! — clamou impelido por um pensamento de vingança.

Recostou-se na parede da cadeia e pôs-se a pensar em como liquidar o velho sovina! Arma de fogo? Mas comprá-la sem dinheiro? Uma pai/ 1 ada? Mas podia só tontear e não matar o velho! Ah! Havia coisa mais fácil; uma "peixeira", daquelas facas pernambucanas que o Hilário costumava usar!

Enfim, Leonardo, homem sem coragem para exigir o salário a que tinha direito, reuniu tôdas as energias disponíveis e delineou o plano definitivo, para meter vinte centímetros de aço cortante na barriga do velho Cardoso! ... As mãos crispadas nas grades, os olhos injetados pelo ódio, o peito a arfar e a raiva extravasando por todos os poros, antegozava, antegozava, antecipadamente, os estertores da agonia do ex-patrão! Mata-lo-ia como a um porco!

No dia seguinte, todo o lugarejo alvoroçou-se com a notícia trágica; ao abrir a porta da cadeia, para soltar Leonardo curtido do porre da noite anterior, o cabo de polícia encontrou-o enforcado com uma cinta de couro numa trave do fôrro!

* * *

Um pesadelo medonho tomou conta do espírito de Leonardo. Êle se sentiu num torvelinho diabólico, arrastado para grotões, onde o ar revoluteava impregnado por uma poeira grossa de fuligem sufocante. As vêzes êle submergia num terreno pantanoso e subia-lhe até às narinas o cheiro nauseante de animais putrefatos. Doutra feita, quase perdia os sentidos batendo contra rochedos invisíveis, que lhe maceravam as carnes e enchiam-no de dores cruciantes, principalmente na região do pescoço, onde acreditava que a cinta teria arrebentado e frustrado o suicídio.

Fazia um esfôrço tremendo para se ajustar aos acontecimentos; mas uma substância qualquer, impetuosa e incontrolável saía de dentro de si mesmo, aos borbotões, fluindo-lhe pelas narinas, olhos e bôca, com um cheiro acre e gôsto amargo, que o descontrolava. Causava-lhe ânsia, sufocava-lhe, deixando-lhe a fortidão da amêndoa amarga! Precisava fugir, fugir para algum outro lugar! Abria os olhos, desmesuradamente, procurando enxergar em tôrno de si: o aposento, *as* grades e a paisagem. Entretanto, não lobrigava nada além daquele ar fuliginoso. Súbito, a estranha fôrça o impelia para grotões, pântanos nauseabundos ou túneis pegajosos cortados por um vento frio e uivante! As vêzes entrevia clarões vermelhos e silhuetas negras, sarcásticas e ferozes, que passavam junto dele numa procissão grotesca, como as árvores em fila parecendo correr velozmente ao passarem pela janela de um trem em movimento. Ouvia vozes insultuosas, palavras bárbaras, sussurros macabros, uivos de lôbos e risos sinistros. Algumas vêzes formavam-se frases completas, revelando queixas, brados de socorro, ais dolorosos e clamores desesperados, gargalhadas loucas, cantorias obcenas e ignóbeis, que o deixavam alarmado. Punha-se quieto, auscultando aparvalhado, sem poder atinar a origem daquilo. Súbito, recebia bofetadas ou saraivada de sôcos, que o deixavam exausto, atirado no chão viscoso e duro, cabendo-lhe a vez de gemer e gritar de dor e desespêro. Quanto tempo durou isso? Leonardo não tinha consciência do tempo, mas precisava acordar de pesadelo tão tormentoso!

Um dia sentiu algo diferente. Era o amainar da tempestade que o feria tanto de fora, como na própria alma. Achava-se num estado de coma vital, grudado ao solo, quando julgou ouvir uma voz familiar, que lhe dizia no âmago do sêr, fazendo-lhe o coração vibrar de esperança:

— Leonardo; o recurso mais eficiente, para o homem unir-se a Deus é a oração! Ore sem preocupações ou interesses pessoais, semelhante às crianças quando recitam o "Pai Nosso" antes de dormir! Não é preciso rebuscar palavras apropriadas, basta a confiança no Criador e o desejo sincero de ser amparado! Vamos! Peça a Deus que dê a você a paz e o alívio para o seu espírito atribulado! Abra clareiras de luz na alma, para podermos ajudá-lo!

Ele ainda ficou à escuta, alguns momentos, e abrindo os olhos percebeu ligeira claridade fôsca a lhe impregnar o ambiente pela primeira vez silencioso e de estranha expectativa. Desaparecera a fuligem horrorosa, embora a pressentisse re-

volutear ao longe. Também se aliviara um pouco o peso bárbaro que lhe esmagava o corpo exausto e a dor na região cervical. Afrouxou os nervos e regressou em pensamento à infância, quando sua mãe, dona Miloca, mulher simples e laboriosa, fazia-o ajoelhar-se sôbre o leito pobre, e depois lhe recomendava, tímida:

— Agora vamos rezar, para o Papai do Céu cuidar de você e dar-lhe bons sonhos!

Que estranha era sua vida, e como a voz que lhe soava no interior, também, era tão parecida com a de dona Miloca. Leonardo, mentalmente de joelhos e esquecendo a sua personalidade humana, conseguiu juntar as mãos em concha, como o menino sem problemasi Com a ternura de uma criança abandonada no mundo e suplicando o socorro divino, êle começou o "pai nosso"!

Deveria ter dormido inesperadamente, pois quando abriu os olhos o Sol entrava aos jorros para dentro da cabana onde se encontrava. O Sol? Aquilo era uma luz tão radiosa e parecia vir de todos os cantos da cabana. Penetrava dentro dele mesmo, ou vinha da própria alma! Seu coração acelerou-se, quando ouviu o canto longínquo da rôla de peito azulado e do sabiá, na sua cavatina modulada como o ranger suave do carretão subindo a encosta! Sentia a mensagem agreste da natureza tocando-lhe as narinas, misto do odor da casca do pinhão nôvo e de serragem úmida das toras resinosas. Tivera um pesadelo tenebroso!, Pensava ter se enforcado na cadeia de Pitanga, mas decerto falhara no gesto impensado, tendo sonhado tôdas aquelas coisas tão desagradáveis. Decerto bebera demais, outra vez, refugiara-se naquela cabana, dormindo sacudido por estranhos sonhos e detestáveis quadros mentais próprios dos pesadelos. Sentia-se bem disposto, sem os efeitos tormentosos da ressaca./

Súbito, percebeu estar deitado numa "cama de vento", tendo ao lado uma mesinha de madeira tôsca, com um jarro de água de um azul esverdeado, transparente e quase luminosa, além de uns biscoitos miúdos, parecidos às amêndoas natalinasi Quem teria sido o generoso hospedeiro? Sob um impulso incontrolável, apanhou o copinho junto à jarra e o encheu com a água esmeraldina e translúcida, bebericando, aos poucos, com indizível prazer, a ingerir os biscoitos que se fundiam na bôca, como flocos de neve, deixando-lhe realmente o gostoso sabor de amêndoas ou avelãsi Generosa vitalidade tomava-lhe o corpo cansado, quase o induzindo a caminhar, trabalhar, fazer ginástica ou espreguiçar-se. Esfregou as mãos com vigor, surpreendendo-se por algumas faíscas que julgou brilhar nas pontas dos dedosi Experimentou novamente e aquilo repetia-se, embora de maneira muito sutil. Agora distinguia melhor o cântico dos sabiás, das rôlas, dos pintassilgos, azulões e o ritmo acelerado dos canários. Havia no ar um odor de canelas bravas, pitangueiras e guabirobeiras, misturado com o cheiro picante e adstringente do araçá do campo.Reconheceu o grito efusivo dos periquitos, em bandos festivos, quase à porta da cabana e o barulho que faziam na folhagem sêca mexida no solo. Sentou-se à beira da lona que lhe servia de colchão e pôs os pés fora do leito, ali ficando, um pouco, num balanço gostoso e doido para ver e ouvir o que se fazia lá fora.

Foi nesse momento que a claridade reinante na cabana, feita de costaneiras de pinho, acentuou-se, e êle pôde ver encostado no umbral da porta, um homem robusto, com um chapéu grande e quebrado na frente. Êle usava botas de fole, castanhas e lustrosas, uma bombacha de gaúcho, blusão xadrês, preto e salmão; um lenço de seda branco salpicado de desenhos côr de vinho, envolvia o pescoso e caía num laço vistoso sôbre o peito. Na mão direita êle tinha uma chibata, que batia, de leve, no cano da bota esquerda. O rosto era redondo, gordo e largo; os

olhos mostravam um ar de confraternização tão pura, que Leonardo nem esperou êle falar:

— Bom dia, môço!

— Bom dia, mano!

— Acho que é o dono desta cabana, não é?

— Não; sou apenas um dos zeladores do lugar! — E sorriu abertamente, sem esconder um ar divertido nos olhos.

— Puxa! — disse Leonardo, coçando a cabeça. — Como vim parar aqui? Abusei demais da pinga! — E baixou a cabeça, meio envergonhado.

— Nós trouxemos vaçumecê há dias, para aqui. — Escla receu o visitante que traía no seu aspecto a figura do gaúcho. Recebemos ordens de lá! — E apontou para o alto, enquanto Leonardo franzia o cenho, sem entenderi

— Bem; quero me apresentari Sou conhecido por Nhô Pedro e comando uma patrulha de "recolhimento de almas" em dificuldades nas regiões de lama e purgatoriais. Somos treinados há séculos nisso e sempre que volto da carne para cá, regresso ao velho serviço de minha especialidade. Ê a vício da gente! — E riu mostrando os dentes perfeitosi — Foi uma luta para recolher vaçumecê, pois como se debatia! Santo Deus!

Estendeu a mão, num gesto cordial, concluindo:

— Minha parte está feita; o resto é aí com o seu parente! As ordens, seu Leonardo! — E recuando para fora desapareceu, enquanto Leonardo, de bôca aberta e julgando-se vítima de uma alucinação, viu à porta da cabana o padrinho Jerônimo, falecido há muito tempo. Olhos arregalados, agachado como quem pretende saltar de improviso, contudo ficou paralisado vendo o padrinho aproximar-se num aceno cordial e abrindo as faces rejuvenescidas num vasto sorriso.

— Não se perturbe, Leonardo! Agora você pode saber a verdade! — E batendo-lhe no ombro, fazendo-o recuar meio assustado, esclareceu sem qualquer outra atenuante. — Você atualmente é um "morto", um "falecido" como eu, entende? O pior já passou. Agradeça a Deus e aos bons samaritanos desta região, que o ajudaram a sair do umbral e entrar em contato conosco!/

Leonardo não era espírito primário, pois em existências passadas havia participado de instituições com avançada cultura e religiosidade. A sua memória sideral era bastante flexível quanto ao entendimento espiritual, malgrado na última existência haver sofrido apreciável "redução intelectiva", a fim de não fugir à prova cármica da humilhação e tolerância. A luz estranha da cabana, as palavras do gaúcho, do padrinho e a leveza de corpo fizeram-no despertar à condição de espírito imortali Bateu a mão na testa a recordar-se de tudo, soltando um imenso suspiro de alívio, como o escravo alforriado do cativeiro atrós. Lentamente, gaguejante, indagou com profunda timidez:

— Padrinho, suicidei-me, não foi?

— Hum! Hum!

— Na cadeia?

— Sim! Mas não regresse às lembranças mórbidas do passado. Concentre tôdas as energias dispersas, a fim de nos acompanhar na volição até à colônia "Mirim".

— Creio que o atenderei sem me perturbar, e pressinto ter feito isso outras vezesi — E pondo-se de pé, inquiriu:

— Devo ter sido arrastado para os charcos, ondeofri os horrores infernaisi Quanto tempo estive lá?

— Jerônimo refletiu e depois acrescentou:

— Mais ou menos doze anos do calendário terreno, portanto você reencarnou-se com um esquema biológico de vida física previsto para cinqüenta e

quatro anos de idade. Suicidou-se aos quarenta e dois, isto é, cortou o "fio da vida" doze anos antes do tempo fixado no seu programa biológico! Em conseqüência, teve de sofrer tormentos e martírios nas regiões purgatoriais correspondentes ao período de regresso antecipado e na qualidade de rebelde espiritual.

— Estou aqui há quanto tempo? — indagou Leonardo, apontando a cabana.

— Neste entreposto socorrista você entrou em estado de coma perispiritual há trinta dias, mais ou menos, trazido pelos volantes de Nhô Pedro, êsse valoroso espírito, que esconde sua torrente de luz naquele corpo de gaúcho e se priva de viver em regiões venturosas, para recolher seus irmãos infelizes derrubados nos purgatórios do Além-túmulo.

Jerônimo foi até à porta e convidou Leonardo a sair para fora, ambos mergulhando no seio fragrante da natureza esplendente de côres, oxigênio e vida palpitante. Depois que êle suspirou a longos haustos o vitalismo daquela manhã radiante, surpreendia-se ao ver passar por dentro de si mesmo ,os pássaros em vôos rasteiros e festivosi

— Bem, caro afilhado! — interrompeu Jerônimo, afável. -- Concentre suas energias, nivele o pensamento às regiões superiores e ponha-se em prece, para não pesar na volição. Pressinto que os nossos companheiros se aproximam!

Leonardo deu dois passos, e, numa voz súplice, indagou:

— Posso clarear o meu esquema cármico, antes de seguir, a fim de neutralizar quaisquer ressentimentos contra os que me "lixaram" na carne? (1)

— Sim. — Respondeu Jerônimo num encolher de ombros.

— Por exemplo, o velho Cardoso? Que signifiquei eu para êle?

Jerônimo sorriu, procurando sintetizar a resposta em poucas palavras.

— No século passado, vivia riquíssimo proprietário rural -em Lisboa, Portugal, conhecido por comendador Henrique Paiva Azevedo, o qual se apoiava desaforadamente na política da época. Era um homem sovina, coração empedernido, inescrupuloso, egoísta e insaciáveli Sua fortuna e propriedades cresciam dia a dia através de processos maquiavélicos contra os mais desvalidos, num roubo sistemático de terras dos ingênuos. Explorava os aldeões, seqüestrando-lhes os bens com documentos viciados, responsável por muitos desesperos e fugas das vítimas espoliadasi

— Êsse homem fui eu, não é assim? — interrompeu Leonardo, afoito.

— Não! Êsse homem foi o velho Cardoso da última existência! E conforme você mesmo pôde avaliar, êle quase nada progrediu como madeireiro sovina no Brasil!

— Mas, então, porque situei-me junto dele, sofrendo-lhe as sovinices e perturbando-me devido à sua impiedade? Por que deixou-me à míngua, impassível, ante a ruiva do lar e a .desgraça de meus filhos?

Jerônimo ficou silencioso, refletindo no que devia dizer, e parecia usufruir do odor delicioso das pitangueiras e guabirobeiras, cheias de pardais e pintassilgos sacudindo-lhes os frutos vermelhos e douradosi Depois falou:

— Henrique Paiva de Azevedo não poderia efetivar quaisquer empreendimentos inescrupulosos e assaltos ao patrimônio alheio, se não dispusesse de instrumentos vivos capazes de lhe assegurarem a cobertura dos seus propósitos desonestos. Para êsse fim, êle contava com a fidelidade canina do capitão Lamontano e cinco soldados, indivíduos inescrupulosos, bem pagos e protegidos pela política local.

Leonardo teve um pressentimento.

— Como se chamou êsse capitão em nova existência. carnal?

Jerônimo riu, sem malícia, dizendo significativamente:

— Não devemos dramatizar as, conseqüências que nos proporcionam a ventura espiritual, mas o capitão Lamontano retornou à Terra na figura de um tal Leonardo, e os praças que tanto o ajudavam em suas proezas inescrupulosas, nasceram-lhe como filhos: Marquito, Odilon, Hilário e Leontino, o caçula. Aliás, Lamontano, cujo espírito despertava em consciên cia, às vezes sentia remorsos e decidia-se a abandonar a vida. censurável; entretanto, havia Carmela, sua amante, mulher ociosa e bonita, que o estimulava a proceder assim, para se manter na fartura e no luxo. Não importava àquela mulher tola e vaidosa, a fome e a miséria dos outros, desde que eIa pudesse aproveitar a vida e ostentar suas pedrarias e jóias valiosas, ou participar dos banquetes e festividades junto ao seu "capitão"! Quantas môças haviam se prostituido ou se desgraçado, só para ela acrescentar mais rubis aos anéis, mais diamantes aos brincos ou pérolas aos colares?

Leonardo olhou demoradamente para Jerônimo, fêz um gesto de compreensão e aduziu:

— Belinda, não é?

— Hum! Hum! — fêz Jerônimo assentindo com a cabeça_

— O velho Cardoso, então foi minha "lixa" da última vez? Contudo, eu não era seu amigo, no passado?

— A Lei imantou você junto dele, porém, desta vez em situação de penúria e súplica, e o fêz conhecer e sentir na própria pele, o efeito do egoismo, da sovinice e maldade do. astuto comparsa do passado!

— Bem, eu comprometi-me com a Lei e fui "lixado' pelo• próprio espírito daninho a que servi fielmente no pretérito;. mas porque isso também não ocorreu com êle, ex-Henrique. Paiva de Azevedo, transformado posteriormente em Joaquiml Cardoso?

Jerônimo fixou o olhar sôbre uma pequena elevação a a uns 50 metros distantes e Leonardo também pôde distinguir alguns espíritos, que ali pareciam ter pousado naquele momento.

— Você já possui mais sensibilidade para entender e aproveitar com certa consciência o curso retificador espiritual; assim, poderia sofrer mais em seu próprio benefício cármico. O velho Cardoso, espírito bastante "compacto" (2) ainda não poderia elucidar-se espiritualmente nas próprias vicissitudes e dores moraisi Por enquanto, êle vai mobilizando as energias animalizadas e o egoísmo do "eu" inferior, no sentido de compensar os males praticados contra seus irmãos, desenvolvendo, acumulando e pagando com juros o que explorou e se apossou dos outros.

E fazendo um sinal amistoso aos recém-chegados, Jerônimo acrescentou:

— O velho Cardoso trabalhou como um mouro, na última existência, privando-se até de pequenas alegrias pessoais, castigado pela sua própria sovinice, calculando e recalculando a fortuna fabulosa que terá de deixar para 47 descendentes, como filhos, filhas, noras, genros e netos, devolvendo a essas vítimas do passado, uma boa porcentagem do que lhes roubou em Lisboa, quando era o avarento e corrupto Henrique Paiva de Azevedo!

Dando a mão a Leonardo e à outra entidade mais próxima, Jerônimo ordenou ao grupo formado por oito espíritos:

— Vamos, meus amigos! A segurança e o êxito de nossa volição depende fundamentalmente da harmonia de pensamentos e confiança recíproca.

Num impulso mental evolutivo, todos alçaram-se acima do solo terráqueo e momentos depois desapareceram no seio da cortina etérea iluminada pelo Sol no firmamento cerúleo, levando mais um filho que a Lei fizera resgatar através da dor e vicissitude o seu débito contraído com o próprio planeta!

***(1) Ni de Atanagildo: — Lixar, termo muito usado no Espaço, para definir o polimento cármico que se processa entre desafetos ou adversários do passado, quando defrontados em existências posteriores.***

***(2) Têrmo usado no Espaço no sentido de nomear-se o espírito "não vibrátil" às injunções da consciência espiritual. É a entidade primária e inconsciente, muito subjugada pelo automatismo instintivo.***

# UM MAU NEGÓCIO

Claudionor recostava-se na janela do vagão luxuoso da "Central do Brasil", e olhava o rio que acompanhava teimosamente a linha férrea e as vezes parecia querer beijar a ponta dos dormentes. O rio sumia-se atrás dos morros, para surgir numa curva imprevista, debaixo dos pontilhões de cimento, ou se mostrava entre as clareiras dos bosques. Havia próximo à estrada casas esbranquiçadas, casebres de madeira poída, ou caprichosas vivendas entre jardins floridosi As árvores, à margem dos trilhos de ferro, corriam ràpidamente em sentido contrário ao comboio, numa fuga veloz. A paisagem também ia se modificando, pouco a pouco, cada vez mais limpa de arvoredos e pontilhada de pequeninos regatos entre as pedras polidas, à medida que a serpente de aço descia a serra avançando para o litoral carioca e deixando à retaguarda punhados de fumaça escura como novelos de lã suja. Ao longe despontava Guaratinguetá, mostrando as tôrres brancas de suas igrejas, o casario espalhado à beira do rio e a ponte de cimento, comprida e de pernas esguias.

Claudionor embevecia-se, venturoso, à perspectiva de chegar ao Rio, a Cidade Maravilhosa. Ansiava conhecer o mundo de sonhos, de cores, de luzes, e de Copacabana, a praia mais linda do mundo e o recanto das mulheres mais formosas. Ele fremia, impaciente, só à perspectiva de se defrontar com as louras cobreadas Sol ou as morenas alouradas, cujos cor- pos ondulantes e quase" despidos descansariam dos guarda-sóis coloridos.

Tinha dezessete anos e o pai, Eduardo Pereira Benevides, tipo de industrial feito por si mesmo" e emigrado criança de Portugal, possuía uma das grandes fortunas paulistas. Ele mandara o filho cursar direito no Rio de Janeiro, pois a seu ver, um advogado formado na Capital Federal valia mais do que qualquer outro diplomado em S. Paulo. Benevides, sovina e desleixado, um mouro a trabalhar dia e noite, dono do bastante para viver quinhentos anos, fazia questão de que o último filho fôsse "doutor". Infelizmente, na luta fatigante para vencer na vida, êle não pudera proporcionar a mesma coisa aos dois filhos mais velhos, Camilo e Cristiano, casados e gerentes das filiais de Sorocaba e Campinas, homens feitos e de responsabilidade. Tereza, a única filha, havia-se casado muito bem com Don Marquito, um dos melhores fornecedores de matéria-prima às indústrias de artefatos metálicos. Restava só Claudionor, nascido em "berço esplêndido" e destinado a enfeitar a família Benevides com a indefectível moldura acadêmica.

— Êste menino não puxou a família — dizia Benevides, sorridente. — Ah! Isso não! Claudionor é de outra têmpera; um rapaz inteligente! Muito inteligente! E num largo gesto, espalmando as mãos, completava a frase ingênua: — Quem haveria ele de puxar? A mim, que fugi da escola no segundo ano primário? Ou a ti, Margarida, que és uma analfabeta?

— Obrigada pela parte que me toca! — respondia a espôsa num tom conformado.

Camilo, o mais velho, não era homem de estudos ou cultura; mas tinha espírito aguçado, irônico e interferia:

— Claudionor inteligente? Bondade sua, pai! O senhor confunde esperteza com inteligência, por que êle já nasceu filho de pai rico! Queria vê-lo trabalhar no duro, de madrugada à noite alta, como nós o fizemos!

E depois de levantar-se da mesa, vendo o pai na espreguiçadeira, as calças abaixo do umbigo e a esgravatar os dentes de modo fragoroso, Camilo acrescentava, gozador:

— Claudionor, mal botou calças compridas, disparou atrás de tôda saia que passava pela rua! Pelo menos, aí nesse caso, êle deve ter puxado alguém da família! Isso eu garanto! —E riu de um modo sacudido e cínico.

— Seu indecente; pensa que ando atrás das mulheres? Que seria capaz de me deixar explorar por essas serigaitas? — respondia Benevides, de olhos fuzilando.
Chegado ao Rio, Claudionor fêz questão de se hospedar num hotel modesto, na proximidade de Copacabana, reservando o dinheiro economizado para as despesas do transporte de bonde até o centro a cidade. Adiou a matrícula por mais alguns dias e fêz questão de primeiramente conhecer os lugares mais pitorescos, num reconhecimento antecipado à campanha de prazeres e divertimentos, que já havia programado. Deliciava-se ante a forma exuberante das môças cariocas esparramadas pela areia branca de Copacabana, num festival de carnes e côres vistosasi Tudo lhe era novidade e movimentava-se como um príncipe num reino encantado e mal se continha de apregoar ao mulherio que êle era o filho de Benevides, um dos mais ricos industriais paulistas. Todavia, franzia o nariz, aborrecido, ao se lembrar da faculdade de Direito, onde deveria ficar retido pela manhã na tarefa inglória de estudar para ser o primeiro doutor na família. Não sentia propensão para o estudo, pois arrastara-se no curso ginasial simulando doenças para justificar ao velho as reprovações freqüentesi Não precisava se preocupar com o futuro, pois a fortuna a ser herdada pela morte do pai, dar-lhe-ia para viver folgadamente o resto da existência, sobrando-lhe fartura de tempo para a caça de mulheres.

Claudionor, um mês depois de estagiar no Rio, já era conhecido como filho de rico industrial de metalúrgica paulista cursando Direito . Isso o tornava um centro de atração dos olhares cubiçosos das môças casadoiras, quando freqüentava a residência dos colegas mais abastadosi Mostrava-se cortez, recatado e maneiroso, aparentando conduta exemplar; mas à noite sumia-se para o outro extremo do bairro em companhia de colegas mais tarimbados, em busca de farras nas buates e orgias nos apartamentos de reuniões clandestinas. No entanto saturou-se dos excessos prazenteiros, além das severas admoestações que recebia do velho Benevides em face da prodigalidade de gastos nas aventuras menos dignasi Claudionor logo reconheceu a necessidade de um hiato em sua vida dissoluta, necessitando de um repouso para o corpo fatigado pelos excessos censuráveis.

Foi nessa época que êle conheceu Lucília, numa festividade campestre, em Niterói. Chamou-lhe atenção os traços finos de um rosto seráfico, a revelar alma terna e boa, num semblante sereno e recatado . Lucília surgia-lhe como um refrigério abafando o calor de suas paixões agitadasi Era o sedativo almejado para uma juventude inquieta e neurótica! Môça tranqüila, de linguagem simples e elevada, sem os cacoetes das jovens modernas e as histerias pelos cantores hermafroditas, significava a fonte de água pura a mitigar-lhe a sede insatisfeita na água poluída do mundo! Êle sentiu por ela estranha paixão, reconhecendo-se cansado do cinismo, do primarismo e do deboche das mulheres pervertidas! Ela descendia de família pobre, mas de bom renome . Seu pai falecera num desastre da Central do Brasil, onde chefiava comboios, enquanto sua mãe, professôra do curso secundário, conseguira criar a filha de modo digno e diplomá-la em Filosofia.

Claudionor não era bonito, embora simpático e muito jovial. Robusto e atarracado, de olhos miúdos e piscantes num rosto amorenado, tinha os lábios cheios e traía nos gestos uma agressividade sensual. Lucília, percebendo-lhe o desejo ardente, pôs-se instintivamente em guarda, como a sensitiva ante o toque estranho. Não o repudiava, movida por qualquer impulso ou sentimento hostil, e às vêzes chegou a crer tê-lo conhecido alhures.

Claudionor mobilizou tôdas as energias, astúcia e eloqüência para conquistar a môça. Nenhum homem foi mais cortês, atencioso e respeitoso do que êle em assediá-la por todos os meios. Enviava-lhe flôres em belos estojos sob os mais simples pretextos. Presenteava-lhe com livros raros de poesia e obras de boa literatura, que lhe tocavam o coração. Jamais retornava de S. Paulo sem trazer lembranças delicadas ou presentes valiosos. Finalmente, insinuou-se na amizade de dona Helena, mãe de Lucília, convocando a

cooperação materna a seu favor. Movimentou colegas e incentivou amigos, que *se* encarregaram de fazer chegar até Lucília as melhores referências a seu respeito. Cursava o terceiro ano de Direito e atirou-se ao estudo com ânimo e dedicação, certo de que isso também contribuiria para elevá-lo no conceito da jovem amada!

Dona Helena, extasiada pela generosidade e a afeição de Claudionor, passou a influir de modo persistente no ânimo da filha, louvando sempre os excelentes predicados do môço paulista.

— Lucília! — dizia ela, num tom conselheiro — Claudionor é um môço recatado, ajuizado e sensato, alimentando os mais belos propósitos de vida. Não sou eu quem o diz, mas esta é a opinião de todos que o conhecem. Aliás, êle devota a você a mais sublime idolatria e exalta suas qualidades de môça acima das ilusões e futilidades do mundo.

— Mãe! — retorquia Lucília. — Não tenho motivos plausíveis para antipatizar-me com Claudionor, porque êle sempre **me** tratou com gentileza e respeito. No entanto, fico angustiada e sob estranho temor, só por imaginar-me sua noiva! Por que esse presságio desagradável, mãe?

— Filha! Todos nós tememos o futuro, o qual só a Deus pertence. Qualquer perspectiva de modificação em nossa vida, desperta-nos uma série de pressentimentos bons ou maus. Isso, as vêzes, não passa de um excesso da imaginação ou talvez de um pessimismo injustificável. Não quero influir no seu destino, mas acredito: Claudionor faria você muito feliz!

A sugestão materna, suave mas convincente e a pintura sempre generosa de Claudionor por parte dos amigos e conhecidos, asseguraram-lhe um alto gabarito moral e terminaram por vencer a resistência de Lucília, que passou a aceitar-lhe

a côrte. Meses depois, então Lucília principiou a viver uma onda de passeios, teatros, festividades, cinemas, bailes e ceias nos melhores restaurantes da cidade. Claudionor, felicíssimo, dispendia tôdas as horas disponíveis no doce aconchego da amizade pura de dona Helena e do amor suave de Lucília! Êle se encontrava no quinto ano de Direito e contrariando os protestos da família Benevides, que não o queriam casado com "môça pobre", noivou e marcou os esponsais para em seguida do término do curso de Bacharel. Assim, à custa de assédios calculados, obséquios inúmeráveis e influência dos amigos junto ao objeto de sua paixão, Claudionor não sômente conquistara Lucília, como ainda conseguira neutralizar o mais sério rival: Odílio. Môço de excelentes qualidades morais, anteriormente gozara a perspectiva de ser o eleito do coração de Lucília.

Findava o ano de 1930 e Claudionor colava grau de Bacharel em atraente festividade no Teatro Municipal. Dias depois, os novos bacharéis solicitaram auxílio ao governo a fim de visitarem Buenos Aires, numa caravana para efetivar melhor contato com a cultura e instituições jurídicas portenhasi Antes de viajar, sempre gentil e atencioso, Claudionor elaborou longa lista de todos os apetrechos que deveriam compor o enxoval de Lucília, submetendo sua escolha à orientação de dona Helena, que protestava, surprêsa, pela suntuosidade das peças a serem encomendadas.

— Querida Lucília, — dizia êle, jovial, — o melhor e o mais formoso do mundo ainda *é* muito pouco para você! Quero fazê-la a mulher mais feliz do mundo.

Chegara o dia da festiva excursão; o navio pintado de branco, afastou-se, lentamente, do cais "Pharoux", singrando leve as águas da Guanabara, e deixando um rendilhado de espumas. A orquestra de bordo tocava a marcha "Cidade Maravilhosa", fazendo fundo sonoro com o solo do apito. A caravana de bacharéis vibrava, festiva; os novos diplomados recostavam-se na amurada de metal dourado e polido, fazendo acenos aos parentes e amigos, enquanto agitavam bandeirinhas brasileiras e argentinas. Claudionor, num entusiasmo infantil e eufórico, cruzava as mãos sôbre a cabeça e depois as abanava de modo frenético, fazendo Lucília e dona Helena rirem divertidas.

Que Deus o acompanhe! — desejou dona Helena, com os olhos úmidos. — Tenho Claudionor à conta do filho que tanto desejei depois de você, para ser o meu arrimo na velhice! — E ergueu o busto num longo suspiro.

— Ora, mãe! Não suspire a senhora por maus presságios. Daqui a um mês estaremos casados e a senhora será a minha companheira para sempre. Claudionor a quer tanto, quase como a própria mãe dêle! Está bem?

Quinze dias depois a caravana retornava de Buenos Aires. No cais, moviam-se parentes e amigos dos novos bacharéis, ansiosos de os abraçaremi Surprêsas, dona Helena e Lucília não viram Claudionor desembarcar, o que lhes despertou mau presságio no coração. Felizmente, Heráclito, amigo e colega de quarto do noivo, livrando-se dos abraços dos familiares, achegou-se, sorridente e alegre para Lucília:

— Não se preocupem! — Claudionor desceu em Santos e subiu até Si Paulo, para abraçar os velhos e deixar-lhe os presentes e lembranças adquiridos em Buenos Aires. Em seguida retornará ao Rio e pediu-me para lhes dar o recado e estas lembranças. O resto das encomendas êle virá trazê-las pessoalmente.

Embora a notícia não fôsse tão grave, Lucília e Helena sentiram-se inquietas pela decisão repentina de Claudionor, pois êle mesmo havia decidido que todos seguiriam para Si Paulo, logo após o seu retôrno de Buenos Aires, a fim de cuidarem dos papéis para o casamento. Ademais, os pais haviam estado com êle, no Rio, durante a semana da formatura. Algo estranho havia naquela súbita saudade de vê-los e na interrupção da viagem.

No fim da semana, os maus pressentimentos se comprovaram. Claudionor escrevia adiando o casamento para daí a três meses, alegando motivos imperiosos que desejaria esclarecer pessoalmente no Rio. Decorrido uma semana da promessa, êle comunicava em rápido bilhete, que viajara, às pressas, para Buenos Aires, a fim de adquirir matéria-prima para a firma, Isso foi o início do calvário de dona Helena e culminou com o acontecimento funesto. Nunca mais ela viu Claudionor, enquanto Lucília definhava assustadoramente.

Infelizmente, o desfecho apagou da fisionomia de dona, Helena a sua beleza tão doce e serena, extinguindo-lhe na, alma o interêsse por qualquer coisa do mundo . Lucília, sua filha querida, tão meiga e recatada, havia-se suicidado com. formicida, ao saber que Claudionor casara-se repentinamente; com formosa jovem platina.

— Lamento profundamente, dona Helena, que Lucília, tenha destruido a vida por criatura tão mesquinha como é Claudionor. Sempre o detestei pela sua dissimulação e avidez egoísta! — considerava Odílio, o mais sincero e fiel amigo

da família. — Porventura ela o amava tanto, a ponto de sentir-se incapaz de viver sem êle?

Dona Helena levantou-se, abriu a gaveta da pequena cômoda da saleta e dali retirou uma fôlha de papeli Estendeu para Odílio, num gesto amargurado e os olhos marejados de lágrimas. Êle então reconheceu a letra miúda e delicada de Lucília:

"Adeus mãe.

Não posso sobreviver depois disso; antes de Claudionor viajar para Buenos Aires, eu fraquejei e êle se aproveitou de mimi Perdoe-me, querida mãe, não sei viver enodoada.

**“Lucília."**

Durante o primeiro ano de casado, Claudionor fixou residência em Buenos Aires, às

expensas da família e sob o pretexto de um curso de aperfeiçoamento jurídico. Entretanto, o verdadeiro motivo era o temor de enfrentar qualquer pessoa das relaçoes ou do conhecimento de Lucília e dona Helena. Somente retornou a Si Paulo, quando soube que dona Helena havia falecido, o que se dera poucos meses depois do suicídio de Lucília. O velho Benevides deu-lhe a gerência da nova filial, em populoso bairro paulista, e fê-lo advogado da firma para atender as complicações da indústria e do comércio junto aos podêres públicos.

Após um ano de casado, Claudionor começou a perceber o terrível equívoco: Zulmira, que êle encontrara na festa dos bacharéis em Buenos Aires e lhe havia ateado um desejo ardente de posse, dia a dia mostrava os seus maus predicados e causava inúmeras decepções. Era uma jovem de formas sensuais e tôda ela a fremir pelos prazeres materiais, revelando nos modos e ações um primarismo grosseiro.

Ela fora criada por uma tia viúva e rica, além de receber vultosa mesada dos pais, que lhe proporcionava um viver de prodigalidade e exageros para sustentar a vaidade e faceirice, numa vida ociosa e divertida. Era egocêntrica e idolatrava o corpo vistoso. Fazia questão de ressaltar as formas e tentar os homens, semeando conflitos entre os jovens estimulados por paixões imprudentes. Formosa e afortunada, era cobiçada e vezeira em negaças amorosas, tendo causado dissabores pela volubilidade. Invejada pelas môças, e criticada pelas velhas solteironas, Zulmira penetrava nos teatros, cinemas, igrejas e festividades sociais, como a candidata de concursos de beleza comparecia mobilizando todos os seus recursos e atavios do corpo para atrair os aplausos do público. Movia-se ereta, o busto vistoso e arfante, de lábios entreabertos a fluir o fogo que lhe grassava nas carnes palpitantes.
Claudionor, espírito escravo dos impulsos apaixonados, fàcilmente perdia o contrôle mental quando acicatado pelo desejo. Ao ver Zulmira ficara obcediado pela sua figura voluptuosa, convencendo-se de que jamais teria tranqüilidade sem aquela mulher. Entretanto, Zulmira, além de excessivamente sensual era fanática por roupas luxuosas e berrantes, que abandonava nos guarda-roupas abarrotados de vestimentas em desuso. Enfeitava-se de modo espalhafatoso, sobrecarregando o corpo de jóias valorizadas em milhares de cruzeiros, e sob as formas de penduricalhos pelo pescoço, orelhas, braços e dedos, onde cintilavam rubis, esmeraldas, diamantes e muito ouro, num gôzo infantil e próprio do bugre civilizado. Graças ao progresso financeiro da firma, cuja fortuna o velho Benevides havia triplicado, Zulmira possuía um luxuoso "Buick" de aros e enfeites niquelados, que impressionava muitíssimo na época. Freqüentava tôdas as reuniões de mulheres ricas, ociosas e fartas da vida, devotadas apenas ao culto prosaico do corpo perecível. Passavam os dias a mastigarem docinhos bebericando alcoólicos afidalgados e fumando "cigarrilhas", que ela mesma trazia de Buenos Aires nas viagens quinzenais. Exigia plena liberdade para as atividades e iniciativas onerosas, mostrando-se furiosa ante as veladas advertências do velho Benevides, quanto aos gastos excessivos. Claudionor sentia-se cada vez mais fatigado da vida frenética e pertur bado pela estultícia de sua mulher e evitava acompanhá-la nas suas excursões freqüentes e obrigações sociais. Como o desejo carnal depois de farto gera o tédio e com o tempo a própria repulsa, êle deplorava o estúpido casamento e sentia-se cada vez mais inibido quanto às exigências intermináveis da espôsa. Além disso, Zulmira tornava-se cada vez mais volumosa e se punha à mesa de modo estabanado, ruidoso e grosseiro, gritando com os criados em linguagem ofensiva.. A bôca cheia de pão, confundindo o ato de comer com o de falar, era de uma verbosidade avassalante! Ria-se às bandeiras despregadas, sacudindo o corpo farto por qualquer asneira do velho Benevides. Depois de nascer Manuela, a primeira filha, modificara-se bastante o porte esguio e suas formas atraentes. A pele, rósea e macia de pêssego aveludado, perdia a côr atraente mostrando-se cada vez mais

graxosa e áspera.. Terezinha, a segunda filha, foi responsabilizada pelos noventa quilos que Zulmira atingira na gestação, dominada por uma fome insaciável.
Claudionor não era mais o môço néscio e insensato de solteiro. Por necessidade de sua profissão liberal, entrara em contato com advogados e juízes de cultura, exercitando e afinando o raciocínio pelas reflexões mais sérias. A saudade de-Lucília e o sentimento de culpa insistente feriam-lhe a alma, acrescidos das atribulações ridículas e dos insultos recebidos da mulher, sensibilizando-o pouco a pouco o coração no preparo para os sofrimentos futurosi Êle sentava-se à mesa, sombrio e silencioso, observando de esguelha as banhas fartas, a papada e os braços taurinos do mulherão em que se transformara Zulmira! Os olhos grandes e belos apelidados por ele de "jaboticabas aveludadas", desapareciam espremidos pela gordura do rosto. Sem fôrça de vontade para fazer dietas de emagrecimento recomendadas pelos médicos, algum jejum esporádico ainda lhe triplicava o apetite e assim ela recobrava os quilos perdidos ficando mais obesa.

Claudionor percebia cada vez mais a enorme diferença entre a doçura, o recato e a inteligência de Lucília, os seus modbs realmente femininos, o seu vestir singelo e agradável, comparados à eclosão sensual e ao primarismo de Zulmira, cuja figura parecia talhada num bloco de toucinho a resfolegar ruidosamente sôbre o prato de alimento! Até o fim da vida êle teria de suportar a engorda, a grosseria, a insatisfação e os trajes circenses da espôsa mal educada, no mais vivo contraste à imagem delicada e sonhadora de Lucília, cada vez mais remoçada na sua mente angustiada. Deus lhe havia pôsto na vida duas mulheres formosas; uma talentosa e pudica, outra imbecil e embrutecida! Era um sofrimento masoquista, uma tortura contínua e o fogo da lembrança da própria infâmia a lhe queimar o espírito! Pensando em Lucília e vi-vendo com Zulmira, êle agora reconhecia o castigo que decretara a si mesmo sob a fôrça do egoismo e do desejo puramente sexual.

A noite, recolhia-se à saleta de fumar e apagava as luzes, naquela postura sacrificial de se maltratar lembrando a cortesia e a leveza de espírito das duas criaturas sublimadas, como eram Lucília e Helena. No entanto, jamais ouvira uma palavra incomum, um dito inteligente, um pensamento construtivo ou aparte sutil de Zulmira, que apreciava contar e ouvir as• estórias de baixo calão. Ela esmiuçava detalhes de assuntos desagradáveis à mesa de refeições, comentava coisas repugnantes num contraste repulsivo com o alimento a ser ingerido; deliciava-se com as notícias fesceninas e não sabendo contar uma anedota razoável, supria a sua ignorância e insuficiência de espírito associando expressões escatológicasi Faltando-lhe o senso de humor, ria-se desbragadamente ante a clareza dura de uma piada que exigia o recato de um sorriso disfarçado; depois silenciava, aparvalhada, sem compreender os motivos porque outros riam de alguma sutileza de espírito!

Assim que nasceu Sanita, a terceira filha, Claudionor -apático e frustrado no desejo de ter um filho homem para -o substituir na velhice, decidiu-se à continência sexuali Então, Zulmira mostrou-se furiosa, invocando os dias apaixonados em que ela sendo mulher formosa "prestava" para êle. Mas, diante da indiferença do marido, ameaçou-lhe de "traição", insultando-o de maneira grosseira e procurando feri-lo na sua dignidade masculina, embora êle a deixasse falar sôzinha, subindo as escadas para seu quarto, no condomínio de Benevides, ainda ouvindo dela os gritos e os palavrões.

Assim que nasceu Sanita, a terceira filha, Claudionor .aquelas cenas indecorosas e bem próprias de cortiços, Claudionor adquiriu bela vivenda retirada do centro da cidade, semioculta entre agradáveis ciprestes e arvoredos de folhagem

robusta, bastante isolada da vizinhança indiscreta. Cada vez mais irascível e queixosa, pondo a culpa de sua frustração, obesidade e insatisfações nos ombros do marido, Zulmira desmedia-se pela violência nos gestos e gritos estentóricos ante a muralha de silêncio dele. Servida por uma equipe de criados, arrumadeiras e jardineiros, fazia questão de humilhá-lo diante -dos empregados, num prazer sádico de compensar a própria perturbação espiritual com o sofrimento alheio. E, ainda, conseguira o pior; à custa de intrigas, perfídias e acusações infundadas, despertara verdadeira repulsa e ódio silencioso das filhas Manuela e Terezinha, contra o pai, que dali por diante passou a ser ignorado por elas, mesmo quando lhes dirigia a palavra. Em troca dessa ofensiva sádica e maldosa contra o espôso, Zulmira aliara-se incondicionalmente às filhas, prodigalizando-lhes tôda a sorte de favores, mimos e presentes, dando-lhes plena liberdade de ação, sem cogitar de qualquer reprimenda ou advertência às suas aventuras de môças cada vez mais imprudentes e volúveis.

Era muito comum ela e as filhas retornarem de madrugada para o lar e Claudionor jurava que habitualmente estavam alcoolizadas. Qualquer ensejo favorável servia para Zulmira dar vasão à sua desforra implacável contra o marido, atormentando-lhe o sono com as dispnéias, perturbações hepáticas, pressão alta e desmaios melodramáticos, que punham as filhas em polvorosa e só faltavam surrá-lo depois dos piores insultos. Zulmira aguardava tôdas as ocasiões para desabafar-se colericamente, relembrando pequenos descuidos e senões do marido, enquanto lamentava os excelentes candidatos que havia desprezado por causa dele e a deformação do seu corpo tão atraente pela gestação das filhas. Comumente, insultava-lhe a família de portugueses sovinas e mal cheirosos, que a criticavam devido aos gastos exagerados e excursões censuráveisi

Manuela e Terezinha possuiam o próprio automóvel e com a mãe passaram a viajar freqüentemente para o Rio, alegando empreendimentos e obrigações associativas filantrópicas. Cristiano, filho mais velho de Benevides, jurava tê-las encontrado com estranhos em certa buate suspeita, no Rio, mas Claudionor mostrou-se indiferente à notícia.

O escândalo estourou, ruidoso e irreparável no seio da família laboriosa do velho Benevidesi Zulmira e as filhas, em companhia de outras amigas volúveis, haviam sido apanhadas pela polícia carioca, num bairro aristocrático da Capital Federal, em desenfreada bacanal com rapazes corruptos, onde além do excesso de bebidas alcoólicas, as autoridades encontraram resíduos de cocaína . Infelizmente, a tempestade não amainou, pois ante o repúdio da própria família conservadora de suas virtudes ancestrais, Zulmira e as filhas passaram a desforrar-se esbanjando fortunas em banquetes, noitadas alegres em buates e locais de exploração viciosa. Durante o dia elas dormiam a sono sôlto, e, à noite, cobriam de pó e creme as fisionomias maceradas pelo desgaste orgânico dos tóxicos e alcoólicos, em violenta ofensiva contra Claudionor pelas suas negativas em financiar as orgias censuráveis. Sob a investida insistente da parentela, revoltada por tais acontecimentos, êle se viu obrigado a deserdá-las por edital público, -eximindo-se de quaisquer responsabilidade que viessem a praticar sem sua prévia autorização. Mas ao retornar ao lar, no dia seguinte, esperava-o nova surpresa; Zulmira e as filhas haviam-no despojado de todos os valores, títulos transáveis, jóias e demais objetos de uso e utilidade. Inquirido o mordo mo, êle explicou que elas haviam recheiado os dois carros com todos os pertences transportáveis, limpando os guarda-roupas, as cristaleiras e as cômodas, protegidas por três indivíduos de aspecto agressivo.

Ao certificar-se da ruiva do seu lar, Claudionor reconhe-ceu o castigo

merecido por ter desprezado Lucília. Desapareciam as esperanças de no futuro usufruir a desejada paz de espírito! Alguns meses depois soube que Manuela e Terezinha haviam desaparecido com dois rufiões na mais lastimável degradação moral. Zulmira faleceu um ano após e foi encontrada em coma etílica, num modesto hotel de subúrbio, entre garrafas de rum e gin, que ingerira a noite tôda, por ter sido abandonada pelo amásio, vulgar proxeneta que lhe havia consumido todos os bens.

Anos depois, Claudionor, envelhecido e trêmulo dos nervos, com apenas 51 anos de idade, desencarnava na luxuosa vivenda. O destino apiedado de sua tragédia fechara-lhe os olhos em presença da carinhosa Sarita, a filha que sobrevivera à enxurrada lodosa e lhe fôra anjo amigo até os últimos momentos de vida carnal, depois de sofrer tanto por causa de sua imprudência espiritual.

— Por aí vocês verificam, — dizia-nos Epaminondas, o mentor espiritual de nosso grupo de estudos psicológicos da esfera "Grande Coração", ao narrar a história de Claudionor, — como é difícil e demorada a nossa ascese angélica no desempenho do programa redentor na carne. Além das paixões, vícios e circunstâncias ou desejos, que nos acometem na existência humana, ainda defrontamos com a sobrecarga dos equívocos cármicos de nossa imprevidência com os adversários pregressos. Partimos do Espaço jurando o aproveitamento de todos os minutos em exclusivo favor de nossa ventura espiritual, e, assim que ingressamos no esquecimento da carne, preocupamo-nos Unicamente em "ser rico" ou satisfazer todos os apetites animais.

Epaminondas fez um silêncio significativo, como a reunir fragmentos de suas próprias lembranças milenárias, e depois prosseguiu, calmamente:

— Claudionor, em existência anterior vivida na França, abusou da fortuna e prostituiu algumas jovens confiantes em promessas falazesi Para isso servia-se de três mulheres alcoviteiras, que em troca de bom dinheiro providenciavam-lhe a mercadoria carnal, jovem e apetitosa, para êle saciar os desejos lúbricosi Embora também houvesse nas suas vítimas uma certa tendência inferior, porque "as santas não se pervertem", e segundo a Lei Espiritual, "cada alma colhe o que semeia e conforme suãs obras", Claudionor assumiu a responsabilidade direta por lançá-las no desregramento sexual, Possivelmente essas jovens imprudentes degradar-se-iam de qualquer modo sob outros ensejos lúbricos, mas o certo é que o nosso amigo Claudionor foi, na verdade, o "detonador psíquico", a lhes deflagrar as tendências para a prostituição. Como sabemos, "**a amor une e o ódio imanta",** e por isso êle se ligou cármica mente as vitimas e as proprias alcoviteiras que lhe forneciam a carne môça para as satisfações carnais.

Depois de uma pausa, Epaminondas esclareceu:

— Claudionor atraiu para a intimidade da última **exis**tência as alcoviteiras com quem se imantou no passado, e porisso teve de lhes sofrer a natureza primária de espíritos imaturos! Uma delas foi Zulmira, e as outras duas Terezinha e Manuela, cujas existências findaram-se nos prostíbulos! Nenhuma revelou qualquer afinidade ou afeição a êle, **assim** como o comerciante não fica devendo favores afetivos aos fregueses!

— E Sarita? — perguntei.

— Sanita é a primeira vítima de Claudionor a ser "reembolsada" dos prejuízos causados na vida anterior, pois **ela** recebeu excelente educação e viveu confortavelmente, sendo, a herdeira universal dele. Quanto às outras vítimas do passado, também hão de ser indenizadas no momento oportuno! —completou Epaminondas, com um sorriso cordial.

— E Lucília? — perguntou Morais, outro espírito estudioso dos problemas espirituais de nossa preferência.

— Lucília é um espírito de boa estirpe espiritual, estimado pela sua ternura e escrúpulo, com algum crédito razoável na contabilidade divina! Embora tenha falhado pelo suicídio, foi socorrida no transe cruciante até onde merecia pelos benefícios prestados

anteriormente a outrem. Sob o impulso do "amor-próprio" da personalidade humana, ela se esqueceu da obrigação espiritual para com Helena, que havia encarnado especialmente para a amparar na hora nevrálgica das provas espirituais.

— Mas não seria demasiadamente chocante para um espírito do quilate de Lucília, enfrentar o sarcasmo do mundo **na** condição de "mãe solteira"? — considerou Laudálio, companheiro de nossas excursões à Crosta.

O mentor Epaminondas, de cabeleira embranquecida e com um halo mental prateado, elucidou:

— A verdade é que "não cai um fio de cabelo do homem que Deus não saiba", e isso nos induz a crer na mais perfeita justiça e proteção aos nossos espíritos, por parte do Criador_ Ademais, sabem vocês, o cidadão angélico é aquêle que desintegra a personalidade transitória do mundo de formas; mata o "homem velho" estruturado pela animalidade carnal e nasce o "homem nôvo" sem vínculos à substância material. Em. cada existência humana resgatamos nossas culpas ou equívocos passados, justamente com os comparsas a quem ferimos ou. nos feriram em atividades contrárias ao bem e ao belo:.

Confortado pela generosidade de Helena em acompanhá-Ia à carne, Lucília aceitara a existência de resgate. e reajuste cármico para compensar certos acontecimentos desairosos de sua responsabilidade em vidas anterioresi Claudionor, embora espírito imaturo, havia-lhe prestado favores na Espanha, onde reconhecera um filho bastardo de Lucília, em cuja época ela falhou em sua promessa conjugal com Odílio, que suicidou-se desesperado. É óbvio, que ninguém é induzido fatalmente ao suicídio, só porque inspirou outros a se matarem, nem há de ser desprezado só porque desprezou outrora. A Lei alicia os personagens do mesmo drama pretérito, coloca-os »sob circunstâncias semelhantes invertendo muitas vezes a posição na carne, a fim de se comprovar que o espírito receba "conforme semeou". Os conflitos, as frustrações, as desforras, ficam por conta das virtudes morais, dos sentimentos cristãos ou das paixões inferiores do ser, pois o espírito revela na matéria o que, ainda, alimenta potencialmente dentro de si mesmo. O homem que mata o companheiro, não fica estigmatizado pelo fatalismo cármico e implacável de também ser assassinado na próxima existência, mas sendo um cidadão com afinidade de assassinatos, então elege-se para nascer no meio de criminososi A sua vida, portanto, dependerá do comportamento que mantiver entre os delinqüentes a cuja companhia faz jus pelo passado atrabiliário.

Epaminondas sacudiu os ombros para avaliar a responsabilidade alheia, completando em seguida:

— Se esse espírito fôr humilde, resignado, bom e tolerante ante os assassinos em potencial onde irá viver, é bem maior a sua probabilidade de continuar vivo; porém, se resistir ou ferir, devolvendo insulto com insulto, desforra com desforra, é evidente que aumenta a possibilidade de ser assassinado. Portanto, não é a Lei do Carma que o obriga a ser assassinado, maF é a própria imprudência, obstinação ou cólera, a criar condições indesejáveis para a morte violenta, como punição do passado!

— Mas Helena deve ter sofrido injustamente pelo suicídio inesperado de Lucília, pois havia se encarnado para ajudá-la no reajuste espiritual, não é assim?

— Evidentemente, irmão Atanagildo, — replicou Epaminondas, assentindo com a cabeça. — Jesus também desceu à Terra para ajudar a humanidade terrícola e crucificaram-no; no entanto, sabemos que ele não era responsável por nenhum carma de crucificação. Entretanto, quem pretende ajudar, também se candidata a dissabores, surprêsas, tormentos ou frustrações dos seus pupilos, conforme aconteceu com Helena. Quando no Espaço ela concordou em amparar Lucília na carne, aceitou, também, a "cota" de sacrifício e dores, que lhe pudesse advir nessa empreitada decorrente das situações de sua protegida. Sem dúvida, sofreu atrozmente pela morte da filha, mas o sofrimento cessou depois de desencarnada, ao verificar que isso já estava previsto no esquema da vida de Lucília, como

uma possibilidade em potencial. Helena foi muito bem assistida e desencarnou sob a terapêutica de "fluidos desvitalizantes", deixando o mundo alguns meses depois do suicídio da filha, porque sua encarnação era mais de natureza protetora e não expiativa.

— Zulmira, Manuela, Terezinha e Sarita, são do mesmo grupo espiritual de Claudionor, Helena, Lucília e Odílio? —indagou Raul, participante de nossas tertúlias educativas.

— Não são propriamente da mesma família espiritual, se considerarmos à parte os ascendentes genéticos siderais ou afinidades de grupos e propósitos individuais sob a mesma raiz espiritual. Em verdade, só existe uma família: é a humanidade! Mas primeiramente surge o indivíduo, a família, a tribo, a raça e a nação; depois a aldeia, a cidade, o estado, o país, o continente, o globo, a constelação planetária, e, enfim, o Universo. Futuramente só haverá uma parentela sideral oriunda da mesma fonte divina que é Deus! Mas, no momento, Zulmira, Terezinha, Manuela e Sarita, juntaram-se à vida de Claudionor "imantadas" pelo mesmo Carma. São espíritos primários, cuja encarnação ainda se processa por "fôrça de atração" da carne e não pela escolha espontânea ou consciência de obrigações assumidas nos programas de redenção espiritual. Uniforme no todo "psíco-físico" e demasiadamente prêsos às reações da animalidade, eles são atraídos para o corpo orgânico pelas linhas de fôrça do magnetismo inferior. Vivem existências indisciplinadas e turbulentas, dirigidas exclusivamente pelos desejos e paixões. Reagem apenas pelos instintos primários, como o animal ao se defender ou atacar no seio da própria espécie e sem qualquer intenção sacrificial. Espíritos "imediatistas" buscam só os momentos propícios à satisfação egocêntrica e prazenteira, proporcionadas pelo seu sistema sensorial desabrochado para o mundo exterior. Sem escrúpulos ou preocupações pelos prejuízos alheios, pois não possuem a noção consciente do Bem, baixam à carne e retornam ao mundo espiritual, quase inconscientes do que lhes aconteceu na existência pràticamente sonambúlica.

Muitíssimo egoístas, são capazes de arrazar um tomateiro para provar um tomate, incendiar uma casa para aquecer o corpo ou dinamitar uma fonte d'água para lavar as pontas dos dedos! Quando se filiam à religião católica transformam a Igreja numa passarela de modas e exposição de jóias. Se ingressam no Protestantismo, gastam fortunas em Bíblias de ouro e pedras preciosas, mas ignoram a associação de caridade e jamais compreendem a desgraça alheia. Sob a égide do Espiritismo, vampirizam os médiuns no vício do "papa-passe", ou requerem receitas mediúnicas para a mais singela dor no cotovelo. Obrigam os confrades a deixarem os leitos, em madrugada gélida, só para lhes atender a dispepsia provocada pelo excesso de carne de porco, ou então eliminar o resfriado conseqüente da cerveja ou do "whisky" gelados. Dramatizam a gripe mais inofensiva à conta de uma conseqüência cósmica, mas ignoram o câncer do vizinho antipático.

Epaminondas cessou de falar, refletindo na própria descrição do tipo de almas que enunciara, quando espíritos mais conscientes vão à imprudência de "imantá-las" às suas vidas educativas no futuro.

— Não há dúvida, — continuou êle — a inconsciência e o egoísmo são estados naturais de tôdas as almas no princípio de formação da consciência espiritual, embora depois sejam outros tantos anjos e deusinhos. Não devemos condená-las nem repeli-las, pois tais ascendentes nós também já os revelamos alhures. No entanto, convém examinarmos as características desse tipo espiritual, antes de qualquer conluio ou requisição de seus serviços no mundo, porque depois precisamos de muita renúncia e tolerância para vivermos aturando sua bagagem inferior!

— Em conseqüência, — inquiri, curioso, — poderemos supor que Claudionor estava predestinado a sofrer tremendo tumulto em sua vida, devido à qualidade inferior da espôsa e das filhas?

— Absolutamente, não! — atalhou Epaminondas. — Se você atrair um macaco

para o seu palácio ornamentado de cristais, porcelanas, móveis estofados de seda e veludo, depois não deve se queixar, porque o animal quebrou-lhe a louça, a porcelana e rasgou os belos estofados. Em verdade, isso não é determinação implacável do destino para acontecer fatalmente, mas *é* decorrência natural do "estado evolutiva" do macaco, que é um animal indócil e daninho. Portanto, as companhias que atraimos para a órbita de nossa vida espiritual acompanham-nos em tôdas as transladações e vidas futuras, cujos laços culposos não devem ser rompidos, mas desatados. Elas nos perturbam mesmo quando já definimos o nosso rumo espiritual para o Norte Angélico, caso ainda não estejamos completamente libertados do magnetismo inferior.

— Pressupomos, então, que Zulmira, Terezinha e Manue**la** são algo de "macacos", que Claudionor atraiu para sua

vida, e por isso sofreu-lhes os danos próprios das naturezas espirituais primárias, não é assim?

Epaminondas sorriu, com certa finura:

— Bem, dei a vocês um exemplo rudimentar e sugestivo, quanto à conveniência de selecionarmos com cuidado as com$_i$ n idas para as nossas viagens futuras no trajeto educativo da vicia carnal, e assim evitarmos atrapalhos e sofrimentos decorrentes de suas inferioridades. Já pensaram na vantagem *de* Claudionor, se em vez de ligar-se a espíritos instintivos, como o fez para gozar sua vida anterior, ele tivesse recorrido aos serviços de seres da estirpe de Francisco de Assis, Terezinha de Jesus, Vicente de Paula ou o próprio Jesus?

— Porventura, Claudionor não poderia ter-se apaixonado exclusivamente por Lucília, sob a premonição espiritual de que ela seria a companheira eletiva à experiência terrena?

— O tipo espiritual de Claudionor — fundamentalmente impulsivo, egoísta, inescrupuloso e desgovernado no comando do sexo — tôda vez que fôsse colocado diante do binômio cármico que ocorreu em sua vida, êle sempre desejaria o tipo plácido e doce de Lucília, para espôsa, como um verdadeiro refrigério à sua vida intempestiva e excitante, e Zulmira, na sua ostensividade tentadora e sensual, para a amante! Mas, infelizmente, para êle, Zulmira era espírito astuto e egoísta, que percebeu logo a vantagem imediata pelo desejo vulcânico ateando através das formas opulentas e dos acenos lúbricos. Ela soube controlar-se até levá-lo ao casamento, para só depois ceder aos seus caprichos. Sem dúvida, êle teria sacrificado metade da vida, caso pudesse reconsiderar o ato inescrupuloso e desposar Lucília, livrando-se do estafermo que lhe *foi* Zulmira!

— Ainda uma pergunta, irmão Epaminondas, — acrescentei. — Que aconteceria a Lucília, caso não se suicidasse?

— A Lei já havia colocado no seu caminho um ótimo companheiro, que não só a esposaria movido por um afeto sincero gerado em vidas pretéritas, como ainda acabaria reconhecendo-lhe e legitimando o filho espúrio de Claudionori

— Mas em face do suicídio de Lucília, êsse bom samaritano, que naturalmente estaria indicado para ser o espôso, porventura não ficou frustrado na sua programação pela morte dela?

Não é bem assim, irmão Atanagildo, — retrucou Epaminondas, atencioso. — Êsse alguém nascido para amparar Lucília, também, terminou encontrando no caminho outra Lucília, espírito afim, e que não se suicidou! Compreendeu?

Epaminondas levantou-se e deu a entender que havia terminado os esclarecimentos instrutivos sôbre a vida de Claudionor, cujo espírito estulto havia trocado o amor puro e sublime de Lucília, pela paixão inflamada e fugaz de Zulmi**ra.** O nosso mentor e amigo, cuja humildade e bom ânimo encobria uma das mais abalisadas experiências do mundo espiritual, encerrou a história:

— Claudionor, como a maioria dos encarnados imprevidentes, prendeu-se à beleza exuberante e efêmera da flôr do cactus de um dia, deixando de colher a violeta singela e duradoura! Sem dúvida, o pobre homem fez "um mau negócio."

# FRUSTRAÇÃO

Margarida atingira o oitavo mês de gravidez sem problemas, tranqüila e jovial, sem as manifestações violentas ou desagradáveis próprias das parturientes menos felizes. Romualdo Moreira, -- o espôso —, advogado de renome e bem pôstona vida, mal conseguia suportar a demora dos dias que ainda faltavam para fruir a venturosa condição de pai. Sua mente fértil e dinâmica havia delineado o futuro do primogênito. Sem dúvida, seria um "menino"! Mentalmente, via-o crescer, alegre e robusto, a soletrar as primeiras letras do alfabeto na escola primária; em seguida, o ginásio, o "pré-acadêmico", e, finalmente, um curso brilhante, entre palmas festivas e a comoção de Margarida, graduando-se médico pela "Faculdade de Medicina" locali O menino chamar-se-ia Honório, em homenagem particular de Romualdo a Honoré de Balzac, seu autor predileto a cuja fertilidade de espírito sentia-se bastante afinizado. Embora ainda môço, êle possuía regular fortuna, assegurando-lhe o ensejo de presentear Honório — futuro médico —, com o melhor consultório da cidade.

Enfim, Margarida recolheu-se ao hospital, aproximando-se o momento nevrálgico da "delivrance" e o conseqüente advento do primeiro filho. Romualdo jamais duvidara de que seria um menino, embora Margarida estivesse certa de "ganhar uma menina". Quando aumentaram as dores do parto,. Romualdo pôs-se a fumar freneticamente, num "vai e vem" nervoso pela ante-sala de cirurgia. O médico, dr. Monteiro, muito amigo da família, surgiu calmamente à porta, e também resolveu aderir à impaciência do futuro pai e aceitar um cigarro. Romualdo inquiriu, nervoso:

— Tudo bem, doutor?

— Até agora Margarida vai otimamente! Não se preocupe. — Olhou o relógio de pulso e depois bateu amistosamente no ombro do amigo. — Creio que dentro de uns 30 ou 40 minutos, você será pai de algum robusto garôto! — E num sorriso algo travêsso. — A não ser que venha alguma encantadora menina! — E retornou para o quarto, atirando fora o-cigarro meio queimado.

A porta fechou-se e Romualdo demorou-se a fitá-la, com um ar tão trágico como se todo o seu futuro dependesse do que iria acontecer lá dentro. Rumou outra vez para a janela e ficou espiando a rua ensolarada, onde um bando de guris se movimentava aos gritos correndo atrás de uma bola de pano. O hospital ficava numa elevação de terreno e dali se podia descortinar parte da cidade. Os edifícios esguios e altos, surgiam por cima da copa dos arvoredos da praça e as janelas cintilavam à luz do Sol. Os canteiros de grama estavam bem verdes, crivados de verbenas, miosótis e amor-dos-homens, rodeados pelas touceiras de cravos brancos, róseos e vermelhos. Algumas pessoas ociosas e sem rumo, sentavam-se nos bancos de mosaico, vulgarizados pelas frases comuns das propagandas comerciais. O dia estava tranqüilo, A brisa suave mexia com as fôlhas dos arvoredos, sacudindo os desenhos de luz e sombra, que o Sol traçava sôbre a areia miúda dos caminhos e nos canteiros.

Romualdo tentava matar o tempo entretendo-se em observar a paisagem agradável. Logo ouviu o ruido da porta do quarto de Margarida, ao se abrir, dando passagem ao médico. Voltando-se, precipite, nem reparou na fisionomia triste do dr. Monteiro, denunciando má notícia.

— É menino ou menina? — indagou alvoroçado.

— É homem! — respondeu o médico num tom de voz soturno, que espantou Romualdo.

— Que aconteceu, doutor?

— Romualdo, meu amigo; você não desespere. Francamente, a gente nem sabe como comunicar certos fatos a um amigo.

Romualdo empalideceu pressentindo a dolorosa surpresa que devia esconder-se atrás das palavras aflitivas do médico. Provàvelmente, Margarida sucumbira durante o parto, ou talvez o próprio recém-nascido. Afrouxou os nervos preparando-se para receber a notícia grave e dominar a emoção indisciplinada. Em seguida, falou, num tom conformado:

— Bem, doutor Monteiro, pode dizer o que aconteceu?

— Margarida está bem! — aliviou o médico, de princípio. — E o menino, além de sadio e encantador, seria um sucesso se não fôsse a "focomelia"!

— O que? — exclamou Romualdo, sem entender o termo patológico.

— Éle pràticamente não tem os braços! — respondeu o médico, com certo atropelo nas palavras.

— Sem braços? Como? Não pode ser!

Romualdo recuou, num gesto de assombro e horror, deixando as mãos cairem desamparadas próximas do corpo. Os olhos percorreram os quatro cantos da sala. Algo entontecido, fez um gesto de entrar no quarto de Margarida, mas logo mudou de idéia, clamando numa voz desesperada:

— Não! Não quero vê-lo, doutor! Esperei minuto a minuto êsse filho! Vivi-lhe todos os desejos e sonhos no meu pensamento. Acompanhei mentalmente seus passos desde o berço, antecipando-me a ventura de o fazer médico. Queria que êle exaltasse ainda mais o meu nome feito com sacrifício e honradez. Num gesto resoluto, sacudindo a cabeça com inusitada veemência, retificou num tom de voz implacável. — Não quero vê-lo, doutor! Jamais hei de vê-lo!

— Acalme-se, amigo Romualdo, de início tudo é assim mesmo. Não é a primeira vez que participo de acontecimentos semelhantes, mas asseguro que depois você sentirá estima e ternura por ...

— É inútil, dr. Monteiro! É inútil; eu não quero ver êsse filho de modo algum. Esperei um companheiro para a minha velhice, mas não um mutilado que insulta a minha própria configuração física! Como é possível um casal sadio gerar um sêr disforme? Como isso é possível, dr. Monteiro? —Achegou-se à janela, olhando para fora sem ver a paisagem.

— Eu não quero vê-lo! Nunca o verei! — repetia sem cessar.

— Romualdo! A culpa não é dele! Isso cabe ao Senhor da Vida e deve ser algum destino cujo objetivo ignoramos,

— tentou contemporizar o médico.

— Não! A mim pouco importa quem seja o culpado, pois não transigirei num milímetro na minha resolução. Não darei o meu sobrenome a um aleijão, que depois o levará pelo mundo afora como um estigma deplorável à minha linhagem sadia. Criem-no, quem quiser; menos eu! — E voltando-se para o médico, decidido. — O assunto está encerrado, doutor Monteiro! Ainda não sou pai, nem tenho filho! — completou num tom melodramático. Depois, tentando moderar o seu nervosismo, indagou:

— Margarida sabe disso?

— Não. Achei que seria prematuro dizer-lhe a verdade, enquanto ela não se refizer do parto. Poderá esperar alguns dias para o saber, pois terá de vê-lo despido. — Redarguiu o médico, profundamente constrangido.

Doutor Monteiro, queira dizer a Margarida que eu fui chamado com urgência para atender um interurbano no escritório. Preciso andar, andar muito e pensar nesta desventura. Quero ficar a sós, algumas horas, comigo mesmo, a refletir quanto à maneira de enfrentar minha mulher, para lhe dizer do meu repúdio a esse filho teratológico. Até logo,. doutor. — E Romualdo rompeu corredor afora, lábios fortemente cerrados e as mãos crispadas nos bolsos da calça. Sú bitamente, voltou-se, dizendo com voz algo ameaçadora:

— Por favor! Não diga a Margarida o que aconteceu até eu o avisar, doutor.

Primeiramente procurarei decidir quanto à atitude mais sensata neste caso desagradável.

— Tranquilize-se, Romualdo; ela ainda levará alguns dias.

para sabê-lo.

Haviam decorrido seis anos do incidente acima, quando, num formoso domingo ensolarado, ali pelas cinco horas da tardeRomualdo e Margarida descansavam no varandão confortável de sua granja, no interior do Estado do Rio, onde costumavam passar os fins de semana. Os pessegueiros, as ameixeiras e macieiras resplandeciam de flôres rosadas, brancas e vermelhas, rendilhando a paisagem sob o fundo azul do céu límpida e a fôrça estuante da primavera. Romualdo lia revistas e jornais, e ouvia no rádio músicas para o entardecer, enquanto Margarida, de óculos, entretinha-se a bordar delicadas flôres azuis numa toalha de sêda. No tapête de lã, espêsso, um menino robusto, de cabelos louros, perto de uns três anos de idade, movimentava-se alegre e risonho, entre bolas, cornetas, tambor, caminhões, cavalinhos, piões e jogos coloridos. Margarida, talvez movida por alguma lembrança mais aguçada, levantou a cabeça do bordado e num tom cismático, dirigiu-se a Romualdo, absorto:

— Romualdo, -- disse ela num tom pesaroso — creio que

○ nosso primeiro filho estaria fazendo sete anos, neste mês, não é assim?

Romualdo ergueu os olhos, tentando ocultar certo embaraço, até responder com voz algo insegura:

— É! É verdade! Pena êle ter morrido ao nascer! — Ele morreu... morreu de que, mesmo? — insistiu Margarida, tentando avivar a memória.

— Morreu de uma "cardiopatia congênita". Defeito da coração — esclareceu Romualdo, incomodado com a natureza do assunto.

— Ah! Eu havia me esquecido do que êle morreu!

Margarida era um tipo de mulher tranqüila, cuja fisionomia plácida não denunciava problemas ocultos, muito fácil de ser convencida. Deu um longo suspiro, traindo o seu profundo sentimentalismo, e, antes de se curvar novamente para o seu bordado, ainda rememorou:

— Imagine, Romualdo, que falta de sorte. Você esperou tanto aquele filho. Fazia projetos maravilhosos. No fim, mal dei à luz e êle faleceu. O que é a vida?

Romualdo, impaciente, procurou torcer o assunto, distraindo Margarida:

— Cuidado aí com o Geraldinho, Margarida, senão êle pode cair da varanda através das grades.

Depois êle mesmo ficou pensando no acontecimento ocorrido há sete anos, quando aguardava na sala do hospital aquele filho que dera vida tão exuberante e venturosa em sua mente, desde o primeiro instante de gravidez de Margarida. Fôra o maior choque de sua vida a notícia dada pelo médico, quando comunicou-lhe a falta de braços no recém-nascido. Olhou, de esguelha, para a espôsa, e não pôde furtar-se de certo remorso ao tê-la enganado, depois de comprar o silêncio da enfermeira e conseguir a adesão do médico a fim de a convencer da morte do filho. Mas isso fôra para seu bem e evitou que ela também viesse a sofrer qualquer traumatismo moral.

Felizmente conseguira encontrar o casal Venâncio, sem filhos e descendente de modesta família uruguaia, que adotou o menino registrando no próprio nome. Em troca, Romualdo comprou-lhe ótima vivenda, além dos seguros dotais para o menino e o compromisso de polpuda mesada para a sua criação. Era homem de posses e assim pôde descartar-se do filho aleijado, recusando-se a vê-lo sob qualquer pretexto. Mandava regularmente a mesada para o casal Venâncio, através da agência bancária local e nunca fôra à modesta cidade, na fronteira com o Uruguai, onde vivia o filho sem braços e o motivo de seu vexame paterno. Malgrado exames de sangue, líquido raquidiano e pesquisas de "genes" da família materna e paterna, os médicos não encontraram qualquer vestígios de tara ou de herança mórbida. Disfarçadamente, êle mandara fazer exames de Margarida, mas os

resultados negativos também comprovaram-lhe tratar-se de mulher sadia, de bons ascendentes biológicos e sem qualquer acontecimento desairoso na família.

Romualdo soubera que o filho aleijão gozava de excelente saúde, era de uma vivacidade incomum; tinha os olhos azuis os cabelos louros como a mãe. Que apesar de se mostrar surpreso diante dos demais meninos normais, êle era sempre jovial, boníssimo, empreendedor e talentoso. Havia completado sete anos de idade e já sabia ler e escrever! Ora, aparteara Romualdo, descrente: "Só se escrevesse com os pés!" Sim, — respondera-lhe seu Venâncio, num tom de desafio — o menino escrevia com os pés! E chamava-se Manuelito, nome do pai de Venâncio, nas ido no Uruguai.

— Seu Venâncio! — dissera-lhe Romualdo, algo impaciente. — Quando precisar de alguma coisa, o senhor escreva-me. Não precisa vir aqui! O menino não me pertence. Dei-o de papel passado e o senhor aceitou-o! Por isso eu prefiro esquecê-lo e nem sequer saber o que ele faz ou pensa fazer. Compreende, sim?

— Compreendo, doutor Romualdo; o senhor falou-me do choque nervoso que teve no nascimento dele. Mas é pena! um menino inteligentíssimo, querido de todos e parece um anjo

— Basta! Seu Venâncio, por favor, entenda-me! Sim?

Romualdo procurava esquecer o sucedido e riscou da mente o nome de Manuelito. Temeroso de nôvo fracasso, esperara cinco anos, contrariando a ansiedade de Margarida em ser. mãe. Ela vivia amargurada enfrentando noites de insônia, lendo, bordando ou ouvindo música, mas sempre lamentando-se que daria tudo aquilo pela obrigação de trocar fraldas, fazer mamadeiras ou cuidar de filhos. Margarida era o tipo clássico da mulher maternal. Na falta de um filho transferia para o marido todo o seu afeto e preocupação; advertia-o incessantemente da chuva, da alimentação, do frio e até dos perigos do trânsito. A vida tornava-se cada dia mais intolerável. Então êle resolve arriscar-se, certo de que sempre encontraria um casal Venâncio para criar qualquer outro filho aleijão, pois dispunha de meios suficientes para assumir nôvo compromisso no caso.

Imerso na recordação de alguns anos antes, Romualdo foi despertado pelos gritos de júbilo do menino, e que na sua inconsciência infantil quase estrangulava o gato imprudente. Aquele filho era o seu "oásis", a compensação que Deus lhe dera após o nascimento do primeiro sem braços. Acariciou-lhe os formosos cabelos louros, num gesto venturoso:

— Geraldinho é um primor de saúde e encanto, perto daquele filho que era... era ...

E ante a indagação muda, mas curiosa de Margarida, ele corrigiu a tempo:

— Era fraco do coração. Não é?

— Ah! Sim; foi uma pena! — E Margarida também voltou os seus olhos enternecidos para o filho, cujos olhos azuis refulgiam no rosto rosado sob a moldura atraente dos cabelos louros a despedirem cintilações sob os derradeiros revérberos do Sol.

* * *

Passaram-se mais de quinze anos, depois da cena do varandão. Em noite tranqüila e enluarada, em populoso arraiai Ide do Rio, destacava-se formosa vivenda edificada entre arvoredos copados e arbustos ornamentais a dançarem tangidos pela brisa soprada do mar. As lâmpadas elétricas iluminavam prôdigamente o vasto jardim da suntuosa residência, refletindo na superfície de luxuosa piscina de forma oval, encravada no tapête de grama florescente. Um largo portão ornamentado com volutas em côr de alumínio dava entrada Lara um largo caminho de lajotas vermelhas e castanho, ladeado de abajures de luz resplandescente até ao abrigo da parte da frente.

Havia soado quinze minutos para meia-noite e o vasto salão da frente estava iluminado. Era um aposento decorado em. coral quase fôsco, com larga porta envidraçada, emoldurada por caixilhos de imbuia e almofadas de pau marfim, guarnecida por cortinas de veludo vermelho-escuro franjada de um pérola esmaecido. O assoalho era forrado de parede a parede, por um tapête persa tão macio como o pêlo do gato angorá. Quadros valiosos, enfeites de boa ourivesaria, jarras e estatuetas de alabastro, abajures à meia-luz e um riquíssimo candelabro da Baviera, completavam a beleza do aposento.

Recostado em confortável poltrona, encontrava-se Romualdo, enquanto Margarida, à sua frente, mexia em ricas bijouterias depositadas numa caixa feita de sucupira lavrada. Ambos estavam acabados. As fisionomias maceradas pelo sofrimento estampavam um ar de aflição fruto de alguma dor prematura. Romualdo apresentava os cabelos estriados de branco e muitas rugas na testa, embora só contasse 47 anos de idade. Emagrecera bastante e se via nele o esfôrço incessante para dominar a pressão abafada nos nervos tensos; Margarida usava o cabelo em coque, e a sua costumeira pali dez agora se mostrava cerácea. Os pés de galinha sulcavam-lhe os cantos dos olhos; os lábios mostravam-se laminados, num ritus aflitivo, devido à permanente contração nervosa. Em tôrno de ambos exalava-se uma aura de infortúnio e dor moral, que o luxo e a beleza daquele aposento não podia dissimular. Romualdo falava e as mãos se moviam num gesto quase de súplica, queixa ou desespero, traçando arabescos nervosos no ar. Dali a pouco o gigantesco relógio situado num canto do aposento, como implacável vigia das horas de sofrimento humano, fez um rendilhado de sons saltitantes e depois bateu sonoramente as doze badaladas da meia-noite.

Romualdo ergueu-se, foi a janela e afastando o luxuoso reposteiro de sêda, perscrutou a rua, procurando divisar alguma -coisa no pontilhado de luzes refletidas pelas lâmpadas sôbre a humidade do asfalto. Depois êle fechou a cortina num gesto de completo desânimo e sentou-se na poltrona, juntando as pontas dos dedos num tremor convulso e dominado por reflexões dolorosas.

— Nada? — indagou Margarida, num queixume.

— Nem sinal dele! — suspirou Romualdo, abrindo as mãos num gesto desesperançado. — Que nos espera esta noite? Amanhã? Depois? Ou daqui a um mês? Como decidir isso, Margarida? Como solucionar êsse problema terrível? Qual a .nossa culpa em tudo isso? Onde pecamos? — Caminhou, agitado sôbre o tapete macio, passando repetidamente as mãos no cabelo. — Que devemos fazer? Abandoná-lo? Desistir da vida? — Rodeou a mão, num gesto brusco, como se quisesse abarcar tôda a sua propriedade. — Que vale tudo isso sem êle? E, paradoxalmente, que vale isso tudo com êle?

Achegou-se de um pequeno móvel de imbuia, com tampo de mármore, onde se achava um balde de prata com delicados relevos e repleto de gelo. Retirou a garrafa de "whisky" e despejou o líquido no copo, até ao meio, adicionando água mineral.

— Devemos ter paciência, Romualdo. Talvez seja a idade, embora eu reconheça que Geraldinho já passou da conta e está nos matando aos poucos! — aduziu Margarida com os olhos lacrimosos. — Confio em Deus e tenho esperanças de que êle ainda há de se regenerar!

— Não creio, minha velha! Geraldinho fêz dezoito anos e estàpidamente eu ainda o emancipei. Envergonho-me de dizer; mas nosso filho é um delinqüente! Um delinqüente igual a dezenas de outros, cujos pais desesperados costumam contratar-me para defendê-los nos tribunais. Mas é nosso filho; se o abandonarmos, o mundo o massacra duma vez! /

Caminhava nervoso, o copo na mão esquerda, bebericando goles de "whisky" e agitando a mão direita, quase frenético.

— No entanto, Margarida, temo a minha própria reação diante de qualquer nova ocorrência! Já não suporto mais essa espera maldita! Preciso viver, desafogar um pouco

ou rebentarei de tanta tensão! Que fizemos nós para merecermos filho tão rebelde? Que fiz eu, enfim, para ver exterminado o meu ideal mais puro na vida? Porventura não mereço um filho de minha estirpe moral? O primeiro... Bem, o primeiro faleceu ao nascer, e Geraldinho, sadio e venturoso, perverteu-se nos albores da adolescência.

Cessou, de súbito, quase alarmado pela terrível associação de idéias que lhe invadiam a mente! O outro! O aleijado! Sem braços, o mais necessitado, êle o deserdara entregue à própria sorte! Ao filho que nascera sadio e amparado por todos os recursos favoráveis da natureza, dera-lhe a fortuna, o confôrto e a proteção incondicional contra as surpresas da vida humana! Onde estaria o mísero aleijado? Vivo, morto? Na miséria? Desde a morte do casal Venâncio jamais soubera dele; porém, estava certo que viveria bem com o bom pecúlio herdado dos pais adotivos!

Nervoso, tamborilava os dedos no braço da confortável poltrona, numa evocação masoquista da vida turbulenta e irresponsável de Geraldinho, o filho adorado, ao qual jamais negara a satisfação do mínimo capricho ou censurara de qualquer traquinada. Agora, refletia de "cabeça fria", sem os pieguismos paternos a lhe cegar o sentido exato das coisas. Percebia ter sido iludido manhosamente pela astúcia, insensibilidade e falta de escrúpulos do filho solerte. Menino ainda, era o terror dos bichanos e dos cães vadios, revelando estranha volúpia ao judiar dos animais, aves e insetos. Malgrado custosos presentes e a prodigalidade de gastos, às vezes inoportunos, Geraldinho mal terminara o curso primário, e fugira do ginásio usando de tôdas as artimanhas e engodos para evitar o estudo. Ferira a dignidade de professôras condescendentes, que a pedido de Romualdo haviam esgotado a paciência em ensinar menino tão daninho, cínico e debochado. Geradinho conseguira fazer-se expulsar de dois colégios de alta tradição pedagógica. Insultara autoridades, que relaxavam as queixas dos seus danos, em consideração ao famoso causídico — dr. Romualdo Moreira.

O futuro médico dos seus sonhos, fora-lhe um malôgro, assim como o primeiro havia sido por nascer sem braços. Isso agora o irritava. Sentia-se traído acintosamente nos sentimentos de pai amoroso e de homem digno. Reconhecia, tardiamente, que o carinho excessivo, a tolerância e facilidade em satisfazer ao filho todos os desejos pelo poder mágico da fortuna, acabara por favorecer as más qualidades da alma. O seu dinheiro abria tôdas as portas para livrar Geraldinho da prisão, relaxando punições, indenizando prejuízos e cobrindo salafrarices freqüentes. Com isso, assegurara ao filho de modo imprudente, uma confiança absoluta de que a Lei jamais poderia atingi-1o! Rico e abalisado advogado da cidade, as autoridades deveriam respeitá-lo ou atendê-lo em tôdas as atividades censuráveis do seu descendente!

Romualdo agora sentia rugir no imo da alma a violência do seu amor-próprio ferido pela humilhação e frustração. Reconhecia que fôra apenas o "velho" ingênuo e sentimentalista, sempre pronto a solucionar tôdas as tropelias, arruaças e dívidas escorchantes! Recordava-se do brilho sardônico nos olhos de Geraldinho, do ar de sarcasmo ou zombaria entendíveis pelos companheiros, ao livrar-se das punições "improcedentes", graças ao prestígio e autoridade do pai!

Recostou-se na poltrona, profundamente ressentido das próprias tolices ou sentimentalismo. Enguliu, bruscamente, o resto do "whisky", entrecerrando os olhos num impulso mórbido de autoflagelação e julgando mentalmente os atos e imposturas do filho desnaturado. Teria de distinguir, honesta e imparcialmente, a intensidade do deboche, do cinismo e da maldade de Geraldinho, em confronto com as virtudes ou qualidades que ainda pudessem existir a seu favor. O balanço foi trágico e sem compensação, pois o filho demonstrava completa falência moral! Era um bruto, que havia se divertido com a bondade, o amor e proteção incondicionais dos pais!

Quando aquilo realmente começara? Certa madrugada, surpreso e enraivecido,

Romualdo saltara da cama e fôra à delegacia de polícia, protestar contra a infâmia de encarcerarem seu filho, um menino de quinze anos, só porque ao retornar da festividade do seu aniversário natalício êle e os companheiros haviam reagido contra um guarda-noturno, inculto e inexpressivo. Sem dúvida, os rapazes quebraram as costelas e o crânio do guarda; mas isso teria sido depois dele os atacar perigosamente! Porventura, êsses ferozes representantes da Lei não haviam tido mocidade, para compreender a euforia dos jovens numa brincadeira inofensiva? Romualdo pagara a hospitalização do guarda ferido, indenizando-o ainda pelos dias de inatividade, o que lhe devia ter sido de boa compensação. Algumas semanas depois, fôra o acidente com o guardião da fábrica de cigarros, quando Geraldinho o atropelara por falta de visibilidade, em madrugada de cerração. No décimo sétimo aniversário do menino, e a pedido de Margarida, Romualdo dera-lhe um "carro-esporte" conseguindo licença precária para o filho dirigí-lo. Quando Geraldinho acariciou a capota e os paralamas do carro, sentindo-se tão feliz no veículo, Romualdo não pudera vencer a emoção ao perceber que também era dele a alegria do filho.

— Não faça as ruas da cidade de pista de corrida, Geraldinho — havia-lhe advertido numa voz de amistosa censura.

— Tranqüilize-se, pai! O mestre aqui sabe tocar essa "gostosa" no meio dos "pinguins" sem lhes arrancar as asas! — E riu de um modo fino e sarcástico.

— Credo! Que linguagem esquisita, Geraldinho! — **es**tranhara Margarida.

— Ora, mãe! Até você está "boiando" e não "morou" na jogada? — E deu-lhe um beijo apertado, no rosto; que fez Romualdo sorrir, compensado de sua primeira repulsa à gíria.

Alguns dias eram transcorridos, quando chegou a notícia trágica. Geraldinho, como um bólido, a correr pela avenida Central tirou um "fininho" de outro automóvel, perdeu a direção e subiu à calçada, esmagando contra o muro duas meninas de onze e treze anos de idade que ali brincavam. Romualdo chegou à "Delegacia de Trânsito" e viu Geraldinho tão pálido, boquiaberto e angustiado pelo que acontecera, que sentira o coração arrazado e fôra abraçar o menino pela sua "má sorte"! Ali. mesmo, havia prometido livrá-lo das conseqüências punitivas do acontecimento fatal e imprevisto, solicitando ao médico para assistí-lo naquele trânse. Mobilizando o seu prestígio e amizades, conseguiu isentar Geraldinho da culpa pela imprudência que lhe era atribuida. O técnico do trânsito, em troca de polpuda gorgeta, assegurou no laudo que o desastre se devia, "à quebra inevitável do garfo da direção". Margarida também havia abraçado o filho num amplexo lavado de lágrimas, consolando-o quanto ao acontecimento, pois aquilo poderia acontecer a qualquer pessoa. Quem estaria livre de atropelar um transeunte descuidado pelas ruas? Com referência à família das meninas atropeladas, gente modesta e de poucos recursos, ainda se deu por muito satisfeita ao receber régia indenização pelo casual acidente.

Revendo o passado, Romualdo não duvidava, no momento, da realidade dos sentimentos condenáveis de Geraldinho, —irresponsável e cínico, — até nos comentários mais trágicos. Lembrava-se de uma indagação curiosa de alguém sôbre o desastre, ele respondera em flagrante dureza de coração:

— Ora, você sabe como foi? Bobice daquelas imbecis. "Moraram" demais no "ponto" e acabaram engraxando as rodas do meu "esporte"!

Um frio gélido passou pela espinha de Romualdo ao lhe cair a venda ilusória das próprias convicções, ante a significação cruel da frase do filho debochado, ao qual não dera o, devido apreço na época. Aliás, após amainar a tempestade,. Geraldinho retornara à vida pública, guiando outra vez o carro-esporte como um bólido, às gargalhadas festivas e troçando do acidente como se fôsse um troféu conquistado em competição gloriosa. Cada vez mais seguro de sua impunidade, 'ele se desmandou numa onda de distúrbios e conflitos, hàbilmente justificados por circunstâncias e imprevidências alheias.

Romualdo abria a carteira e enchia cheques cobrindo despesas hospitalares de

atropelamentos. Indenizava raparigas insultadas pela "gang" do filho, ou mandava substituir mobiliário quebrado em hotéis, bares e agremiações desportivas. Conseguira livrar o "menino" de dois casamentos inconvenientes, com jovens pobríssimas, que decerto haviam tentado "chantagem", alegando violência sexual, por se tratar de filho de pai rico. Margarida ficara enfêrma, até a solução favorável desses acontecimentos tão desagradáveis. E havia, também, um processo duvidoso de conhecida e volúvel enfermeira, teimando em acusá-lo com os companheiros de uma "turra" em sua filha menor. Romualdo, a conselho de pessoas experientes, resolveu trancar o carro esporte na garage e suspender a pródiga mesada de Geraldinho. Três dias depois teve de comparecer à Polícia, para indenizar os donos de dois carros roubados e massacrados contra postes pela "gang" do filho. Logo em seguida, cobriu uma série de cheques falsificados por êle em seu nome e emitidos para suprir as noitadas viciosas e fartas de bebidas. A "gang" mostrava-se cada vez mais frenética. Os rapazes invadiam os lupanares ameaçando surrar infelizes mulheres. Bebiam nos bares e divertiam-se em provocações aos freqüentadores e garções. Tentando ultrapassar um ônibus, Geraldinho pegou um "Ford" que surgira à sua frente, fê-lo tombar desgovernado, na barroca. No desastre saíram ilesos a mulher e o marido. Contudo, a menina de seis anos, filha do casal, ficara completamente esmagada entre os ferros retorcidos. O carro-esporte transformou-se num montão de ferragem inútil; porém, Geraidinho, como o "afilhado do Diabo", fôra atirado através da porta esquerda arrancada pelo outro carro, caindo afortunadamente sôbre o barranco revestido de touceiras de capim, tendo apenas a fratura do braço esquerdo e leves escoriações pelo corpo. Dos cinco companheiros da "gang", dois jaziam mortos entre os escombros do carro; os outros três foram recolhidos ao hospital, com algumas contusões mais ou menos graves. Só então a Polícia identificou o motivo das correrias frenéticas de Geraldinho e seus comparsas, pois além de se embriagarem com álcool, eram viciados em entorpecentes.

Romualdo, a conselho do Chefe de Polícia, seu amigo íntimo, concordou em deter o filho durante um mês na própria residência, submetendo-o a tratamento médico contra o vício das drogas. Malgrado a indocilidade, o nervosismo e algumas ameaças devido à excitação produzida pela falta de álcool e das "bolinhas", Geraldinho permaneceu durante trinta dias prêso no lar. Porém, Romualdo não poderia conservá-lo ali, em definitivo. Conversou demorada e amistosamente com o rapaz, e fê-lo prometer de se regenerar, assumindo novas diretrizes na vida. Ademais, aquela segregação amistosa reparara-lhe também a saúde bastante abalada pelos entorpecentes e promovera a conseqüente melhoria nervosa.

Aquela noite era a primeira vez que o rapaz saía, por cujo motivo os pais se mostravam apreensivos e abatidos. Aguardavam o retôrno do filho que havia prometido chegar em casa até as dez horas da noite. Entretanto, o ponteiro implacável do relógio já acusara uma hora da madrugada! O sono e o cansaço dominavam ambos; Romualdo levantou-se animado, ouvindo o ruido de um carro. Aproximou-se da janela. O veículo vinha em disparada pela rua asfaltada, mas, descrevendo rápida curva, passou diante da residência em direção ao subúrbio. Completamente desconsolado, êle propôs **à es**posa:

— Margarida, vamos deitar! É inútil esperar. Vamos; seja o que Deus quiser. Geraldinho não tem mais respeito e consideração pela nossa dignidade e afeto. Nada mais lhe significamos do que simples "fornecedores" de recursos para êle se devotar à sua vida devassa de prazeres e violências.

Haviam se deitado, quando o telefone bateu. Antes de pegá-lo, Romualdo estremeceu e Margarida recostou-se nos travesseiros, levando a mão ao peito, num gesto de profunda angústia. Do outro lado do fio soou uma voz conhecida dêle; o dr. Diniz, delegado da "Ordem Social Pública". Romualdo foi ouvindo o que êle dizia, meneando a cabeça, de vez em quando, ou murmurando algum sim inexpressivo.

— Morreu? — indagou friamente, num tom que fez Margarida afligir-se. Depois de

algum tempo respondia. — Não, dr. Diniz! Jamais sairei daqui para atender Geraldinho. Ponha-o na cadeia, sem dó nem piedade! Diga-lhe que se quiser advogado, faça petição de indigente, pois vou deserdá-lo amanhã. Não! Dr. Diniz, sou homem de uma só palavra. Não. importa! Não tenho filho! Isso foi há muito tempo. Desculpe-me. Minha decisão é irrevogável; nunca voltarei atrás. Boa noite e agradeço-lhe as palavras de consôlo.

Largou o fone. A fisionomia estava contraída e severa; fitou um ponto vago, no espaço, é deu um suspiro que lhe subiu do fundo da alma. Enquanto o coração sangrava acometido pelo sentimentalismo paterno, aquela resolução significava o rompimento definitivo do pieguismo que o acorrentara tantos anos ao filho desbragado. Não transigiria, jamais!

— Que foi? — inquiriu Margarida, aflita.

— Geraldinho e sua "gang", outra vez!

— Quê êle fêz?

— Meteu a faca num garção de bar, onde farreavam e se forneciam de drogas entorpecentes! Foi preso em flagrante!

— Machucaram muito o homem?

— Morreu, ao dar entrada no hospital!

Margarida arfou, desesperada . E depois indagou, alarmada:

-- Ah! Meu Deus! Você não vai à Polícia?

Romualdo estendeu a mão em direção ao abajur da mesinha de cabeceira e antes de apagá-lo, de fisionomia séria, exclamou com voz seca, e que fêz a espôsa estremecer, espantada:

— Não vou, não, Margarida! Não sei quem *é* esse "tal" de Geraldinho!

No dia seguinte, contratou corretores e pôs à venda todos os bens. Substabeleceu suas causas em juízo para colegas experimentados, foi ao cartório e redigiu a minuta deserdando Geraldinho. Dias depois mudava-se com malas e bagagens para Pôrto Alegre, decidido a recuperar a vida destruída pelo filho devasso e cruel, cujo nome não permitia que fôsse pronunciado à sua frente. Resolveu excursionar pela América do Sul, e iria mesmo até ao México. Recuperaria os nervos abalados e traçou um roteiro por Venezuela, Bolívia, Peru, Chile, Paraguai, d'onde retornaria a Buenos Aires para ficar algum tempo.

No entanto, mal supunha o tremendo choque que o esperava na capital portenha, quando o destino teimava em lhe .avivar velhas cicatrizes de amarguras infindas. Passava diante de conhecido teatro, quando deparou com o cartaz desafiante, em castelhano e num belo colorido. Ficou meio ataran**lado** e tão pálido, que Margarida indagou-lhe, apreensiva:

— Que houve, Romualdo? Você está doente?

— Ahn? Não é nada, não! Vamos ali para aquela confeitaria . Quero sentar-me e pensar! Preciso pensar! — Enxugou o suor do rosto e, dando o braço à mulher, atravessou a rua ràpidamente, sentando-se à primeira mesa da "Confeitaria Estrelita".

— Mas Romualdo?

— Deixe-me! Deixe-me pensar! Que refresco deseja? Doces?

A noite êle havia decidido. Não fugiria mais, embora isso viesse lhe causar novas dores. Precisaria conhecer as próprias reações, a natureza real dos seus sentimentos; rever-se a si mesmo, analisar o seu domínio e o caráter tão obstinado. Sim, iria ao teatro aquela noite, aproveitando o ensejo de julgar friamente a si mesmo, talvez sofrer violenta tortura masoquista!

Acompanhado de Margarida, penetrou no teatro apinhado de espectadores. Minutos depois, a orquestra executava a "ouverture" de "Cavalaria Ligeira" de Von Suppe, oferecendo ao público melodia leve e graciosa. Após veementes aplausos, o enorme e luxuoso pano de bôca abriu-se para iniciar o encantador espetáculo. As bailarinas eram impecáveis, ágeis e flexíveis, movendo-se com a leveza de borboletas esbranquiçadas a voejar ao ritmo das

ondulações melódicas do "Lago dos Cisnes", de Tchaikovski. Encerrou-se o primeiro ato com diversas danças da suite "El Amor Brujo", de Fala, após movimentadas demonstrações rítmicas das "Danças Eslavas", de Dvorak. O 2.° Ato também foi recheiado de melodias agradáveis, de historietas curtas e cômicas, onde a graça se fazia mais pela finura de espírito e não pela malícia ou deboche. Tudo era limpo, de gôsto fidalgo e talento, numa aura de embevecimento sadio. Ninguém corou na platéia, envergonhado pela graça infeliz das piadas obcenas ou citações repugnantes próprias dos maus artistas. O riso farto e sadio explodia por ! força das situações engendradas habilmente pelo autor de bom quilate espiritual. Havia beleza, jovialidade, respeito, inteligência e bom senso aliados *à* arte de bom gabarito. No entanto, os programas explicavam que um só homem era o gênio realizador de tôda aquela festa de magia e encanto. Finalmente, a orquestra executou sob elogiável equilíbrio sonoro a "Marcha Triunfal" da ópera "Aida", anunciando o inicio do 3.° Ato. Aos últimos acordes da orquestra, surgiu ao palco um integrante da companhia, comunicando em voz vibrante:

— Senhores e senhoras! Agora apresentaremos um dos mais empolgantes triunfos do espírito humano sôbre a matéria, demonstrando-vos, que a alma sadia é a senhora absoluta do corpo carnal! — Em curvando-se, em mesuras e louvores, acenou para a direita, exclamando: — Senhoras e Senhores! Convosco Manuelito, o Mestre, o Enciplopédico e o Poderoso, que faz com os pés atividades que milhares de homens não as realizam com as mãos!

Entre delirantes aplausos do público, apareceu no palco um môço de uns vinte e seis anos de idade. O porte airoso e atraente mais *se* realçava quando êle movia-se com encantadora graça. O rosto era impecável e seráfico; os olhos fulgiam num azul-celeste, sob a moldura dos cabelos louros e cintilantes sob as luzes da ribalta. Vestia uma blusa de sêda verde-claro, e fôfa, de mangas curtas e gola esporte. A calça era de flanela branca, "à la espanhola", tôda bordada de fios verdes malva escuro em volutas e arabescos atraentes, presa à cintura por uma faixa larga, de veludo côr de cereja e que depois formavam um laço à esquerda, caindo em pontas franjadas de fios de sêda num tom de pérola. Êle seria um apoio, se não fôsse aleijão ! Não possuía braços! Mas a piedade surgida no princípio entre os espectadores, logo se transformou em aplausos entusiastas e exclamações de admiração, assim que êle começou a revelar o talento e a habilidade incomum.

Utilizando-se dos pés, cujos dedos eram longos e flexíveis devido a exercícios incessantes, Manuelito fêz as demonstrações mais fabulosas com a graça e a agilidade de um pássaro. Frente à máquina de escrever, provou ser exímio datilógrafo.. Apanhando a caneta-tinteiro escreveu versos de vários gêneros, numa grafia serena e harmoniosa, alinhando frases, aforismos e conceitos, que ao serem distribuídos ao público arrancaram demorada ovação. Em seguida, compôs em papel apropriado pequenos trechos de música ligeira e alguns rápidos arranjos de melodias conhecidas, num entrecho musical agradável, que prolongou as ovações do espectadores durante a execução pela orquestra. Sentou-se na banqueta, um pouca mais afastado do piano e dedilhando o teclado com os dedos dos pés executou em tôda a sua fragrância a encantadora e terna página musical de "Sonho de Amor", de Liszt. Ràpidamente, interpretou pequena rapsódia alinhavada com trechos: musicais de Chopin, destacando os sons saltitantes das valsas aligeiradas, a marcialidade das "polonaises" e a poesia cristalina dos "prelúdios", para finalizar com o tema fundamental do "Noturno em Mi Bemol Maior".

Minutos depois, os seus auxiliares trouxeram ao palco um instrumento de aparência incomum; era semelhante a um acordeon em horizontal, com o fole em vertical e de gomos bem longos, cujo teclado amplo era bastante saliente. Manuelito colocou o pé esquerdo numa alça situada na extremidade do fole, e com o pé direito percorria o teclado lenta ou aceleradamente, num arranjo particular sôbre diversos trechos musicais das "fugas, sonatas e prelúdios" de Bach, provando que também era excelente organista. Ato contínuo deitou o violoncelo da orquestra no soalho, sentou-se comodamente na poltrona, e apanhando do arco

interpretou sôbre as cordas algumas partes da peça o "Poeta e o Camponês", de Von Suppé, incluindo alguns trechos da abertura de "Guilherme Tell", **de** Rossini, delirantemente festejado pelo público.

Manuelito sorria agradecendo em curvaturas gentis. Em seguida, desdobrou pequenas fôlhas de papel no palco e pintou ràpidamente à aquarela, duas miniaturas de paisagens platinas; servindo-se de fôlhas mais amplas, embebeu os pincéis nas latas de tintas multicores, e, ágil, e seguro, decorou três fundos cenográficos, comprovando ao público entusiasta, que êle também era o autor dos magníficos cenários da companhia de variedades. Ali estava vivo e sólido, Manuelito, diretor, cenarista, orientador, argumentista, produtor, compositor, poeta, criador e o principal artista do espetáculo. Era, enfim,. o homem enciclopédico, "el poderoso", o triunfo do espírito sôbre a matéria.

Na apoteóse final, surgiram ao palco todos os artistas ladeando Manuelito, o qual, sorridente, feliz, agradecia aos aplausos intermináveis, comovendo o público pela sua resignação e estoicismo ante a deformidade. Êle fêz um sinal para o lado direito do palco e logo surgiu encantadora jovem de cabelos negros e movimentos graciosos, acompanhada de um menino de cinco anos, sorridente, que vestia um traje espanhol semelhante a Manuelito, seu pai! O quadro emotivo e absorvente sensibilizou de tal modo os espectadores, que todos puseram-se de pé a gritar, na euforia latina: "Gracias"! "Muchas gracias, Manuelito!"

Romualdo tinha os olhos quase esgazeados, pelo esfôrço de não trair os sentimentos que o invadiam, o que só conseguia graças ao seu temperamento rígido e obstinado. Lutava heròicamente para não chorar e na mente hipersensibilizada projetava-se a síntese de todos os contrastes da vida atormentada. Manuelito e Geraldinho, luz e sombra, santo e demónio, virtude e vício, herói e pusilânime! E, porque não dizer, também? Manuelito, o homem são e Geraldinho o aleijão?

Ergueu-se da poltrona, empurrado por aquele desejo veemente de andar tôda vez que experimentava problemas nevrálgicos cruciantes. Embora reconhecendo que era irremediàvelmente tarde para consertar tudo aquilo, êle se voltou mais uma vez para o palco iluminado e pousou os olhos sôbre o trio formoso: o filho, a nora e o neto! Ajeitou os óculos, desviando a tempo duas lágrimas teimosas e próprias de um **sen** timentalismo tôlo que lhe contrariava o temperamento pétreo. Súbito, fixando Margarida lavada em lágrimas, perguntou-lhe, num tom de voz desconfiada:

— Que é isso, Margarida? Você conhece Manuelito?

— Oh! não! — respondeu ela, mal conseguindo dominar os soluços sob o lenço ensopado. — Por que Deus concedeu-me um filho tão perverso, como Geraldinho, e não me enviou um filho assim, igual a Manuelito, mesmo sem braços?

*******

Eu acabara de ler a biografia de Manuelito, Romualdo, Geraldinho e Margarida, no "Departamento de Fichas Cármieas" da metrópole do "Grande Coração", onde fôra atendido gentilmente pelo Samuel, espírito que na última existência terrena descendera da raça hebráica. Ali estavam as especificações siderais (1) de um punhado de espíritos, cuja romagem educativa se fazia no Brasil, há três séculos. Era uma espécie de biblioteca ou arquivo de "fichários individuais", onde se poderia conhecer a história de diversas entidades entrelaçadas sob o mesmo Carma coletivo. Perscrutando a vida de Manuelito, pude conhecer a vida de Geraldinho, Romualdo e Margarida, assim como poderia conhecer a vida de Manuelito, apenas investigando a biografia dos primeiros. Animado pela afabilidade de Samuel, fiz-lhe algumas perguntas, que êle respondeu-me sem constrangimento:

— Estimado irmão Samuel, — indaguei-lhe — qual foi o motivo cármico de

Manuelito ter nacido sem braços?

— Manuelito é entidade de alta estirpe sideral, caro amigo Atanagildo. Conforme você mesmo verificou através do "prefixo-sideral" da ficha cármica, êle supera bastante a graduação dos demais membros de sua família espiritual. Quando Manuelito soube que Romualdo, entidade do próprio grupo familiar, iria ser pai na Terra de um filho "focomélico" (2) para se recuperar das imprudências de vidas pretéritas, quando deixou ao abandono filhos aleijados, Manuelito solicitou aos "Senhores do Carma" essa oportunidade de nascer sem braços. Almejava viver na carne existência dificultosa, que lhe permitisse exercitar e concentrar as energias espirituais num esfôrço incomum, a fim de melhorar os poderes criadores e depois ajudar os companheiros retardados. De princípio, os "Mestres Cármicos" negaram-lhe o pedido, alegando que Romualdo ainda não merecia na família carnal entidade de graduação superior como Manuelito, cuja presença seria sempre de benefício e realce à parentela humana.

Após alguns momentos de meditação, inquiri, novamente:

— Amigo Samuel, ser-vos-ia possível dar-me outros esclarecimentos?

— Fale, meu filho.

— Disse-me o bom amigo, que Manuelito não precisaria encarnar-se deformado porque estava isento de culpa cármica, assim o fez espontaneamente aproveitando o ensejo de resgate pretérito de espírito de sua própria família espiritual. Como entender a lógica dessa decisão, ou qual a sua significação? (3)

— Ora, querido Atanagildo, você sabe que a Terra não é apenas um mundo de reajuste cármico de nossos equívocos passados, porém escola de educação espiritual proveitosa, malgrado o primarismo do seu cenário e o tipo psíquico de sua humanidade. Na crosta material adquirimos os rudimentos de alfabetização do espírito, para depois integrarmo-nos corretamente na linguagem própria dos anjos!

Silenciou, alguns momentos, e aduziu:

— Você já avaliou a persistência, perseverança, a paciência, o domínio, o treino, o estoicismo de Manuelito para desenvolver aquela flexibilidade e autodomínio perfeito dos dedos dos pés, até lograr o êxito de igualar-se aos demais homens? Aliás, superá-los nas tarefas da vida em comum? É certo que a natureza compensa a falta de certos órgãos pela hipertrofia dos órgãos remanescentes. Sabe-se que o pulmão, o rim ou o próprio Olho humano, duplicam sua sensibilidade e capacidade para compensar a extirpação ou o colápso do companheiro. Ainda menino, Manuelito já possuía os dedos dos pés com mobilidade e crescimento além do homem comiam, mas foi a sua energia espiritual agindo como catalizador, que depois lhe proporcionou o pleno domínio nos pés. Além disso, êle se glorificou pela demonstração heróica de comprovar o poder indiscutível do espírito imortal no comando da carne.

E como pretendesse avaliar o efeito de suas próprias palavras, o laborioso Samuel disse-me, num tom revelativo:

— No programa de recuperação espiritual de Romualdo, o homem que deveria nascer sem braços no seu lar era Geraldinho e não Manuelito!

— Geraldinho? — indaguei, surpreso. — Porventura isso não seria prova demasiadamente severa para Romualdo? Como ele poderia resignar-se ante um filho aleijado de corpo e de alma?

Samuel sorriu, esclarecendo-me:

— Meu bom Amigo, você mesmo certificou-se de que Romualdo nem quis saber do filho aleijão. Portanto, não lhe importaria se o aleijado fôsse Geraldinho ou Manuelito, pois.o .pai sempre o abandonaria ao nascer! obviamente, Romual- do agravou sua prova cármica para o futuro, vencido pela obstinação e orgulho e pelos característicos de vidas anteriores.

Geraldinho, espírito rebelde e mesquinho, deveria nascer sem braços porque o seu

defeito físico ser-lhe-ia de imenso benefício, freiando-lhes os impulsos perigosos e as iniciativas perversas. Sem braços, ele não poderia participar coerentemente das atividades comuns do mundo, nem conduzir carros de alta velocidade, a ponto de trucidar meninas e abalroar outros veículos matando os ocupantes. Não poderia atacar moçoilas imprudentes, impôr-se ante as autoridades, esbofetear prostitutas, agredir vigilantes noturnos, esfaquear garçons, roubar automóveis ou falsificar cheques. Apesar da fortuna e do prestígio 'do pai, ele não passaria de um alei jado digno de comiseração alheia, vivendo em condição humilhante, mas pacífica.

— Creio que nesse caso Geraldinho ainda seria mais revoltado e daninho, — comentei, hesitante.

— Bem, isso seria inevitável e decorrente do seu- caráter rebelde e destrutivo, próprio de um "anjo decaído" ou "espírito exilado", em permanente rebelião contra os poderes angélicos, negando-se à ascese espiritual e desforrando-se dos próprios companheiros de romagem terrena. No entanto, Geraldinho além de nascer equipado com braços, em virtude de Romualdo rejeitar Manuelito, ainda recebeu dos pais todos os meios possíveis para vazar as imperfeições morais numa ofensiva pertinaz e feroz, que culminou em trágicas conseqüências. Aleijado e não podendo agir de modo brutal e perverso, talvez sublimasse a deficiência física com alguma realização educativa do espírito. Mas a Lei atendeu à própria decisão de Romualdo, que recusou Manuelito, aleijado, mas um tipo espiritual generoso e sábio, fazendo jus a Geraldinho, sadio de corpo mas enfermo de alma! Que péssima transação,

fez Romualdo com a Divindade! — arrematou Samuel. Traindo um sorriso piedoso de si mesmo, Samuel comentou jocoso:

— Francamente, Atanagildo; se eu vivesse junto de Manuelito, na Terra, o visse executar com os pés, ao piano, e de maneira tão primorosa, Beethovem, Chopin e Liszt, e depois Von Suppé e Rossini ao órgão, coisa que mediocremente mal consegui com ambas as mãos, tremeria de vergonha!

Batendo-me cordialmente no ombro, enquanto mais refulgia o seu halo mental luminoso, sob o combustível de pensamentos sublimes, Samuel encerrou, em definitivo o nosso diálogo.

Atanagildo! O que é infelicidade irreparável para um homem, pode ser a glorificação de outro, sem que isso indique reparação cármica. Jesus recebeu a coroa de glória no sacrifício da cruz, mas, pelo que eu saiba, a sua crucificação não foi qualquer reajuste cármico por ter crucificado alguém. Ele era o Mestre, mas preferiu viver em si mesmo as lições ensinadas aos homens! Glorificou o madeiro infamante da cruz, deixando a mensagem salvadora à humanidade: "Servir até na morte; Amar até na dor!"

***(1) N. de Atanagildo: Os "Senhores do Carma" da escolástica indu, ou "Mentores Cármicos" da sinalética oriental, controlam cada espírito desde os primeiros bruxoleios de sua consciência, através das fichas cármicas com o prefixo sideral da família espiritual a que pertence, acrescidas dos dados da sua graduação sempre atualizados. O número sideral é a identificação definitiva do "espírito-indivíduo", em tôdas suas encarnações e ascese sideral. E' evidente que se determinado espírito chama-se na Terra, João, Rafael, Júlio César ou Sócrates, isso se refere apenas à sua existência transitória na carne, não própriamente à sua verdadeira identidade espiritual, que é um número sideral permanente.***

***(2) Focomélico, sem braços.***

***(3) N. do Médium: — Atanagildo é entidade suficientemente esclarecida para conhecer a solução das perguntas acima, mas êle prefere armar os diálogos dêsse modo, a fim de facilitar ao leitor uma compreensão gradativa dos assuntos transcendentais.***

# ADESTRAMENTO MATERNO

A noite estava tranqüila e alguns fiapos de nuvem, prateados pelo luar de setembro, vagabundeavam pelo céu límpido. No casarão do velho Genaro, emigrado bem jovem da Itália, a alegria e a atrapalhação tomavam conta dos familiares.

Cristina, a caçula, môça belíssima em seus dezesseis anos, casava-se com Jamur, rapaz alegre, bem apessoado, mas algo pródigo de bôlso e de gastos, e que mal havia conseguido alguns modestos móveis de pinho para montar a casa. Descendente de sírios, Jamur não fôra bem recebido por Genaro

e alguns membros da família. Éles desejavam melhor partido para Cristina, tão linda, com seus olhos de jaboticaba a refulgir num rosto rosado e macio como as pétalas de rosas ao desabrocharem.

Genaro casava a última filha, e, conforme dizia: "pagava a última duplicata! Coerente com a tradicional fertilidade característica da raça italiana, êle possuia onze filhos: três homens fortes e ruidosos e oito mulheres, sendo Cristina a oitava duplicata a ser resgatada. Don Genaro, como era mais conhecido e assim preferia ser chamado, já atingira aos setenta anos de idade e esperava usufruir uma vida sossegada dali por diante, junto a dona Carolina, a espôsa. Entretanto, êsse prazer era impossível, pois à medida que aumentava a fauna de genros e noras, os netos, também, nasciam trimestralmente, à guisa de prestações vencidas em datas certas, trazendo novas complicações demográficas à vida dos avós!

Em tôrno do casarão bafejado pelo perfume fragrante das macieiras, dos pessegueiros e amexeiras floridas na primavera, as lanternas multicores dançavam ao impulso da brisa agradável da noite. O mulherio corria, dum lado para outro, mexendo nos fornos, abrindo gavetas, armários e destampando panelas. Da cozinha exalava-se o 'cheiro apetitoso do "risotto" fortemente condimentado ao gôsto italiano, misturando-se com

o odor dos leitões, galetos, carneiros e das pacas assadas no espeto, que vinha da churrasqueira do galpão, sob os cuidados do Beppi — perito na profissão. Nha Rita, famosa pelos seus conhecimentos culinários, de vez em quando metia o garfo comprido no panelão de ferro e erguia feixes de "spaghetti",. analisando-lhe a côr e a consistência, num exame atencioso e severo.

— Quem quiser vinho, tem na geladeira; quem não quiser,. tem "choppes" de barril, lá na varanda! — avisava Don Genaro, todo eufórico.

Êle se mostrava feliz na figura de anfitrião, blasonando a própria prodigalidade numa gabolice ingênua:

— E vocês aí se mexam! — exclamava dedo em riste, apontando o mulherio atarefado e que não lhe dava a mínima importância. — Que não vá faltar comida! Olhe bem, seus pestes; na minha casa a gente come com fartura!

Dona Carolina sacudia a cabeça sob grave censura e excomungava o marido numa voz lerda, mas decidida:

— Genaro, vá lá pra dentro, homem de Deus! Não se meta na cozinha que é lugar só para mulher!

Êle se preparava para responder desaforadamente, quando percebeu a figura encurvada do velho turco Abrão, que. chegava à varanda cumprimentando os presentes. Genaro sorria zombeteiro e tinha um brilho sádico nos olhos, pois o turco Abrão, sempre conformado e bom de gênio, era o bode. expiatório da sua descarga sarcástica. Mas, também, era o seu melhor amigo e parceiro de "truque", "três sete" e "estopa". Ambos passavam os sábados à tarde e os domingos todos a jogar baralho no varandão, xingando-se e trapaceando, entre goles de vinho, petiscos de queijo, azeitonas, "frios", num aperitivo sem fim.

Don Genaro olhou demoradamente o velho Abrão empacotado numa roupa preta, luzidia, todo enfarpelado pelo colarinho duro, donde ressaltava a gravata marron armada em bojudo laço. Rodeou-o, devagar, por duas vezes, num exame minucioso de cima para baixo. Depois, num grunhido zombeteiro, largou a deixa:

— Aí peste! Tive de casar a Cristina, para você tomar um banho e mudar de roupa! — E casquilhou uma risada fina e comprida, enquanto o turco encolhia os ombros, indiferente curtido, aparentemente satisfeito daquelas ironias que nada tinham de injuriosas, mas traíam sincera amizade. Don Genaro também vestia um terno prêto antigo cheirando a "naftalina", justo e ameaçando romper pelo corpo rotundo e atarracado. Êle tinha um ar esportivo. O rosto corado, o nariz bojudo, e' brilhante, por culpa do bom vinho "feito em casa"! Metia as mãos no bôlso da calça, por baixo do paletó, como era seu costume ao assistir as corridas de cavalos na raia. Estava satisfeitíssimo com o bulício da festa num afrontoso senso de propriedade, ou de construtor envaidecido, que põe a última pedra na sua melhor obra.

— Pai! Tira as mãos dos bôlsos! Que modos! — censurou-lhe Clarita, a penúltima filha casada, ao passar rente a êle e com a bandeja repleta de cálices cheios de aperitivos.

O velho voltou-se, num tom brusco e de zanga, porém, ao reconhecer a filha, apenas disse desaforado:

— Ah! Vai... mandar no teu marido; aquele moleza!

E num gesto de desafio e desforra, enfiou as mãos ainda mais fundo nos bolsos.

— Está um festão, o casamento de Cristina! — comentou o turco Abrão, sacudindo a cabeça e derramando olhares cobiçosos sôbre os nacos de leitão e galetos assados, que o Beppi trinchava arrancando dos espetos e arrumando com jeito nas travessas de louça florida.

— Claro, homem! — retrucou Don Genaro, trovejante. — Isto aqui é casamento de gente pobre, mas de trabalho! Comigo não tem esse negócio dos convidados saírem com fome
e ainda falando mal da festa. Gosto de ver comerem até rebentar, pois casamento sem fartura é começo de vida com miséria!

Falava num tom de voz petulante e capaz de encandalizar qualquer outra pessoa estranha ao seu temperamento galhofeiro.

— Não vou a esses casamentos de "alta sociedade" — continuou êle, sardônico, onde dão um cálice de vermute, uns pastéizinhos, e doces miúdos, que nem quirera para pintos! —E num riso farto, sarcástico, sumamente divertido, acrescentou, transbordante de gôzo:

— Depois do casamento de "grão fino", dizem que os convidados ainda vão "pro," restaurante reforçar o "pandulho"!

Minutos depois, as mesas quase ruiam de tanta fartura. Para começar serviram a famosa "minestra", sopa feita de queijo "parmezon" ralado — tão ao gosto italiano acompanhada de pão de forno e manteiga fresca. Depois a gostosa "maionese" de ovos, batatas, vinagre de vinho, azeite italiano, com muita ervilha e azeitonas. Finalmente,, começaram a chegar os travessões com os galetos do "primeiro canto", leitões, carneiros, e carne macia de paca, acompanhados dos pratos de "spaguetti", "talharim" e "risotto" de galinha, fumegantes e emoldurados por montanhas de alface e "raditch", regados com o azeite pura de oliva. Entre os pratos recheados de novidades, as mulheres colocavam outras travessas menores repletas de saladas de tomates rubros, palmito, rabanetes, pepinos e couve-flor em conserva, pràdigamente reforçados com azeitonas temperadas ao tipo grego. A mesa estava farta; mas ainda foram colocadas as tijelas de lasanha ao forno, com fatias de queijo "mozzarella" e condimentadas com orégano. A comilança era regada com vinho branco e tinto, fabricação de Don Genaro, bem como a famigerada "craspa" servia de aperitivo

intensivo.

— Que diabo de gente! — berrava Don Genaro. — Onde está a cerveja? Esconderam os refrescos de uva, de laranja e de maracujá para as mulheres e crianças?

Depois que o repasto terminou, as cadeiras foram arrastadas para junto das paredes e desmanchadas as mesas improvisadas com tábuas cepilhadas de pinho. Lourenço, o melhor "gaiteiro" ali do subúrbio, orgulhoso de sua nova apianada de 80 baixos, sentou-se num canto da sala, mexendo no instrumento e rebuscando papéis, pois êle já tocava alguma coisa por música. Don Genaro, com o copo de vinho na mão, vermelho, quase apoplético, achegou-se exclamando ruidosamente:

— Vamos Lourenço! Vê se toca alguma coisa que preste para o povo dançar de verdade! Arranca uns chotes, polcas e "quadrilhas", em vez dessas porcarias de músicas modernas, como sambas, tangos e "foxes"!

Lourenço olhou a moçarada. Então viu-lhe o muchocho de desagrado e decepção ante as músicas sugeridas por Don Genaro. Num gesto compenetrado, de artista ou autoridade no gênero, replicou num tom decisivo:

— Os chotes e as polcas vêm depois no tempo certo, quando a velharada começar a dançar; agora é a valsa da noiva e depois as danças dos môços!

Cruzou as pernas, indiferente à cara de desagrado de Don Genaro, inclinou a cabeça sôbre o "acordeon" preto e lustroso, e, num impulso maquinal, enquanto Jamur e Cristina esperavam no centro da sala, Lourenço deu início à valsa "Abismo de Rosas", a coqueluche da época.

Como os noivos haviam decidido viajar muito cedo para a fazenda Roseiral, despediram-se no fragor da festa. Buscaram Don Genaro e o encontraram com o tio Clemente, bastante tocados pelo vinho e sob as árvores frutíferas, interpretando num contracanto desafinado a bela "canzoneta" italiana, "Il Sole Mio". Em tôrno deles os mais velhos tinham os olhos umedecidos de lágrimas e suspirosos da Itália — a pátria querida e inesquecível.

Don Genaro, à despedida, não pôde suster o seu espírito mordaz costumeiro, dizendo a Jamur, num tom paternal, mas algo ríspido:

— Você se alinhe, homem! A vida de casado não é viver flauteando!

Depois, retribuindo o abraço afetuoso de Cristina, enxugou os olhos no lenção colorido, exclamando, sèriamente comovido:

— Deus te acompanhe, minha filha, e que você seja muito feliz! — De repente, um pouco apreensivo, passou a mão na fronte dela, indagando. — Você está com febre, Cristina?

— Não é nada, pai; isso é por causa do nervosismo do dia!

A festa do casamento prolongou-se até ao amanhecer. O céu limpo, no horizonte, prenunciava um domingo ensolarado. A brisa suave sacudia, de leve, as árvores em flor, desmanchando as florzinhas, cujas pétalas caíam como confetes coloridos e cintilantes. O casarão estava quase vazio. Apenas alguns familiares e convidados mais íntimos, abraçados num estouvamento alcoólico, balouçavam o corpo no varandão, tentando executar o trecho do "Miserere", da ópera "Il Trovatore", num côro emperrado e fanhoso, em que Don Genaro, vermelho como um pimentão maduro, puxava com visível dificuldade a parte destinada ao barítono. Nesse momento, estacionou, junto ao portão da frente, um carro de praça e dêle saiu Dagoberto, genro de Don Genaro, ainda sonolento e com a fisionomia profundamente apreensiva.

— Cristina está mal! — foi êle dizendo, de chôfre. — Jamur levou-a para a Santa Casa! O caso é muito sério mesmo!

O espanto e o constrangimento desmanchou as últimas alegrias do festejo de casamento; e quando os parentes chegaram ao hospital, Cristina estava inconsciente, ardendo em febre alta. O corpo rígido e os pés distendidos, como se ela quisesse empurrar

algo para a frente. Os médicos haviam retirado líquido cérebro-espinhal e aguardavam os exames de laboratório. As nove da manhã, sob a mais dolorosa expectativa, o diagnóstico foi estabelecido: meningite!

A desolação manifestou-se na fisionomia de todos. Cristina era queridíssima da família e dos vizinhos. Quando o médico informou ao velho Genaro de que a filha poderia salvar-se, mas ficaria perturbada do cérebro, ou então aleijada para o resto da vida, os efeitos do vinho logo desapareceram e êle ensopou o lenço de lágrimas sentidas.

Mas a filha querida era môça vigorosa, com o viço do bom sangue europeu e contrariou o prognóstico médico •sobrevivendo sem qualquer lesão cerebral, embora com o braço esquerdo defeituoso.

Sucediam-se os meses e ela sofria, decepcionada, porque não se manifestava nenhum prenúncio de gravidez que a faria tão feliz . Submeteu-se a tôda sorte de "testes" ginecológicos e exames apropriados ao caso, e foi informada de que não poderia procriar, porquanto a meningite havia lhe afetada os elementos e genes responsáveis pela concepção.

Depois de dois anos de esterilidade, ela e Jamur decidiram-se a adotar uma criança e escolheram na "Maternidade Vitor do Amaral", um robusto menino com alguns dias de vida. Don Genaro, fanatizado pelo "bel canto", escolheu para o neto adotivo o nome de Manrico, em honra do personagem principal de "Il Trovatore".

O menino cresceu robusto, de rara beleza e afável de gênio, singularmente parecido com Cristina, que punha nele tôda ternura e amor. Infelizmente, ao retornarem de uma festinha íntima de família, em noite escura, fria e desagradável, sob forte garôa própria do mês frígido de junho, Manrico apanhou grave pneumonia. Malgrado todos os esforços médicos e recursos terapêuticos da época, êle expirou, deixando Cristina enlouquecida de dor e Jamur verdadeiramente atarantado sob a sina tão cruel.

A desolação habitou aquele lar por uns dois anos; depois, superexcitada no seu amor materno, Cristina sentiu necessidade de preencher novamente o vazio deixado pela morte de Manrico. Consultou Jamur e resolveram adotar outro menino a fim de compensar a dor e a ausência do primeiro filho adotivo desaparecido tão prematuramente.

Trouxeram para o lar outro recém-nascido, extraordinariamente semelhante a Manrico. Mas desta vez Cristina deu-lhe o nome bem brasileiro de Eduardo, contrariando a preferência de Don Genaro, que já havia cogitado de homenagear outro personagem de ópera. Novamente eles viram o segundo filho adotivo crescer robusto e vivaz, mostrando-se tão terno e dócil quanto fôra Manrico.

Quando Eduardinho completou quatro anos de idade, a sua festa de aniversário coincidiu com um domingo esplêndido e ensolarado. A criançada miúda corria espevitada pelo jardim. Na mesa do aniversariante e em tôrno de um artístico bôlo simulando um castelo com 4 velas de "açúcar-candi", distribuiam-se todos os tipos de doces e guloseimas; brigadeiros, língua de sogra, canudinhos, beijinhos de côco, cajuzinhos, pastéiszinhos, empadas e queijadinhas. As travessas estavam fartas de presuntos, fatias de queijo, azeitonas, "frios" e "pickles", além das fôrmas caprichosas com as tortas de pêssego, maçã e uva. Cristina movia-se, feliz, por entre os convidados, amigos e vizinhos, agradecendo os cumprimentos pelo quarto aniversário do menino garrulo e de temperamento bom, querido da vizinhança.

Eram quase seis horas da tarde e o Sol descia no poente, despedindo seus raios chamejantes e escondendo-se atrás do casario a fazer sombras pelas ruas calçadas com paralelepípedos. Jamur retornava do encontro desportivo do seu clube predileto e descia do ônibus, duas quadras além de sua residência. De lá ele viu os meninos correndo buliçosos pelo jardim e pelas calçadas, e acenou para Eduardinho, como o fazia habitualmente. O menino, num gesto impetuoso e entusiasta, arremessou-se ao encontro do pai adotivo, o rosto corado, lábios entreabertos e as mãos erguidas pelo alvoroço. Jamur

curvou-se, à entrada da ponte de cimento que cobria o riacho Tibagí, no centro da rua, à meia quadra da residência, e abriu os braços para receber Eduardinho no seu impacto afetivo. Mas, de súbito, num grito alucinado, Jamur saltou para a frente; porém era tarde! Eduardinho, na ânsia de correr para êle e abraçá-lo, ao sair das sombras das casas, reoebeu os raios solares, que o cegaram por um momento, fazendo-o errar por dois palmos a ponte cimentada, indo espatifar a cabeça no leito pedregoso do pequeno rio a três metros abaixo. Quando Jamur saltou num desespero louco e ergueu-o, Eduardinho estava nos últimos estertores de vida. Não havia se afogado, pois ali corria pouca água; mas partira o crânio de encontro às pedras.

A água continuava a correr, tranqüila, mas agora manchada de sangue e de alguns fragmentos de miolos do gentil menino. A gritaria da criançada atraiu Cristina que correu desabaladamente para a ponte e ali estacou, de olhos enxutos, sem soltar uma só lágrima, ante o quadro trágico de Jamur caminhando pelo leito do rio razo, com o cadáver de Eduardinho nos braços e manchado de sangue. Ela apenas levou a mão ao peito e desmaiou, e dali atingiu um estado de- coma nervosa que ameaçou-lhe a vida por alguns dias.

Então a existência de Cristina foi uma desventura e ela nunca se conformou com a impiedosa fatalidade do destino. Perdeu o gôsto pela vida e tornou-se apática às emoções-mais excitantes. Malgrado todo o esfôrço de Jamur para consolá-la, Cristina transformou-se numa companheira desolada, embora sem negar-lhe o afeto justo de espôsa. Três anos após, tentando despertar-lhe algum interesse pela vida, Jamur, Don Genaro e outros familiares engendraram uma peça; puseram-lhe à porta, em noite alta, um menino que haviam retirado de uma creche espírita.

Cristina rejeitou, de início, a possibilidade de criar mais um filho adotivo; porém, em face de sua própria afeição materna despertada pelo amor materno aos dois primeiros filhos, ela não resistiu e acedeu ao apelo de Jamur. Vibrava-lhe na alma, novamente, o instinto de mãe, fazendo-a compreender que jamais viveria tranqüila se não pudesse tributar o sentimento materno a alguém.

Desta vez Jamur deu ao menino o nome de Elias, em memória do seu avô paterno. Éle teve uma infância comum a todos os demais meninos, com as preocupações decorrentes da dentição, da coqueluche e do sarampo, cujas condições dolorosas parecem adestrar o espírito encarnado para as dores piores do futuro. Infelizmente, bem cedo, Elias revelou-se um menino genioso; irritante e destruidor, sem qualquer semelhança com a bondade e a ternura de Manrico e Eduardinho. Além de mau caráter, ele se fazia cada vez mais antipático à vizinhança, pois esbordoava cães e gatos, liquidava pássaros que caíam ao seu alcance e destruía ninhos, insetos e vermes. Comprazia-se em arrancar os botões das flôres e os frutos verdes. Quebrava os brinquedos dos companheiros e depredava enfeites e bijouterias. Era brusco, intolerante e obstinado em suas façanhas malévolas. Aos treze anos mostrava-se adverso ao pai e mal se continha diante das suaves advertências de Cristina. Jamur mobilizou tôda sua inteligência, fez mil promessas de recompensas para induzir Elias *a* estudar e trabalhar. Mas tudo era em vão, pois o menino era vadio, inepto e cultivava as piores amizades do seu bairro. Quando ele atingiu os dezoito anos, os pais adotivos tinham a alma estigmatizada por dolorosas cicatrizes e sentiam-se completamente exauridos pelo esfôrço desditoso de criar aquele filho bruto, indócil e inescrupuloso. Cristina vendera tôdas as jóias para cobrir inúmeras falcatruas e cheques falsos de Elias, enquanto Jamur havia empenhado alguns salários a fim de evitar a prisão infamante do filho adotivo.

Elias, sem qualquer escrúpulo, apossava-se de todos os valôres e bens dos pais, para os consumir em noitadas festivas nos prostíbulos mais reles da cidade! Finalmente, em "dia aziago", êle descobriu que não era filho legítimo de Cristina e Jamur; isso deixou-o furioso e revoltado. Aproveitando-se da ausência deles, Elias apossou-se de objetos, utensílios e valôres que pôde carregar, fugindo em companhia de mulher de má fama para o

Norte do Paraná. Lá passou a cometer tôda sorte de tropelias e vigarices até ser processado por estelionato e condenado a 5 anos de prisão.

Cristina, a mulher belíssima de olhos de jaboticaba e pele sedosa dos primeiros anos de casada, transformou-se numa criatura de faces macilentas, cabelos esbranquiçados a coroar-lhe um rosto fatigado e triste. Deixara-se arrazar por uma dor invencíve t e imensurável. Sua alma obstinava-se descrente de tudo, num protesto mudo e doloroso ao mundo que lhe traíra os sonhos mais venturosos. N'nguém mais viu-a cantar com sua voz doce e cristalina, as deliciosas canções de "Maggio de Ammore" ou "Soto La Luna"; ou mesmo rir, como antes o fazia tão facilmente.

A Lei Espiritual, que é magnânima, porisso proporcionou o esclarecimento a Cristina no momento oportuno. Certa noite de turbulenta tempestade, ela fôra obrigada a pernoitar na residência de Nilza, sua irmã casada com Dagoberto — ardoroso espírita —, justamente quando deviam realizar tradicional sessão mediúnica semanal. Embora constrangida e desinteressada daquela reunião espírita, ela se viu obrigada a assistí-la por consideração e educação, além da amizade à irmã. Salustiano, o espírito mentor dos trabalhos mediúnicos da casa, depois de transmitir sua mensagem inicial, dirigiu-se à Cristina; fui encarregado de proporcionar-vos algum consôlo e esclarecimento sôbre os motivos de vossa vida e dores no mundo terreno. Neste momento, alguns amigos desencarnados ministram-vos fluidos sedativos e avivam vossa memória espiritual do passado, a fim de compreenderdes a significação da história que irei expôr.

Malgrado sua descrença, Cristina sentiu-se reanimada pela primeira vez, após anos de sofrimento cruciante. Depois de mais algumas palavras afetuosas Salustiano prosseguiu:

— No século passado, em Catânia, cidade da província de Sicília, na Itália, uma bela jovem chamada Angelita casou-se com Marcelo, môço pobre, honesto, laborioso e criatura de alma excelente. Cinco anos depois êles já possuíam alguns bens em jóias e títulos, cujos valores esperavam transacioná-los para construirem o lar sonhado. Mas entre os dois cônjuges acentuava-se dia a dia a vizível diferença emotiva e espiritual, pois enquanto Marcelo adorava o aconchego do lar e o entretenimento com os filhos, Angelita, temperamento inconformado e indócil, rebelava-se contra os deveres prosaicos domésticos tendendo dia a dia para uma vida fútil e improdutiva. Ausentava-se a miúde de casa na companhia de vizinhas volúveis, buscando divertimentos tôlos e perigosos, olvidando o carinho materno aos filhos, ou interpretando como timidez e servilismo a tolerância espiritual do espôso. Irritava-se freqüentemente, procurando justificativas inconsistentes para os des-mazelos e imprudência de sua vida.

Nessa época, instalou-se em Catânia uma companhia de espetáculos de variedades onde se destacava um jovem intérprete de "canzonettas" regionais. Era um rapagão de porte vistoso, muito preocupado com a aparência física. Maneiroso nos gestos e esforçando-se para impressionar favoravelmente as môças casadoiras do vilarejo. Não possuía voz incomum ou de louvável timbre musical, mas a habilidade em combinar a mímica aos trechos mais românticos, distinguiam-no em alguns dias felizes comovendo a platéia feminina. Entretanto, o cantor não gozava de boa fama; acoimavam-no de mulherengo, atrevido e responsável por muitas frustrações nos corações de môças imprudentes.

Angelita, inconformada com a existência apagada junto dos filhos incômodos e do espôso excessivamente caseiro, não deu crédito às notícias desairosas a respeito do cantor. Ansiosa por se libertar dos deveres humilhantes e prosaicos do lar, passou a lhe corresponder ao assédio galanteador e capcioso. Êle via nela excelente presa para explorar.

Num dia infeliz, Angelita valendo-se da ausência do espôso apanhou tôdas as jóias e haveres fáceis de conduzir, para fugir de Catânia em companhia do galã inescrupuloso. Êle viveu com Angelita apenas o tempo suficiente para lhe dissipar a pequena fortuna roubada ao espôso. Em seguida abandonou-a em cidade estranha e distante. Desesperada **e na** miséria,

Angelita findou-se aos poucos, na prostituição, arrependida da falta de amor materno aos filhos e da traição ao espôso amigo e fiel!

O guia Salustiano fez uma pausa em sua narrativa, parecendo medir o efeito das palavras seguintes:

— O espírito de Angelita retornou à Terra, encarnando-se na cidade de Curitiba, a fim de se ressarcir do passado delituoso e despertar o sentimento materno atrofiado no pretérito. Sob a regência da própria Lei Cármica preparando-lhe a retificação espiritual, Angelita foi acometida de meningite na própria noite do casamento e assim ficou impedida de procriar os filhos, a cuja graça não fizera jus na vida anterior. Desolada pela falta de filhos no lar tristemente vazio, ela foi à maternidade e adotou uma criança atraente, que avivou-lhe os sentimentos de mãe e próprios da mulher. Mas se a Lei é justa também é implacável, e levou-lhe o filho aos três anos de idade, vitimado por uma enfermidade pulmonar incurável.

Malgrado à dor irrecuperável devido à perda do menino, porém excitada na sua primeira experiência maternal, Angelita adotou outra criança semelhante ao primeiro filho falecido. Infelizmente, o segundo filho também findou tràgicamente no dia do seu quarto aniversário, depois de adestrá-la no sentimento materno cada vez mais intenso, e prepará-la para o vento cármico tormentoso de criar o terceiro filho ignóbil, inescrupuloso e ingrato. Os dois primeiros filhos, belos, bons e generosos, ativaram-lhe a paixão de mãe até o estoicismo dela poder suportar e criar o terceiro adotivo desclassificado.

Salustiano interrompeu sua narrativa, enquanto Cristina sentia-se profundamente abalada no recesso do sêr. Malgrado alguma descrença, ela indagou sem vacilação:

— Porventura os dois primeiros filhos dessa Angelita deveriam morrer prematuramente, só para que sua mãe fôsse castigada dos pecados da vida pregressa?

— É conveniente lembrarmos, querida irmã, que não há castigo no processo de retificação cármica, mas apenas reeducação dos nossos sentimentos no sentido de recuperarmos a ventura perdida através de nossa inteligência espiritual. Os dois meninos desencarnados prematuramente eram encarnações de um mesmo espírito, que através de poucos anos de vida física descera à carne para processar a "descarga" dos fluidos tóxicos aderidos ao seu perispírito e transferi-los para o "mata-borrão" do corpo terreno. Era uma entidade amiga de Angelita, que havia aceitado o encargo de incentivar o sentimento materno da mãe adotiva, para a ajudar no bom êxito da prova cármica de reajuste espiritual.

— Porventura o espôso de Angelita, nessa existência, também não sofreu a prova dolorosa de perder os filhos adotivos, quando não lhe cabia a responsabilidade do adestramento materno da espôsa?

— Irmã Cristina, não há injustiça na pedagogia espiritual, pois o espôso de Angelita, nesse transe doloroso, também resgatou suas mazelas espirituais do passado e devido a culpas semelhantes.

Cristina silenciou alguns momentos, ainda confusa pela imperícia de julgar o que lhe era desconhecido, mas traía certo abalo espiritual, ante a clareza e a lógica daquela história absolutamente igual ao seu próprio drama terreno.

— E por que só sobreviveu o terceiro filho vadio, cruel e inescrupuloso, ao invés dos dois primeiros filhos, belo; bons e gratos?

Salustiano parecia meditar profundamente antes de responder. Depois decidiu-se, esclarecendo num tom de profunda advertência espiritual:

— Em nossa romagem terrena não somos obrigados a ligar-nos com espíritos imperfeitos, primários e sem discernimento; mas seremos irremediàvelmente imantados às criaturas inferiores atraídas para a nossa órbita espiritual, seja por um interêsse menos digno ou imprudência. Escolhemos os companheiros e teremos de suportar pacientemente as ingratidões, mazelas e tropelias próprias do padrão espiritual inferior das almas as quais jungimos aos nossos destinos.

E depois de ansiosa expectativa, Salustiano arrematou, resoluto:

— O terceiro filho de Angelita, inescrupuloso, vadio e cruel, era o cantor de Catânia, que no passado ela imprudentemente o ligou à sua vida, quando abandonou o marido fiel e os filhos amorosos. Espírito primário e defeituoso que a prejudicara no pretérito, pela sedução física, fê-la sofrer novamente na atual existência, atraído pela lei de que a "semeadura é livre, mas a colheita é obrigatória"!

Enquanto Salustiano quedava-se, comovido, Cristina não conseguia suster duas lágrimas, que depois rolaram pelo seu rosto torturado.

# HEI DE SER RICO

Desde criança, Clementino sentia um horror natural pela pobreza e vivia inconformado com a desdita dos pais serem arrasadoramente pobres. E o pior de tudo: eles se mostravam bovinamente conformados com a miséria! Simples ajudante de pedreiro e metido o dia todo no meio da lama viscosa das valas dos alicerces, Marcolino Vieira Guedes, o pai nunca se arriscava à mais singela aventura para sair daquela situação precária. Era preferível roubar, pensava Clementino decidido, do que viver entre trapos comendo alguns pedaços de xarque velho misturados à passoca de farinha no caldo de feijão ralo. Imaginava-se freqüentemente em aposentos luxuosos revestidos de poltronas de veludo, tapetes macios e valiosos quadros de pintura nas paredes finamente decoradas de aristocrática residência. Aquilo estava no seu sangue. Sentia-se eufórico e familiarizado no seio da riqueza.

Divagava longo tempo imaginando essa vida agradável. Via-se diante da mesa de imbuis com entalhes artísticos e coberta por finíssima toalha de linho tôda rendada. Do fôrro pendia um rico candelabro pejado de lavores cristalinos e dezenas de velas coloridas. A luz iluminava jarras de vinho, taças de champagne, pratos de porcelana e talheres de prata. O criado aparecia de casaca de veludo encarnado e calções de seda branca, como se via freqüentemente nos filmes franceses. Em seguida, êle destampava a terrina fumegante e servia-lhe apetitosa sopa de lentilhas, com muito queijo ralado, acompanhada de pãesinhos frescos e cheirosos. Depois vinha a "maionese" de salmão rosado, como fazia dona Dora, a espôsa do dentista, servindo-se das latas de conserva. O frango ou leitão assado apareciam enfeitados com farofa de ovos, azeitonas e alfaces, rodeados pelas travessas de "spaguetti" ao môlho de tomate e fácil da gente enrolar no garfo. Na sua imaginação fértil, Clementino estendia-se epicuristicamente a outros pratos dos restaurantes "chies", vistos por êle quando vendia jornais aos fregueses. Havia "risoto" de camarão ou de galinha, talharim ou "ravioli", sempre acom

punhados de saladas caloridas de tomates, alface, couve-flor, vagem, pepino em conservas, nacos de limão e tudo isso nadando num legítimo azeite italiano. Em sua mente fértil os criados hábeis e treinados, prosseguiam retirando travessas, pratos e talheres, enquanto Marcolino, seu pai, recostava-se no espaldar da poltrona de veludo verde-garrafa, palitando os dentes e bebendo vinho rosado na taça de cristal transparente. A ceia, farta terminava na imaginação de Clementino, sulbstituída pela sobremesa em pratinhos de porcelana floreada, com muito pêssego ou nacos de abacaxi em calda, além da fartura de uvas, peras, maçãs, morangos e bananas! Ah! bananas!. Êle detestava bananas, pois era o alimento habitual dos pobres e às vêzes o seu único almôço com um pedaço de pão velho!

Súbito, caía em si, despertando do devaneio tão agradável, pela voz imperiosa e irritada da mãe:

— Clementino! Deixe de imaginar coisas e almoce, duma vez, antes que a. comida esfrie!

Ele baixava a cabeça para o prato, revoltado da realidade detestável e metia com raiva o garfo de cabo de pau no virado feito de feijão e couve esmolada de dona Malvina, a vizinha, cuja gentileza caritativa tanto o humilhava.

— Ainda hei de ser rico! Hei de ser rico! — obstinava-se, dia a dia, com veemência esotérica.

Não fôra feito para aquela vida miserável. Precisaria ser rico de qualquer forma! A noite, antes de dormir, punha os braços debaixo da cabeça e fitava o fôrro de tábuas de pinho, sem pintura e cheias de nós, deixando-se enlevar novamente pela fantasia otimista. Em sua imaginação exaltada, a enxerga de capim surrado, o lençol encardido e o cobertor ordinário comprado na "cooperativa", logo se transformavam num leito alvo, emoldurado por

travesseiros de fronhas rendadas sôbre o colchão bojudo de setim encarnado e crina vegetal. (1) Clementino espreguiçava-se, contente, antes de vestir o seu pijama de seda azul-claro, rescendendo ao cheiro exótico da "naftalina". Depois deitava-se, feliz, no leito confortável e tomava o chocolate quentinho, que o criado já devia ter deixado sôbre a mesinha de cabeceira. Em seguida, num gôzo inefável, apagava mentalmente as velas perfumadas e cobria-se até o pescoço. Mas, um olhar mais demorado em redor e o sonho estava desfeito; então fechava os olhos mal curtindo a revolta, para não ver os trapos mal cheirosos da cama pobre!

Um dia, Clementino decidiu-se a realizar o seu sonho. Deixou um bilhete lacônico sôbre a mesa da cozinha, empacotou uma calça e camisa sobressalentes. Vendeu por ninharia os apetrechos escolares e pondo a mão no bôlso da calça do pai, arrebanhou uns minguados tostões. No seu bilhete de despedida transparecia a desforra melodramática: "Mãe e pai, vou por este mundo de Deus em busca de riqueza, pois é melhor a gente morrer do que ser pobre. Me perdoem."

Meteu-se clandestinamente num trem de carga e depois de dois dias e uma noite de sacolejos, fome e sede, chegou a S. Paulo, em manhã triste de Inverno, já arrependido da fuga, mas não podia recuar e ferir o seu amor-próprio.

Naquele dia aziago alimentou-se com a odiosa banana e meio pão seco, guardando sobras para a noite, pois em seu bôlso restavam apenas os dois mil réis de prata roubados do pai. Talvez teria alimento para três dias; mas depois viria *a* dureza. Clementino era menino obstinado no seu objetivo de enriquecer e porisso enfrentou o destino sem esmorecimento. Carregou malas na estação ferroviária, vendeu jornais, revistas e bilhetes de loteria; engraxou sapatos, pôs banca de bicho e juntou pecúlio suficiente para montar pequeno bar em Perdizes. Mourejando de madrugada à noite, como turco teimoso ou judeu especulador, conseguiu juntar dinheiro suficiente para comprar dois lotes de terrenos em Jaguaré. Ao completar vinte e três anos de idade êle desposou Florinda, môça pobre e muito vistosa, que as más línguas não lhe atribuíam bons feitos pela sua peculiar volubilidade.

Clementino ainda não usufruia do luxo e da riqueza tão almejados na infância. Porém, era de prever-se que em breve ele ficaria rico, porque, além de pertinaz no seu objetivo, era inescrupuloso nos negócios. Entregava-se à sovinice e ninguém conseguia arrancar-lhe um tostão; no entanto, Florinda, a espôsa, punha-se tôda "coquete" e dramática, conseguindo arrancar-lhe bom dinheiro para consumir em sua existência vaidosa e fútil. Um ano depois de casado nasciam duas gêmeas. Clementino viu-se obrigado a trabalhar de rijo e privava-se de qualquer diversão ou gasto supérfluo para sustentar o aumento da família.

A sorte ainda não se decidira a seu favor e semeava-lhe surpresas amargas. Caíra num verdadeiro conto do vigário: os terrenos comprados em Jaguaré estavam hipotecados há tempo pelos vendedores inescrupulosos e sumidos da cidade. Mal refeito desse prejuízo, enfrenta outro problema oneroso; Florinda estava enterrada de dívidas até o pescoço, em "magazins", lojas de bijouterias, cabeleireiros e ourivesarias, adquirindo tudo em nome do marido e pondo-lhe em perigo a estabilidade comercial de sua firma. Clementino atolou-se em promissórias para cobrir a dívida vultosa e procurar tomar um fôlego. Mas a borrasca aumentava e a má sorte o perseguia; a Prefeitura, em empreendimento conjugado com o departamento de água e esgôto, resolveu alargar a rua onde ele tinha a mercearia.

Em breve, a rua ficou tôda esburacada, revolvida, atulhada de terra negra e viscosa, entremeada de canos, pedras, esteios, bombas hidráulicas, escavadeiras, caminhões e operários, movimentando-se em todos os sentidos. A água vertia incessantemente do solo e as calçadas estavam imundas, desviando os melhores fregueses. Os operários lambusavam os pisos de ladrilhos e os balcões de mosaico, na hora do "lanche". Além disso caía uma chuva miúda e persistente, que retardava a retificação da rua.

Quando Clementino deu conta de si estava enterrado com dívidas e duplicatas

atrasadas, além dos prejuízos provenientes das mercadorias deterioradas pela falta de substituição. No limiar da falência, ele reuniu todos os credores e transferiu-lhes a mercearia, acrescida de alguns bens domésticos para a cobertura do débito gravoso. Sem qualquer reserva disponível e desempregado, ele tentou corretagem de seguros, venda de terrenos, troca de automóveis, colocação de títulos patrimoniais de associações desportivas e campestres, enfrentando uma luta desesperada para sobreviver e evitar a escravidão dos empregos assalariados. Infelizmente, exaurido e fracassando nessas atividades insuficientes para manter o lar com três filhos, pois já havia nascido Hilário, e faltando-lhe a cooperação da mulher cada vez mais entregue à vida mundana e fácil, ele se viu obrigado a procurar emprêgo de horário fixo.

Então Clementino curvou-se ao destino fatal e aceitou o emprego de montador de fogões em importante metalúrgica paulista, embora o salário minguado mal lhe permitisse alimentar os filhos esfomeados.

Certa noite, êle sonhou que o "Tinhoso", um tipo popular muito conhecido em S. Paulo, chamava-lhe a atenção para um cartaz onde figurava vistoso milhar. Acordou-se, pela manhã, bastante excitado e recordando perfeitamente o milhar entrevisto no sonho, resolvido a arriscar uma "fèzinha" no bicho, à hora do almôço. Entretanto, a excitação aumentou, quando percebeu que o número da série do primeiro fogão, montado naquela manhã, era exatamente o do milhar entrevisto em sonho. Clementino ficou perplexo e o coração a bater precipitadamente no peito, após a coincidência tão singular. A sorte parecia procurá-lo; e o mais certo seria adquirir um bilhete de loteria da sorte grande para o mesmo dia, pois assim resolveria em definitivo tôda a sua preocupação financeira. Sem dúvida, ele agora seria rico, muito rico, concretizando o obstinado sonho alimentado desde a infância!

Incapaz de controlar a sua excitação emotiva, alegou enfermidade na família e saiu à procura do velho Euclides, espécie de abutre que emprestava dinheiro a juros escorchantes para os empregados da metalúrgica. Finalmente, conseguiu o dinheiro suficiente para comprar um bilhete inteiro. Sentia-se aflito e o estômago em espasmo, ante a perspectiva de não encontrar o bilhete desejado. A sorte parecia ajudá-lo pois descobriu que o bilhete fôra distribuído à certa agência de Pinheiros. Clementino alugou um taxi e horas depois, descrente da realidade, acariciava em suas mãos, inteirinho, o bilhete com o milhar exato.

Retornando ao centro da cidade, acomodou-se no bar da avenida Ipiranga, bem defronte à "Casa da Sorte", e ali ficou, das 12 às 14 horas, fazendo ligeira refeição e namorando a lousa preta, que à tarde deveria expôr o resultado da extração da grande loteria paulista. As quatorze horas, viu o povo aglomerar-se junto à lousa para conferir os seus "gasparinhos". Clementino enguliu mais um trago de pinga, e, lentamente, como o jogador epicurista, que chora as cartas no carteado de alta banca, foi-se aproximando, devagar, sem olhar de chôfre para os números ali expostos. Parou, respirou fundo antevendo a sua emoção. Depois, lentamente, correu os olhos de alto a baixo e de baixo para cima, na lousa negra. Não! Não era possível! De princípio ficou surpreso, meio aparvalhado, sem poder dominar o gôsto amargo da bôca, o aperto no coração. Fazia o bilhete sacudir-se nas mãos trêmulas. Conferiu novamente a data de extração do bilhete, comparou o milhar com os números inscritos na tabela. Devia haver algum engano ou confusão. Algo estava errado, pois o seu bilhete estava branco, branquíssimo ! Não poderia recuperar nem o mesmo dinheiro! Custou a se convencer de que não fôra premiado, tomado de intensa fraqueza e tremenda sensação de fracasso. Tinha uma vontade imensa de morrer. Fugir do mundo! Esconder-se nas montanhas. Queria ficar quieto, afrouxar os músculos e deixar a cabeça vazia. O "Tinhoso" havia judiado dele, gozado de sua ambição e candura! No dia seguinte, comparecia ao emprego, meio febril e zonzo pelo excesso de

pinga que ingerira para fugir à realidade e amortecer o desespero, prosseguindo na tarefa inglória de montar fogões.

Dois anos depois, Arminda, a caçula, fazia onze anos de idade o o major Rodrigues, seu padrinho e muito amigo de Florinda, deu-lhe de presente uma caixa de "bonbons" e um envelope fechado com um bilhete inteiro para a sorte grande da loteria paulista. Clementino enfrentava situação grave. Kin certos dias não conseguia os proventos necessários para alimentar os filhos. Florinda dormia até as onze horas, almoçava em algum lugar, fugindo ao cumprimento dos seus deveres conjugais, graças à conformação bovina de Clementino.

No dia da extração, êle prontificou-se a conferir o bilhete de Arminda, e quando fazia um rápido lanche de pastéis e aperitivos no bar do Português, apareceu o Cardoso, velho amigo do tempo da mercearia e abastado proprietário de inúmeras casas de aluguel. Conversaram um pouco e Clementino, como precisasse de dinheiro, lembrou-se do bilhete de loteria presenteado a Arminda, e, retirando-o do bôlso, numa decisão súbita, estendeu-o para o amigo, fazendo-lhe amistoso convite:

— Cardoso, quer associar comigo na sorte grande, para amanhã?

O amigo pegou o bilhete, mirou-o de cima para baixo e depois retorquiu, num tom surprêso, mas imperativo:

— Sabe, Clementino, é muita coincidência você oferecer justamente o final que eu ando perseguindo a algum tempo! — E devolvendo-lhe o bilhete, considerou num sorriso matreiro. — Eu acho que a sorte é para um e não para dois; por isso não compro bilhetes de sociedade com ninguém. Se o sócio estiver de azar, eu também vou no arrastão, não acha?

— Ora, Cardoso; vamos supor que nós dois estamos com sorte? Eu jogo com a metade e você com a outra metade, e cada um ganha um dinheirão!

— Agradeço, Clementino! Ë do meu feitio não fazer sociedade em bilhete de loteria com ninguém. Ë como diz o ditado: "a sorte não se reparte." — E levantando-se, despediu-se do amigo.

Clementino estava muito necessitado de dinheiro e o valor do bilhete, na época, era boa importância. Lembrou-se do sonho tão claro e nítido frustrado há dois anos atrás. Isso fé-lo decidir-se.

Cardoso! — chamou Clementino, fazendo o amigo voltar-se, curioso. — Quer ficar com o bilhete inteiro? Dou-lhe dez por cento de abatimento, pois a mim não me interessa e prefiro o dinheiro seguro, antes da sorte madrasta. Quer ficar?

Cardoso apanhando o bilhete, examinou-o outra vez, revendo o número com o final de sua predileção. Pensou alguns momentos e depois exclamou:

-- Homem! Acho que vou ficar. Sempre andei atrás desse final e parece que o danado agora anda atrás de mim!

Clementino embolsou o dinheiro, satisfeito. Que lhe adiantaria tentar a sorte no bicho ou na loteria? Sempre fôra de azar e além disso tivera aquela lição amarga, quando o número entrevisto em sonho e confirmado pela série do primeiro fogão montado no dia não lhe dera nem o mesmo dinheiro. Sorriu, aliviado, apalpando o dinheiro no bôlso: "mais valia um pássaro na mão do que dois voando". No outro dia, êle se entretinha na montagem dos fogões para a entrega regular, quando o garôto da seção de mostruário abriu a porta da oficina, gritando para dentro:

— "Seu" Clementino! Querem falar com o senhor aqui na loja!

Ele subiu os cinco degraus, que separavam a loja da oficina e sob a claridade do Sol a descambar no poente, reconheceu o vulto encorpado do amigo Cardoso junto ao balcão, a assobiar uma valsa romântica, fazendo o acompanhamento Com a ponta da bengala batendo no assoalho. Ao ver Clementino, sua fisionomia iluminou-se num farto sorriso, e abrindo os braços avançou lépido e festivo , dizendo sob intenso entusiasmo:

— Clementino, meu velho! Já estava nervoso para dar-lhe a boa nova e também

cumprir o meu dever! — Meteu a mão no bôlso interno do paletó e retirando um envelope, tipo comercial, deu a Clementino, acrescentando-lhe num gesto desenvolto e profundamente cordial. — Você me deu sorte, homem! Isso *é* a sua comissão de agente, meu velho! Eu não seria tão egoísta de o esquecer! E batendo-lhe no ombro, jubiloso, exclamou. — Ganhei a sorte grande com o bilhete que você me vendeu!

Depois saiu apressado e feliz, fazendo acenos amigos para Clementino, que surpreso e atarantado, abriu o envelope e encontrou uma nota de mil cruzeiros: sua comissão de "agente"! Sentiu tudo rodar em tôrno de si, uma vontade doida de morrer, atirar-se debaixo do primeiro automóvel ou beber até cair. Voltou para a oficina, cabisbaixo, sem ver ninguém, sentindo o coração oprimido por um espasmo sufocante e odiosa revolta contra Deus e o mundo. Apanhou o paletó do armário, e jogando-o sôbre o ombro saiu da oficina,

sem dar satisfações ao chefe, que lhe indagava, surpreendido:

— Clementino?! Que há? Homem de Deus!

Entrou no bar do Português e pediu ao garçon, resoluto:

— Traz uma garrafa de "Sussuarana" e um copo!

Encheu o copo de líquido e enguliu a metade num sorvo, encolhendo os ombros para a frente e careteando a valer sob o ardor doloroso da pinga.

Dali por diante sua vida desandou. Mudava de emprego assim como certas mulheres mudam a côr do cabelo. Quando deu ciência de si, já era muito tarde para consertar a vida. Dorinha, a filha mais velha, abandonara o amásio, um cabo da Polícia paulista, e juntamente com Otília, a outra gêmea, associaram-se à conhecido proxeneta, montando disfarçado prostíbulo, onde passaram a explorar as jovens incautas. Meses depois, Arminda, a caçula, juntava-se às irmãs mais velhas na mesma profissão infamante.

Clementino resistiu ao choque, resignado, porquanto ainda vivia preso a idéia fixa e obstinada — ser rico! Sem dúvida, dera pouca atenção aos filhos, deixando-os lutar deses peradamente para sobreviverem, e isso devia ter-lhes enfra- quecido o caráter, desviando-lhes o rumo da vida. Restavam-lhe os dois filhos homens; Virgílio, com vinte anos e Hilário com vinte e três. Mas notava serem rapazes astuciosos e cínicos, sempre metidos em negócios embaraçosos e cheirando a contrabando, num trabalho de especulação ou vigarice com outros espertos.

Clementino completara 63 anos de idade. Estava pobre, reumático, desiludido da família e extremamente envelhecido. Vivia das migalhas que os filhos enviavam-lhe dos negóciós escusos. Florinda tinha perdido suas amizades pródigas e vivia desacorçoada, pondo tôda culpa de sua desventura no marido.

Certa manhã de julho, êle tirititava de frio junto ao fogão, enfiado num cobertor de lã, esfarrapado, que o cobria dos ombros aos pés, quando Florinda chegou do vendeiro e sem qualquer palavra atirou-lhe sôbre os joelhos o jornal da manhã. Apontando uma notícia ali destacada na primeira página, exclamou, sardônica:

— Leia! Isso talvez faça você mexer-se nessa vida de miséria!

Clementino leu a manchete sem mover um músculo e sentindo o olhar inquisidor da mulher. Em seguida, num desabafo mórbido, exclamou:

--- Eu já esperava por isso! A mim é que eles não puxaram!

— Obrigada pelo insulto, seu vagabundo! — clamou Florinda, raivosa e saiu batendo a porta.

Clementino baixou os olhos para o jornal e leu demoradamente todo o tópico acusativo, onde mais uma vez o seu nome era motivo de escândalo. Suas três filhas eram prostitutas, e de vez em quando viravam notícias de jornal, quando havia conflito e bebedeira nos seus lupanares. (2) Por quê Hilário e Virgílio, os filhos, também não poderiam ser da mesma tara da mãe? Lá estava a manchete escandalosa; ambos haviam sido presos pelo crime de "tráfico" e exploração de jovens inexperientes, como proxenetas do mais baixo

calado e traficantes de escravas brancas. Sua vida estava acabada. Pensou em desistir de tudo; mas havia aquela esperança a lhe palpitar na alma! Dominava lhe, air da, a idéia fixa alimentada desde a infância; hei de ser rico! Hei de ser rico!

Passaram-se onze anos, após os acontecimentos anteriormente narrados. Tudo fôra esquecido, como acontece na vida de todos os homens. O Criador, em sua bondade, passa a esponja do esquecimento sôbre as dores e alegrias da humanidade, até libertá-la das ilusões do mundo transitório e conduzí-la à verdadeira vida de espirito imortal. A dor, a decepção, o fracasso e a amargura da Existência humana, terminam por desanimar os homens sempre curvados para o solo, fazendo-os buscarem o alívio e a paz de espírito no céu!

Era uma noite abafadiça. O prédio espaçoso, construído de alvenaria, de forma retangular, estava regularmente iluminado na fachada, enquanto as alas compridas e crivadas de janelas, em ambos os lados, mergulhavam na escuridão da noite. Tratava-se do "Asilo S. Francisco de Assis", edificado no meio de um jardim moderno, pródigo de rosas, cravos, verbenas e dálias, proporcionando suave perfume naquela noite quente. As maripôsas rodopiavam alucinadas em tôrno das lâmpadas elétricas e os bezouros, zumbindo, desciam em vôo picado até a grama do jardim ou das lajotas do caminho, e ali se esparramavam de barriga para cima, movendo inútilmente as patas. Ali naquele edifício abrigavam-se sessenta velhinhos protegidos pela caridade pública, cujas risadas finas fugiam pelas janelas, lembrando vagamente o balido de ovelhas.

Diversas pessoas sentavam-se defronte às casas. As janelas estavam escancaradas, devido ao calor excessivo. Muitas crianças faziam algazarra e corriam pelas calçadas, numa gritaria ensurdecedora. Mas ninguém percebeu, pelos sentidos físicos, quando surgiram quatro flocos de luzes multicores a flutuarem no Espaço, uns três metros acima do solo. Os quatro flocos de luz, invisíveis para a visão carnal dos encarnados sem a faculdade de vidência espiritual, logo definiram os seus contôrnos de espíritos desencarnados, que pousaram delicadamente na grama do jardim, próximo à escadaria, em movimentos graciosos. Suas auras refulgiam nos matizes lilás, safirino e até um verde-claro suave respingados de formosa fulgência prateada. Mal chegaram ao solo, o mais idoso dirigiu-se aos outros...

— Deve ser nove horas nos relógios da Terra; isso permite-nos dispor de algum tempo para procedermos a pesquisa "psíco-física" entre os velhinhos do asilo e fazermos o relatório à "Mansuetude". — E continuou num tom explicativo. — Em face do esgotamento vital do velho Clementino, acredito que não teremos problemas inesperados na sua desencarnação.

— Irmão Luciano, — indagou outra entidade bem môça —depois de Clementino desligado do corpo físico, iremos diretamente para "Mansuetude", conforme solicitou-nos irmã Severiana, não é assim?

Luciano passou a mão refulgente sôbre os cabelos radiosos, considerando alguns segundos depois:

— Tudo dependerá da reação "psíco-vital" de Clementino, após o "corte"! Desconheço a sua especificidade magnética perispiritual! (3) É evidente que não podemos arrastá-lo até a metrópole "Mansuetude", caso êle se apresente demasiadamente compacto, tornando-se um fardo oneroso.

— E nesse caso, que faremos?

— Vamos deixá-lo no "Agrupamento de Frei Estevam", no Limiar (4) e só voltaremos a buscá-lo depois dele sofrer o expurgo da carga magnética ou "toxicose residual" atrativa dos charcos, (5) no processo técnico disciplinado que o dispense da terapêutica lodosa do astral inferior.

— Aliás, não sei se Clementino possuiu créditos suficientes para merecer uma drenação amistosa! (6)

Luciano ainda refletiu, um momento, para depois acrescentar:

— Bem! O pedido é de irmã Severiana, e o crédito dela é vultoso na contabilidade divina!

Entretanto, Clementino já não é um ancião exaurido da vitalidade "etéreo-física"? — indagou outro espírito de vasta cabeleira alourada.

— Depende da atração dêle à matéria, pois, em geral, os .velhos são mais renitentes na operação de desencarne do que os jovens, cujo espíritos pendem mais para "cá", pelo menor tempo de encarnados e maior fuga vibratória ao mundo físico. Oxalá, Clementino não esteja "colado" ao organismo físico, pois se isso acontecer, a sua liberação vai ser de amargar! Bem, vamos entrar no asilo e cumprirmos nossas tarefas!

Subiram os cinco degraus de pedras do asilo, passando lentamente pela porta, sem abrí-la, a qual se iluminou nos relevos do "duplo-etérico". Logo lhes surgiu à visão perispiritual um longo corredor sob fraca iluminação e ladeado de portas de ambos os lados. Quase no final, Luciano examinou o número de uma porta, dizendo, categórico:

— É aqui o aposento de Clementino!

Penetraram num quarto modesto e bastante asseado, deparando, num leito simples e confortável, com um velhinho encarquilhado, cuja cabeça, de uma côr castanha desbotada, era emoldurada por um restôlho de penugem branca. Recostava-se nos travesseiros, e arfava bastante fatigado ao respirar, distraindo-se com um rádio transistor colocado sôbre a mesinha, junto ao leito e perto de uma campainha ao alcance da mão. Ele arregalou os olhos, mostrando-se inquieto e auscultando em tôrno, como se pressentisse a presença dos espíritos luminosos no quarto. Luciano curvou-se sôbre o velhinho e pôs-se a examinar atentamente as irradiações "etéreo-físicas" que lhe fluiam pelo duplo etérico combalido, cujos centros de fôrças se mostravam bastante apagados, vibrando em côres escuras e diâmetros reduzidos. Apalpou-lhe os plexos nervosos, correspondentes aos centros de fôrças perispirituais; desde o frontal até o solar ou abdominal, demorando-se ali num toque profissional. Tocou-lhe nas pontas dos dedos avivando algumas fulgurações, que logo se apagavam. Após breve concentração, estendeu as mãos à altura da nuca do velhinho. Sob a ação do choque imponderável, ele se moveu rápido e desconfiado.

— Não há dúvida, o "insubmisso" Clementino está na hora de partir! — glosou Luciano, o chefe da caravana espiritual. — Encontra-se a caminho da atonia vital e para breve obscurecimento mental. Mas está agarradinho ao corpo!

— Insubmisso? — estranhou, espantado, um dos amigos desencarnados.

— Sim, Clementino já fez 73 anos de idade, e, a meu ver,. todo o espírito que teima em permanecer aderido à carne, depois dos setenta anos, é um "insubmisso"!

— Mas não seria pior o suicídio? Não convém passar dos setenta anos?

— Não me refiro à rebeldia ou fuga deliberada da carne; mas ao "medo" e "agarramento" dos nossos irmãos à "caveira" transitória, como crianças prêsas às guloseimas da rua, mas resistindo em voltar para casa, cuja mesa é farta e nutritiva.

— Bem, nós também já vivemos na carne, irmão Luciano, e sabemos que isso só acontece devido à nossa proverbial ignorância da realidade espiritual — comentou outro espírito idoso, de fisionomia morena e queimada pelo Sol. -

— Sem dúvida, só a ignorância prende-nos à carne, mesmo depois de massacrados pelo infortúnio e sem qualquer alívio ou recuperação futura. A libertação benfeitora, pela desintegração orgânica, infunde-nos o pavor do ignoto. Eis um exemplo: nosso irmão Clementino está com 73 anos de idade, encarquilhado, feio, careca, desdentado, combalido, prêso ao leito por reumatismo e vivendo de caldinhos de gorduras intragáveis. Na existência física foi ludibriado pela espôsa inescrupulosa. As filhas prostituíram-se e os filhos foram condenados como proxenetas e traficantes de mulheres. Ele se finda asilado pela caridade alheia, exausto e espoliado na luta inglória de ser rico! A vida foi-lhe um incessante purgatório, frustrando-lhe os sonhos mais simples e negando-lhe as mínimas alegrias.

Luciano, o venerável espírito, cuja fisionomia maravilhosamente ascética sempre revelava um quê de humorismo sadio, fitou por algum tempo Clementino, a gemer sob o menor esfôrço físico, acrescentando, apiedado:

— Vocês crêem que, apesar do sofrimento, o velho Clementino deseja abandonar o purgatório terreno e transladar-se, venturoso, para um mundo agradável e repousar da azáfama física? Bem, então verifiquemos qual é a sua deliberação a esse respeito.

Mobilizando certos fluidos grosseiros, captados no ambiente, Luciano projetou-se num só influxo à altura dos pulmões e do coração do velhinho, endereçando-os simultaneamente à região do "chacra cardíaco" e "laríngeo". Clementino arfou o peito, angustiado pela falta de ar e esgazeando os olhos aterrorizado. Num esfôrço heróico e soltando grunhidos de dor e desespero, pôs-se a bater freneticamente na campainha sôbre o criado mudo. Quando a enfermeira abriu a porta, displicente e acostumada a tais cenas, ele gritou, entre estertores:

-- Socorro! Socorro ! Estou morrendo! Ai, Jesus! Me acudam, pelo amor de Deus!

A enfermeira aproximou-se e retirando um tubo da gaveta da cômoda, dissolveu um comprimido sedativo em meio copo d'água; ajudou Clementino a tomar e afastou-se, indiferente, deixando-o mais calmo entre gemidos abafados.

— Dores, tristezas, desenganos, ingratidões, abandono, miséria, falência; sem filhos e sem rumo! — comentou Luciano. — Todavia, o velho Clementino de modo algum deseja trocar o purgatório terrícola pelo Paraíso! — Achegou-se mais ao enfermo, pousou ternamente as mãos sôbre os derradeiros fios de cabelos e numa projeção vigorosa, ideoplástica, associou-lhe imagens à mente, sugerindo-lhe "morrer para descansar"! Os olhos de Clementino arregalaram-se, outra vez, deixando-o inquieto e desconfiado, com o braço novamente estendido para a campainha.

– Clementino, o "insubmisso", está aterrorizado com a presença da patrulha sideral que o procura! — exclamou Luciano, com um sorriso e aceno cordial. — O pior é que a patrulha o encontrou! — concluiu, num tom divertido, fazendo todos rirem.

Os ponteiros do relógio haviam se cruzado na meia-noite, quando os mesmos espíritos retornaram da visita feita aos demais aposentos dos velhinhos ali recolhidos. O silêncio era total. Os asilados dormiam, salvo alguns enfermos tomados de achaques, que perturbavam o cochilo das enfermeiras. Lá fora cessara o barulho das crianças pelas calçadas e os moradores entregavam-se ao sono confortador. Clementino tinha a respiração entrecortada e estremecia, por vezes, em movimentos convulsivos. Os quatro espíritos penetraram no quarto e Luciano o examinou, novamente, exclamando, depois:

— Bem, passa da meia-noite e por isso já se amainou a agitação mental desta casa e adjacência. Isso nos proporciona o clima favorável para o processo calmo desencarnatório. Distribuiu os três companheiros em tôrno do leito. O mais idoso ficou junto à cabeça de Clementino e pôs-lhe as mãos sôbre a fronte e o ocipital. Um deles se aproximou dos pés e o outro, afastando-se uns dois metros, ali ficou à guisa de um transformador espiritual, elevando o pensamento numa prece fervorosa.

Súbito, Clementino acordou-se, estremunhado, egresso de algum sonhe aflitivo ou pressentindo em espírito as providências desencarnatórias processadas em redor dele. Mobilizando tremendo esfôrço, quis recostar-se nos travesseiros e tentou acionar a campainha da cabeceira; mas Luciano já efetuava uma série de operações magnéticas longitudinais, concentrando energias libertadoras nos principais plexos nervosos e adjacências dos "centros etéricos". Logo começou a fluir da organização carnal do velhinho uma tessitura de fios magnéticos e o luminescentes, cujo entrelaçamento singular lembrava uma rêde de malhas finíssimas, interrompida por alguns pontos obscuros. Enquanto emergia aquela rêde semelhante a um lençol de gaze brilhante, num tom róseo esbranquiçado, (7) fracamente luminoso e emitindo algumas chispas argênteas, Clementino esgazeava os olhos sentindo

incalculável terror nas faces amarfanhadas. A mão paralisada não alcançou a campainha. Impelido pelo instinto inato de libertação, o seu duplo etérico (8) oscilava num vai e vem de balão inflado de ar quente, prestes a partir e aguçando os sentidos do velhinho. (9) Os chacras esplênico e umbilical desregulavam-se num desperdício cada vez mais acentuado de "éter-físico". O baço e os órgãos da região abdominal mostravam-se perturbados pela dificuldade de Clementino controlar-lhes a dinâmica vital. Da cintura para baixo o corpo de carne pesou sôbre o leito, quando Luciano fêz extravasar o "tonus-vital" à superfície do baço e do ventre, desorganizando o ritmo vorticoso do chacra esplênico. O sistema organogênico descontrolou-se por completo. Fígado, intestinos, rins, pâncreas e o baço passaram a funcionar desordenadamente, em pânico, num esfôrço inútil para recuperar o domínio das funções habituais. Mas estava alerta a mente de Clementino e emitia poderosos jatos de energia catalizada pelo mêdo e vontade poderosa de permanecer encarnado. M.e se agarrava à carne com unhas e dentes e a luta prosseguia veemente.

O duplo etérico forcejava pela libertação energética, pois emergia, oscilava e recuava, espichando-se além dos poros da carne. A exaustão vital do velhinho mantinha-lhe o corpo no leito, sem poder movê-lo; porém, êle reunia tôdas as fôrças mentais disponíveis para bradar por socorro.

— Arquimedes! — ordenou Luciano, precipite. — Use só a destra na fronte de Clementino e lhe transmita sugestões e impulsos favoráveis ao seu desdobramento. Éle mobiliza energias mentais para gritar, pondo em polvorosa este asilo! Chame-o para nossa esfera espiritual; convença-o da necessidade de libertar o espírito de sua vida tão tormentosa e desejar existência benfeitora no Além. A sua mente está demasiadamente apegada ao corpo. M.e goza de forte comando sôbre os chacras cardíacos e laríngeo, podendo explodir emoções violentas e descontrôle da fala, prolongando a sua agonia com.. sérios prejuízos para a nossa tarefa. Não posso desligá lo do sistema astral-emotivo, ou impedir-lhe a manifestação da voz, enquanto não se efetuar a descarga residual mais compacta pelo "chacra laríngeo". Precisamos enfraquecer-lhe o, contrôle mental e evitar a conseqüente regressão do corpo vital. Afaste-o da Terra, distraia-o de qualquer modo e o convide a peregrinar em direção ao céu! Vamos, Arquimedes!

Arquimedes cerrou os olhos elevando o pensamento à fonte da vida eterna. Em breve, ondas de inspiração superior fluiam-lhe na forma de pequenos feixes luminosos impregnados de fagulhas e centelhas, que se desfaziam no mais fascinante matiz róseo emoldurado por suave carmim. Lembravam milhares de abelhas microscópicas a revolutear, sumindo-se depois pelo cérebro perispiritual de Clementino, cujos pensamentos melhoraram nesse pequeno hiato. Realmente, sentiu-se fatigado da existência física, deixando-se influenciar pelos eflúvios sedativos e pelas sugestões angélicas de Arquimedes. Abriram-se clareiras de luz na sua mente perturbada e êle se descuidou um momento do energismo mental firmado..

no impacto vigoroso de permanecer na carne. Luciano aproveitou-se desse lapso de passividade mental e acelerou os passes longitudinais, demorando-se, agora, na região pré-cordial até à altura da laringe, onde passou a atuar com intensa atividade. O duplo etérico, que emergia do abdomem para baixo e alguns centímetros sôbre o corpo carnal, sofreu um impulso de fuga da cintura para cima e definiu-se, ràpidamente, na configuração vital-energética de Clementino, mais ampla em seus contôrnos. (10)

Nessa libertação do duplo etérico, os chacras aumentam o diâmetro e o ritmo de ação, passando a extravazar o conteúdo do éter-físico. Clementino, completamente afogueado, sem côr e perdendo o contrôle mental no comando do corpo físico vitalmente exaurido, fêz um esfôrço desesperado para concentrar uma derradeira carga energética de ondas mentais e atrair o duplo etérico à sua velha moradia. O chacra laríngeo, sob a ação desse refôrço vital, reduziu o diâmetro ficando mais compacto e houve momentânea coordenação das fôrças etéreo-físicas

em sincronia com as cordas vocais de Clementino. Sob o pavor da morte, êle conseguiu, num último assomo de vida, emitir um longo e estridente grito, sucumbindo logo em estertores e gemidos. Diante dessa momentânea revitalização orgânica, o maravilhoso equipo endocrínico recuperou um pouco sua autonomia sôbre o baço, o pâncreas e as supra-renais, passando a agir cèleremente, como um general que procura reunir à última hora as fôrças desordenadas para uma defesa desesperada. Luciano, então, fêz subir um jôrro magnético à altura do ventre do velhinho, e depois voltou-se para o companheiro do lado, dizendo-lhe, ràpidamente:

Agora, Dagoberto! Corte!

O companheiro moveu com exímia habilidade diminuta tesoura parecida a um pequeno podador de parreiras, a despedir chispas iguais a fagulhas elétricas, e seccionou, de um só golpe, o cordão fluídico à altura do chacra umbilical. Clementino, cansado pela evasão de energias que se processava através do chacra esplênico, desta vez ficou imóvel e rígido. Da região onde anteriormente pulsava o chacra umbilical subia singular substância leitosa pairando à altura do ventre e formando um cône ou figura muito parecida com a tradicional árvore de Natal. Clementino, completamente aterrorizado pela gelidez dos membros inferiores ou do popular "frio da morte", projetava-se perispiritualmente da cintura para cima, numa fuga incontrolável, enquanto sentia-se colado ao leito de enfermo. Algumas luzes acendiam-se nos quartos adjacentes e se ouviam vozes assustadas acompanhadas de exclamações temerosas.

Luciano não desperdiçou o tempo. Mobilizou energias na exaustiva operação de enfeixamento, compressão ou torcimento do fluxo de energias etéreo-físicas agrupadas no ambiente. (11) Depois êle projetou a carga astralina sôbre o chacra laríngeo, fazendo expluir milhares de centelhas. Aquêle centro energético importante do "duplo etérico" extravasou tôda sua carga vorticosa e a voz de Clementino findou-se em estertores incompreensíveis. M.e atingia a fase agônica tradicionalmente conhecida na Terra como a "sororóca", quando o povo sabiamente prenuncia a morte para breve.

Fazendo um gesto de quem limpa o suor da testa, Luciano arfou o peito num longo suspiro de alívio. Acomodou-se, num canto, dizendo bastante fatigado:

— Felizmente, Clementino está num asilo e longe dos familiares, quase sempre ignorantes da realidade espiritual, e que costumam prender magneticamente os agonizantes durante o processo desencarnatório. (12) Fitando o velhinho na fase de completa desintegração etéreo-física, êle comentou.

— Lutamos há mais de uma hora para efetuar uma desencarnação prognosticada para dez minutos! Que desejo de viver na carne demonstrou o velho Clementino, agarrando-se à caveira como o carrapato gruda-se ao animal parasitado.

Momentos depois o perispírito de Clementino pairava nítido, mais ou menos três palmos acima do campo orgânico, e formando perfeita cópia de sua figura física em posição horizontal. Estava envolto por uma tênue cerração cintilante provinda da substância do duplo etérico disperso pelo ambiente. Porém, êle estava ligado, reciprocamente, por um cordão prateado (13) à altura do cerebelo, que estremecia sob o impulso de alguma carga energética fluindo pelo interior.

— Bem, antes de seccionarmos o cordão perispiritual, aguardemos a drenação tóxica para o corpo físico. Clementino, neste momento, vive a síntese regressiva da própria vida material desde a infância. Sente, analisa, sofre ou se alegra conforme a ação e o pensamento bom ou ruim movimentado na Crosta terrena.

Nesse interim, a porta do quarto abriu-se dando passagem a um rapaz espigado e ossudo, em companhia de uma enfermeira de olhos sonolentos. Ambos auscultaram o coração de Clementino, e o apalparam dos pés à cabeça, examinando-lhe a pupila dos olhos, num ritual habitual e indiferente. Sem alarde e bastante acostumados a tais acontecimentos semelhantes, e freqüentes no asilo de velhos, a enfermeira pôs as mãos na cintura, dizendo ao

companheiro:

— Gabriel, vá chamar o doutor Morais, pois o velho Clementino morreu!

O rapaz magro saiu do quarto, aos bamboleios e assoviando levemente, pondo-se a caminhar pelo corredor, sem grande pressa. Alguns velhinhos assustados enfiaram os rostos pelas portas entreabertas, numa só indagação atemorizada.

— Que foi que aconteceu, seu Gabriel?

— Nada de grave, minha gente! Foi o velho Clementino que fêz um barulhão antes de "bater os gambitos"! — E desapareceu na primeira curva do corredor, deixando os velhinhos desconcertados.

No dia seguinte, à tarde, o sol iluminava os quartos do asilo situados à oeste e penetrava risonho pelo "vitraux" singelo e colorido da capelinha. A luz clareava o corpo de Clementino deitado num caixão de pinho revestido de fazenda roxa e emoldurado com fitas de gorgorão amarelo. Na fisionomia do morto, imóvel e cerácea, perceber-se-ia os traços fugitivos da luta inglória contra a morte. O perispírito estava ali, ao lado do caixão, preso pelo cordão luminoso perispiritual à altura do cerebelo, e balouçava-se, de vez em quando, impelido por alguma fôrça oculta. Clementino, em espírito, oscilava lentamente como um grande pêndulo de relógio; mas, às vezes, traía tal agitação, que obrigava os espíritos ali reunidos a o acalmarem através de passes sedativos.

— Velhinho indócil! — disse Luciano, mostrando certo enfado na fisionomia.

Algum tempo depois falou seriamente aos demais companheiros:

Creio que não podemos esperar mais tempo pela drenação. O sepultamento está próximo e se não o desligarmos Clementino acabaria sentindo a própria decomposição cadavérica. Temos ordem de Severiana para não o deixar sofrer tal processo. Aliás, não nos cabe a culpa dele não expurgar completamente no prazo comum o conteúdo tóxico etéreo-físico, sem conseguir a leveza perispiritual necessária para atingir "Mansuetude".

Luciano auscultou o perispírito e o cadáver de Clementino. Examinando-os minuciosamente através das pequeninas auras de energias plúmbeas e viscosas, que se condensavam nas suturas dos cordões fluídicos em ambos os extremos. Em seguida, aplicou na região descrita pequenino aparelho muito semelhante a um manômetro, acompanhando o movimento da agulha oca e transparente, a oscilar para a esquerda e a se imobilizar num dos símbolos vermelhos existentes no painel graduado.

Inevitàvelmente, Clementino fará estágio no "Agrupamento de Frei Estavam" para a drenação residual sob a competência da equipe técnica de Herculano. É muito densa a especificidade magnética do seu perispírito, pois ele agarrou-se demais à vida humana e lutou furiosamente à hora da morte, com lastimável retenção de tóxicos perniciosos à volição. O desespêro, o pavor e a obstinação petrificaram resíduos nocivos à contextura delicada do perispírito, e não podem ser drenados espontaneamente até a hora do sepultamento (14).. Irmã Severiana há de compreender as nossas dificuldades, porque não poderíamos arrastar carga tão pesada até "Mansuetude", nem dispender energias vultosas só para favorecer espíritos teimosos! — E num desabafo conciliador, Luciana aduziu. — Salvo se encontrarmos algum guindaste de asas no Limiar! ...

Alguns momentos eram transcorridos e ele iniciou outra série de operações em teimo do cérebro perispiritual de Clementino, surgindo, em seguida, magnífica chama violácea a, emitir formosas fulgurações ou revérberos dourados. Iluminava-lhe tôda a configuração craniana, esbatendo-se num rosa-lilás e retocando suavemente os traços obstinados do rosto pálido pela morte. Ali se mostrava em tôda a beleza, estranha duplicata perispiritual da glândula epífise, regente do campo mental do ser. Estação maravilhosa, interpreta e transmite a vontade do espírito ao comando do cérebro físico.. Na base infra-craniana, onde se fazia a sutura do cordão prateado, a cintilação era mais luminosa e adelgaçava-se como delicada lâmina de celofane transparente. Luciano fêz um aceno rápido ao espírito de Dagoberto e êste

aproximou-se com outro delicado instrumento, côr de alumínio, ligado à minúscula bateria, o qual crepitava suavemente à semelhança de um contador "Geijer".

— Corte, Dagoberto! — comandou Luciano, precipite.

O espírito de Dagoberto fêz um movimento rápido e seccionou o cordão à altura do cerebelo, de cuja ponta despedia-se o "tonus-vital" em fulgurações brilhantes, como pingos luminescentes de fogos de artifícios. Enquanto o perispírito absorvia com presteza o fragmento do cordão fluídico seccionado na base, o cadáver também incorporava outra parte na sua contextura carnal. Um halo diferente, num leve tom rosa esbranquiçado, passou a evolar-se no ar e se adelgaçava corno bolhas de sabão, dissolvendo-se no quimismo etérico do meio-ambiente. Minutos depois o corpo de Clementino já apresentava sinais de putrefação, em face da retirada da matriz perispiritual sustentadora da forma humana. As coletividades microbianas famélicas assumiam a sua característica individual e principiavam a decomposição molecular cadavérica.

Mais tarde, os quatro espíritos volitavam com muita dificuldade, à baixa altura, rente a crosta terráquea, amparando Clementino inconsciente. Não chegavam a voejar duzentos metros e faziam o dôbro do percurso em marcha avançada, como os encarnados. A carga pesava-lhes na transladação e e só o devotamento e o amor ao próximo, dava-lhes o ânimo e a energia suficientes para prosseguir na tarefa exaustiva e dificultosa. Em meio caminho do "Agrupamento de Frei Estavam", o próprio Luciano, sem esconder a fadiga energética, determinou um repouso mais longo. Escolheram uma clareira de mato, onde saltitava um regato de água cristalina lançando revérberos na face líquida iluminada pelo Sol descambando no poente. Através de processos técnicos desconhecidos aos encarnados, eles extraíram boa cota de fluidos das árvores frutíferas, aplicando-os depois no perispírito combalido de Clementino, o qual suspirou aliviado de alguma dor interna.

— Irmão Luciano, — inquiriu Dagoberto, enquanto se recostava bastante fatigado num tufo de vegetação exuberante, buscando repouso — porventura seríamos indiscretos, indagando quais os motivos que delinearam o curso cármico da vida de Clementino?

. — Não há mistérios na vida de Clementino que não possam ser conhecidos! — redarguiu Luciano, descansando o corpo na vegetação farta. — Ële viveu existência comum e peculiar a milhares de outros espíritos encarnados, cuja faixa vibratória é a escravidão ao "ego" inferior. Clementino passou pela Terra sem deixar qualquer ensinamento proveitoso ou alguma réstia de luz na alma de alguém. Viveu tanto quanto possível, plantando o seu pé de couve para comê-lo no dia seguinte. Nada semeou em benefício para o futuro do próximo. Desde menino fixou-se obstinadamente num objetivo pessoal e ferrenho: ser rico! Convergiu todos sentimentos e idéias para enriquecer, sem pensar no próximo; aliás, esqueceu a própria família! No entanto, se fôsse rico, nem porisso o mundo seria mais feliz! As crianças continuariam esfomeadas a seu lado, as mulheres decaídas ficariam sem lar na velhice infeliz, os doentes sem hospital e sem medicamentos. A riqueza de Clementino não ajudaria nem Jesus a ser mais conhecido na face da Terra entre os homens, pois ele queria ser rico cinicamente para a satisfação dos prazeres da vida física.

— Então foi por isso que a Lei negou-lhe a fortuna tão ambicionada?

— Não! Clementino apenas colheu os frutos das sementes daninhas que semeou no passado. Em existência pregressa êle acumulou, em Portugal, vultosa fortuna à custa de contrabandos, especulações ilícitas e empreendimentos astuciosos, praticando subornos de autoridades públicas e extorquindo terras de infelizes e ingênuos aldeões. Clementino era rico, porém, ávaro, egoísta, inescrupuloso e gozador da vida. Porisso, no Brasil, êle teceu sonhos de riqueza desde a infância de menino pobre, evocando através da memória perispiritual, o luxo, o confôrto e a prodigalidade usufruida no passado, quando o dinheiro só servia-lhe para desencaminhar meninas pobres e livrá-lo das punições justas através de régios presentes às autoridades. _

— Daí a prostituição das filhas e a delinqüência dos filhos nesta existência? — indagou uma entidade.

— Florinda, Dorinha, Otília e Arminda, eram espíritos que se prostituiriam em qualquer clima social ou condição financeira, pois se tratava de almas primárias e escravas do desregramento sexual, além de submissas ao comando de entidades gozadoras das Trevas. Luxuriosas, fesceninas e impiedosas de corpo e alma, desencaminhavam as companheiras mais ingênuas e fracas de caráter, arregimentando "repastos vivos" (15) para a satisfação da detestável organização diabólica que opera no mundo oculto. Elas sempre terminariam prostituidas, quer vivendo ou não com Clementino.

— Poderíamos supor que Clementino foi de "má sorte", ao atrair esses espíritos para espôsa, filhas e filhos? — interpelou Romualdo, espírito recentemente desencarnado no Rio.

— Clementino atraiu êsse tipo de espíritos sexuais e inescrupulosos, porque êle também já havia se servido deles em vidas anteriores no usufruto de sensações indignas. Ademais, não merecia cercar-se de almas nobres e laboriosas, na última existência, uma vez que fôra um ególatra explorador do próximo.

— E os filhos? — insistiu Dagoberto.

— Hilário e Virgílio eram espíritos irresponsáveis que haviam sido hábeis agentes de Clementino, ajudando-o a satisfazer a ambição de riquezas e os prazeres condenáveis. Sob a lei: "os semelhantes atraem os semelhantes", ele os atraiu novamente para a nova existência no Brasil, através da própria obcessão de "ser riço"! Cabe-lhe a culpa de não os ter protegido pela educação religiosa ou doutrina espiritualista, que muito poderia ajudá-los no domínio dos impulsos inferiores. Sem dúvida, "quem semeia urzes só pode colher espinhos". Na ambição cega de enriquecer, Clementino não sentiu na alma egoísta a prevaricação dos filhos. Quantos séculos êle ainda terá de carregar a bagagem inferior dos espíritos das filhas e dos filhos, quando nada fez para os beneficiar? Almas débeis, ignorantes, entontecidas pelas paixões e seduções falazes do mundo material, elas viveram apenas os impulsos desordenados do instinto animal como "receptores" dos espíritos gozadores das Sombras. Funcionaram iguais a verdadeiras "lixas" vivas junto de Clemeutino, ao qual haviam servido no passado para satisfazer os apetites censuráveis. Porisso, ainda não merecem encarnar-se nos lares dignos e equilibrados, mas, também, farão o progresso ombro a ombro com os próprios comparsas pregressos, participando-lhes das vicissitudes e sofrimentos cármicos e recebendo ajuda e esclarecimentos dos mais evoluidos.

Depois de alguns minutos de silêncio, Luciano levantou-se dizendo, num gesto de comando:

— Vamos!

O grupo outra vez volitava, com dificuldade, levando a carga do perispírito muito denso de Clementino. A região era cada vez mais nevoenta e tiveram de caminhar rente à Crosta, como se fôssem realmente encarnados e incapazes de empreender o vôo numa atmosfera demasiadamente densa. Luciano orientava-se por uma bússola magnética com sinais coloridos. Algum tempo depois divisaram o vulto de enorme barracão de material estranho, emergindo entre a cerração sombria. Estava todo cercado e protegido por cêrcas de arame .trançado, como os alambrados do mundo, além de uma espécie de funis de cobre que se sobressaiam dos postes, de 2 em 2 metros, provàvelmente um sistema de defesa sob o processo de bombardeios magnéticos. (16) Em cada um dos ângulos do edifício rudimentar, ardiam enormes archotes. A vegetação em tôrno era rasteira e espinhosa, recortada por atalhos de terra preta e viscosa, d'onde emergia um vapor oleoso e morno.

Mal os espíritos chefiados por Luciano aproximaram-se do portão principal, duplamente revestidos de pontas aceradas, êles foram reconhecidos pelos vigilantes e assinalados favorávelmente pela sua graduação espiritual superior. Após os cumprimentos

cordiais e abraços comovidos, penetraram na instituição, onde se verificava uma atividade incessante, pelo número de criaturas que se moviam apressadas para todos os lados. Foram introduzidos num pequeno aposento. Logo surgiu-lhes à porta um frade capuchinho, de barbas brancas e de poucos cabelos, mas de hábito azul-escuro e um cinto branco trançado, de cujas pontas pendiam dois tubos de metal lembrando as lanterninhas elétricas modernas. Depois de abraços efusivos e palavras carinhosas entre todos, Frei Estavam indagou:

— Então, caro Luciano; a que devo a visita dos bons amigos de "Mansuetude"?

— Trouxemos um irmão liberado recentemente da Crosta, cujo Serviço desencarnatório atendemos em nome de irmã Severiana.

— Ah! — fêz o capuchinho, curvando-se, cortezinente. —Severiana, nossa gentil colaboradora?

— Sim. Era nossa intenção levarmos esse irmão até "Mansuetude", mas o prazo "post-mortem" foi insuficiente para se processar a drenação tóxica para o corpo físico e a conseqüente sanidade perispiritual. Vimo-nos obrigados a seccionar o "prateado" já próximo do sepultamento e sem completar-se a purgação. O perispírito dele está muito denso e arrasta-se em vez de acompanhar-nos no processo favorável de volição. Precisaríamos deixá-lo aqui no agrupamento, para uma drenação técnica, ou aguardarmos ordens superiores. Prometemos a irmã Severiana deixarmos o seu pupilo protegido dos charcos, e não queríamos decepcioná-la! Que nos diz, Frei Estevam?

O frade velhinho mostrou grande preocupação na fisionomia bondosa, antes de responder.

— Não poderei recusar qualquer pedido de irmã Severiana, em face das vultosas obrigações que lhe devemos; mas o agrupamento está lotado além de sua capacidade socorrista e da segurança vibratória de permanência nesta zona tão primitiva. Já estamos funcionando sob a proteção dos "mercenários" do Umbral, em troca de favores muito onerosos para o futuro. São compromissos inaconselhados; mas, que fazer? —Frei Estevam levantou as mãos para o alto dizendo suspiroso:

— Graças á esses renegados conseguimos livrar-nos de dois assaltos perigosos às nossas instituições socorristas, além de evitarmos uma fuga desairosa e abandonarmos muitos asilados ainda em estado de coma perispiritual. Fala-se em próximo assalto das hostes das crateras, atendendo pedidos de vingança do comando das sombras, a fim de sequestrarem três entidades que estão asiladas em nosso agrupamento.

Batendo suavemente no ombro de Luciano, o bondoso capuchinho aduziu:

— Mas comuniquem à irmã Severiana, que o seu protegido ficará aqui até se mostrar dinâmico à volição ou até que possa transferir-se para região mais amena! Quem é ele?

— Clementino, o insubmisso! — riu Luciano, pondo um toque humorístico na voz.

— Setenta e... ? — glosou Frei Estavam, aliviando o rosto preocupado.

— Setenta e três! — confirmou Luciano, num gesto de censura cordial.

— Pois bem, o "insubmisso" ficará no meu próprio aposento, o único lugar disponível, no momento .

Luciano agradeceu ao venerável espírito e dali a momentos, com os demais companheiros, desapareciam na cerração fumarenta, ruma à colônia espiritual de "Mansuetude".

***(1) N. Atanagildo: — Na época da infância de Clementina não havia colchão de molas; os ricos adquiriam o colchão de crina animal, o mais requintado.***

*(2) N. Atanagildo: — Ambas as filhas gêmeas de Clementina, Dorinha e Otília, cujos nomes verdadeiros ocultamos por motivos óbvios, foram assassinadas nos seus prostíbulos, em noite de grossa desordem.*

*(3) N. Atanagildo: — Peso magnético, que faz o espírito baixar às regiões purgatoriais ou subir para os planos superiores.*

*(4) N. Atanagildo: — Onde começa o mundo astralino e termina a Crosta; conhecido por Umbral, região dos detritos decantados nas purgações dos espíritos com as vestes perispirituais intoxicadas.*

*(5) Os charcos absorvem as impurezas do perispírito, embora isso seja doloroso, até o momento da entidade sentir-se capacitada para ser socorrida e conduzida às colônias espirituais de tratamento após a drenagem.*

*(6) A drenação amistosa é intervenção de técnicos experimentados, que ajudam a entidade a libertar-se da cresta mais onerosa do perispírito, mas é preciso que goze de credenciais para isso e provenientes de atividades sacrificiais ao próximo.*

*(7) N. Atanagildc: — Vide o capítulo "Algumas Noções Sôbre o Pra-na", da obra "Elucidações do Além", de Ramatís. O prana físico é de côr branca em sua manifestação unitária, mas provém da associação de várias côres, onde predomina o róseo esbranquiçado.*

*(8) N. Atanagildo: — Vide o capítulo "Duplo Etérico e suas Funções", obra "Elucidações do Além", de Ramatis. O duplo etérico é um corpo ou veículo provisório, espécie de mediador plástico ou elemento de ligação entre o perispírito e o corpo físico do homem e se compõe do "éter-físico" da Terra.*

*(9) A penetração do duplo etérico na região astral, em tôrno da Crosta, aguça os sentidos do espírito numa hipersensibilidade vital astralina.*

*(10) N. Atanagildo: — Os magos antigos usavam do exemplo do cocheiro, cavalo e o carro, para ensinar, respectivamente, a idéia do espírito, energia ou duplo etérico, e o corpo. físico. O espírito atua no duplo etérico, através do périspirito e conseqüente ação no corpo físico.*

*(11) N. Atanagildo: — Apenas tentamos dar uma idéia do processo inacessível ao entendimento dos encarnados, efetuado num campo vibratório sem analogia com acontecimentos materiais. Num exemplo grosseiro, poderíamos considerar Luciano um hábil eletricista enfeixando fios elétricos num só cabo, que depois usaria como conduto de uma carga mais compacta.*

*(12) N. Atanagildo: — Vide o capítulo "Companheiro Libertado", da obra "Obreiros da Vida Eterna", de André Luiz, por Chico Xavier, com excelentes esclarecimentos sôbre a influência da mente encarnada sôbre os parentes agonizantes e os prejuízos decorrentes de tal atitude.*

*(13) Eclesiastes, Bíblia: 12-6*

***(14) N. Atanalgildo: — Não olvide o leitor de que estamos relatando um processo de desencarnação disciplinada e coerente, com os "cortes" dos cordões e cessação de atividades perispírito-carnal, no tempo certo e previsto. Em casos de acidentes e mortes violentas, tais elementos se rompem e expluem o "tonus vital" num desperdício lastimável. Há que distinguir, portanto, o rompimento de órgãos e tecidos proveniente de desastres e acidentes, aí na Terra, que depoiu exigem o socorro imediato, com as operações amparadas dos recursos preventivos e protetores do enfêrmo.***

***(15) Vide o capítulo "Como Servimos de Repastos Vivos aos Espíritos das Trevas", da obra "A Vida Além da Sepultura", de Atanagildo e Ramatís.***

***(16) Vide o capítulo "O Fogo purificador", da obra "Obreiros da Vida Eterna", de André Luiz e por intermédio de Chico Xavier.***

# A VIDA CONTRA A VIDA.

Zelita era loura e bonita. Olhos azuis límpidos, grandes e emoldurados pelos cílios longos e sedosos. A pele do rosto era de um tom pérola e aveludado, realçando um róseo natural. Os lábios carnudos e sensuais, da côr de cereja madura, corpo bem proporcionado, faziam dela o tipo de mulher atraente e desejada por todos os homens. Ela sabia pintar-se com suavidade, o baton transparente, quase despercebido e sem artificializar-lhe a beleza natural. Usava os cabelos enfeixados no alto da cabeça, lembrando um encantador turbante a irradiar reflexos dourados. Sabia escolher as côres dos seus vestidos de acôrdo com o seu padrão feminino, numa combinação simples e de bom gosto. Apreciava emoldurar-se num traje de seda japonesa verde-malva, adornado de enfeites de um creme amanteigado, o que lhe combinava com louro magnífico.

Havia nela uma faceirice inata, um ar constante de menina-môça, e um desejo ardente de viver; mas às vêzes estranha ansiedade punha-lhe sombras na fisionomia atraente, e sentia faltar-lhe a respiração, caindo em profunda prostração. Em outra acasião, quedava-se séria e preocupada, como a pressagiar algo desagradável nos seus instantes mais venturosos Paradoxalmente, o seu todo belíssimo mostrava a saúde pletórica que parecia imunizá-la contra qualquer enfermidade. Entretanto, às vêzes as fôrças faltavam-lhe inexplicàvelmente, e, momentos após, voltava-lhe a plenitude vital.

Era quase noiva de Valério, môço pobre, de bons antecedentes e que vivia exclusivamente para ela. Mas não parecia amá-lo com a mesma veemência, a ponto dela mesma ter protelado o casamento, além de mostrar certa volubilidade para com outros jovens, cuja côrte apaixonada satisfazia a sua vaidade de mulher requestada. O destino, Um dia, fê-la conhecer Jobel — jovem engenheiro, — que ao vê-la numa festividade social, enamorou-se dela. Não pôde mais esquecê-la! Sômente havia dali por diante uma solução na sua vida — o casamento! Ela aceitou a côrte de Jobel, e, seis meses depois, casavam-se na Igreja de Sta. Terezinha. Zelita foi a noiva mais linda a se consagrar naquele templo católico.

Jobel, ao terminar o curso, transferiu-se para populosa cidade no Norte do Brasil e lá assumiu a direção de importante departamento de uma empresa de construção civil. A mudança coincidiu com os primeiros sinais de gravidez de Zelita. Foi uma gestação tormentosa e o feto prematuro e nati-morto deixou a mãe exangue, apesar de tôda a vitalidade habitual, anterior à concepção.

Os pais perderam as esperanças pelo advento de nôvo herdeiro. Após nôvo período de ansiedade e Zelita perdeu outro filho aos cinco meses de gestação. Em conseqüência, submeteu-se a tôda sorte de exames, testes e tratamentos ginecológicos, sem que lhe fôsse identificada qualquer anomalia no aparelho genital. Os médicos só recomendaram-lhe o máximo repouso e tranqüilidade durante a próxima gravidez, convictos de que isso bastaria para ajudá-la a ter o terceiro filho com êxito.

A Fatalidade perseguia Zelita de modo implacável, embora ela e Jobel pusessem tôda sua vivência no desejo de um filho para completar a felicidade do lar. No entanto, malgrado suas tentativas para -tal ventura, todos os filhos nasceram-lhe mortos em conseqüência de abortos imprevisíveis entre três e seis meses. Em sua vida predominava cruel ironia, pois os médicos gabavam-lhe a exuberância vital, no início da gestação, mas depois não conseguiam explicar os motivos dela exaurir-se assustadoramente, a ponto de guardar o leito, imóvel, até o momento do parto. Finalmente, resignou-se evitando qualquer nôvo ensejo de procriação, certa de sua impossibilidade de ser mãe.

Alguns anos depois, em que o tempo cicatrizou as chagas das frustrações maternas, Zelita consultou curandeiros, "pais de santo", na Umbanda e abalisados ginecologistas modernos.. Nova esperança se fez, ante a unanimidade de todos lhe assegurarem absoluto sucesso num próximo parto! Reanimada, ela entregou-se novamente à empreitada dolorosa de gerar outro descendente, agora fortalecida pelas afirmativas dos próprios espíritos desencarnados . No entanto, o período gestativo foi terrivelmente atribulado e nove meses ela permaneceu no leito em situação aflitiva. As faces tomaram uma côr cerácea, temia-se a eclâmpsia e sofria desmaios demorados. As vêzes ela ficava em estado de coma, os lábios rígidos e as mãos crispadas, tardando em tomar conhecimento do mundo exterior.

Graças à situação desafogada de Jobel, financeiramente, pôde manter uma equipe de médicos junto ao leito de Zelita atendendo-lhe a situação dolorosa. Dr. Milani era o chefe da equipe médica e submetia a paciente constantemente a sôros, vitaminas e até transfusão de sangue. Mesmo assim, ela mal conseguia abrir os olhos e nos últimos dias de gestação já se mostrava algo inconsciente, os olhos esgazeados e com um ar de espanto na fisionomia atraente. Os obstetras encarregados do caso, não viam qualquer probabilidade dela alcançar a "delivrance" em condições de sobreviver. Haviam decidido sacrificar o nascituro e poupar a vida materna em perigo, e Jobel conformava-se mais uma vez com a desdita de não ser pai! Êle vagava do quarto da espôsa para o corredor do hospital, e, depois, retornava nessa "via-sacra" incessante, aflitiva e desesperada!

Finalmente, chegou a hora do parto ante receios dos médicos precisarem optar por uma cirurgia! No entanto, espantavam-se pelos fenômenos que se sucediam, pois às vezes Zelita parecia inflada súbitamente por uma energia imprevista, surgiam-lhe côres inesperadas nas faces, para, em seguida, esvair-se como se a sugassem vigorosamente.

É impossível salvá-la! — comentou o médico para Jobel, num tom fúnebre. — Vamos tentar a cesariana, mas é dificílimo que resista ao choque operatório. Não dispomos de nenhuma alternativa a seu favor, nem do filho a nascer!

Jobel curvou a cabeça, num gesto de resignação desesperada e assentiu:

Doutor Milano, o senhor faça o que julgar acertado!

Aflito e incapaz de assistir à cirurgia que se mostrava de mau presságio, após um beijo comovente na espôsa saiu do quarto, retornando ao corredor cismativo, a fitar o céu carregado de nuvens como sua própria alma. Mas à medida que o médico fazia a incisão no ventre de Zelita, novamente se processava estranha transfusão de vitalidade e o rosto pálido, e a pele transparente e a pressão baixíssima modificavam-se com extraordinária rapidez, surgindo a côr sanguínea otimista e reanimando-se o ritmo cardíaco. Depois, inesperadamente, faziam-se novos hiatos perigosíssimos e Zelita desfalecia deixando todos alarmados.

Jobel olhava o céu nublado e fumava cigarro atrás de cigarro. A temperatura esfriara e começava a cair uma chuva finíssima, aumentando a sua dor e tristeza. Talvez houvesse decorrido uma hora, quando à sua retaguarda abriu-se a porta da sala de cirurgia. Êle voltou-se, sob profunda angústia, defrontando-se com a figura atarracada do dr. Milani, a enxugar o suor do rosto, apesar da temperatura amena. Em seguida, meteu a mão no bolsinho do avental e apanhando um cigarro "Liberty", acendeu-o num gesto impaciente de fumante inveterado. Aproximou-se de Jobel, sem poder disfarçar a preocupação e intranqüilidade nos seus gestos bruscos. Parecia ensaiar as palavras, escolhê-las como um mensageiro portador de más notícias. Bateu de leve, no ombro de Jobel, num gesto de solidariedade, dizendo-lhe num só impulso verbal.

Conforme-se, amigo! Nenhum de nós sabe o que pode acontecer amanhã; há coisas piores e...

Zelita morreu, não é doutor Milani? — atalhou Jobel, num tom de dolorosa resignação.

Não! — respondeu o médico, deixando-o boquiaberto.

Zelita não morreu? Mas, enfim, o que aconteceu de trágico, pela sua fisionomia tão constrangida?

Doutor Milani sorveu uma longa baforada de fumo do cigarro e sem modificar a fisionomia, traindo profunda preocupação, exclamou, quase sem fitar Jobel:

Zelita salvou-se; nem sei explicar como isso aconteceu, pois tudo funcionou certo na hora do parto! Jamais vi reação tão fabulosa de uma gestante, que depois de irrecuperável colapso ainda se recuperou extraordinàriamente!

— E chegando-se à janela, fitando a chuva intermitente a batucar na janela, aduziu:

Isso nos ajudou bastante a salvar os gêmeos!

Gêmeos?! — exclamou Jobel, afoito. — Gêmeos? Mas estão vivos?

Sim! — redarguiu o médico, entre duas baforadas de fumo, mas sem esconder o nervosismo. Olhou para fora, percorrendo com seus olhos miúdos os edifícios lavados pela chuva. Depois, num tom apressado de voz, voltou-se para Jobel e transmitiu-lhe a trágica notícia. — São gêmeos, Jobel; porém, paralíticos do pescoço para baixo!

Jobel ficou lívido; sua única reação foi puxar um cigarro do bôlso. Ergueu os olhos para o médico, meio atarantado; fêz menção de seguir para o quarto de Zelita, entretanto titubeou paralisado. Queria ver a espôsa e estremecia, aterrado, ante a figura tétrica dos filhos inertes, estirados sôbre os lençóis alvíssimos como criaturas secas de vitalidade! Não sabia o que fazer e só conseguiu lançar um olhar angustiado ao médico.

Jobel, meu amigo! — gaguejou doutor Milani, confrangido. — Deve haver alguma coisa certa em tudo isso.

Confiemos na Medicina, pois já se conseguiu solucionar casos bem piores!

Mas ele mesmo não conseguiu imprimir autenticidade nas suas palavras. Elas soavam-lhe falsas e sabia, de antemão, que era um caso completamente irrecuperável. Num aceno cordial e de excusas, dr. Milano sumiu-se pelo corredor, deixando uma sensação de fuga.

Cinco anos depois, Jobel e Zelita contemplavam num bêrço forrado de sêda e adornado de rendas, duas crianças perfeitamente semelhantes, que apenas moviam as cabeças, de um lado para outro, semelhantes ao movimento monótono e repetido do pêndulo de relógio. Sabia-se que viviam pelos olhos que se agitavam nas órbitas fitando um mundo fantástico e mórbido. O pior ainda viera depois; o médico certificara-se de que além de paralíticos, os dois meninos eram imbecilizados! Os olhos febris, inquisidores, tristes, eram duas súplicas desesperadas pela libertação; olhavam para Jobel e Zelita, mas não os viam nem os reconheciam, malgrado a presença freqüente deles junto ao bêrço. Fugira-lhes a seiva do corpo, e, também, 'a seiva da alma! O próprio cão reconhece o dono, mas eles não distinguiam os pais! Quando Zelita e Jobel saíam de perto daquele bêrço rendado, também seus olhos estavam marejados de lágrimas e eles então se abraçavam, buscando amparo mútuo para o infortúnio comum. Enquanto outros lares festejavam o advento de filhos robustos, belos e inteligentes, ambos concentravam a existência naqueles filhos tardos, feios e paralíticos! Sem dúvida, trocariam todos os seus bens pela ventura de uma choupana com filhos sadios.

Humilhados por essa progênie enfermiça, desistiram de qualquer tentativa para procurar outro filho, temerosos de aumentarem a própria desgraça. Jobel, pouco a pouco perdia o entusiasmo pela vida, deixando-se corroer por um desânimo desintegrador e sentia-se incapaz de sobreviver à desventura que lhe ferira a existência. Alma boníssima e tolerante considerava-se culpado da infelicidade de Zelita, tão bela e afetiva, ex-noiva de Valério, que hoje era casado e pai de três filhos sadios e venturosos! Mortificava-se continuamente num desgaste prematuro de energias enfraquecendo a própria resistência moral. Os aperitivos inocentes, em breve foram substituidos pelas doses macissas de "whisky" ou "gim", solapando-lhe pouco a pouco o ânimo e fazendo-o descurar-se das obrigações profissionais. Infelizmente, dominado pelo torpor alcoólico tornou-se incompetente e inútil na firma onde fôra admitido com todo o carinho e confiança. Em breve, foi indenizado, ficando sem

emprego, enquanto as despesas cresciam reduzindo-lhe as economias. Vencido pela embriagues e desencorajado de começar outra vez a profissão em ambiente estranho, Jobel consumiu-se entre os frascos de bebidas. Zelita via sua vida desabar e desanimada sentia-se impotente antes as dificuldades domésticas, além das preocupações incessantes para com os filhos parvos e paralíticos. Não era mulher adestrada para cumprir sôzinha o destino de mãe de dois "mortos-vivos"! Ela não sabia nenhum ofício nem possuía qualquer curso liberal para manter a subsistência do lar. Fôra criada com excesso de mimos e despreocupações por uma tia abastada. Também não se sentia encorajada para aceitar tarefas grosseiras e humilhantes, a fim de sobreviver. Além disso, extinguira-se o amor materno pelos filhos teratológicos, considerados os verdadeiros causadores da ruiva de sua vida. Infelizmente, Jobel atingia o "climax" alcoólico completamente embrutecido e apesar de tratamentos cuidadosos desencarnava dois meses depois.

Zelita atingira os trinta e oito anos de idade, e, malgrado os sofrimentos ainda se mostrava atraente e mesmo bela. Ansiava por viver, livrar-se daquela carga, enquanto môça. Então ela recorreu a algúns amigos de Jobel e conseguiu internar os filhos numa instituição assistencial especializada. Em seguida, pôs-se a desforrar-se daquele casamento amargurado. Vendeu todos os bens domésticos que possuia, passando a se trajar com tôda faceirice de uma jovem. Meses depois tornava-se amante de Godofredo, antigo chefe de Jobel, que há anos vinha lhe tentando a côrte sem êxito. Êle lhe montou luxuoso apartamento, malgrado o escândalo provocado pela sua família, proporcionando a Zelita uma vida faustosa e despreocupada. Entretanto, o destino se obstinava contra ela. Decorrido menos de um ano, Godofredo morria de síncope, fazendo-a sofrer os piores vexames da família dele, obrigada a restituir todos os bens não inscritos em seu nome. Algumas vezes sentiu-se tentada ao suicídio, ante o seu desgaste cada vez mais acentuado, mas alguma alma amiga conseguia dissuadí-la dêsse recurso tão trágico. Indiferente à sua sorte, entregou-se à detestável sina de substituir amantes num ciclo cada vez mais decrescente e inferior até findar sua existência inglória num prostíbulo. Faltou-lhe o amparo amigo e confortador na hora dolorosa de sua decadência moral.

Desencarnou aos cinqüenta anos de idade num triste hospital de indigentes assistida pela piedade de algumas irmãs de caridade.

Enquanto isso, do "outro lado" da vida, espíritos amigos e familiares tentavam ajudá-la a se desvencilhar do corpo de carne danificado numa vida tão cruel e desleixada . Mas eles não puderam livrá-la de cair nos charcos depuradores do astral inferior, para onde ela foi atraída pela baixa carga magnética aderida ao perispírito devido à sua vida enfermiça de prostituta.

Zelita viveu algum tempo nos charchos, (1) sofrendo os desagradáveis tormentos da purificação perispiritual compulsória. A região era pestilenta e sombria. O ar escuro e pesado, sufocado num nevoeiro de fumo cristalizado . Ela ouvia gritos, blasfêmias, obcenidades e gargalhadas incessantes, a lhe martelar o cérebro dia e noite. Vivia aterrorizada com as caras esbraseadas e sinistras que surgiam na tela enegrecida do ambiente, trazendo o rictus do mais repulsivo deboche. Exausta e apavorada, não conseguia identificar a natureza dos pesadelos, nem lobrigar o motivo da vampirização de suas energias vitais. Já não movia um dedo e sua alma tornava-se cada vez mais insensível aos próprios fenômenos apavorantes, que presenciava com freqüência.

Quanto tempo viveu aquele mau sonho, colada ao solo repugnante num estado irrecuperável de coma vital? Não se lembrava. Mas um dia seu coração vibrou sob o impulso de estranha voz oculta, cariciosa e branda, que lhe desatava as fibras amortecidas do espírito conturbado. Sob essa terna inspiração, seus olhos lavaram-se de lágrimas refrescantes a rolar-lhe pelas faces, enquanto dominava-lhe estranha emoção. Um desejo inexplicável de ser criança e orar como costumava proceder em menina, acompanhando as palavras amorosas da

mãe e da tia querida. Pensamentos limpos e emoções imaculadas voejavam em tôrno de sua alma, fazendo-a desejar uma existência serena e uma paz de espírito eterna. Aos poucos, um suave calor tomou-lhe o corpo despertando-lhe sensações confortadoras, triunfando sôbre o frio terrível que a atormentava sem cessar. Naquela agradável quietude, percebeu uma luz suave a lhe penetrar o organismo, enquanto ouvia vozes amistosas modulando-lhe palavras de esperança e ânimo. Não notava qualquer modificação na paisagem escura, porém, sentia-se levitar, num impulso ascensional que lhe reduzia o pêso estranho que lhe comprimia o corpo contra o solo frio e nauseabundo.

Perdeu a consciência de tudo o que lhe acontecia, mas foi grande a surpresa ao perceber-se num leito pobre, de lençois alvos e reconfortantes, em vez do ambiente tétrico anterior. Em tôrno de si fluia suave claridade rósea-lilás, iluminando um aposento singelo e agradável. Ela, ainda, experimentava grande exaustão, mas já podia raciocinar mais lúcida, mover os olhos e sentir o arfar débil dos pulmões. Sentia-se enfraquecida para falar e incapaz de fazer qualquer gesto mais vivo, entretanto, pela primeira vez sua alma era feliz e gozava de inefável paz de espírito! Dali a pouco percebeu que a porta se abria dando passagem a alguém; distinguiu uma senhora idosa, de fisionomia clara e vivaz, adornada por uns olhos severos, mas cordiais, a se curvar sôbre o leito. Ela trajava um vestido cinza-claro, com decote alto e o corpo modelado por um cinto largo e brilhante, côr de pêssego nôvo, ajustado por um broche de pedrinhas faiscantes. Junto dela estavam dois jovens de ar tímido, fisionomia triste e olhos ainda ensombrados por alguma recordação pungente.

Zelita quase jurava tê-los visto alhures e quando a senhora voltou-se para eles, ambos tinham os olhos marejados de lágrimas e se mostravam bastante pálidos.

— Controlem-se, meus queridos! Lembrem-se das recordações essenciais. Nós só podemos servir o próximo equilibrando nossas emoções e esquecendo o passado! — disse ela num tom severo. Depois ordenou, algo decidida: — Vamos ao trabalho.

Então um dos jovens enfermeiros ajustou um tubo leitoso e aparentemente plástico a um bujão de material cristalino côr de ametista refulgente, enquanto o companheiro fixava na outra ponta uma espécie de farolete trazeiro de automóvel, cujo vidro ou coisa parecida era do mais vivo tom alaranjado. A senhora curvou-se e delicadamente voltou Zelita de bruços no leito alvo, enquanto os dois jovens ajustavam o exótico aparelho à distância de cinco centímetros da região do bulbo e do cerebelo. Em seguida, acionaram um minúsculo botão de contato e resplandeceu um feixe de fluidos côr de laranja madura a filtrar-se pelo vidro, o qual parecia pequenina tela tecida por mil fios cintilantes. O jato alaranjado e suavemente crepitante fluía sôbre a região posterior do crânio de Zelita e era absorvido cèleremente. A cabeça passou a apresentar um halo de luz tênue, que se irradiava pela coluna vertebral. A luminosidade ora aumentava, ora diminuia, ressaltando em caprichoso desenho a configuração brilhante do sistema nervoso. Parecia formado por fios de seda tenuíssimos e orvalhados em mistura com suave lilás mostrando o perfil endocrínico; depois tudo se transformava num tom de alaranjado resplandecente clareando de modo surpreendente a matriz perispiritual da vida humana.

Zelita sentia-se cada vez mais tonificada, efervescendo-lhe no corpo uma sensação estuante de vida! Mas a região hipogástrica ainda se mostrava algo dolorosa, como se tivesse sido comprimida e persistindo a sensação de vácuo atroz, que lhe castigava há muito tempo. Mas aquela carga vitalizante e cheirando gostosamente à amêndoas maduras preenchia-lhe

organismo combalido. O tato, a visão e audição refaziam-se de modo rápido e surpreendente. Em breve, ela começou a distinguir, com maior nitidez, os contornos do quarto simples

as florinhas miúdas, em matizes castanho e granada, a cintilarem no fôrro róseo sob a claridade doce e macia. Percebeu melhor a senhora de cabelos fartos, luzidios e louros, enfeixados num coque de aspecto severo, curvada sôbre ela, enquanto os jovens continuavam o seu

trabalho vitalizante. Em seguida, num esfôrço quase heróico para focalizar a receptividade psíquica, ela conseguiu ouví-la:

— Zelita, sei que já se sente mais desperta e disposta, pois observo o desentorpecimento da circulação psicossomática. Por enquanto não se preocupe; deixe-se ficar assim, nesse repouso inefável e tranqüilizante; apenas ajude-nos com pensamento em prece, o verdadeiro alimento de nossa alma — a essência divina que eleva a nossa faixa vibratória à sublimidade espiritual do Criador! Sim?

Num gesto maternal passou-lhe a mão pela fronte. Depois, apanhando um frasco de líquido fluorescente, côr de morango, ajudou Zelita a ingerir parte dêle. Isso propiciou-lhe um nôvo calor reconfortante em todo o tecido do seu corpo perispiritual. Da primeira vez, o fluido alaranjado desentorpecera-lhe o organismo exausto naquela região tenebrosa dos charcos; agora, a substância côr de morango proporcionava-lhe uma nutrição reconfortante e sensação de descanso. Pouco a pouco seus olhos foram se fechando sob um desfalecimento gostoso e repousante. As faces, antes pálidas e ceráceas, punham-se róseas e prazenteiras. Então os dois jovens mostraram-se mais animados e alegres, enquanto a senhora lhes dizia fraternalmente:

— Bem, meus queridos; eis uma prova de que vocês já entendem o processo efusivo e vitalizante do perispírito vampirizado nos charcos, como aconteceu à nossa querida Zelita. Ela só despertará dentro de dois dias e até lá confiemos, também, nas suas próprias fôrças criadoras!

— E mudando de tom, acrescentou:

— Também, ainda, não é conveniente a nossa identificação, a fim de evitarmos comoções que desintegrem as energias vitalizantes do seu perispírito. Deixemo-la no limiar de suas lembranças terrícolas, convicta de que foi amparada em qualquer instituição hospitalar do mundo físico! Vamos!

Transcorrido o prazo previsto, Zelita acordava-se bastante refeita. Ao seu lado estava aquela senhora loura e prestativa, que lhe havia assistido na companhia dos dois jovens enfermeiros. Num gesto afetuoso e maternal, ela então lhe disse:

— Zelita, em nossa moradia espiritual não costumamos lamentar os nossos equívocos ocorridos na vida física, para não gastarmos os valiosos recursos da mente em lembranças enfermiças. O que nos importa é a recuperação eficiente das fôrças dispersas e malbaratadas nas imprudências das paixões humanas! — Silenciou alguns segundos, e, depois de alguma reflexão séria, decidiu-se acrescentando. — Naturalmente você já percebeu: não é mais da carne, não é assim? — E ante o embaraço e a surprêsa de Zelita, ela insistiu, novamente:

— Sabe que já desencarnou, não é assim? ,

Zelita passou a mão pela fronte, no esfôrço mental de reunir os fragmentos das reminiscências dos principais acontecimentos de sua vida. Mas agora sentia-se vitalizada e capaz de raciocinar com clareza; apenas uma tênue cerração parecia impedí-la de distinguir com nitidez os contornos exatos das imagens que ainda se môviam confusas na sua memória sideral. A senhora veio em seu socorro, pondo-lhe a mão direita sôbre o ocipital e a esquerda na fronte, como se quisesse fechar-lhe um circuito magnético em tôrno do cérebro. Notava-se o seu esfôrço de coesão mental com Zelita, pois, realmente, dali a minutos provou-se o bom êxito da providência benfeitora. Súbito, dominada pela mais viva surprêsa, Zelita arregalou os olhos num entusiasmo infantil, murmurando as primeiras palavras naquele aposento:

-Sim! Sim! Mãe Eulália! — E num gesto afetuoso de júbilo, sem demonstração de pesar ou amargura, abraçou a senhora idosa e aninhou-se no seu colo, a fisionomia radiosa e feliz. — Ah! como é bom voltar, mãe! — E fitou-a inteirinha dos pés à cabeça, os olhos lavados de lágrimas ditosas, acrescentando: — E eu não cheguei a conhecê-la em tôda a sua ternura e afeto, mãe! Você esteve tão pouco comigo; na Terra! Dois anos apenas, não foi?

Sim, Zelita! — respondeu-lhe Eulália, disfarçando a custo a sua emoção. — Eu apenas fui ajudá-la na confecção de um corpo para você cumprir a prova dolorosa e imprescindível

para a sua retificação cármica. Vê? Agora usufruiu da ventura de haver cumprido o programa redentor das dívidas mais graves com a carne.

De repente Zelita lembrou-se:

— Jobel?

— Ainda não se preocupe com os espíritos que viveram a seu lado, pois "cada um colhe de acôrdo com suas obras". Jobel, também, se encontra bastante aliviado de sua desventura terrena. E depois de alguns instantes de silêncio, Eulália não pôde furtar-se de uma leve queixa muito humana.

— Bem que você poderia ter dispensado a purgação drástica dos charcos absorventes no umbral. Não se mostrou muito sensível às minhas intuições, pois do contrário os seus velhos comparsas não a teriam conduzido à vida nefanda do meretrício. — E mudando de tom, como a sacudir de si as lembranças tristes, completou com voz persuasiva. — Bem, apesar da influência das "sereias das sombras" nos seus últimos tempos de vida, você ainda conseguiu encerrar a sua conta devedora de maior vulto com o planêta-Terra, e não fugiu das provas redentoras nos momentos psicológicos. Eu temia o suicídio e fiz tudo para livrá-la de sina tão funesta. Os nossos mentores a felicitam pela sua conformidade dos primeiros anos de existência conjugal na matéria, prometendo-lhe para o futuro ensejos educativos mais suaves e ditosos na Crosta, em companhia de algumas almas de sua afeição espiritual.

Quando Eulália silenciou, Zelita, sem mágoa, apesar de pesarosa, rogou-lhe:

— Mãe! Podia ajudar-me na reminiscência dos motivos que geraram um carma tão gravoso na minha última existência? Relembro fragmentos, frases, fisionomias esparsas e uma sensação de culpa interior muito grande. Gostaria de atar todos os fios do passado, avaliar as imprudências e também ajuizar os ensejos de recuperação espiritual. Ajuda-me?

Eulália refletiu, alguns momentos, parecendo solicitar intuitivamente a autorização superior do esclarecimento prematuro. Em seguida, assim se expressou, em breve síntese:

— Zelita: eliminemos particularidades inúteis. Lembre-se, apenas, de que em vida anterior, no século passado, você foi Janina, a enfermeira-chefe da "Maternidade Verônica", em Lorena, França. Era mulher formosa, bastante volúvel, e que em troca de uma vida luxuosa não hesitou em se associar aos médicos Pierre Lafont e Honoré Thibaut, infelizes industriais do "abôrto provocado", cuja tarefa criminosa também se prestava a atender os objetivos dos espíritos diabólicos inimigos da vida humana! Ambos especulavam o

"abôrto provocado", essa nefanda mercadoria condenada por todos os mestres espirituais, e, você, qual máquina viva, como enfermeira e amante, ajudava o pleno funcionamento da indústria de anjos, para elevar a renda da maternidade. Como você não é espírito primário, sabe muito bem que a "Lei de Causa e Efeito" ajuntou todos os faltosos numa existência carnal de reparação tormentosa, de conformidade com os erros praticados no pretérito. A verdade é que todos vocês lutaram com o máximo esfôrço para merecer a mesma "onda de vida", que tanto subestimaram no passado e a desviaram no seu impulso criador positivo.

E fazendo uma pausa significativa, prosseguiu:

— Mas a vida fugia-lhe ainda sob o estímulo negativo da inversão criada no passado, e apesar do esfôrço heróico de se corporificarem no seu ventre, Pierre e Honoré abortaram oito vêzes, antes de nascerem paralíticos e imbecilizados. Faltava-lhes o fluido ou prâna vital suficientes para a composição correta do corpo físico, e, também, o prâna mental (2) para modelar a contento o equipo cerebral. Éles vampirizavam você até à exaustão na ansiedade de atingir o final da gestação e renascer na carne, e quando você não possuía mais energias para ajudá-los a se desenvolverem no ventre, eles abortavam, como fizeram com inúmeras criaturas, abusando dos direitos legais humanos e divinos.

Eulália queria evitar que Zelita se deixasse dominar por qualquer impressão demasiadamente confrangedora, e assim amenizou:

— No entanto, graças aos Mestres sempre tão pródigos na oferenda de novos ensejos para a nossa reabilitação espiritual, foi traçado o programa redentor para vocês se unirem nesse carma cruciante do "abôrto provocado", pois Honoré, Pierre, Jobel e você, suplicavam incessantemente a vida na carne para descarregarem as toxinas repulsivas aderidas ao perispírito desequilibrado. Jobel, embora o menos comprometido no passado, pecou pela cooperação de encaminhar as infelizes gestantes à "Maternidade Verônica", onde livravam-se fàcilmente de suas próprias aventuras imprudentes. Você foi assistida por almas prestativas durante o parto trabalhoso dos gêmeos, e, por esta razão, os médicos terrenos surpreenderam-se ante a inexplicável eclosão de energias vitais, que brotaram no seu organismo à hora final. Deste modo, Pierre e Honoré conseguiram atingir a fase final do nascimento, livrando-se de retardarem a prova em futura existência. Contudo, eles não puderam mobilizar o prâna mental suficiente para uma vida racional. Aliás, não faziam jus à graça de uma vida carnal, mesmo imperfeita, nessa existencla de retificação ,cármica coletiva. O Pai, entretanto, não cobra juros de seus filhos e ainda os favorece para a liquidação mais breve das próprias dívidas. Assim, Honoré e Pierre, deficientes em energias astrais e mentais, não conseguiram um intercâmbio consciente com o mundo físico e tiveram apenas o necessário teor vital para sobreviverem na forma de paralíticos. O processo retificador ajudou-os a esgotarem para o "mata-borrão" vivo do corpo humano os fluidos tóxicos que lhes impregnavam a contextura delicada do perispírito.

Zelita estava pensativa, mas não amargurada. O seu espírito reajustava-se outra vez à verdadeira vida do Além-Túmulo, e, por isso, sentia o júbilo de comprovar que o sofrimento na carne havia lhe proporcionado melhor condição espiritual e abrandado o remorso crepitante de saber-se espírito indigno da vida. Malgrado as angústias e equívocos na existência terrena de penitência e a sua repulsa pela configuração dos filhos paralíticos e imbecis, reconhecia-se ligada a eles por alguns séculos. Honoré e Pierre, não haviam sido apenas os seus comparsas daquela vida malograda, mas acima de tudo, espíritos afins, almas gêmeas. Comovida, e numa voz onde a saudade misturava-se ao afeto, ela então suplicou:

— Mãe! Onde estão eles? Onde vivem ou sofrem os meus filhos da última existência terrena?

Eulália sorriu, significativa, redarguindo:

— Êles reajustam-se, visando melhores dias futuros e só aguardavam o seu chamado espontâneo para abraçá-la! Vou chamá-los!

E abrindo a porta, Eulália fez um convite amistoso para fora, penetrando no aposento os dois jovens enfermeiros, que anteriormente haviam ministrado a "carga vitalizante" de prâna astralino e mental em Zelita . Seus olhos tristes mostravam-se jubilosos como se houvessem sido perdoados de alguma falta grave. Ambos se curvaram, gentilmente, e beijaram-lhe as mãos num tributo de elevado afeto, exclamando, Comovidos:

— Bênção, mãezinha!

***(1) Vide cap. "Os Charcos de Fluidos Nocivos do Astral Inferior", pág. 202 da 2.a edição da obra "A Vida Além da Sepultura", de Atanagildo, em coparticipação com Ramatis.***

***(2) Vide o capítulo "Algumas Noções Sôbre o Prana", da obra "Elucidações do Além", de Ramatís.***

# EXPURGO PSIQUICO

A estrada poeirenta desdobrava-se por entre a vastidão do campo amarelecido pela falta de chuva. A caleça (1) levantava o pó vermelho e o cavalo zaino trotava célere, de cabeça erguida, recortando-se à luz crepuscular, pois o Sol dava a sua última espiada por trás da linha do horizonte. Começaram a surgir pinheiros isolados, depois em grupos, e, finalmente, alguns bosques encorpados marginando a estrada de ambos os lados.

Fabiano olhava a sombra da noite, que avançava aos poucos sôbre a mancha púrpura do poente; então fustigava com o chicote o lombo do cavalo, na pressa de chegar. O animal acelerava o trote e a espuma escorria-lhe por entre o freio e os cantos da bôca.

A escuridão era completa, quando Fabiano susteve o cavalo diante da porteira e acendeu as lanternas da caleça, fazendo brilhar sob a luz motiça do carbureto (2) uma tabuleta de madeira pregada sôbre o portão, com o dístico: "Fazenda das Magnólias". Abriu a porteira, puxou o cavalo e o carro, fechando-a novamente. Dali a pouco seguia a trote largo por um caminho descarnado entre o capim ralo e alcançou a orla do mato, cada vez mais denso, onde a estrada mergulhava acidentada, formando declives rápidos e curvas estreitas. A luz mortiça das lanternas alumiava os cascos do cavalo a passo lento, bem seguro pelas rédeas devido ao chão escorregadio, e fazendo sombras que dançavam nos troncos de árvores.

Meia hora depois de marcha lenta e cuidadosa pelo terreno pedregoso, a mataria abriu-se, de chôfre, numa clareira que se estendia por extensa faixa de terra descampada. Sob a abóboda do céu pontilhado de estrêlas surgiu uma várzea, onde corria livremente um vento frio, que uivava na crista dos arvoredos da mata escura. Fabiano puxou a manta até as orelhas e fechou o casaco de "astrakan" preto, protegendo-se contra as lufadas de ar frio. A estrada, à sua frente, era estreita mas reta, de um brilho esbranquiçado sob os primeiros fulgores do luar incidindo na areia branca própria da margem do rio Iguaçu. Ao longe, luzes amarelecidas piscavam em diversos pontos, marcando a direção de Fabiano, .cujo cavalo, num galope ritimado, demonstrava conhecer perfeitamente o caminho. As rodas do carro chiavam esmagando a areia miúda, enquanto os cascos do animal vibravam num estranho sonido contra as pedrinhas miúdas. Enfim, a caleça penetrava ruidosamente num pátio espaçoso, estacando em frente de um casarão amplo e circundado de varandas iluminadas por alguns lampiões a querosene. As janelas estavam fechadas, mas as cortinas afastadas deixavam vislumbrar um vasto salão com sofás, poltronas de fazendas coloridas, uma cadeira de balanço, além de outros móveis e bijuterias. Do teto de imbuia envernizada, pendia um rico lampião belga, de luz clara e límpida. Em tôrno da vivenda alinhava-se uma dúzia de casas modestas, feitas de madeira rústica e fracamente iluminadas, cujos vultos sobressaiam-se na escuridão recortados pelos clarões do luar. Fabiano descia do carro, quando se abriu a porta da frente e surgiu o vulto de um homem alto, rguendo a lanterna à altura do próprio rosto negro e luzidio. úbito, voltou-se para dentro e gritou, numa voz sonora e pausada:

—Seu Batista, doutô Fabiano chegou!

E saiu para fora, atencioso a clarear o caminho para o recém-chegado.

—Boa noite e seja benvindo, doutô Fabiano! — disse o prêto num sorriso largo.

—Boa noite, Pereba. Muitos problemas?

—Tá indo na ordem. Vassumecê recebeu o aviso?

—Recebi, sim! — respondeu Fabiano, silenciando um momento, para depois dizer num suspiro longo e doloroso. — Acho que foi melhor assim, apesar de sentir-me esfrangalhado no íntimo de minha alma!

—Acho que foi muito melhor, doutô Fabiano. Antes morrer do que sofrer de modo tão judiado!

Pereba era um pretalhão alto e robusto, de rosto lustroso, ingênuo e bom de alma. Sua voz era pausada e com timbre de um baixo de ópera. Falava movendo as mãos, estendendo-as num gesto largo e morosa. Tinha os olhos grandes e

ternos, lábios grossos e que se abriam facilmente num sorriso, onde mostravam os dentes branquíssimos e bem arrumados. Devia andar para cima dos sessenta, pois à luz do lampião via-se a carapinha amarelecida nas fontes.

—Também estou rebentado, Doutô Fabiano! — disse Pereba, anuviando os olhos numa expressão sincera de tortura e aflição. — Verinha também era a luz de minha vida!

Sacudiu a cabeça e apressou-se a abrir a porta para Fabiano, que raspou os sapatos no capacho do chão, dando o chapéu a Pereba. Logo depois a porta interna do salão abriu-se aparecendo um homem gordo, nédio e baixo, tipo de caboclo moreno e tostado do sol, cuja barriga ameaçava rebentar a cinta a cada movimento. Arfava quando se movia ou falava, num cacoete de enxugar a testa, a cada momento, devendo suar até em geladeira. Respeitosamente estendeu a mão para Fabiano, numa saudação singela:

—Finalmente, doutor Fabiano; Deus apiedou-se da menina! Que sua alma esteja em paz, pois se é verdade que o sofrimento leva a gente para o céu, acho que Verinha a estas horas está rodeada de anjos!

Fabiano sentou-se na poltrona de gobelim, jogando as almofadas ao chão. Depois abriu a carteira e ofereceu um "Petit Londrino" ao capataz da fazenda, que estava silencioso, à sua frente. Após longa baforada e sem disfarçar o tremor nervoso das mãos, êle falou:

—João Batista, não, sei o que fiz no mundo para sofrer tanto assim.

Levantou-se, foi até à janela e moveu-se pelo aposento, num ar de desabafo.

—Onde eu deveria encontrar a justificativa para essa desgraça? — E num tom íntimo, dirigindo-se ao empregado, aduziu: — Há famílias com cinco, dez ou quinze filhos, robustos e sadios até o fim da vida. No entanto, eu tive apenas dois filhos! Apenas dois filhos! — Voltou-se para a janela e ali ficou ensimesmado alguns segundos, olhando as estrelas a piscar no céu sob a luz crescente do luar. Depois, num gesto brusco, desabafou: — Eu tive apenas dois filhos, Batista! Dois, porém, ambos leprosos!. . .

João Batista mexeu-se, inquieto, rebuscando na deficiência cerebral uma resposta convincente.

— Acho que Deus quer assim, não é, doutor Fabiano?

—Deus!? — voltou-se Fabiano, quase agressivo. — Deus? Perfeição? Bondade! Justiça! Sabedoria infinitas! Deus que criou o homem à sua imagem, mas o faz leproso! — Sacudiu a cabeça, obstinadamente, acrescentando. — Não! João Batista; não existe Deus. Isso é apenas um mito criado pela imaginação humana, a fim de justificar a nossa própria covardia de existir! Nada presta na vida! Tudo é ilusão, fantasia e estupidez, pois o mundo está cheio de aleijões, homicidas, proxenetas e prostitutas, que vivem na miséria, da podridão e do desespêro. Noutro extremo, há felizardos nadando em fortunas, alegres, belos, com saúde e vida regalada, influindo até no poder administrativo e político do mundo! Por que a fartura para uns, a miséria, a doença e a desgraça para outros? A vida é incoerente, João Batista! É injusta, inglória e cretina. Há criminosos glorificados pela história e beneficiados com todos os bens da vida; mas há santos e virgens, cuja ternura e humildade são ironizados pelos sarcasmos do mundo! E diz você que Deus assim quer? — Num desabafo muito humano, Fabiano acrescentou num tom de desforra. — Eu teria feito o mundo mais coerente e justo do que êsse Deus Sábio e Poderoso!

Sentou-se, nervoso, tragando longas baforadas, enquanto João Batista, com a fisionomia bonachona e bem nutrida, torturava-se no esfôrço incomum de pensar além dos aconteci mentos do cotidiano.

— Bem, eu não sei o que pensar, doutor Fabiano, mas acredito que tudo vem de Deus. Não tem dúvida; há coisas erradas e certas no mundo, mas, como sempre me diz padre Giuseppi, "isso são mistérios que só Deus sabe resolver."

Fabiano sentou-se e ficou absorto, olhando o teto de imbuia, enquanto João Batista, o administrador da "Fazenda das Magnólias", parecia respeitar o silêncio do patrão e o seu desespero.

—Como foi que souberam?

—Pereba foi à cabana de imbuia levar comida, doces e frutas para Verinha, como sempre fazia, pois não deixava faltar nada para ela estar contente. Sabe o senhor como é o Pereba; nunca se importou com o contágio de lepra e garantia aos fiscais da Saúde que a menina tinha sido levada para tratamento em S. Paulo.

—E daí? — indagou Fabiano, comovido.

—Diz que Verinha estava morta, na cama, e Silvano ao lado soluçando de meter dó! Quando êle viu Pereba gritou que não chegasse; e foi se escapulindo, aos poucos, pela porta do fundo, até sumir-se entre as guabirobeiras.

—Eu sabia que Silvano fugiria outra vez! — exclamou Fabiano levantando-se angustiado. — Que adianta êle sofrer aí pelos matos, quando autorizei a lhe darem tudo no leprosário, do bom e do melhor.

João Batista coçou a cabeça, embaraçado.

—Sabe como é, doutor Fabiano. Os dois eram como se fôssem namorados e talvez não aguentassem a saudade um do outro. Lembra-se da vez em que trouxemos Verinha, quando ela quase se afundava na várzea de Pinhais decidida a ir até o leprosário ver Silvano? — E mudando o tom de voz, tornou-se mais explicativo .— Pereba disse que Silvano já tinha pôsto duas velas ao lado de Verinha, e juntado as mãos dela. A menina estava muito desfigurada desde a última vez que o senhor esteve aqui. Faltava a orelha esquerda e os dedos...

—Basta, João Batista; não adianta revermos coisas tão tristes e sem remédio.

Fabiano levantou-se da poltrona, sentindo um fogo ardente a queimar-lhe as entranhas e o sangue. Uma vontade louca de destruir o mundo e a vida. As mãos tremiam e êle as esfregava com esfôrço, para libertar a tensão que lhe crescia na alma e ameaçava fazê-lo explodir. Voltando-se para João Batista, num ar desolado, explicou:

—Atrasei-me, Batista, pois quando recebi o recado já descia para Morretes!

E depois de alguns minutos de silêncio, indagou, pesaroso:

—Onde ela foi sepultada?

—Ainda não foi enterrada, o fiscal da Saúde esteve aqui devido à denúncia dos vizinhos e êle mandou pôr Verinha num caixão de zinco, que nós mandamos fazer lá no Maneco funileiro. Andaram por aí fazendo uma defumações com desinfetante e garantiram não haver perigo de contágio. Ninguém deve abrir o caixão de zinco, pois foi soldado.

Batista levantou-se, dando passagem ao patrão.

—Ela está no depósito de forragem, com o pessoal daqui fazendo o guardamento.

Fabiano baixou a cabeça e encaminhou-se para a porta do salão de jantar.

—Bem, vamos lá!

Atravessaram o terreiro dos fundos da vivenda e seguiram diretamente para o barracão recortado no escuro, cuja janela aberta deixava passar o clarão mortiço do lampião. Quando Fabiano entrou, rapazes, mulheres e môças de aspecto pobre de trabalhadores, levantaram-se mostrando um ar de profunda comiseração nas faces. Sôbre um estrado de madeira estava um caixão de fôlha de zinco, de uns oito palmos de comprimento, coberto com punhados de flôres. Na cabeceira havia uma cruz de metal com Jesus crucificado, entre duas velas de cera enfeitadas com laços de fitas vermelhas nos castiçais. Na extremidade inferior do caixão de zinco, havia uma coroa feita com rosinhas miúdas, brancas e vermelhas, entrelaçadas com "flôres de noiva", goivos brancos e palmas de jardim. Dela pendia uma fita roxa, em que

alguém escrevera, num esfôrço heróico e com pó de ouro, o seguinte: "A Verinha Saudades de Todos". Num canto do paiol de forragem da fazenda, ardiam fôlhas de vegetais odorantes e alfazemas, numa tijela de barro improvisada como defumador. .

Fabiano achegou-se à caixa de zinco e ali ficou mudo e arrazado, num esfôrço incomum para conter as lágrimas. Depois ergueu os olhos para os empregados e suas famílias, reconhecendo-lhes o preito afetivo, e o seu ar triste amainou-se um pouco. Quase teve um sorriso de gratidão, quando exclamou, sinceramente comovido:

—Obrigado por tudo! Isso ajuda um pouco!

—Descansou. Pobrezinha! Depois de sofrer tanto! -- exclamou a mulher de João Batista, com palavras enternecidas e a primeira em dar pêsames a Fabiano.

—E ainda há Silvano, leproso, caindo aos pedaços por aí, a esconder-se no mato como um cão! A vida para mim não tem sentido, dona Leonilda; acredito que pouco valho neste mundo infame.

—Coragem, doutô Fabiano! Deus sabe o que faz!

Quis reagir, escarnecer e refutar aquela idéia ingênua de que "Deus sabe o que faz", mas viu o rosário nas mãos das mulheres e a sua contrição em favor da alma de sua filha. Que lhes ficasse aquela esperança de Verinha continuar viva, depois de tôda carcomida ali naquele caixão. Voltou-se para João Batista, ao seu lado, confrangido, e pediu:

—Batista, me arranja um café forte com um pouco de pinga.

Enquanto seguiam para a cozinha do casarão, perguntou ao administrador:

E Silvano?

—Sumiu-se. Desta vez meteu-se pelo mato e não sei se volta para o leprosário. Conforme doutor sabe, Verinha era sua vida e seu mundo! Acho que depois dela morrer tudo se acabou para êle. Que acha?

—Depois do enterro vamos procurá-lo; desta vez êle passa a morar na cabana de imbuia!

Num gesto desesperado, Fabiano deixou-se cair sôbre a cadeira e pôs as mãos na cabeça:

—Por que nada posso fazer numa situação dessa? — indagou, como para si mesmo.

João Batista, na sua insuficiência intelectiva ali ficou parado, uns minutos, sem saber o que dizer. Depois, inexpressivo, comentou:

—Há coisas piores, doutor Fabiano. — E curvando a cabeça, num gesto cortês, exclamou. — Com licença? — Foi para a cozinha providenciar o café junto à cozinheira e dali a pouco voltava- com uma chocolateira fumegante, que pôs sôbre a mesinha da sala numa bandeja de azulejos. Abriu a porta de vidro da cômoda, retirou um litro de cachaça velha, "morreteana", e enchendo um cálice derramou-o no caneco de café. Fabiano tomou um gole forte, que lhe queimou a garganta. Recostou-se na poltrona, recomendando:

—João Batista, pode cuidar das coisas, que eu vou ficar repousando um pouco aqui na sala, para clarear a minha mente e ver o que farei amanhã. Se precisar eu lhe chamo.

Quando João Batista abandonou a sala, êle se ergueu e reduziu a luz esbranquiçada do lampião belga, voltando à poltrona a bebericar mais goles de café acrescido de pinga.

Em seguida, passou a rememorar os acontecimentos de sua vida e a diferença de destinos, em comparação com os demais homens. Aliás, êle fôra o mais desventurado de tôda a parentela. O único estigmatizado, mesmo indiretamente, com o sinete da morféia, além de perder muito cedo a sua companheira querida. Sua mente recuou até o dia feliz do casamento; a igreja atapetada e de cada lado dos bancos pendiam buquês de copos-de-leite, cravos multicores e rosas entrelaçadas com ramos de avencas. Fabiano seguia Marília em direção ao altar, ela tão linda e faceira no traje de noiva com mil rendas e atavios de seda, enquanto o órgão tocava a tradicional "Marcha Nupcial", de Mendelsson, acompanhada .de um belo côro de vozes femininas. Terminada a cerimônia retornara cingindo o delicado e esguio corpo de

Marília, cuja fisionomia lembrava um anjo exilado na Terra. Os olhos eram azuis como o céu límpido e os cabelos louros luziam à luz do sol com reflexos dourados, fazendo dela uma criatura irreal — uma flor raríssima no jardim humano.

Um ano depois nascia Silvano, guri robusto e atarracado, que parecia vender saúde por todos os poros, cujos traços firmes e resolutos revelavam o temperamento meridional de Fabiano, descendente de espanhóis. Dois anos mais tarde surgia Verinha, boneca de porcelana com os olhos azuis e os cabelos louros de Marília, tôda fragilidade e encanto na voz, no porte e nos gestos sempre tão meigos. No entanto, Manilha jamais se recuperara do segundo parto. Fenecia mês a mês exaurindo-se ante o menor esfôrço e subjugada por uma febre intermitente. Em dia dolorosamente inesquecível o médico chamara Fabiano dizendo-lhe a verdade; Marília tinha pouco tempo de vida, pois era vítima de leucemia! Meses depois ela estava deitada num esquife de seda azul-celeste, guarnecido de pingentes e bordados prateados. As rosas mais lindas rodeavam-na como se fôsse um enfeite de jardim. Quando fecharam a campa, Fabiano teria estourado os miolos, se não fôssem Silvano e Verinha, que espantados na sua meninice, olhavam para a caixa de tijolos e cimento, onde haviam fechado a mãe!

Fabiano sorveu uma longa baforada de fumo do cigarro e castigando-se naquelas recordações masoquistas, pôs-se a refletir sôbre o casal de filhos tão diferentes, no tipo e no temperamento, como eram Silvano e Verinha . Pareciam dois namorados, em vez de irmãos. Bastavam-se a si mesmos, numa vida de incessante euforia afetuosa. Verinha corria pelos campos e apanhava florzinhas silvestres, trazendo pequeninos buquês a Silvano; este, por sua vez, trepava, lépido, pelas guabirobeiras e descia com o chapéu repleto de frutas cheirosas e douradas, misturando-as com as pitangas tão rubras como os lábios de Verinha, afogueada pela brincadeira. Amavam-se e queriam-se tanto, a ponto de se sentirem molestados com a presença de criaturas estranhas, que se metiam em seus folguedos.•

Fabiano considerava Deus um Ente mórbido e sarcástico, pois os acontecimentos mais trágicos de sua vida haviam sido emoldurados pela poesia e a beleza dos fenômenos naturais. Soubera da doença de Marília quando se preparava para um dos mais belos fins de semana na "Fazenda das Magnólias". Ela rói-a sepultada num dia de sol rutilante e primaveril de setembro. Nos arvoredos próximos cantavam sabiás, rolas e azulões, de mistura com o gorgeio tremido das corruíras. Quando surgiu o primeiro sintoma da doença nefasta de Silvano, os pessegueiros, as ameixeiras e macieiras floriam na fazenda inundando o ar de odores embriagantes.

Jamais pudera esquecer que um fato tão comum, fôsse o início de irreparável tragédia! Êle descansava na varanda do casarão, cercado de revistas, livros e álbuns da família, bebericando o melhor vinho brando da redondeza, quando Silvano e Verinha subiam a encosta de mão entrelaçadas e soltando algumas risadas divertidas. Silvano tinha o cabelo preto e lustroso, os movimentos enérgicos, rápidos e decididos, exalando fôrças por todos os poros. Verinha, a mimosa boneca de marfim translúcida de sempre. Ela tinha o riso cristalino, a voz um pouco aguda e semelhante a de Marília; e se transfigurava, alegre, balouçando o corpo numa garridice faceira. O maior encanto eram os olhos de um azul-celeste líquido à sombra das sombrancelhas finas e alouradas.

O negro Pereba e João Batista assavam o churrasco do domingo e uma paca, presenteada a Fabiano por um dos empregados, enquanto Silvano, sempre prestativo e inquieto, pôs-se a ajudar ambos no assado. A hora do almoço, João Batista apontou-lhe os braços, exclamando, algo surpreso:

— Que é isso, Silvano? Parece que você se queimou, sem dar por isso!

Sob o espanto do rapaz e de todos, verificou-se que êle tinha as carnes dos braços queimadas até a altura do ante-braço, mas não havia percebido tal acontecimento. E o fenômeno ainda era mais estranho, porque a algum tempo Silvano vinha se queixando de hipersensibilidade nas carnes dos braços, que mal podia tocá-los. Entretanto, o caso invertia-

se; estava completamente insensível à dor. Retornando à cidade de Curitiba, queixava-se amiúde dos braços, cada vez mais amortecidos, além de lhe surgir duas manchas pardacentas espalhadas aqui e ali. A pele do rosto parecia mais grossa, o que preocupou Fabiano e o fêz levar ao médico. Como sempre lhe acontecia na vida, o céu estava azul e ensolarado. A atmosfera vibrava suavemente sob a brisa provinda da Serra do Mar, quando o médico da família, após solicitar exame de sangue de Silvano, deu-lhe a aterradora notícia: o menino estava leproso! A natureza abria-se em festas e alegria, para lhe dar um recado tão cruciante.

Então aquêle menino lépido, sadio de corpo e animado de espírito, companheiro inseparável de Verinha, apodreceria dia por dia corroído pelo mal de Hansen, malgrado o vigor e a resistência que lhe eram peculiares. O seu rosto saudável e corado, algum tempo depois revelava a tradicional "face leonina" própria do leproso. O nariz, as bordas dos olhos e as orelhas intumesciam-se e também aumentava o tamanho dos dedos das mãos e dos pés, enquanto Silvano olhava-se no espelho, estarrecido de sua incompreensível e gradativa fealdade. A doença minava-o cèleremente contrariando todos os prognósticos médicos, parecendo ter pressa de lhe destruir o corpo viçoso. Naquela época ainda não existiam as sulfonas na forma do "Promim", e o tratamento habitual da morféia era feito à base de óleo "chalmoogra" ou de sapucaínha, além do óleo indiano. Não era mais possível segregar Silvano na fazenda das Magnólias, pois devido às denúncia da vizinhança, Fabiano viu-se obrigado a internar o rapaz no leprosário S. Roque, nas adjacências de Curitiba, retornando para casa com a alma em frangalhos. 'Mas Silvano fugia habitualmente para alcançar a fazenda nos fins de semana, na ansiedade de ver a irmã adorada, que o julgava internado num colégio, em S. Paulo.

Num domingo aziago, Verinha burlou a vigilância de Pereba, descendo para a clareira de guabirobeiras, onde vivera momentos de tanta alegria e divertimento junto com o irmão. Quis o destino que o infeliz rapaz, quando subia a encosta, às escondidas, desse de chôfre com Verinha, não podendo esconder o rosto desfigurado e repulsivo. Após o assombro de reconhecê-lo todo deformado, Verinha deu um grito lancinante

desfaleceu, caindo ao solo num baque surdo. Assustado, Silvano correu em direção à moradia gritando por socorro; mas vislumbrando a própria situação, desapareceu mata a dentro em desabalada carreira na direção do leprosário.

Dali por diante, lembrava-se Fabiano na sua trágica memorização, sumira-se a alegria e a vontade de viver de Verinha. Ela acordava à noite aos gritos aflitivos e corria a soluçar sôbre o leito de Silvano, cuja realidade ainda lhe parecia pior que os pesadelos! Definhava, pouco a pouco; mal tocava em alguns bocados de pão ou molhava os lábios num copo de leite. A pele, anteriormente de uma côr de pérola azeitonada, perdia

viço e também apagava-se o brilho celeste dos seus olhos azuis tão meigos. Consolava-se um pouco nas adjacências das guabirobeiras, na esperança de encontrar Silvano. Ignorava que Fabiano mandara redobrar a vigilância no leprosário, impedindo o menino de qualquer outra fuga, pois estava cada vez mais desfigurado e se mostrava altamente contagioso.

Ao entardecer de um domingo formoso, Fabiano retornava com Pereba da barranca do rio Iguaçu, quando encontrou Verinha lavada em lágrimas sentidas. Sentou-se, junto dela, e pegando-lhe a mão num gesto de paternal ternura, falou-lhe com um doloroso espasmo na garganta:

—Não chore, Verinha! Só você me resta. Não me deixe assim sem o seu carinho confortador. Ajude-me a suportar as desgraças de minha vida, querida!

—Pai! Eu vi Silvano, hoje! Éle fugiu de mim, mas ainda pude ver-lhe o rosto deformado e êle escondia as mãos de mim!

Dobrou-se tôda sôbre o colo do pai, num chôro convulso_

—Onde você o encontrou? Eu não quero vê-lo por aí, jogado. Não deve sair do leprosário, onde está protegido e em tratamento.

Verinha cessou de chorar e teve um sorriso amargo; e apesar de sua pouca idade, no limiar da puberdade, exclamou numa ironia de adulto:

—Quem pode dar a Silvano a alegria e o desejo de viver sem mim? Ontem, de longe, êle dizia que precisava ouvir minha voz e saber de minha felicidade, para ter fôrças de viver. E disse que não seria desventurado, mesmo leproso, se eu pudesse estar perto dêle. Por que Deus também não me deixou doente da lepra?

Fabiano sentiu-se abalado em tôdas as fibras da alma, ante aquela veemência fraterna. Era uma renúncia deliberada e pura por todos os bens do mundo, em troca do afeto de irmão.

—É impossível, querida! Você não pode permanecer junto a Silvano . A doença é terrivelmente contagiosa. Isso em nada aliviaria a nossa desdita. Tenha ânimo, Verinha, seja coerente, pois não existem palavras para expressar a dor atroz que me oprime. Eu vivo sômente para você! Ajude-me, por favor!

—E abraçara a filha num amplexo desesperado, dizendo, depois, num tom dramático que fê-la surpreender-se: — Se você me faltar acabarei com a minha vida! — Levantando-se, pedira carinhosamente: — Onde está Silvano? Precisamos encontrá-lo, isso é para o bem dêle, Verinha.

—Éle fugiu de mim, pai! Corri atrás dêle, mas fugia cada vez mais depressa descendo a encosta para o lado do rio

sumindo-se no milharal.

Fabiano pensava regressivamente no seu passado doloroso. Não existia maior infortúnio do que o seu destino. A desgraça infiltrara-se na sua vida tranqüila e feliz, ferindo-lhe

lar onde havia compreensão, amor e encanto.

Depois da morte de Marília e da morféia de Silvano, eis que sentira a alma novamente ferida num indefectível domingo prenhe de sol e júbilo. Havia regressado do leprosário, onde fôra visitar Silvano, quando estranhou a ausência de Verinha, no apartamento, indagando a Maria, a empregada:

—Verinha?

—Está deitada, com muitas dores nos braços.

—Dores nos braços? — retrucara Fabiano, com voz trêmula e assustada, que Maria se impressionou.

—Ela diz que nem pode tocar nas carnes dos braços.

Sentira o coração saltar-lhe do peito. Seria a hiperestesia da doença tão cruel? Salvo se fôssem dores reumáticas, porém Verinha era tão môça! Infelizmente, na vida real as coisas acontecem de modo fatal e ninguém pode modificar o traçado do destino humano. Algum tempo depois Fabiano ficara em pânico, ao verificar que Verinha fritava ovos expondo os braços aos vapores chamejantes, mas sem acusar qualquer sensibilidade. E seu terror aumentara, quando lhe chamou a atenção as próprias palavras da filha, ditas com a maior naturalidade:

—Engraçado, pai! Antes eu não podia tocar nos braços. Sentia as carnes completamente doloridas. Agora não sinto nada, quer ver? — E para confirmar a explicação, havia espetado uma agulha até a metade na carne insensível e pardacenta pela necrose superficial.

A lepra impiedosa e aterradora atacou Verinha com incrível rapidez. Boneca frágil e de pouca resistência orgânica, logo lhe escureceu a pele. Desfigurou-lhe o belo rosto, o nariz, as orelhas, os dedos das mãos e o dorso dos pés. Ela já não podia mais calçar os delicados sapatos de Cinderela, ficando segregada em casa até Fabiano construir uma cabana de imbuia, junto às guabirobeiras, na fazenda das Magnólias, dotada de todo o confôrto e esplendor

dignos de uma princesa. Ali deixou Verinha, em segredo e sob os cuidados de Pereba, negro de coração de anjo, que adorava a patroazinha e prometera, despreocupado:

—Deixe que eu cuido de Verinha, doutô Fabiano. Eu não pego doença alguma pois até a morte foge de mim! — E teve um sorriso ingênuo, com os olhos razos de lágrimas. E acrescentou:

— A Luzia, minha filha mais velha, que é como eu, cuida da menina no que precisar.

Silvano, em nova fuga do leprosário, conseguira descobrir a irmã leprosa na cabana de imbuia. Isso deu-lhe a condição vantajosa de a ver sem temor do contágio. Paradoxalmente, a infelicidade de Verinha transformara-se em ventura para Silvano, que às ocultas, sob a conivência de Pereba, o leal amigo de sempre, podia visitar a irmã venerada.

A vizinhança logo descobriu o encontro dos dois irmãos leprosos na cabana e denunciou à fiscalização sanitária, que exigiu o imediato recolhimento de ambos ao leprosário. Entretanto, isso não fôra preciso. A sina dolorosa de Fabiano parecia chegar ao fim, porque Verinha sumia:se, hora a hora, consumida pela morféia que já lhe corroía as entranhas. Aliás, logo depois da intimação para recolhimento de Verinha, Fabiano recebera a participação de sua morte. E a diligência .sanitária só encontrou um cadáver para ser sepultado.

Fabiano ainda estava imerso em suas recordações trágicas, quando sentiu baterem de leve, na porta da sala de jantar ,onde repousava. Deu conta de si e ouviu, outra vez, as rezas e as ladainhas das mulheres orando no velório de Verinha. Ele era um homem rijo e duro, mas tinha o direito de chorar em silêncio, sôzinho e sem ninguém ver. Limpou o rosto, às pressas, e indagou, envergonhado:

—Quem é?

—Batista!

—Entre.

—O senhor quer comer alguma coisa? Passa da meia-noite e alguns vão dormir um pouco. Seu quarto está pronto e todo arrumado. Deixe que nós velamos a menina.

—Obrigado, Batista! Não desejo nada. Ficarei acomodado aqui mesmo e chamarei se precisar.

No dia seguinte Verinha foi sepultada na própria fazenda por consentimento das autoridades.

Fabiano convocou Pereba e todos os peões, exclamando:

—Não precisam mentir; sei que Silvano está no mato, desesperado com a morte da irmã. Não voltará para o leprosário. Não quero deixá-lo viver como um cão surrado por aí, morrendo aos poucos. Silvano vai morar comigo nesta casa,

juro pela minha barba de homem de bem, que meterei uma bala no crânio do primeiro fiscal sanitário metido a valente. — E num sorriso onde traía certo vislumbre de perturbação, completou:

—Talvez eu também fique leproso; então seremos dois a defender-nos!

Pereba coçou a cabeça, meio confuso e apreensivo com o tom de voz do patrão. Todos os empregados se entreolharam, temerosos de viverem mais tarde sob o comando de Fabiano

Silvano, dois leprosos!

A seguir, dividiram-se em grupos, que sumiam-se por aqui e por ali, cautelosamente, sem muito ânimo de se arriscarem ao contágio perigoso da lepra. Evidentemente, estavam mais preocupados em espantar Silvano do que trazê-lo para a fazenda. Fabiano desceu para a margem do rio Iguaçu, com João Batista, e, súbito, sem qualquer justificação, deu uma gargalhada longa, exclamando:

—Olha só, Batista, hoje nós somos caçadores de leprosos! Onde foi que já fizemos isso?

E riu, novamente, um riso histérico, frenético, deixando o capataz receoso, para logo desaparecer pelos atalhos e lageados escorregadios do orvalho da manhã.

Ao entardecer, Pereba encontrou o corpo de Silvano, caído de borco sôbre as lajes do riacho de Morungava. A queda contra o lajeado devia ter sido violenta e Pereba calculou que o rapaz perdera o contrôle na descida da encosta, movido pelo desespêro de fugir sem rumo, pois tinha o crânio fraturado à altura da nuca, como se tivesse caído de costas.

A noite repetiu-se a mesma cena anterior. O caixão de zinco coberto com flôres de jardins modestos. A coroa feita de cravos vermelhos e palmas, com o dístico borrado numa fita roxa: "Ao Silvano saudades dos amigos de sempre." Apenas o guardamento agora era feito na sala de frente da vivenda. As mulheres piedosas desfiavam o rosário num "miserere nobis". lamentoso, enquanto Fabiano, sentado no varandão da frente e •na meia escuridão, curtia a última tragédia de sua vida; seus olhos estavam sêcos de chorar durante a noite.

Depois de enterrarem Silvano junto a Verinha, ele mandou os empregados descansarem e dispensou até Nha Matilde, a cozinheira.

—Quem vai fazer comida para o doutor?

—Pode ir, dona Matilde. Eu vou beliscar por aí e preciso pôr em dia uns documentos e contas da fazenda. Amanhã devo voltar para a cidade.

Em seguida fechou-se no casarão e até ao anoitecer tratou de regularizar uma série de documentos. Quase ao bater oito horas da noite, Pereba ouviu um estrondo na vivenda; correu com a alma em pânico e voltou berrando, para fora:

—Acudam gente! Doutor Fabiano se matou!

* * *

Enquanto Fabiano desertava do mundo sob o pêso do desespero e da desgraça, recuamos um pouco no espaço e no tempo até a cabana, onde havia terminado de agonizar Verinha assistida por Silvano inconsolável por perder o único motivo de sua vida infeliz. Súbito, sem que ele pudesse perceber, a cabana clarificou-se sob a mais extasiante refulgência para a visão humana. No seio da massa de luz verde-sêda e esbatida de prata, formando um leque rendilhado de filigranas carmins, surgiu majestoso espírito, alto de porte, a fisionomia morena e tostada do sol, adornada por olhos esverdeados e fulgurantes. Cobria-lhe a cabeça magnífico turbante de sêda côr de topázio, encimado por magnífica pedra de rubi. A fronte estava envolvida por um halo de luz suave lembrando o matiz do ouro velho. Vestia um manto principesco de bordados e volutas argênteas sôbre o tecido sedoso côr de azul-safira. Debaixo do manto luminescente surgiam a túnica de um branco puro, cingido por uma larga faixa côr de cereja madura e calções presos um pouco acima dos tornozelos pelas botas pequenas, em tom de suave castanho.

A entidade curvou-se cariciosamente sôbre Verinha e estendeu a destra até a fonte de Silvano, que pousava o rosto entre as mãos deformadas molhando-as de lágrimas sentidas. O rapaz ergueu a cabeça, como se tivesse pressentido o generoso toque espiritual afetivo. Neste momento, junto à porta da cabana, postaram-se outros três espíritos, traindo a mesma procedência oriental em face dos trajes singulares. O árabe majestoso fez-lhes sinal e os dois mais môços, cujos calções de sêda azul-celeste também eram presos por botinhas da côr de havana, aproximaram-se ladeando o leito funerário. Em seguida, erguendo os braços meio palmo acima do corpo chagado de Verinha, movimentou as mãos de um modo ondulante e suave, despedindo fluidos que iam desde o matiz verde-malva até o esmeralda, com fulgurações alaranjadas. Em poucos minutos o perispírito de Verinha emergia acima do corpo carnal, e, num impulso espontâneo surpreendente, deixou a posição horizontal e pôs-se de pé à sua própria cabeceira. (3) O árabe sorriu, satisfeito, e seus olhos esverdeados como os de um felino mostravam-se dóceis e amorosos; depois, efetuou diversas operações magnéticas,

impossíveis de explicarmos satisfatoriamente aos leitores. Sob o impacto de raios e relâmpagos, que partiam do perispírito de Verinha, desintegravam-se todos os chacras ou centros vorticosos energéticos do duplo etérico, cuja energia etéreo-física sumia-se absorvida no próprio ambiente. A atmosfera ficou radiante, como se tivesse sido saturada por milhares de estrelas miúdas e fosforescentes. Aina podia-se perceber o duplo-etérico apagadíssimo, que oscilava e esvaía-se do energismo do meio ambiente. Em poucos minutos tinham sido desligados os cordões umbilical e o esplênico. Verinha permanecia ereta, com um terno sorriso a lhe curvar o canto da bôca bem feita, embora se conservasse de olhos fechados. Após vigorosos passes longitudinais, ela pareceu despertar acusando forte incômodo, semelhante à ave que ao tentar alçar o vôo é impedida pelo pêso das próprias asas. O :árabe refulgente juntou as pontas dos dedos na base do cordão prateado, no nível do cerebelo, os quais tremeluziam em fulgurações ou centelhas coloridas e ligeiras nuanças para a tonalidade do aço.

— Verinha! Verinha! Desperta! — exclamou ele numa voz persistente, que vibrava num diapasão hipnótico.

Pouco a pouco Verinha tomava conhecimento de si mesma. Os lábios arquearam-se num sorriso confiante e fitando o benfeitor, pareceu reconhecê-lo pelo ar de gratidão.

— Vamos, Verinha! Desligue você mesma o prateado. Eu cooperarei. Vamos! Você já fêz isso antes! Faça-o novamente! Mentalize o expurgo tóxico para o "mata borrão" do corpo carnal. Você precisa se libertar limpidamente! Vamos!

Estendeu os braços em direção a ela e desta vez fluíram-lhe pelas pontas dos dedos crepitações alaranjadas fulgurantes. Verinha fechou os olhos e já mostrava nítida a sua configuração perispiritual. O éter-físico do duplo etérico estava quase todo desvanecido. Era um espetáculo surpreendente ver-se a menina fulgir esbatida por mil côres lucíferas, surgindo e desaparecendo no seio da massa de luz ofuscante. Em seguida, com um grande esfôrço de concentração, ela atraiu e enfeixou todo o fluido projetado pelas pontas dos dedos do árabe. Logo a massa côr de rosa com revérberos esbranquiçados atingiu um tom de carmim puro e convergiu despedindo faíscas na base perispiritual do cordão prateado, à altura do cerebelo, lembrando as centelhas que saltam do rebolo de pedra, quando o afiador afia instrumentos de aço. A menina entrecerrou os olhos e o semblante tomou um aspecto severo, mas com certo ar de triunfo.

— Bem, agora vou ajudá-la, querida! — exclamou BenHamuh, colocando-se atrás dela e focalizando ambas as mãos sôbre a região do bulbo-cerebral. Fez sinal aos dois companheiros, a fim de ampararem Verinha pelos braços, e comandou sugestivo:

— Atenção, Verinha! Suavize a mente! Inunde-a de azul-celeste. Absorva-se na fragrância do jasmim ou da flor que você mais aprecia e desprenda-se dos grilhões da carne. Sua alma agora paira acima das formas físicas. Você voa na tranqüilidade de um céu límpido, como a gaivota no seu longo vôo sereno. Você é uma ave batendo asas na amplidão cerúlea do firmamento e mergulha num mar de arminho rosado, flutuando na doce paz espiritual!

Quando viu nas faces da menina um ar de serenidade e gôzo espiritual, acenou para os companheiros e ambos, num só golpe e impulso, descolaram o cordão prateado luminoso, cuja parte mais densa foi absorvida imediatamente pelo corpo físico. Verinha levou um choque e seu perispírito oscilou sob forte trovoada que lhe ribombou na mente. (4) Abriu os olhos, entontecida e arfou como o pássaro livre da prisão, caindo venturosa nos braços do árabe. E ali ela se acomodou, como a ave fatigada depois de um longo vôo!

—Obrigado, mestre Hamuh, por ajudar-me a voltar tão ràpidamente, — exclamou num suspiro de satisfação.

—Isso foi graças a você mesma, Verinha! O seu auxílio consciente evitou-nos processos embaraçosos, dolorosas providências e desperdício de tempo na drenação tóxica.

Ajudou-nos com a mente positiva. Não é tão difícil desencarnar, quando já vivemos na matéria os princípios superiores da vida imortal!

Sentindo-se recuperada das energias espirituais, Verinha voltou-se para os dois jovens, ao lado do árabe, cujas auras eram de menor intensidade luminosa.

—Oh! — disse ela, garrula e jovial. — Vocês, também, estão aqui?

Naquele momento, surgiu à porta outro espírito amorenado, tipo de beduíno do deserto, corpo volumoso e ar pachorrento, que se pôs a olhar timidamente para Verinha.

—Você, Shamed? — exclamou ela, numa voz admirativa e travessa.

Não podia deixar de vir, princesa! — E o beduíno curvou-se até o solo num imponente gesto de cortesia.

—Bôbo! — brincou Verinha. — Deixa de salamaleques.. Não seja tão tradicionalista! Princesa, princesa, que retorna da purgação morfética?

—Princesa quis viver morfética, na Terra, por amor de alguém!

O beduíno cruzou as mãos no peito, tornando a curvar-se,, gentil e maneiroso.

—Lisonjeiro! — E avançando até o beduíno, cuja fisionomia luzidia mostrava um ar de fidelidade canina, ela o beijdu no rosto. Comovido, êle caiu de joelhos e beijou-lhe as mãos. Verinha ficou meio embaraçada, mas como rissem todos, o próprio beduíno falou:

—Não liguem; para mim será sempre a princesa! A mais. bela recordação de minha ascese espiritual.

Então a menina pareceu dar conta de si, pois circundando o olhar em tôrno, fêz um gesto aflito.

—Onde está Silvano? — indagou ansiosa.

—Um pouquinho de calma, menina. — Retrucou o árabe num tom brincalhão. — Se você se acomodar um pouco, logo poderá vê-lo. — Estendeu a mão para a direita e traçou longos passes no ar, como se rasgasse algum véu invisível. Enquanto a fulgência de luz se reduzia em redor de todos, Verinha, comovida, deparou com o seu corpo material estendido no leito da cabana, entre duas velas trêmulas. Ao lado estava o querido irmão arrasado por sua tremenda dor. Sua mente tumultuava. Êle fazia mil projetos de auto-destruição, fixando o cadáver da irmã, sem parecer vê-lo.

—Quanto tempo faz que voltei da carne? — solicitou Vera, surpresa.

—Sob a convenção dos cronômetros terrenos, há menos de dez minutos! (5) explicou-lhe o árabe, sorrindo. Sério e impressivo, esclareceu: — Os que sabem viver e amar na Terra, podem deixar o corpo de carne em tempo mais rápido do que precisa um pássaro para achar a saída da gaiola aberta.

Verinha curvou-se e abraçou Silvano com veemente ardor espiritual, ditando-lhe palavras confortadoras e amorosas aos ouvidos perispirituais. Êle chegou a erguer os olhos para o alto, como se de cima lhe fluísse aqueles pensamentos e intuições sedativas.

—Silvano sofre muito! — considerou Verinha. — Que podemos fazer?

—Por enquanto nada, querida. Tenhamos um pouco de paciência e o seu próprio desespêro talvez o conduza brevemente para nós. Vigie-o atentamente, Shamed. — Enquanto -o beduíno fazia um gesto de compreensão, o árabe voltou-se -para os dois rapazes, a seu lado, ordenando-lhes: — Ativem-lhe o mecanismo do sono. Vamos ganhar tempo e pensar no meio de ajudá-lo para não desperdiçar a prova derradeira.

Os moços curvaram-se para Silvano, cingindo-lhe a fronte

o ocipital, e iniciaram uma série de operações magnéticas, ativando-lhe a produção de ondas de sonolência, que surgiam indisciplinadas e intermitentes na região do bulbo cerebral, para convergirem na forma de "espirais invertidas" até sincronizarem-se nos lôbos frontais do cérebro. Dali a pouco Silvano pendia a cabeça, quase tombando sôbre o corpo gélido da irmã.

Cedo, acordou-se com o barulho de estalidos na mata, reconhecendo a voz de negro Pereba. Deu conta de si e do cadáver de Verinha, sentindo-se tomado por um desespêro incon-

trolável, pois julgara acordar-se de terrível pesadelo. Quase ensandecido pela dor ante a realidade, voltou-se, agressivo, quando Pereba surgiu à porta e recuou, instintivamente, saltando para fora e desaparecendo mata a dentro. Na correria alucinada e sem rumo, rasgava as carnes nos galhos acerados, espinhos das sebes e farpas de troncos apodrecidos. Porém, a dor não lhe feria as carnes insensíveis. Só o espírito exaurido pelo sofrimento recalcado no subconsciente ateava-lhe o desejo louco de libertar-se do fardo humano. Batia nas árvores, gritava e soluçava, caindo nos caminhos escorregadios, enfraquecido pela fome e pela sêde, pois não se alimentava há muito tempo. Enfim, desfaleceu.

Ao entardecer, acordou-se, percebendo outra vez a mórbida realidade e levantando-se febril e fraco, com a garganta ressequida pela sêde. Lá embaixo, depois de um declive perigoso, corria tranqüilo o riacho Morungava, cuja água cristalina brilhava à luz do Sol filtrado por entre a ramagem das árvores. Trôpego e entontecido, Silvano arremeteu em direção à fonte de água, impelido encosta abaixo pelo próprio desespêro; entretanto, descontrolou-se na descida violenta e ao atingir o riacho tombou de joelhos sôbre as fôlhas orvalhadas, escorregou velozmente pelo limo do chão, e tentou levantar-se num esfôrço supremo, movido pelo instinto de conservação. Mas volteou o corpo num corropio inesperado e foi cair alguns passos além, de costas, batendo violentamente a cabeça sôbre o lageado. O seu corpo deslizou e chegou a tocar com o rosto na água límpida, manchando-a, pouco a pouco, com o sangue vermelho-rubro a verter pela profunda ferida feita na base do crânio.

Julgando despertar, não podia lembrar-se do tempo que ali ficou tombado. Embora confuso da situação, percebeu os braços vigorosos a erguê-lo e a levarem-no a algum lugar. Um vento frio mexia-lhe os cabelos e aliviava um pouco a febre escaldante. Talvez ficara cego na queda, pois não enxergava coisa alguma, e apenas ouvia vozes, como num sono letárgico.

Mais tarde, ao abrir os olhos sentiu imenso alívio, quando verificou que se encontrava em pequeno aposento, cuja pintura azul suave parecia fosforescente. Moveu-se com dificuldade, identificando o leito, a pequenina cômoda ao lado, com uma jarra de água rosada. Havia, também, um par de cortinas verde-claro, decorando a única janela existente. Na parede, defronte, divizou um quadro onde refulgia a figura de um árabe de rosto audaz e imponente. Os olhos esverdeados impunham temor e ao mesmo tempo irradiavam meiguice. Silvano ainda sentia os efeitos dolorosos da queda e da exaustão vital nas lajes do regato; mas a dor era suportável, como se tivesse acontecido só na alma e não fisicamente. Distinguiu à esquerda do seu leito o braço de uma poltrona estufada, em côr cinza, e logo assustou-se ouvindo alguém tossir. Ao seu lado estava uma criatura lendo algumas revistas de estranha luminosidade e interessante, porque as figuras saltavam num processo de terceira dimensão. Era um beduíno gordo, bochechudo e de rosto lustroso, cuja roupa de listras brancas e castanhas devia ser de seda luminescente. Das orelhas pendiam dois brincos em forma de meia-lua. Êle tinha os olhos miúdos e apertados no rosto amplo, porém, inofensivos e amistosos, confirmando o ar bonachão e humilde.

—"Salan Aleikun" — disse-lhe o beduíno, cuja palavra Silvano nunca ouvira, mas lhe parecia surpreendentemente familiar. E ficou mais espantado pela própria resposta inesperada:

—"Aleikun essalãn". (5-A)

beduíno sorriu, assentindo com a cabeça e demonstrando grande satisfação. Silvano, movido por alguma intuição estranha, apontou o retrato do árabe na parede, indagando:

—Quem é êle?

beduíno primeiramente arregalou os olhos, surpreso, mas depois reconsiderou que o rapaz ainda não estava de posse de tôda a sua consciência espiritual.

"Sahhed", não se lembra? — replicou, atencioso. Levantou-se, curvou o corpo, pondo a mão na testa e fêz uma longa mesura antes de dizer:

—Salve "Thaleb" Hamuh! O santo dos santos! (6)

Silvano sentia-se acicatado por fugazes recordações. Não podia identificá-las pela consciência em vigília. Tinha a convicção de que lhe era familiar a figura imponente e majestosa do árabe sob a estranha refulgência de luz.

—Isto é hospital ou residência particular? — disse movendo as mãos significativamente. Só então, ficou boquiaberto, estático e confuso, ao reparar que as mãos estavam limpas e os dedos perfeitos. Temerosamente levou a destra à orelha e o beduíno adivinhou o resto. Retirou um espelho ovalado, debaixo dos livros, e colocou em frente a Silvano. Ele se mirou, estupefato, e ergueu o espelho por várias vezes, ao nível do rosto e ficou revendo-se num gôzo feliz. O seu rosto era belo e sadio. A pele limpa sem quaisquer manchas ou cicatrizes da terrível morféia! Quase sem fala, deixou cair o corpo no leito, num afrouxamento de nervos e alívio venturoso. Apalpou-se, novamente, tornou a elevar o espelho, outra vez, mirando-se eufórico e beliscando-se satisfeito por sentir dores.

—"Allahus Akbar", — exclamou, intempestivamente, após um grande suspiro de alívio. (7) — Que pesadelo horrível eu vivi! — E, num gesto familiar, voltou-se para o beduíno, dizendo, um pouco distraído: — Imagine o meu sonho tenebroso! Eu era morfético e assistia a morte de minha irmã Vorinha, corroída pela lepra! De repente arregalou os olhos, surpreso, e apontando o beduíno indagou:

—Qual é o seu nome?

—Shamed!

—Ah! Como é que eu pressentia isso?

O beduíno levantou-se da poltrona, mostrando a Silvano a sua figura atarracada e volumosa, enquanto disfarçava um sorriso misterioso:

—Hum! Hum! — respondeu, sibilino. — Talvez "sahhed" conheceu-me antes do terrível pesadelo de "viver leproso na carne!" Que diz?

Silvano sentiu um forte estalo no cérebro, sob o choque de veloz associação de idéias no seu mecanismo mental provocado pelas palavras intencionais do beduíno. Comumente, às almas que sofrem expurgos violentos de suas toxinas perispirituais, como no caso da lepra, o corpo físico funciona igual a poderoso "mata-borrão" enxugando as impurezas do espírito desencarnado. Tal acontecimento ou purgação rápida favorece a emersão das recordações do passado reajustando o ser ao nôvo ambiente onde passa a atuar. Silvano viu-se ràpidamente de posse de tôda a memória sideral, inundando-o de júbilo, ao reconhecer-se liberado da carne após a prova cruciante da lepra e livre dos charcos purgatoriais do astral inferior.

—Quer dizer que você é Shamed? — indagou, confuso.

—Evidentemente! — respondeu o beduíno movendo o corpanzil até o leito e apertando o rapaz num longo abraço afetuoso, próprio de velhos companheiros ao se reverem após longa ausência.

—Sem dúvida, ainda continua no cargo de "despertador"? — indagou Silvano, com ar travesso.

—E sem campainha! — glosou o companheiro, sorridente.

Silvano quedou-se, comovido, e ergueu os olhos para o quadro do árabe fulgurante, demorando-se a fitá-lo, num sentimento de profunda reverência espiritual. Em seguida, exclamou, numa voz trêmula e profundamente comovida:

—Hamuh! "O Chansseddin"!... Salve, Mestre! (8) E voltando-se para o beduíno, perguntou-lhe:

Ainda não abandonou o "cascão"? (9)

-- Não! Hamuh ainda permanece em "cascão", enfrentando as dificuldades e os sacrifícios de sempre. Generoso, estóico e amoroso é um anjo; mas pela sabedoria e poder é também um sábio! Ajuda-nos, sempre, independente de nossas ingratidões e teimosias. Ültimamente acentuou-se a necessidade dos repousos energéticos mais freqüentes. — E o

beduíno fêz um gesto pesaroso, lamentando-se, em seguida. — Creio que em breve não poderemos vê-lo, mas apenas senti-lo! O desgaste é cada vez mais severo.

—E Verinha? — suspirou Silvano. — Como poderei pagar-lhe tudo? Sem ela eu teria me suicidado outra vez, não é assim? Quando o Senhor me concederá o ensejo de indenizá-la de tantos sacrifícios, ternura e amor tão imaculado? Seria o meu terceiro suicídio, não é mesmo?

—Seria a terceira vez, caro mano! — atalhou Shamed. — Bem, você não goza do mérito absoluto de desencarnação pacífica na última existência, e por pouco teria de passar pelos charcos! — Movendo o seu corpo amplo pelo aposento e juntando as pontas dos dedos, o beduíno acrescentou num ar de profunda reflexão: Sabe, "sahhed", que por ordem de Hamuh tive de "empurrá-lo" um pouquinho sôbre as lajes do riacho? Ajudei-o naquele corropio! — Sorriu, matreiro e depois rogou com certa bonomia: — Desculpe-me o empurrão, caro Silva-no ou querido El Zagreb! — E curvou-se, gentil.

—Por que? — surpreendeu-se Silvano.

—Hamuh previu que se você passasse o lajeado, sob aquele desespero incontrolável, poderia destruir-se deliberadamente, com graves danos para sua organização perispiritual. Muitas criaturas tiveram um bom "começo" de vida ou mesmo um bom "fim" de vida, graças a um simples empurrãozinho!

— glosou Shamed, sem esconder a malícia nos olhos.

Silvano estava sério. Contudo, apercebendo-se dos acontecimentos da própria desencarnação, rompeu numa risada Feliz, replicando num tom de desforra:

— Estamos quites, Shamed! Se não me falha a memória sideral, eu também já lhe dei um ligeiro empurrão naquela existência da Pérsia. Lembra-se?

— Hum! Hum! — fêz Shamed. — O que é a vida! — E suspirou erguendo os ombros com displicência. — Õ importante é que o epílogo seja conciliador, não é assim? Desculpe-me! — E saiu do aposento, retornando minutos depois quando então refulgiu ali uma luz intensa rosa-lilás.

********

Não pretendemos alongar esta história verídica ocorrida no Brasil e possivelmente identificada por alguns dos leitores mais idosos, que tiveram ciência dêsses acontecimentos desventurados. Mas é nossa obrigação explicar os motivos de sua origem. De princípio, queremos externar a nossa gratidão ao espírito de Mohamed Al Zarah, atual chefe do "Departamento de Fichas Cármicas" da comunidade espiritual "Oásis do Coração", situada na região astralina do Líbano e da Síria, o qual, além de permitir-nos acesso aos arquivos da linhagem espiritual dos protagonistas, ainda nos forneceu esclarecimentos necessários para justificar o enredo e atender ao interesse espiritual dos leitores.

Em face do importante papel reservado ao Brasil, na divulgação do Espiritismo no século XX, muitos cooperadores de Allan Kardec já se encontram encarnados no vosso país, inclusive os principais personagens desta história, convocados para a divulgação sensata da doutrina. Em geral, quase todos os trabalhadores espíritas são egressos do Oriente, porque a filosofia oriental é a verdadeira fonte dos ensinamentos da Lei do Carma e da Reencarnação. índia, Egito, Caldéia, Assíria, Arábia e mesmo a Grécia, são fontes da maioria dos conhecimentos filosóficos, aceitas atualmente pelos brasileiros compondo a raça mais fraterna e intuitiva da Terra.

Silvano, Verinha, Man lia e Fabiano, são companheiros e componentes de um grupo de espíritos que vêm. ascencionan-do espiritualmente sob o comando de mentores peculiares da região asiática, como é Hamuh. Antes da encarnação, no Brasil, os nossos personagens viveram na região da Turquia, dando origem a algumas conseqüências cármicas atuais.

Fabiano, em suas existências, na Ásia, fôra bei, espécie de governador de província turca sob o contrôle do Sultão. Homem despótico e vingativo, costumava concretizar seus objetivos a qualquer preço. Sob imposição política e pressão administrativa, desposou Verinha, contrariando-lhe o sentimento e os ideais da família, que a destinavam para espôsa de jovem oficial do exército sediado nas margens dos Dardanelos, o qual suicidou-se impossibilitado de reagir de outra forma. Esse oficial foi Silvano, e que Verinha, no passado, negligenciou do seu amor sincero e digno, seduzindo-se pela posição de relêvo e confôrto que lhe proporcionaria a condição de espôsa de um bei de província.

Foi um pecado de omissão, mas suficiente para comprometê-la em vidas futuras no auxílio daquele que traiu os votos de noivado. Mas Verinha pôde ressarcir-se bastante das faltas quase involuntárias, quando em face de sua condição privilegiada de espôsa do governador, ela abrandou muitos sofrimentos e atenuou algumas vinganças políticas ordenadas pelo bei, por cujo motivo, os beneficiados logo passaram a chamá-la de "princesa", alcunha lisonjeira ao seu tipo delicado e gene-rose.

Entre as tribos nômades adversas à política do bei, na época, havia o grupo chefiado por Shamed, beduíno de boa índole, bonachão e algo desleixado, mas obstinado na lealdade aos seus princípios políticos e como líder. Vítima de matreira cilada do bei, Shamed teve todos os seus bens seqüestrados, a família exilada para além das fronteiras de sua terra, e êle metido no calabouço. Entretanto, preferia a morte a trair amigos e subalternos. Sofria dolorosamente por desconhecer a situação e o paradeiro da espôsa e dos oito filhos menores, uma vez que, para torturá-lo, os adversários. negavam-lhe a mínima notícia, deixando-o na dúvida e no desespero quanto a estarem vivos ou mortos!

Verinha, conhecendo a tragédia de Shamed, em cuja tenda ela havia se hospedado com o espôso nas suas andanças políticas, apiedou-se dêle. Socorreu-lhe a família através de servos fiéis e amigos situados além das montanhas. Dali por diante passou a comunicar-lhe as notícias mais freqüentes com referência à família, quanto ao estado geral e segurança. Quando lhe nasceu a primeira filha, que na última existência no Brasil foi _Marina, sua genitora, Varinha distribuiu presentes régios aos pobres e conseguiu diversos indultos a prisioneiros vítimas do despotismo e das desforras do marido.

Finalmente, após a última romagem na Turquia, Hamuh reuniu todos os pupilos no Espaço e propôs-lhes encarnações no Brasil, durante o século XX, a fim dêles participarem em conjunto no elevado empreendimento da divulgação do Espiritismo. Todavia, a Técnica Sideral, após diversos "testes" em dezenas de componentes do mesmo conjunto espiritual, considerou apenas os espíritos de Marília, Verinha e Silvano, os mais capacitados para se situarem com relevo na seára espírita e desempenhar labores de severa responsabilidade, com mediunidade de cura, psicografia, psicofonia e mediunidade auditiva. Os demais membros, inclusive Fabiano, não ofereciam condições favoráveis para o evento tão importante, devido aos reflexos cármicos desde os tempos da Assíria, Babilônia, Egito e Turquia. Cada um dêsses espíritos já possuia uma qualidade excepcional ratificada no seu caráter sideral e capaz de lhe garantir boa conduta e êxito da sua empreitada espiritual. Manilha era a resignação suprema; Verinha, meiguice e bondade e Silvano, a fidelidade e honestidade absolutas. Havia um empecilho, no entanto, de que adviria dificuldades a todos os três candidatos. Era a carga desvantajosa de "toxinas, psíquicas" impregnando o perispírito, fruto dos momentos, de invigilância espiritual nas vidas pregressas, e conseqüente do ciúme, orgulho, da vaidade, cólera, indiferença, ira e luxúria. Os males feitos ao próximo, eles tiveram de recebê-los de volta, sob a Lei do "choque de retôrno", na forma de blasfêmias, pragas, ódios, desforras, frustrações, magia mental e verbal destrutivas. Para o êxito mediúnico futuro, a Técnica Sideral sugeriu-lhes uma prévia existencia carnal purgativa, no Brasil, a fim de se processar a devida limpeza do perispírito e indispensável para assumirem compromissos graves em favor da causa elevada do Espiritismo.

Sem dúvida, os três espiritos escolhidos na família de Hamuh poderiam drenar as 'toxinas deletérias para a carne, aos poucos, existência por existência, corpo por corpo, em expurgos parciais e na forma de enfermidades comuns ou menos chocantes. Mas como intérpretes,de responsabilidade dos princípio da doutrina espírita, no Brasil, ser-lhes-ía preciso uma limpeza total dos venenos perispirituais. Doutra forma, a densidade do perispírito poderia comprometer o próprio contato mediúnico com os mentores responsáveis pelo progresso espiritista na Crosta. Os exames siderais comprovaram que a toxicidade de Marília e Verinha eram de um tipo muito radioativo, cujo expurgo,rápido afetaria a medula óssea material, provocando. a leucemia pelo fenômeno de excitaação de certas células da linha mielopoética. Silvano era portador de unia carga tóxica perispiritual, que o predisporia à infecção pelos bacilos de Hansen e assim ocasionaria a terrível morféia. (10)

Diante dos exames de resultados tão graves e cruciantes para conseguir a limpeza perispiritual numa única descarga purgatorial, Silvano recuou da prova, receoso de frustração e deserção da carne, temendo suicidar-se antes de dezesseis anos de idade física, prazo fixado para o seu desencarne. Alegou que anteriormente já havia usufruido de melhores condições e suicidara-se, por duas vêzes, em desespêro de causa. Temia destruir a vida carnal novamente, ao sentir os primeiros efeitos da lepra. Hamuh mostrou um ar desolado, sinceramente convicto da impossibilidade de situar Silvano no meado do século XX (11) como colaborador ativo na divulgação do Espiritismo em terras brasileiras. O suicídio ainda o tornaria mais comprometido na sua ascese espiritual, lançando-o fatalmente nos charcos purgatoriais. Optou, portanto, por existências menos dolorosas e reajustes parcelados, para que Silvano prosseguisse na sua recuperação cármica em sucessivas reencarnações.

Verinha poderia drenar a carga nociva perispiritual até os 50 anos de idade, desencarnando pela leucemia. Contudo, em face de sua generosidade, resolveu descer à carne e ser irmã consanguínea de Silvano, para ajudá-lo a sobreviver até, o tempo previsto pelos Técnicos Siderais, indispensável para proceder o expurgo total. Amava-o há vários milênios e Sentia-se responsável por algumas frustrações dele. Intercedeu junto aos mentores e ninguém conseguiu dissuadi-la da prova sacrificial além de suas-necessidades espirituais.

Reduzindo a duração dos tóxicos previstos para 50 anos em 14 anos de idade, ela poderia viver ombro a ombro com vario. Ela então solicitou a interferência fluídica da técnica Sideral, para lhe substituir o residual tóxico do seu perispírito, previsto com a manifestação de leucemia, até aos 50 anos para o "residual tóxico morfético". (12) Ainda a "Contabilidade Divina" creditar-lhe-ia em dôbro as "horas heróicas" dispendidas pelo impulso generoso do amor desinteressado. Se Jesus, Anjo Imaculado, submeteu-se aos corrosivos fluidos grosseiros dos planos inferiores para aderir ao seu perispírito resplandecente e poder manifestar-se na carne, impelido pelo seu imenso amor à humanidade, não há desdouro, incoerência ou impraticabilidade, para espíritos de menor quilate sideral, como 'Verinha, em sujeitarem-se a sofrimentos imerecidos em favor de outrem. Se considerarmos absurdo o recurso da "redução vibratória" dos espíritos livres a fim de socorrer os encarnados, teríamos de concluir que Jesus só conseguiu ligar-se à carne terrícola porque foi atraído magneticamente pela sua própria densidade perispiritual inferior, na lei de que "os semelhantes atraem os semelhantes". Sem dúvida, ele; produziu em si as condições vibratórias para lhe reduzirem as vibrações siderais e permitir-lhe o contato com a Crosta. Se pensarmos diferente teremos de nos convencer de que Jesus foi crucificado para resgatar culpas cármicas semelhantes e praticadas em vidas anteriores.

Acontece que nas esferas espirituais junto à Terra não há, ainda, a precisão e a infalibilidade absolutas no planejamento e realização dos programas de recuperação de espíritos encarnados. Os projetos minuciosos, às vêzes apresentam falhas- na execução material, que exigem, à última hora, a mobilização de recursos inesperados pelos técnicos siderais. Comprova-se isso no transcurso da vida de Verinha, cujo plano esquematizado da

existência carnal e baseado nos ascendentes hereditários da família física, marcava-lhe o desencarne para os 14 anos,-dois ou três, meses depois da morte de Silvano, a quem ela deveria amparar até o final da prova e desviá-lo do suicídio nos momentos de desespêro e solidão. Contudo, contrariando os prognósticos dos técnicos siderais e firmados na resistência biológica do seu organismo, ela enfraqueceu e desvitalizou-se de modo tão acelerado, que foi preciso assisti-la continuadamente pela transfusão de fluidos energéticos do Espaço. Era preciso mantê-la encarnada e fazê-la sobreviver a Silvano, mesmo por algumas horas, até que êle tivesse o seu desenlace através de violenta hemorragia conseqüente à corrosão pela lepra.

Felizmente, Silvano desencarnou sem praticar suicídio e livrou-se dos charcos de purgação perispiritual, embora na fuga trágica, após a morte de Verinha, tivesse procurado propositadamente a morte acidental. Porém, conforme elucidou-lhe Shamed, êle não retornou ao Além gozando do mérito absoluto da empreitada, pois foi necessário dar-lhe o "empurrão" autorizado por Hamuh, para o ajudar na desencarnaçao livre de maiores prejuízos. E o "empurrão" também se justifica, porque o desenlace de Verinha ocorreu antes do prazo previsto no esquema de vida de ambos os irmãos, devido a um pequeno equívoco da Técnica Sideral nos cálculos de resistência biológica. Assim, uma coisa justifica a outra; o "empurrão-zinho" de Shamed compensou o equívoco sideral da morte prematura de Varinha, pois a sua vida física estava vinculada emotiva e espiritualmente a Silvano, como garantia da permanência dêle na Terra.

Em verdade, tudo ocorre no sentido de acelerar a ascensão do espírito e libertá-lo das seduções transitórias da matéria, até viver na comunidade angélica sem vibrar pelos desejos da vida carnal.

***(1) Caleça; tipo antigo de carruagem, de quatro rodas, dois assentos e de boléia descoberta.***

***(2) Gás de composto químico binário de carbono com metais, usado antigamente para produzir a iluminação nas lanternas das carruagens e dos primeiros automoveis, hoje usado na solda:***

***(3) N. de Atanagildo: — Não esqueçamos que Verinha, além de espírito bastante liberto dos desejos da carne, desencarnou com 14 anos, en cuja idade é bem mais fácil o desprendimento dos veículos mais densos.***

***(4) Vide o capítulo "A Caminho do Além", da obra "A Vida Além da sepultura" de Atanagildo e Ramatís. — Edição da "Livraria Freitas Bastos S/A."***

***(5) N. Atanagildo: — Não há uma desencarnação semelhante a outra, pois varia de acôrdo com o tipo espiritual. Seria fastidioso enumerá-las tôdas.***

***(5-A) N. Atanagildo: — Salan Aleikun, "a paz seja contigo". Aleikun essalan, "seja contigo a paz".***

***(6) Sahhed, "senhor"; "Thaleb", mentor.***

***(7) N. Atanagildo: Em árabe: "Deus é grande."***

***(8) N. Atanagildo: — Em árabe, significa "Luz da Religião.***

*(9) No Espaço, o vacábulo "cascão" refere-se a espírito superior manifestando-se em forma perispiritual, que já lhe serviu há tempos na matéria. Na Umbanda, há elevadas entidades que baixam nos terreiros, usando os velhos cascões de pretos velhos, caboclos, vovózinhas ou mães-pretas.*

*10) N. Atanagildo: — Raros espiritualistas mostram-se esclarecidos quanto ao verdadeiro sentido da recuperação cármica„pois mesmo entre as espiritas ainda confunde-se o programa técnico de limpea perispiritual, com a concepção de castigos, sofrimentos ou resgates de culpas pregressas. Não existem departamentos corretivos nos pianos superiores para punir falta dos filhos de Deus. Afora alguns arremedos' de tribunais de justiça, sediados nas regiões do astral inferior sob o comando de entidades malévolas do submundo espiritual, a dor, desdita, desgraça, tragédia ou infelicidade são apenas fases de um processo técnico benfeitor, traçado inteligentemente pelos "Senhores do Carma", com o objetivo exclusivo de proporcionar a felicidade breve aos espíritos ignorantes.*

*(11) N. Atanagildo: Verinha e Silvano estão reencarnados em S. Paulo; a primeira desempenha algumas funções de médium intuitiva e de curas; o segundo prepara-se para casar e sua mediunidade há de florescer dois ou três anos após o matrimônio. No seu esquema mediúnico figura a faculdade psicográfica, cujo conteúdo deverá ser simples, coerente e seguro, mas sem desmentir o cienticismo do mundo. Quando Silvano casar-se será profundamente influenciado pela espôsa, médium excepcional, e, também, sem dúvida, por Verinha. Marília, mais idosa, é médium já conhecida nas esferas espiritistas do Brasil e desempenha o seu trabalho com precisão e carinho.*

*(12) N. Atanagildo: — Ainda não podemos esclarecer satisfatoriamente o processo de inserção de residuais tóxicos fluídicos, ou "residuais sintéticos astralinos", que podem acelerar a vida de certos germens vírus, além de suas cotas-mínimas de segurança existentes no organismo físico. Esses residuais sintéticos podem provocar moléstias semelhantes às provenientes da toxicidade natural dos espíritos comprometidos com a Lei. Nesse processo, só entendível no Espaço e dificílimo de traduzir pelos vocábulos terrícolas, ocorre algo semelhante ao uso e função deliberada das vacinas ou recursos da "ma-leoterapia". Apenas alguns iniciados do alto espiritualismo devem compreender melhor essa providência, que as almas piedosas as vêzes requerem no sentido de compartilharem nas mesmas provas acerbas dos seus familiares na carne.*

# ANJOS REBELDES

Uma doce claridade banhava a formosa e terna paisagem imersa numa côr de suave rosa-lilás mesclado de alguns revérberos argênteos. A clareira atapetada pela grama suave verde era cercada de pequenos bosques de arbustos anões, mas recamados de flôres na forma de campainha, de um matiz azul turqueza e veludoso, decorado pelos estames de um branco lirial na corola, que exalavam o agradável perfume do jasmim terreno. Inúmeros bancos recortavam-se caprichosamente na própria vegetação de um verde-escuro, cujas fôlhas miúdas lembravam sensitivas esmaltadas de estrias esbranquiçadas. O conjunto formava delicado anfiteatro a convergir para um estrado de substância translúcida de côr topázio. Sobre o mesmo havia uma espécie de mesa, num belo matiz salmão, com um jarro de líquido esmeraldino e ladeado por uma poltrona.

Ao fundo desse panorama do astral superior, percebia-se a moldura cinza lilás das colinas sobressaindo-se à luz cambiante irradiada pelo Sol. A direita, pequenino lago de água prateada e marchetada pela irradiação das flôres, recortava-se na forma de delicado coração emoldurado pelo cinturão de papoulas vermelhas a cintilarem como fogaréu vivo. Algumas árvores de fôlhas sedosas e finas, num matiz verde palha lembrando aos chorões terrenos, pendiam a vasta cabeleira sôbre o lago. A esquerda, o solo descia em brando declive, pejado de arbustos pequeninos e carregados de flôres miúdas, cujo miolo encarnado brilhava à semelhança de rubis vivos entre as pétalas rosadas.

Cariciosa melodia, em doce cavatina, esvoaçava sare a paisagem sublime e agradável, provinda de violinos e violoncelos invisíveis tocados por mãos angélicas e sob o contra-canto de vozes infantis, que fortaleciam a venturosa paz dê espírito.

A doce harmonia ainda vibrava no ar, quando se ouviu vozes aproximando-se acompanhadas de alguns risos e exclamações. No cenário maravilhoso, junto ao lago e anfiteatro de bancos recortados na própria vegetação sedosa verdejante, surgiram doze espíritos nimbados de luzes coloridas. A seguir rodearam um velhinho de cabelos esbranquiçados, compridos e' cortados à nazarena, a barba curta e repartida ao meio. As feições rosadas davam-lhe o aspecto de uma figura de porcelana translúcida. Vestia uma túnica alva até os pés, cuja barra larga era bordada de relevos em azul índigo, lembrando as volutas e os rendilhados das roupas assírias. Ele calçava sandálias franciscanas, mas pretas e bordadas com fios dourados. Apesar da figura idosa era lépido e seguro nos movimentos. Os olhos eram vivos e claros, como duas esmeraldas líquidas à sombra dos supercílios nevados. Ele se distinguia dos demais espíritos pela intensidade de luz e dos reflexos de côres semelhantes ao arco-íris a refulgir-lhe até a altura do peito, esbatendo-se, depois, num amarelo dourado em tôrno da cabeça veneráveL As próprias mãos despendiam eflúvios safirinos e lilases, colorindo um comprido rôlo que ele segurava, muito semelhante aos papiros egípcios.

Quando todos os presentes se acomodaram nos bancos verdejantes, o venerável ancião iniciou a palestra: (1)

— Eis as recomendações que enderecei à Terra, ao grupo espírita mediúnico "Os Nazarenos", a fim de se esclarecer, em definitivo, a questão do espírito só "ganhar luz" à medida que evolui. A luz é inata a todo ser e não provém de qualquer condição graduativa posterior e conquista pessoal extemporânea.

--- Já era tempo! — redarguiu outro espírito, um belo jovem envergando rico peplo côr de âmbar, cujos cabelos negros, e sedosos eram atados por um laço a "la grega".

--h Não ignoramos que ainda são poucos os terrícolas realmente interessados no conhecimento sensato e lógico da imortalidade. Os estudiosos ligados às nossas colônias siderais, em serviço de esclarecimento na Crosta, queixam-se da hipnose dos próprios espíritas, bastante escravos das paixões transitórias do reino animal.

E mudando o tom de sua voz, o velhinho aduziu, esclarecedor:

— A maioria dos adeptos espíritas ainda não ultrapassou a fase cômoda da convicção ortodoxa e exclusiva daquilo que "Kardec disse." Evidentemente, eles julgam estacionado o progresso humano, após cem anos de Espiritismo, e devem ignorar as pesquisas e revelações modernas no campo do espiritualismo. Os espíritas ortodoxos consideram incoerentes e até heréticas, tôdas as atividades espirituais alheias à codificação, embora assim contrariem o pensamento universalista do próprio codificador. Existem espíritas tão desconfiados do esfôrço idealista de outros garimpeiros da verdade, que tal qual os católicos benzem-se assustados, ante o sacrilégio de existir o Espiritismo. Citemos, como exemplo, o caso do perispírito, que Allan Kardec só registrou no "Livro dos Espíritos" (2) com referência ao mesmo, conforme as crenças científicas comuns da época. O seu mentor espiritual só pôde responder-lhe a pergunta sôbre a natureza do perispírito, do seguinte modo: "Envolve-o (o espírito) uma substância vaporosa para os teus olhos, mas ainda bastante grosseira para nós; assás vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se aonde queira."

Nada mais foi dito além dessa singela explicação. Operispirito era sômente uma "nuvem vaporosa", quando o

próprio ocultismo da época já o considerava um organismo complexo e bem mais avançado do que o corpo transitório de carne. Os rosa-cruzes, teosofistas e yogas, dizem ser o perispírito portador de sistemas complexos atuando em campos energéticos sob a forma de luzes, côres, peso, temperatura, magnetismo, defesa e imunização, além do mecanismo que permite a volição sob o impulso sutil da mente. Aliás a maioria dos espíritas desconhece o próprio duplo-etérico constituído de éter-físico e dos centros de fôrças chamados "chacras" (3), o qual atua como intermediário entre o perispírito e o corpo físico sob a vontade do espírito encarnado Em conseqüência, os "passadistas" protestam sob a convicção de que o envoltório perispiritual deve ser apenas uma nuvem vaporosa, conforme "disse Kardec"! Indubitávelmente se assim fôr, os desencarnados não devem passar de um bando de abelhas ou borboletas sem pouso definido a vagar pelo Espaco. Eles não compreenderam a explicação rudimentar do codificador sôbre a natureza do perispírito, que não define a sua exata realidade, mas apenas é explicação condizente com o ceticismo da época, a fim de não ridicularizar a doutrina espírita, em seu início.

Depois de um sorriso sibilino, o velhinho completou: —Mal sabem os espíritas, que Mestre Allan Kardec já está reencarnado operando novamente na face da Terra, para reformular a própria obra e esclarecer aos cardecistas quanto à tolerância e flexibilidade do Espiritismo, que de modo algum entra em conflito com o espiritualismo cristão praticado por demais instituições benfeitoras no mundo. — Mudando o tom da voz, prosseguiu, em seguida: — E sob êsse padrão ortodoxo e tradicional, que a maioria dos espíritas ainda crêm no conceito do espírito só "ganhar luz" depois de submeter-se aos argumentos irretorquíveis dos doutrinadores ou médiuns! No entanto, é a mesma a cota de luz divina que existe na intimidade de todos os sêres, quer sejam 'génios ou imbecis, heróis ou covardes, santos ou demônios, virgens ou prostitutas. Não há privilégios na criação de Deus, pois Ele não distribuiu a luz da vida a seus filhos, visando simpatias ou lisonjas. A todos doou a luz, igual e impessoal, como emanação de Si Próprio, para a formação da consciência das criaturas.

O homem, como espírito encarnado, não precisa evoluir para "ganhar mais luz, nem morrer fisicamente para sobreviver em espírito, pois êle já vive na própria carne, a posse de sua essência indestrutível. A medida que o ser se purifica torna o seu perispírito mais

transparente e porisso irradia mais luz, assim como a limpeza da lâmpada empoeirada proporciona maior amplitude ao foco luminoso. Deus é o fundamento indestrutível da consciência humana, por cujo motivo a "Gênesis" assegura que o "homem foi feito à imagem de Deus", e Jesus, mais tarde, confirma êsse dístico, dizendo-nos: "Vós sois deuses!"

— Em certo ensejo de visita à Crosta, assisti trabalhos mediúnicos cujos videntes anunciavam quando o espírito "ganhava luz", de acôrdo com a maior ou menor aquiescência aos argumentos dos doutrinadores! — interrompeu belíssima jovem, cujo traje lembrava a tradicional samaritana bíblica.

Apolônio sorriu, dizendo, explicativo:

— Espírito atrasado é apenas a entidade de perispírito muito denso, devido a crosta de resíduos impuros ali aderidos ou petrificados sob o descontrôle das paixões ou dos vícios deploráveis e da ignorância intelectual. O envólucro muito denso não deixa filtrar para o exterior a chama de luz que palpita no âmago do próprio sêr!

Depois de uma pausa significativa, e talvez analisando o efeito de suas próprias palavras, Apolônio concluiu:

— O espírito não "ganha luz" em determinada época de sua vida, porque já é entidade modelada na luz do próprio Deus! Quando o homem se animaliza, êle peca e adensa a sua vestimenta perispiritual reduzindo a irradiação de luz; mas' na prática das virtudes e na aquisição de sabedoria, então clareia o seu envoltório expandindo maior luminosidade. — Mudando o tom de voz, logo acrescentou — Bem, vamos tratar do assunto principal de nossa reunião aqui no "Anfiteatro das Papoulas". E concernente ao futuro de alguns espíritos de-nossa milenária 'afeição.

Subiu ao estrado e sentou-se na cômoda poltrona de matiz estranho luminoso, enquanto os outros espíritos acomodavam-se nos bancos recortados na luxuriante vegetação e próximos ao formoso lago enfeitado de papoulas. — A convocação de hoje é de avultado interesse para a metrópole sideral "Estrela Branca", centro diretor da colônia espiritual "Bernaventurança", em que estagiamos. Trata-se de um carma coletivo muito severo engendrado pelos "Senhores do Carma",

Terra, para o próximo século XX e com a finalidade de reajustar perante a Lei Espiritual milhões de espíritos endividados desde os templos bíblicos. (4) São liquidações de tropelias,. morticínios e massacres cometidos por milhões de seres desde-a época de David, o filho de Salomão, o qual também renascerá na Crosta tornando-se o "detonador psíquico" das provas aflitivas dos próprios comparsas do passado, os quais, em sua maioria, envergarão o traje carnal da raça judáica.

— Evidentemente, o general que engendra a destruição é. o principal responsável por morticínios, atrocidades e injustiças dos seus soldados, não é assim? — indagou um espírito devasta cabeleira grisalha, cuja vestimenta branca e de talhe nazarênico era recoberta por um belo manto azul marinho. — Sem dúvida, o general é o responsável pela "permissão"' concedida aos seus comandados para praticarem vinganças e crueldade sôbre os vencidos. Mas é evidente que os soldados também gozam do "livre arbítrio" para cumprir ou rejeitar a ordem cruel e destruidora do comandante, pois isso é problema de responsabilidade de cada combatente. Há guerreiros inspirados por bons sentimentos que poupam os vencidos, enquanto outros vazam o ódio e as frustrações deles na sanha destruidora de massacrar velhos, crianças e mulheres indefesas. Porém, nenhum soldado é obrigado a incendiar ou tripudiar sôbre os lares dos vencidos, massacrar os habitantes pacíficos, como ainda acontece nas guerras terrenas, porquanto isso é decisão íntima e pessoal do combatente, em vez de atribuí-la à responsabilidade exclusiva do general-comandante.

— Porventura, o soldado não é obrigado a cumprir as ordens do comandante? O pelotão de fuzilamento encarregado de executar criminosos sentenciados pelo poder civil ou inimigos punidos pelo poder militar de segurança pública, deve recusar-se a cumprir os

ditames da Lei? — objetou um espírito majestoso, com os trajes característicos de um árabe.

Apolônio sorriu, e fazendo um gesto compreensivo com a cabeça, respondeu:

— Meus irmãos: mata quem quer! Alguém poderia obrigar Jesus, Buda, Francisco de Assis ou Ghandi a matar, mesmo oficialmente? Acaso êles seriam capazes de trucidar crianças, mulheres ou velhos indefesos, só porque estão' autorizados pelo comando superior? Quem poderia conceber o amorável Jesus na mira de um fuzil, tentando acertar no coração de um sentenciado?

— Bem, — insistiu o árabe — Sem dúvida, esses espíritos jamais praticariam qualquer ato de destruição. Mas que devem fazer os soldados submissos a um comando tirano e cruel?

— Isso é decisão íntima de cada combatente, pois êle tanto pode optar pela atitude pacífica do Cristo e pc-doar o vencido, ou trucidá-lo obedecendo aos chefes belicosos e vingativos. Em qualquer momento o homem dispõe do direito de matar para não morrer, ou morrer para não matar! Indubitavelmente, isso há de variar conforme o seu maior ou menor apêgo à vida carnal, porque Jesus não só valorizou o preceito pacífico do 5.° mandamento, "Não Matarás", assim como afirmou, "Quem perder a vida por mim, ganha-la-á". (5) Caso todos os soldados se recusassem a matar, contrariando as ordens cruéis dos comandos perversos, é óbvio que as guerras também se extinguiriam por falta de agentes de destruição. Temos o exemplo das legiões de Maurício: convocadas para destruir, preferiram morrer em vez de matar! (6)

Enquanto os ouvintes silenciavam, meditando nas palavras expressivas de Apolônio, êle mudava o curso da palestra

e prosseguia:

— De acôrdo com o calendário terrícola, transcorre na Terra, atualmente, o século XIX, enquanto pelo nosso calendário sideral estamos no dia de Pisces. (7) Sabem que os Psicólogos Siderais baseam suas previsões do futuro na marcha pregressa da humanidade, e assim no primeiro têrço do século XX, deverá eclodir na Crosta uma Guerra de grandes proporções, iniciada pelos espíritos remanescentes de Esparta, atualmente os alemães, em hostilidade com velhos atenienses encarnados como franceses. Será uma hecatombe de repercussão internacional alastrando-se por tôda a Europa e convocando egressos das civilizações babilônicas, assírias, egípcias

e mongólicas, inclusive componentes do antigo Império Romano, agora transformados em povos norte-americanos, inglêses

e italianos.

Depois de coordenar as idéias, Apolônio explicou:

— Convoquei-os para esta reunão importante, porque todos nós estamos ligados a diversos espíritos familiares bastante comprometidos com um pretérito delituoso de atrocidades e equívocos espirituais.. Eles aliam o orgulho e a ambição indomáveis comandando falanges belicosas no astral inferior, esperançados de exercerem o domínio absoluto sôbre o mundo carnal. Depois de longas meditações, lembrei-me de situar os nossos réprobos familiares no grande "carma coletivo" dos hebreus, a ser resgatado na próxima conflagração européia. Em contato com o "Departamento Sideral de Regeneração" sôbre o território germânico, examinei os gráficos das provas dolo-. rosas e retificadoras dos judeus e consegui permissão para ajustarmos os nossos rebeldes sob o mesmo esquema redentor. Meus irmãos sabem que ainda restam onze membros de nossa linhagem espiritual em atividade nas regiões sombrias, vivendo alternativas de revoltas, enfermidades, hipertrofias perispirituais e feroz agressividade contra qualquer apelo ou providências dos servidores do Cristo-Jesus. Eles se obstinam na condição de tiranos, inquisidores e conquistadores, atualmente f 'liados às falanges dos "Dragões", "Escorpiões" e "Serpente Vermelha", inimigos fidagais da "Comunidade Espiritual do Cordeiro", pretendendo o absurdo de controlarem as próprias

encarnações na face da Terra. Defendem o "slogan" de que o mundo material é dos homens, e o céu dos anjos, mas o fazem de modo pejorativo, julgando viril a personalidade humana e afeminada a linhagem angélica. Nós, também, trilhamos os caminhos da perversidade e obstinação diabólica, quando vivíamos cegados pelo orgulho do "ego inferior"; mas, depois vibramos ao toque da graça Jivina e reconhecemos *a* sublimidade da vida superior. Em conseqüência, precisamos dispender todos os esfôrços e sacrifícios para salvar os nossos queridos réprobos de um ruivo exílio planetário e nova queda angélica. (8) Eles se negam peremptôriamente a qualquer empreendimento ou evento crístico, que lhes possa atenuar a brutalidade animal em favor do cidadão celeste. Entretanto, como *a* angelização principia no âmago do ser, através do discernimento espiritual e não por contrôle remoto a cargo do mestre da evolução, os réprobos deverão aceitar espontaneamente *a* própria purgação benfeitora na carne. Devido ao avançado delem olvimento mental deles, tôdas as vezes que os situamos na carne assumiram poderes no alto comando político do mundo, mobilizando homens egoístas, corruptos e inescrupulosos, para lograrem os seus objetivos contra o bem e o belo!

Passados alguns segundos de silêncio, notava-se profundo pesar nas faces antes radiosas dos ouvintes. O velhinho convidou-os para se aproximarem da mesa e desdobrou o rôlo de pergaminho, de onde separou um menor pondo-o ao seu lado.

— Sabemos ser o Mal circunstancial e relativo, variando conforme as atitudes humanas. Não é oriundo especificamente de Deus. O Mal é condição transitória e resultante da nossa ignorância com referência à realidade da vida espiritual. Poderíamos compará-lo ao aluno que se recusa à alfabetização *e* porisso sofre a desventura de não saber ler quando adulto. Nós também praticamos atos e fatos malignos, por fôrça da ignorância e indisciplina. Repelíamos o processo educativo e redentor do espírito, retardando-nos no percurso da ascenção angélica.

Apolônio parecia evocar reminiscências longínquas, antes de prosseguir em tom cordial:

—Malgrado as atividades execráveis e vingativas dos réprobos nossos familiares, eles também são centelhas divinas dispersas pelo Infinito buscando a própria felicidade eterna. Não importa se ainda percorrem sendas equívocas e censuráveis, porque só a ignorância da criatura pode levá-la a preferir o pior, por desconhecer o melhor! Aproxima-se o grande expurgo do "juízo final" na Terra, devendo emigrarem para um planeta inferior os espíritos cuja especificidade magnética não se coadune com o clima, vibratório previsto para o próxi-

mo milênio.

E num longo suspiro, onde extravazava o seu amor puro por alguém, Apolônio completou sua alocução:

— Os nossos onze pupilos não poderão escapar da próxima limpeza planetária da Terra. Caso não se redimam em tempo oportuno, serão exilados para viverem entre os sêres primitivos do "astro intruso". (9) Ante a impossibilidade de nos encarnarmos num orbe tão primário, teremos de os esquecer até o retôrno deles à Terra, depois da expiação cármica. Também, não poderemos ajudá-los no mundo de exílio pois o dispêndio energético, o sacrifício e os resultados insuficientes, não compensariam o tempo que teríamos de empregar nas atividades educativas e socorristas a favor de outros necessitados. Infelizmente, os "nossos anjos rebeldes" ou decaídos de outros orbes, cuja falência espiritual impressiona aos próprios "Senhores. do Carma", ainda são candidatos a um segundo exílio planetário!

Alguns minutos depois o espírito de uma senhora idosa, de olhos azuis esverdeados, rosto oval e belo, porte majestoso *e* envolta numa veste enfeitada por diversos véus multicores, lembrando uma sacerdotiza druida, assim se expressou:

— Caro Apolônio, informe-nos quanto à possibilidade dos nossos amados

trânsfugas aceitarem a desintoxicação perispiritual na carne, e conseqüente harmonização com o .comando angélico da Terra.

— Seis deles se mostram fatigados da rebeldia maldosa, porquanto reagiram favoràvelmente à luz dos instrumentos psicotécnicos. Aliás, três vibraram satisfatóriamente em nossa direção, chegando a evocar impressões mentais de natureza angélica! Embora de um modo fugaz, a chama espiritual aflorou-lhes à periferia e eles se mostraram eufóricos sob essa condição incomum. Isso dá-nos grande esperança e anima-nos para tentarmos providências benfeitoras a fim de os atrair às esferas replandescentes.

Enquanto o velhinho cessava de falar, volvendo o olhar terno e evocativo sôbre os ouvintes, um espírito imponente *e* faceiro como um fidalgo romano do século IX, interferiu:

— Bário foi meu pai diversas vêzes, na Terra, e protegeu-me sempre, embora o fizesse mais por amor egocêntrico. Na Caldeia, sacrificou a vida atirando-se de um penhasco enlaçado com uma fera, a fim de facilitar a minha fuga para casa. Em Roma, deixou-se degolar como oficial pretoriano, para não trair o grupo de cristãos que eu chefiava. Noutras existências, êle foi irmão, amigo e familiar, não medindo sacrifícios para me proporcionar recursos para uma vida amena. Não importa se o fez sómente por afeição consanguínea e egotista, pois era impiedoso e agressivo para com os outros. O certo é que lhe devo favores especiais e não hesitaria em descer às sombras terráqueas, se pudesse ajudá-lo em existência proveitosa.

– Sesóstri, tirano e bárbaro, responsável pelo massacre de tantos seres desde os evos bíblicos, sempre foi generoso e leal para comigo, — clamou uma jovem belíssima, cujo perfil escultural de mulher grega era emoldurado por um manto azul celeste e pontilhado de estrelas miúdas sob reflexos prateados.

— Não há dúvida, — interrompeu Apolônio, — todos nós estamos ligados afetivamente aos onze réprobos de nossa família espiritual. Sem dúvida, êles sempre foram nossos amigos na composição da família carnal, proporcionando-nos ensejos educativos e facilidades para a nossa ascése angélica, enquanto se comprometiam com a Lei Espiritual nas suas tropelias condenáveis e insaciáveis ambições de riqueza material. Indiretamente, eles financiaram os nossos propósitos superiores; mas, infelizmente, não podemos regenerá-los per contrôle remoto nem purificá-los miraculosamente.

Em seguida aduziu, num tom significativo:

— Já descemos diversas vêzes à Crosta, em corpo físico e cascão para os ajudar e submetemo-nos às provas sacrificiais sem qualquer êxito benfeitor, não é assim?

Todos os presentes fitaram o velhinho e acenaram a cabeça em unânime concordância às suas palavras. Em seguida, êle se curvou para a mesa e apontando o extenso pergaminho à sua frente, pós-se a explicar:

— Conforme o exame seletivo feito pelos técnicos do "Departamento de Planejamento Cármico" de nossa comunidade sideral, Bário, Sesóstri, Kalin, Moriam, Hatusil, Shiran, Senuret e Ichtar, fichados sideralmente sob o prefixo MBOW, da série 110.808 a 110.921 da terminologia sideral de "Estrela Branca", (10) são espíritos que se mostraram mais receptivos *às* provas de redenção na Crosta, em vésperas do expurgo de "fim de tempos". Os outros três, Othan, Sumareji e El Zorian, ainda vibram sob o padrão integral de anjos decaídos *e* se mostram insensíveis a qualquer sugestão liberativa *da* carne e abandono às empreitadas diabólicas. Eles, ainda, consumirão alguns dias siderais na crosta de planêtas primários de exílio, para, então, higienizar a "túnica nupcial" e retornar à casa paterna participando do "banquete divino". (11) Sabemos que o próprio Maioral (12) pretende agregar Sesóstri e Senuret ao seu ministério sombrio, cujo fato nos aconselha providências imediatas, para os dissuadir dêsse tenebroso convite de retardamento à ascése espiritual.

E num arremate veemente, em que apesar do seu júbilo traía um sentimento de comiseração, Apolônio acrescentou:

- Como não há inversão das leis nos processos evolutivo
e da harmonia do Universo, o delinqüente não pode angelizar-se antes do benfeitor, nem este pode viver indeterminadamente junto do primeiro. Em conseqüência, os réprobos ficarão afastados de nós por muitos dias siderais, caso percam
o ensejo benéfico de sua redenção entre os hebreus. Todos se entreolharam, preocupados, e a belíssima jovem grega levou a mão ao seio, tentando disfarçar alguma emoção:

— Por quê, irmão Apolônio, disse ela, numa voz onde a magnitude do espírito casava-se à hesitação humana, — a Divindade desperta em nosso coração amor tão puro e profundo, além do tempo e do espaço, por espíritos que ainda se demoram no barbarismo e na crueldade? Por quê preferimos deixar o Paraíso para compartilharmos com eles, na carne efêmera, das mesmas estultícias, ambições, vaidades e despotismos aliados ao sofrimento?

Enquanto ela curvava a cabeça, entristecida, Apolônio replicava, comovido:

— E se assim não Vira, querida Cíntia, qual seria o impulso capaz de fazer o anjo abandonar a resplandescência do Paraíso, para arrebatar das sombras da desventura e da mentira o objeto do seu amor incomensurável? Porventura a nossa felicidade não se alimenta na magnitude do Bem e do Amor, proporcionado ao próximo? O nosso júbilo cresce à medida que somos responsáveis pela felicidade alheia, pois o Amor é o combustível de Deus alimentando a vida das almas! Jesus, o Príncipe Sideral, não deixa a mansão refulgente conformando-se com a milenária descida vibratória (13) sob as emanações deletérias do mundo material, para nos socorrer? Infelizmente, nós ainda estamos preocupados com a salvação dos réprobos de nossa família espiritual, enquanto o Cristo-Jesus sacrificou-se por todos os homens.

— Embora usufruindo dos bens da bemaventurança no mundo espiritual, amo Sesóstri, querido irmão Apolônio, e sinto-me inquieta e aflita pelas suas futuras dores em mundos bárbaros de regeneração. Queria tê-lo comigo na abençoada escola terrena do porvir!

— Cíntia, reconheço-lhe o amor intenso por Sesóstri e aparentemente inexplicável pelo seu grau sideral; mas, na realidade, isso é perfeitamente lógico, porque êle também possui no âmago da alma a mesma cota de luz sublime que existe em você! Ajude-o, para adquirir maior refulgência no seu perispírito em breve. Sesóstri é o mendigo sujo e esfarrapado à porta do banquete angélico. Precisa barbear-se, mudar de traje e tomar banho odorífero, para então ser digno das insígnias da Luz! O "anjo rebelde", na verdade, é o próprio anjo sublime em potencial, porém hipnotizado pelo culto vaidoso à personalidade humana transitória, que tenta compensar a frustração de exilado na desforra contra as hostes angélicas do Cristo!

Depois de um hiato compreensivo, Apolônio voltou-se para Cíntia, dizendo-lhe, amorosamente:

— Oxalá, Sesóstri aceite o derradeiro ensejo de expurgar o conteúdo tóxico sedimentado no seu perispírito, para se livrar de outro exílio planetário de "juízo final" e gozar das condições vibratórias favoráveis para viver com você nos planos superiores do Espírito Imortal!

Cíntia baixou os olhos, dominada por dolorosas reflexões e replicou:

— Conseguirei convertê-lo, Apolônio?

— Talvez, Cíntia. Se ele puder compreender que há de perder no exílio planetário o seu amor tão puro e generoso. Tente demonstrar-lhe o júbilo da vida angélica sôbre a glória efêmera do mundo ilusório da carne.

A reunião prosseguiu com os presentes a examinarem o programa de provas cármicas adequadas à redenção dos onze espíritos.

— Meus amigos e irmãos! — acentuou Apolônio, analisemos o "carma coletivo" dos hebreus programado para o próximo século terrícola, onde tentaremos

incluir os nossos rebeldes mais receptivos às provas retificadoras.

Em seguida, êle expôs o pergaminho mais longo. Era um mapa multicolor de que já se referiu anteriormente, o qual passou a ocupar tôda a superfície da mesa, crivado de símbolos, tais como estrelas, triângulos, cruzes, losangos, grades, cír culos, retângulos e principalmente certos hieroglifos coloridos e distribuidos pelos pontos mais estratégicos. O mapa dividia-se em três côres diferentes. A parte superior era de um matiz amarelo claríssimo. O centro róseo claro e a parte inferior num total de cinza esbatido, cujas côres pareciam aumentar ou reduzir o valor dos sinais ali expostos, em três côres diferentes.

Eis aqui neste gráfico a estatística coletiva das "horas culposas" da reparação cármica de mais de seis milhões de hebreus, responsáveis por atrocidades e tropelias praticadas desde os tempos de David contra os amonitas. (14) Observem *a* graduação dos símbolos siderais marcando os principais grupos culpados; aqui referem-se aos comandantes e chefes, que ordenaram impiedosas trucidações; ali, indicam soldados e apaniguados, executores dos massacres dos velhos, mulheres e crianças indefesas, duplamente culpados perante a Lei Cármica, porque destruíram criaturas desarmadas e pacificas, em vez de combatentes adversos. Os hieroglifos pretos assinalam a intensidade de culpa desses espíritos alinhados para a prova cruciante no próximo século. Os verdes significam as atenuações a que êles fizeram jus em vidas posteriores, por atos

e empreendimentos de socorro a outros seres humanos. Eis aqui um exemplo: êste é um gráfico individual de culpa cármica, que solicitei ao "Departamento de Planificação Cármica", assinalando a culpa pregressa de um dos nossos familiares envolvidos nos massacres guerreiros desde os tempos bíblicos. — E Apolônio desdobrou o rôlo de papiro menor, que se achava sôbre a mesa, apontando uma anotação especial:

— É a entidade de prefixo MBOW-102.845, de nossa família espiritual, e que vocês já devem ter identificado.

— Sesóstri? — indagou Cíntia, apontando o prefixo que identificava o seu amado no simbolismo de tempo e espaço.

— Sim! — assentiu Apolônio. — É Sesostri; infelizmente

o mais comprometido com a Contabilidade Divina dêste planêta. A Técnica Sideral somou-lhe todos os segundos, minutos e horas de ações destruidoras que êle praticou em 35 existências carnais, desde a sua participação nas tropelias do tempo de David, Gengis-Can, Atila, Aníbal, Alexandre, Júlio César e até Napoleão, onde sempre destacou-se pela sua natureza belicosa nos comandos guerreiros. No cômputo geral êle apresenta um débito de 1.832 "horas culposas", (15) representando a soma exata de sua ação destruidora e culpa direta. Conforme nos mostra o hieroglifo amarelo, nesta parte castanha, existem 897 "horas belicosas", que podem ser deduzidas da responsabilidade cármica de Sesóstri, pois embora elas signifiquem atividades destruidoras contrariando o mandamento "Não Matarás", foram executadas por ordens superiores, em defesa de pátria e patrimônios alheios, mas enfrentando adversários armados e decididos a matarem. Restam, pois, 935 "horas culposas", mas passíveis de outra dedução de 309 "horas benfeitoras" e aqui assinaladas pelo hieroglifo verde, quando Sesóstri, em vidas posteriores, e desempenhando profissões serviçais, arriscou a vida na função de bombeiro, condutor de veículos, guardião, enfermeiro, militar, vigia, mineiro, preceptor e salva-vidas, salvando mulheres, crianças, velhos *e* outros seres em desmoronamentos, desastres, quedas, afogamentos, incêndios, tempestades, beneficiando-se o seu ativo espiritual bastante agravado pelos delitos anteriores. Ainda sobram 626 "horas culposas" para êle expiar, conforme assinala o hieroglifo preto do código tradicional dos "Senhores do Carma", podendo ser liquidadas de modo parcial, isto é, em diversas existências atenuadas com o credor-Terra. (16)

— Por que às 309 "horas benfeitoras" do hieroglifo verde *ainda se* somam 102 horas assinaladas por esta cruz? — perguntou um jovem de turbante verde-malva, encimado

por magnifico diamante, de olhos firmes e faiscantes como os hipnotiza-dores.

Apolônio retomou o diálogo, esclarecendo:

— Conforme já expliquei, o hieroglifo verde caracteriza 309 "horas benfeitoras" exercidas por Sesóstri em favor do próximo, mas por fôrça das profissões que desempenhava na matéria. A cruz, ao lado, no entanto, destaca 102 "horas heróicas", que compõem quase o dôbro de 52 horas a seu favor, que êle dispendeu pondo em risco o bem-estar e a própria vida para socorrer o próximo, numa decisão espontânea e não por obrigações profissionais. Deste modo, restam-lhe ainda 524 "horas culposas" para expiar na carne sofrendo o impacto de dores e sofrimentos semeados alhures, a fim de liberar o perispírito de miasmas e aderências tóxicas, que o impedem de se situar em nível espiritual superior.

Após pequena pausa e esperando que os seus ouvintes assimilassem o conteúdo de sua explicação, o velhinho refulgente continuou:

— Não é preciso dizer a vocês que Sesóstri esperou demais! Agora, caso êle aceite o ensejo redentor ao apagar das luzes do século XX e durante o processo seletivo de "fim de tempos", só lhe resta uma oportunidade; liquidar as 524 "horas culposas" numa só existência e na forma de um expurgo imediato!

Apolônio apontou dois hieroglifos entrelaçados, prêto e vermelho e desta vez os presentes se entreolharam, pesarosos, sem esconder a aflição que se estendia em suas faces, numa expressão bem humana! Só Apolônio parecia conservar-se acima do sentimentalismo terrícola, indagando, numa voz cordial, mas incisiva:

— Sabem vocês o que significam os hieroglifos preto e vermelho, assinalando as 524 "horas culposas" de Sesóstri?

Cíntia, a bela grega, teve um arfar doloroso e depois pronunciou lentamente, num tom lastimoso:

— Sei, Apolônio; Sesóstri terá de sofrer 524 "horas atrozes" ininterruptamente na carne sem qualquer alivio ou hiato sedativo, não é assim?

— Querida! Essa é a verdade para todos os réprobo; embora Sesóstri deva ser o mais torturado! T: como não somos os legisladores do Cosmo, mas apenas devemos cumprir as leis já estabelecidas, os réprobos aceitarão essa emergência dolorosa, mas purificadora, ou serão exilados novamente para mundos inferiores.

Sesóstri possui talento fulgurante e sabedoria suficiente, para viver condignamente conosco, mas, no momento, prefere subverter a consciência no comando das falanges trevosas hostis à angelitude. Não há castigo nem decretos do Senhor dos Mundos criando torturas e sofrimentos, mas apenas o ensejo de evolução espiritual, num processo justo para mais breve angelização. Quando encarnados, custamos a entender a função retif cadora do sofrimento como processo de aperfeiçoamento espiritual. Em verdade, somos diamantes brutos, que pela lapidação transformamo-nos no brilhante a irradiar luz. Porém, a nossa origem, advém do mesmo carbono cristalizado no sistema de criação espiritual.

Apolônio silenciou, enquanto Fuh-Planuh, um indu chinês de voz fina e divertida, assim se expressava:

— Dispendemos milênios e milênios como ratos no labirinto até encontrarmos a saída certa para a clareira de luz benfeitora. Se os homens soubessem da importância das vi-cissitudes e dos sofrimentos, embora sob o guante de adversários vingativos, creio que eles formariam filas defronte à oficina do purgatório terreno, aguardando, impacientes, a vez dos "mecânicos diabólicos" atenderem-lhes os necessários consertos espirituais. (17) Enquanto os demais espíritos sorriam, bem humorados, Apolônio arrematava:

— É o caso de Sesóstri, cujo saldo de 524 "horas culposas" representa apenas o tempo necessário, para êle se submeter à técnica espiritual e conseguir a limpeza perispiritual, a fim de retornar ao trânsito livre nos caminhos da espiritualidade superior. Usando de outra imagem literária, diríamos que êle deve lavar a perispírito no tanque das

lágrimas terrenas, para depois participar do banquete divino com a "túnica nupcial" ou o perispírito alvejado, em vez do "smoking" confeccionado pelos fluidos perniciosos das paixões humanas.

Em seguida, Apolônio voltou-se para a formosa grega, aduzindo-lhe:

• — Cíntia, procure convencer Sesóstri de aceitar livremente essa reparação drástica e urgente, na matéria, a fim de livrar-se do exílio ao planeta inferior, que será o depósito dos rebeldes enxotados da Terra no próximo "juízo final". Oxalá, o Senhor a ajude nessa empreitada aflitiva, querida Cíntia! — Depois, levantou-se, dizendo, a todos:

— Daqui por diante, o assunto é de natureza pessoal, e cada um de nós deve devotar-se, incansàvelmente, à tarefa de convencer os réprobos para aceitarem espontaneamente o derradeiro ensejo dessa encarnação retificadora no carma coletivo dos hebreus, a fim de evitarem o pesaroso exílio planetário. Enquanto seguimos para "Bemaventurança", ainda combinaremos as providências mais urgentes para o contato com os nossos familiares rebeldes, e, no momento oportuno, estaremos aqui outra vez, reunidos para analisarmos quanto ao êxito ou fracasso dessa empreitada benfeitora.

Em seguida, deu por terminada a reunião e desceu do estrado luminoso reunindo-se aos demais companheiros. Em breve, caminhavam todos pela formosa álea revestida de areia iluminada pelo sol astralino. O caminho era ladeado em ambos os lados por dois cinturões de flôres, cujas hastes esguias moviam-se pelo afago da brisa fragrante descida das colinas lilás-cinza, a espargir sons e vibrações de campainhas. A alameda por onde os espíritos passavam inundava-se de cambiantes luzes na mais perfeita sintonia com os seus sentimentos e pensamentos. Ao longe, na mesma direção, percebia-se um arco ou portal rendilhado do mais fino lavor artístico e entrelaçados de fios de diamante, topázio e esmeralda. À semelhança de um só floco de luz esvoaçante, aqueles sêres alados desapareceram através do portal munificente, penetrando num cenário tão resplendoroso, que talvez cegaria os olhos humanos mais sensíveis.

**********

O calendário terreno avançara dezenas de anos, depois da reunião dos espíritos no "Anfiteatro das Papoulas", sob a tutela de Apolônio. Na Terra, os ricos erguiam taças de champagne e rodeavam as mesas atulhadas de vitualhas, carneiros, faisões, frangos, leitões e aves, cuja carbonização, dos fornos *se* disfarçava sob o odor fragrante dos temperos. Os pobres contentavam-se com a média de pão e manteiga ou ingeriam alcoólicos modestos. No ar, espoucavam foguetes e fogos de artifícios. As ruas estavam povoadas de criaturas alegres e festivas, em direção aos cinemas, clubes noturnos e antros de vício. Os automóveis businavam freneticamente e as fábricas apitavam num barulho ensurdecedor. Das janelas e sacadas das residências particulares, debruçavam-se criaturas gritando vivas ao nôvo ano de 1930. Os mais superticiosos beijavam pés de cabra ou de coelho, acariciando esses "talismans" na esperança de melhorar a sorte no ano que surgia e livrando-se das vicissitudes e sofrimentos curtidos no ano velho.

Havia um brilho de confiança em tôdas as criaturas, exceto, evidentemente, nos infelizes segregados nos hospitais, penitenciárias e asilos, que curtiam dores, desditas e fracassos, visitados pela má sorte no advento do Ano Nôvo. Serpentinas coloridas cruzavam as ruas e eram lançadas dos edifícios sôbre os automóveis lotados de pessoas, aos vivas e gritos de júbilo. Nas residências, nos bares, restaurantes, e salões de danças, multiplicavam-se os abraços e brados de entusiasmo e rodopios alegres. Alguns festeiros mais precipitados já se mostravam alcoolizados e mal se sustinham em pé, amparados pelos amigos nas convulsões etílicas e nos exageros entusiastas. As fábricas e locomotivas cessavam de apitar e também se reduzia o éco gritante das businas, quando o ar vibrou, outra vez, pelo

badalar frenético dos sinos das igrejas chamando os fiéis para a missa do fim e começo do ano.

Enquanto isso ocorria na Terra, outra cena bem diferente sucedia-se na esfera espiritual conhecida por "Anfiteatro das Papoulas". O cenário era cada vez mais belo na sua florescência vegetal e sob o enfeite dos bancos recortados na vegetação miúda e delicada, à beira do formoso lago, cuja forma de um coração líquido era guarnecido pelas papoulas chamejantes. Ali se reuniam, outra vez, os mesmos espíritos, *e* novos amigos, familiares e cooperadores da causa do Cordeiro, possuindo ligações afetivas com os rebeldes em projeto de encarnação na Terra.

Apolônio sentava-se. na mesma poltrona castanho claro, de tecido plástico transparente (18) e esfregava as mãos com certo contentamento infantil, enquanto os demais companheiros acomodavam-se nos bancos recortados na própria vegetação. Todos os presentes trocavam idéias, entre si, cujas emoções também produziam novos cambiantes de luzes *e* côres nas auras.

— Meus amigos e irmãos! — principiou Apolônio, numa voz tranqüila e sonora. — Enquanto reunimo-nos aqui, nesta paisagem astralina à distância da coletividade de "Bemaventurança", cujo ambiente não deve ser afetado pelos nossos problemas pessoais, os terrícolas festejam o transcurso simbólico do calendário humano, no limiar do ano de 1930, isto é, quase um terço do mesmo século XX, em que confiamos as esperanças de redimirmos os nossos familiares ainda comprometidos com a Lei Divina. Aliás, temos de compreender *a* euforia dos terrícolas nos festejos ruidosos e emoções descontroladas de Ano Nôvo, porque nós, também, já vivemos na Terra e talvez exageramos. Enfim, ressalve-se, pelo menos, *as* boas intenções!

Depois de uma pausa reflexiva, Apolônio prosseguiu, explicativo:

— Repito; estamos no limiar do grande "Carma Coletivo" delineado a fim de redimir os espíritos endividados desde os tempos de David, e jamais poderemos indenizar os amigos *e* Mestres da Redenção da esfera de "Arcanjo Mickael", pela generosidade de situarem oito dos onze rebeldes planetários no próximo esquema redentor na Crosta. Não me preocupavam as provas atrozes dos réprobos na carne, mas apenas quanto à possibilidade dêles fugirem no momento nevrálgico, como já aconteceu doutras vêzes, quando nos trairam depois de aceitarem o expurgo psíquico. Felizmente, em face do esquema sábio e seguro sugerido pelos Mestres Cármicos, desta vez eles não poderão fugir do cumprimento das "horas atrozes", que lhes serão de imenso benefício para a ventura espiritual.

Apolônio mostrava-se calmo sem o sentimentalismo próprio das criaturas terrenas, que derramam torrentes de lágrimas diante dos melodramas de teatros e televisão, porém não se comovem com o infeliz epiléptico atirado nas ruas das cidades, nem se apiedam da prostituta desventurada apodrecendo no hospital, após servir como repasto vivo aos homens libidinosos. M.e cuidava do assunto trágico e comovente da expiação atroz dos seus pupilos, assim como engenheiro experimentado analisa os detalhes de importante edifício ou efetua os cálculos da ponte estratégica. Algo jovial, pela satisfação do ensejo redentor proporcionado aos familiares, voltou-se para Cíntia e disse-lhe, numa voz lisonjeira:

— Cíntia, congratulo-me com você e Amuh-Ramaya, pelo êxito de convencerem o feroz Sesóstri à encarnação redentora na Crosta, após lhe quebrarem o granítico orgulho e amor. próprio obstinado!

O venerável velhinho cismou, um momento, como se encontrasse dificuldade na sua dissertação, e continuou, num tom pesaroso:

— Lamentamos profundamente o sarcasmo, orgulho, a fúria e obstinação vingativas de Othan, Sumareji e El Zorian, que além de insultarem os companheiros decididos à redenção espiritual, juraram impedir-lhes a encarnação sadia. Éles recorrerão aos técnicos da "Confraria dos Escorpiões" ou da "Serpente Vermelha", para bombardearem os

cromossomos (19) dos nossos familiares em gestação e perturbarem-lhe o sistema sanguíneo ou o equilíbrio neuro-endocrínico. Sem dúvida, temos motivo para ficarmos apreensivos, ao lembrar-nos das encarnações frustadas de Bário e Moriam, na Pérsia, quando os cientistas diabólicos conseguiram atacar-lhes a fisiologia da hipófise, suas relações com a tireóide e as cápsulas supra-renais, comprometendo-lhes a percepção mental nas provas redentoras da carne.

Com certo bom ânimo, Apolônio falou:

— Diz-me a intuição que desta vez teremos êxito, malgrado as ameaças de Sumareji, Othan e El Zorian em ferir os ascendentes hereditários dos próprios companheiros do passado em processo de reajuste espiritual. Mobilizemos, com urgência, as equipes de trabalho encarnatório junto à Crosta e de contato direto com a matéria, a fim de protegermos os réprobos contra o assédio das falanges trevosas. Sem dúvida, teremos de reduzir o ritmo vibratório do nosso perispírito e ajustarmo-nos ao ambiente do éter-físico da Crosta, enquanto alguns deverão submeter-se à prova sacrificial do "cascão"!

Apolônio silenciou, outra vez, absorto em suas reflexões, para depois continuar:

— A prova mínima é de Morian, quatro anos de vida física, e a máxima de Sesóstri, onze anos, em cujo prazo os seus perseguidores empreenderão feroz ofensiva desde o período genético até os dias finais, tentando a deformidade, o acidente ou a moléstia lesiva.

— Soube que Sumareji, Othan e El Zorian, já assumiram o comando deixado por Sesóstri, Bário e Karin, — advertiu um espírito trajando malhas cintilantes semelhante a de um cruzado.

— E também já enviaram à "Confraria dos Escorpiões" (20) relatório da traição dos nossos familiares ao comando das Trevas, bem assim como notificaram da adesão ao programa redentor da "Comunidade do Cordeiro", — acrescentou um espírito de luz carmim esbordejada de amarelo canário, vestido de túnica alaranjada, aberta, e deixando ver o peito musculoso, numa tensão de fôrça abafada.

A estas horas, os réprobos em fase de encarnação, já estão fichados como "renegados" sob a mira dos policiais negros da "Confraria dos Escorpiões", — confirmou outro companheiro trajando veste semelhante, provàvelmente elemento de ligação mais vigorosa entre os dois mundos.

Ramú, o belo indiano de turbante côr de topázio emoldurado por faiscante rubi, acrescentou:

— Othan, Sumareji e El Zorian, comprometeram suas falanges com uma das confrarias mirins, do Maioral, concordando em participar dos serviços repugnantes de obcessões, desde que também sejam auxiliados na sua desforra contra nós!

— Irmão Apolônio, qual seria o êxito dos médicos diabólicos na tentativa de ferir os ascendentes biológicos dos nossos familiares a caminho da carne? (21)

— O bombardeio "radioativo" mais eficiente dos cientistas da "Serpente Vermelha" é na função miolocitopoética do organismo físico e assim provoca a leucemia na primeira infância. Recordam-se, de que anteriormente eles usavam o processo de estimular os gens regressivos da hematofilía, com baixas irradiações e tiveram êxito perturbando a encarnação redentora de Karin e Senuret, fazendo-os desencarnar prematuramente aos 4 anos de idade, isto é, 19 anos antes do prazo previsto para as provas retificadoras.

Pela primeira vez, Apolônio fez um gesto descontrolável, traduzindo oculto desespêro por sentir a impotência relativa ante as scmbras do astral inferior:

— Infelizes! Serpente Vermelha, pérfida, que rasteja aniquilando o vitalismo do fogo serpentino (22) em ebulição pela coluna vertebral e irradiação pela medula óssea humana, cuja picada diabólica no processo da hemacitopoése do encarnado pode anular um programa redentor elaborado há século!

— Porventura teremos a ofensiva associada, outra vez? —indagou o cruzado cuja

armadura refulgia num tom de alumínio argênteo. E acrescentou: — Em conseqüência, cabe-nos de enfrentar duas fórmulas diabólicas dessas confrarias para lograrmos a encarnação dos réprobos convertidos? Então será a leucemia e hematofilía pelos cientistas da Serpente Vermelha, ou a hidrocefalia, imbecilidade, mongolismo ou cretinismo dos especialistas dos "Escorpiões"? (23)

Apolônio, súbito e talvez inspirado, exclamou:

— Nós também recorreremos às "Samaritanas", que operam em cascão, na Crosta, rogando-lhes os serviços de vigilância junto à mente das progenitoras dos réprobos em gestação. Elas evitarão acúmulo ou condensação de fluidos inferiores na região cerebral das gestantes e a conseqüente vulnerabilidade perispiritual para os diabólicos agirem com êxito. (24) Ademais, também consegui a adesão de Swen, o mago fabuloso em cascão "wiking", que no comando de suas falanges corajosas, operantes na região germânica, prometeu-me anular o avanço dos "sapadores" luciferinos, ou seja, os preparadores do campo fluídico para os cientistas desfecharem o bombardeio destrutivo.

Cíntia, enrubecida, agradeceu comovida:

— Apolônio, jamais poderei indenizá-lo pelas providências defensivas em favor dos réprobos, mas, principalmente por Sesóstri, espírito a quem devoto incondicional afeição.

Apolônio sorriu, compreensivo e continuou:

— Aliás, nem tôdas as notícias são más, pois apesar de nossa causa ser algo pessoal, o Alto mobilizou mais coopera-dores em favor da encarnação dos nossos réprobos, considerando que Sesóstri, malgrado seja o líder maquiavélico dos demais comparsas, é, paradoxalmente, o espírito que mais vibrou em direção à sublimação! Os Mestres da Redenção crêem que depois das "horas atrozes", sem alívio, de retificação cármica, êle partirá da Crosta com a vestimenta perispiritual tão sensível e límpida, que isso poderá conduzi-10 à vibração altíssima e conseqüente "samadhi", ou deslumbramento panorâmico do Cosmo e da Realidade Espiritual. Isso poderá transformá-lo num dos eficientes servidores do Cristo

e valiosa cunha espiritual na Terra! (25)

— Louvado seja Deus! — exclamou Cíntia, num assomo de entusiasmo infantil.

— Se isso acontecer, eu serei imensamente feliz por Sesóstri reduzir o abismo vibratório entre nós!

— Evidentemente, — continuou Apolônio, — a fôrça, a sabedoria, o poder e o destemor de Sesóstri manifestos, até hoje, contra o Criador e o Cordeiro, como rebelde ou anjo decaído, poderá torná-lo um líder no serviço angélico, quando sentir, na fração de um segundo de "êxtase", a majestade, a beleza e a glória de si mesmo no seio do Absoluto.

— Quem dentre nós, submissos aos limites das formas, induziria ou acionaria Sesóstri a um "samadhi"? (26) indagou Cíntia, pesarosa.

Apolônio sorriu, traindo um ar misterioso e travesso:

— Quem, Cíntia; quem, senão Schellá e sua fascinante falange de socorro mental? Quem, senão o Mago perfeito de "Arcanjo Mickael"?

Cíntia ficou de lábios entreabertos, arfante e estática; os demais mostraram-se tão excitados, que isso os enchia da mais indizível satisfação.

— Salve o Senhor, pela graça de enviar-nos um espírito fulgurante da "Esfera da Sublimação", cujo poder mental já é fôrça criadora no mundo físico! (27) exclamou o próprio Ramú, perdendo sua linha tranqüila e excitado pela notícia. Depois, curvando-se, gentil e calmo, acrescentou — Dentro do esquema de redenção dos réprobos e sob a cooperação de Schellá, estou pronto para o sacrifício do "cascão"!

— Sem dúvida, ainda necessitamos ouvir as sugestões do "Departamento de Proteção" na Crosta, filiado à metrópole "Estrela Branca", pois vocês sabem que de acôrdo

com a densidade do meio ambiente, os dragonianos já conseguiram desintegrar "cascões" super-mentalizados no éter físico. Além disso, *é* muito cruciante a permanência nesse escafrando compulsório devido à ação compreensiva do éter-físico. Assim, cada um de nós deve submeter-se aos "testes" de segurança *e* às eliminatórias dos técnicos de "Bemaventurança", antes de qualquer empreendimento pessoal. Seria inútil dispendermos uma tonelada de energia tão preciosa, sem a probabilidade do êxito de um só gramo!

Os demais espíritos permaneceram longo tempo em silêncio, meditando nas dificuldades que defrontariam para proteger os familiares rebeldes.

Argos, o belo grego de cabelos encaracolados, acentuou:

— Sei que podemos atingir o delírio no esfôrço de manter *a* configuração ocasional no plano do éter-físico, mas assim mesmo tentarei a prova.

— Estarei a seu lado e faremos turnos de repouso mais freqüentes. Quem estiver exaurido poderá liberar-se, enquanto o outro vigia. Se não pudermos manter a defensiva direta na encarnação dos réprobos, seremos a linha de segurança entre as legiões de Swen, Scholen Habarusch e os benfeitores de Mickael! — prontificou-se um espírito atlético, cuja roupa colada ao corpo parecia confeccionada de lamê fulgurante.

Apolônio levantou-se, sorrindo, comentando com um tom apreensivo nas palavras:

— Meus irmãos! Saudei-nós o Mago Shellá de "Arcanjo Mickael" e roguemos ao Senhor o auxílio nessa empreitada redentora! — Circundando o olhar pelo cenário formoso do "Anfiteatro das Papoulas", entre o silêncio de espectativa dos presentes, que pareciam reduz:r a fulgência habitual das auras, êle comandou decidido. — Vamos, queridos! Minha antena espiritual comunica-me o ingresso de Sesóstris nos fluidos da carne em "perispírito fetal". (28)

Houve imediata e harmoniosa conjugação entre todos, deram-se as mãos e numa só fusão de côres e luzes, que convergiam para a fronte de Apolônio fortificando-lhe o comando mental, elevaram-se do solo à semelhança de uma nuvem de falenas multicores, desaparecendo, dali a pouco, no seio *da* cerração lucífera. Ensombrava-se, pouco a pouco, a formosa luminosidade de todos os pupilos de Apolônio, à medida que eles mergulhavam na atmosfera mais densa e hostil, em direção às faixas escuras e à aura afogueada da Terra, cindida pelos relâmpagos da mente indisciplinada da humanidade terrestre.

*********

Setembro de 1939!

Um rastilho de fogo partia da Alemanha ateado por Adolf Hitler, não percebido pelo resto do mundo. Debaixo de flôres *e* gritos de entusiasmo, o "Fuehrer" entrava na Áustria após *a* queda de Schusning, e o povo austríaco acenava ao nôvo ídolo louvando-o através de bandeirinhas de ambos os países. Em breve, a preocupação semeava-se nos demais países europeus, pois o ditador alemão principiava a mostrar suas garras ao invadir a Tchecoslováquia. Meses depois massacrava a Polônia, pretextando problemas de seus súditos no corredor de Dantzig. A França e a Inglaterra, despertando do mutismo censurável e depois de deixarem a infeliz Polônia sucumbir desamparada, numa hesitação calculista, então resolveram interferir e declarar guerra à Alemanha, quando perigavam seus interesses comerciais na Europa. Mas o fizeram algo tarde, pois a "Luftanza" arrazou o sul da França e Hitler atravessou a inexpugnável "Linha Maginot", tornando um recurso obsoleto ante o progresso da aviação. Em seguida, quase demoliu Coventri e mais tarde espremia os ingleses num massacre terrível nas praias de Dunkerke, onde pereceram milhares de soldados.

Homens, mulheres e a juventude alemã deliravam de entusiasmo ante as vitórias

consecutivas do "Fuehrer", inconscientes de que a euforia belicosa semeava tristes acontecimentos cármicos para o futuro, quando os aliados arrazáriam suas cidades e mais tarde teriam de sofrer a humilhação do "muro da vergonha" imposto pelos russos.

Megalomaníaco e bárbaro travestido do século XX, Adolf Hitler demolia a cultura do próprio povo alemão, mandando incendiar obras de renomados sábios germânicos, aniquilando a ciência, a filosofia e a arte erigida até aqueles dias por laboriosos gênios. Em seguida impôs à juventude nazificada a sua bíblia "Mein Kampf", escrita em momentos de histeria e paranóia, quando encarcerado em Munich, depois do fracassado "punch". Dançou o passo do ganso junto à tôrre de Eiffel, em Paris, rebentou-se de vaidade e orgulho percorrendo os vastos territórios devastados pelas suas "panzers""e foi festejado por milhões de bandeiras e gritos jubilosos dos seus conterrâneos em delírio. Adolf Hitler tornou a repetir a velha história dos fascínoras do passado, como David, Gengis-Can, Atila, Tamerlão, Aníbal, Alexandre e outros flagelos da humanidade.

Mas a Lei *é* inflexível e correta, pois logo todos pagaram pela mesma moeda. Berlim foi demolida inteiramente; milhões de casas arrazadas, fábricas destruídas e inutilizadas completamente tôdas as instalações sanitárias e serviços de utilidade pública. Milhões de alemães passaram a viver nos porões, cais; subterrâneos e debaixo de pontes, mal conseguindo arrancar mirrados tubérculos e ervas do solo para matar a fome. Os aliados, na febre de desforra, não olvidaram um metro quadrado das cidades alemães. Desapareceu Berlim e quase sumiram-se do mapa Hamburgo, Colônia e Bremem.

Os comandos das Trevas, no princípio deliraram, convictos do seu diabólico domínio sôbre o mundo material, através dos sucessos de Hitler sustentados por outros desiquilibrados do astral inferior, como Himmler, Goering, Goebels, *Jose]* Kramer, Mengel, Fichmann, Július Streicher, Ernest Kalten

brunner, Hans Franck e outros. Aspiravam até o contrôle das encarnações futuras que fariam da crosta terráquea um palco para a disseminação do vício, da violência e do poder egocêntrico. Ademais, reforçou-se o comando das sombras com *a* estultícia de Mussolini aderindo aos nazistas e humilhando *a* Itália, na composição vaidosa do eixo "Roma-Tokio-Berlim".

Não aconteceu conforme previram os magos das sombras, certos de que em breve a "Terra seria dos homens, os viris, e o céu dos anjos, os afeminados!" Os Estados Unidos dentro do seu proverbial calculismo utilitário, quando verificou que terminaria tendo prejuízos na contenda, caso não defendesse sua perna de galinha, então entraram na guerra, a fim de evitar o domínio de Hitler nos mercados europeus e asiáticos. Ante a infeliz investida contra a Rússia, malgrado o conhecido êrro de Napoleão, Hitler enfraqueceu suas hostes guerreiras *e* jamais pôde recuperar-se das perdas fabulosas por lutar em duas frentes. Mal sabia êle que também não passava de um simples "detonador psíquico" do carma coletivo de milhões *e* milhões de espíritos endividados desde os tempos de David, pois vaidosamente confundiu a permissão provisória do Alto com seu gênio e poder invencíveis. Ignorava, que na sua ficha cármica arquivada no Espaço, já estava assinalada a data de 30 de abril de 1945, para ele findar seus dias, arrazado no seu orgulho e na sua faina destruidora, como o fez, realmente, atirando na bôca com uma automática "Walther", enquanto Eva Braun, espôsa de última hora, tombava depois de ingerir uma pílula de cianureto de potássio.

No entanto, para os "Senhores do Carma", o mais importante era o clima belicoso ateado por Hitler, no qual deveriam resgatar as culpas passadas milhões de guerreiros, malvados, ferozes e endividados desde os tempos bíblicos. Esses culpados de outrora também veriam as próprias casas queimadas ou arrazadas. A família trucidada, espôsas e filhas desonram das. Filhos esmagados contra muros ou massacrados nas pontas de baionetas. Parentes fuzilados e sufocados como o fruto da má semeadura do passado. A Lei selecionara cuidadosamente os culpados e os colocara dentro da Alemanha e dos países que seriam

invadidos pelos nazistas, a fim de sofrerem o choque de retôrno no seio das coletividades judias dizima- das e nos incêndios cruéis dos "guettos", além de figurarem como cidadãos de outras raças, trucidados nas frentes belicosas da França, Polônia e Rússia.

Em breve, movido por um ódio racial, incontido e recalcado desde a mocidade, Hitler resolveu dar solução ao "problema judeu", autorizando liquidação em massa de qualquer modo. Só Adolf Eichmann trucidou mais de seis milhões de judeus em fornos crematórios, deportações, fuzilamentos e execuções, além dos que foram mortos pela fome e depauperamentos. Os vagões construídos para o transporte de gado seguiam diàriamente em compridos comboios abarrotados de infelizes na mais degradante promiscuidade, depois de caçados e apanhados em todos os países invadidos. A carga humana chegava deteriorada nos campos de concentração de Ravensburg, Dachau, Auschwitz, Belsen, Buchenwald e

Vilingen. Os fornos crematórios, pântanos e valas comuns eram insuf cientes para dar sumiço aos milhões de vítimas, que sob o traje material renascidos como judeus, no século XX, liquidavam as culpas e os massacres bárbaros cometidos no passado! Muitas mulheres e comandantes dos campos de concentração chegavam ao requinte de curtir a pele dos infelizes hebreus trucidados, para cobrir abajures, caixa de jóias, capas de livros ou estojos de perfumes.

* * * * * * * * * *

Quando a atividade criminosa dos nazistas era mais intensa contra os judeus, ali pelo ano de 1942 eclodiu violenta epidemia de afecção "hepato-intestinal", em zona rural da Alemanha. As crianças morriam às dezenas! Os médicos mostravam-se desesperados e sem conseguir debelar a crise enfermiça, que já enfurecia Hitler. Finalmente, obtiveram dele permissão para fazer experiências "in vivo" nas crianças judias, na esperança de conseguirem a vacina adequada. Num dia trágico, 500 crianças foram submetidas aos testes preliminares no campo de concentração de Auschwitz, sendo escolhidos 31 judeuzinhos para as terríveis experiências de vivissecção sob o contrôle dos médicos Henrich e Brumenwald, (29) a fim de se descobrir a desejada vacina. Eram crianças dos tipos mais diversos, variando em idade, sexo, reação sanguínea, resistência vital e comportamento nervoso. Algumas eram perfeitamente sadias e vigorosas, outras débeis e enfermiças, e compunham o material humano adequado às pesquisas impiedosas. Aterradas ante a impossibilidade de fugirem das provas tenebrosas, as infelizes vítimas foram amarradas pelos enfermeiros nazistas nas mesas de laboratórios e devidamente amordaçadas para impedir-lhes os gritos lancinantes.

Em seguida, dia a dia, elas foram submetidas às mais pavorosas experiências. As intervenções cirúrgicas, desidratações, transfusões de sangue contaminado, provas de ácidos e corrosivos, biopsias, obliteração da função nervosa e circulatória, além de desnutrição ou superalimentação, infectadas nos órgãos ou esgravatadas em tôda região abdominal. Foram submetidas à inoculação de material patogênico de tôdas as espécies. Extraíram-lhes o líquido raquidiano, linfático e sanguíneo. Três dias depois já haviam sucumbido 23 crianças entre estertores e pústulas corrosivas, mostrando as carnes em frangalhos e os olhos esgazeados de dor. Os médicos e os enfermeiros vigiavam atentamente as modificações anátomo-fisiológicas. Pesquisavam-lhes o trabalho drenativo das vias-emuntórias, em reações endócrinas, nervosas e sanguíneas e o comportamento das vitaminas nos "testes" de resistência vital. Era a mais paradoxal e impiedosa atividade de conservá-los enfermos e ao mesmo tempo mantê-los vivos de qualquer modo!

A doença em pesquisa era algo semelhante ao "cólera-morbo", cujo bacilo ou vibrão colérico, Koch havia descoberto no ano de 1883, em Alexandria, pois os médicos nazistas verificaram que a sua localização também se fazia no trato intestinal e era extremamente

contagioso. Depois de 21 dias de experiências tenebrosas, só restava miraculosamente vivo uma das 31 cobaias humanas selecionadas anteriormente. Era um menino de onze anos, verdadeiro farrapo vivo, submerso na dor mais inconcebível, cujos cabelos pretos estavam esbranquecidos e a f sioncmia infantil transformada no estigma simiesco de um ancião precoce. O vigor e a resistência orgânica haviam surpreendido os próprios médicos alemães, pois êle se mostrava consciente na sua rigidez tormentosa e postura contraída por indomável câimbra nervosa. Os seus olhos estavam completamente secos de lágrimas e uma espuma pálida e sanguinolenta vertia através da mordaça sôbre os lábios. O corpo estava espetado por uma dezena de seringas hipodérmicas, que vertiam sôros, líquidos nutritivos, infectos, substâncias poluídas ou vitalizantes, sangue e hormônios, fazendo vibrar os tubos de borracha naquele experimento dantesco. Parte dos intestinos do menino estremecia sôlta dentro de um frasco com sôro de Ringer aquecido, submetida a rigorosos exames procedidos por diversos médicos, enfermeiros e auxiliares, que tudo faziam para descobrir o agente e a vacina contra a epidemia das crianças alemãs. Enfim, graças à essa resistência heróica em tôdas as experiências cruciantes, os médicos Heinrich e Brumenwald conseguiram a vacina tão ambicionada para salvar os alemãezinhos afetados pela devastadora epidemia. Conforme se verificou depois da guerra, as mesmas vacinas também debelaram crise semelhante em milhares de outras crianças vitimadas na região coreana e indo-chinesa.

Após terminar o seu objetivo sinistro e ao mesmo tempo terapêutico Heinrich olhou o judeuzinho e mandou tirar-lhe a mordaça. Embora de coração enrijecido pela impassibilidade nazista, êle fêz um gesto furtivo de comiseração ao defrontar a fisionomia mirrada e simiesca do menino, que 21 dias antes era saudável e atraente. Heinrich fêz um sinal e um enfermeiro aproximou-se, fazendo o menino engulir uma pílula que cheirava a flor de pessegueiro. A infeliz criança afrouxou a fisionomia retorcida pela dor infindável e os músculos rígidos moveram-se, dificultosamente, sob estremecimentos nervosos. Então Isaac, o judeuzinho vítima da cruel vivissecção, tombou a cabeça para a esquerda e expirou sob a ação letal do cianureto de potássio. O enfermeiro alemão, *um* monstro de cara quadrada e queixo atirado para a frente num ângulo desafiador, cujas mãos de pêlos fulvos lembravam um gorila chamejante, arreganhou os dentes, dizendo num tom selvagem e insensível: —. Morreu!

Heinrich e os demais médicos, a serviço de Hitler e .curtidos pelas mais bárbaras experiências a fim de proteger a superior raça ariana, fitaram longamente o menino que i ress-tira à tortura inquisitorial de 21 dias e horas, sem qualquer alívio ou chance de libertação. Malgrado a voz indiferente, o médico-chefe não escondia certo timbre de admiração, quando dirigiu-se ao enfermeiro de aspecto brutal:

— Éle morreu, Wiegando! Mas salvou a vida de milhares de crianças, assim que as vacinas dos laboratórios alemães forem aplicadas.

E retirando as luvas ensanguentadas, apontou para Isaac, a infeliz cobaia humana, acrescentando:

— Que vitalidade e resistência inacreditáveis! Quanto nos ajudou! É um corpo sacrificado pela salvação de milhares de outros corpos!

Ainda premido por algum remorso longínquo, antes de sair do apõsento recomendou sèriamente ao seu rude assistente:

— Enterrem-no! Mas dêem-lhe boa sepultura; êle a merece!

* * * * * * * * * *

Decorreu certo tempo do simbólico calendário humano, quando Isaac abriu os olhos

no mundo espiritual. Logo estremeceu, horrorizado, sentindo ainda nos lábios a mordaça do esparadrapo e o gesto típico do sangue a fluir-lhe pela garganta, devido ao rompimento dos vasos. De princípio, êle estranhou aquela claridade azul-celeste e repousante, muito parecida ao luar e que lhe dava um alívio inesperado, em con fronto com a sensação atemorizante provocada pela luz mortiça dos geradores dos campos de concentração. Julgava ouvir deliciosa melodia religiosa, numa saudade cálida e amorosa, revendo o rabi Joseph tocá-la ao órgão na sinagoga de Dresden, quando ali freqüentava em companhia dos pais e irmãos, A música parecia lembrar-lhe a fragrância dos lírios e flores do brejo, que floresciam nas margens do Reno e do Elba. Projetava-lhe na mente as imagens das plantações de centeio, aveia, trigo e vinhas carregadas de uvas saborosas! Circunvagou os olhos à procura dos homens tenebrosos que o torturavam algemado na mesa fria de mármore. Onde estava o enfermeiro de rosto quadrado e aspecto de gorila, que lhe esgravatava os intestinos na procura doida de algo? Ou a *mulher* esguedelhada, sempre a espetá-lo com seringas de dos causticantes?

O menino Isaac não ousava mexer-se, ainda petrificado pela posição atrofiante e tormentosa de 21 dias prêso à mesa de autopsia de Auschewitz. Antes, gemia louco de dor e sem saber o motivo porque sofria tanta crueldade; mas agora sentia-se inesperadamente aliviado nas dores físicas e o sofrimento parecia-lhe existir somente na alma! Experimentou mover a mão direita e verificou que ela estava livre das algemas de couro. A boca ainda estava colada por algo estranho, *mas* sem causar-lhe a opressão dolorosa, e os olhos exauridos de lágrimas descongestionavam-se, pouco a pouco, por *efeito* de invisível energia balsâmica. Súbito, ouviu um ruido à sua esquerda e pelo canto dos olhos percebeu vestes brancas; então levou um choque tremendo e não conteve um gemido lastimoso, certo da presença do enfermeiro gorila ou da mulher de cabelos esguedelhados, que além de atormentá-lo com *as* seringas de injeções, ainda o chamavam de "raça vil e infame"! Retezou o corpo num ímpeto instintivo de defesa orgânica, convicto da espetada atroz ou do rompimento de carnes sob nova operação; mas nada disso acontecia e a criatura, a seu lado, foi-se curvando suavemente para êle, mostrando um rosto de fada tão belo e terno, como êle jamais vira no mundo! Ela pousou-lhe a mão na cabeça, num gesto caricioso e fluiam-lhe dos dedos vapores tão sedativos, que desejaria ficar ali algemado para o resto da vida!

— Isaac! Não tema, querido! Tudo já terminou; você agora é o enfermo em jubilosa convalescença e devemos louvar o Senhor dos mundos pela redenção de sua alma! Agora você poderá viver entre nós, durante os repousos da ascese espiritual!

A bela mulher, curvando-se outra vez, beijou-o na fronte, cuja emanação de ternura e afeição fê-lo vibrar sacudido por estranhas recordações familiares, quase podendo chamá-la pelo nome e reconhecer uma presença amorosa conhecida! A porta do aposento abriu-se surgindo um homem belo e de traje exótico, meio indu e meio egípcio, que sorriu para Isaac numa expressão de júbilo. (30) Depois estendeu as mãos e fez-lhe alguns passes ou vibrações pelo corpo, aliviando o espasmo doloroso e restaurando o ritmo respiratório de modo saudável. Em seguida, deu-lhe de beber um líquido refrescante, com sabor e a cor de romãs maduras, que ao descer-lhe pela garganta eliminava toda sensação e vestígio do sofrimento anterior. Os lábios desprendiam-se fàcilmente, e Isaac estranhou a própria voz, ao dizer:

— Onde estão eles?

— Quem? — indagou o môço indu-egípcio.

— O médico, a mulher esguedelhada e o homem com cara *de* gorila? — indagou, circunvagando os olhos com resíduos de grande pavor.

A bela mulher sentou-se junto dele e acariciou-lhe os cabelos num gesto amoroso. Depois, então lhe disse, meigamente:

— Eles se foram. Nós libertamos você! Não pense mais nisso; agora vai morar

conosco, pois somos a sua família, compreende? Você está completamente livre e longe da Alemanha. Mas não faça perguntas, pois em breve estaremos em casa, entre amigos e protetores.

Isaac quis beijar-lhe a mão, mas ela apertou-o entre seus braços, despertando-lhe imenso júbilo, além de uma expansividade tão intensa, que julgou crescer, crescer sempre num impulso libertador de sua própria forma de menino torturado! Sob estranho sentimento parecia-lhe que alguém morava dentro de sua alma e conhecia a maravilhosa mulher a seu lado! Mas o indu-egípcio fitou-o bem dentro dos olhos, de modo cordial e enérgico; Isaac sentiu-se dominado por suave torpor e depois foi se aquietando, pouco a pouco, terminando por adormecer sob a mais doce sensação de paz e ventura. Voava pelo céu e fugia, fugia incessantemente da escuridão tenebrosa, das mãos ferozes que o perseguiam e dos gritos e blasfêmias, que o chamavam de "renegado", "renegado"! (31)

Em seguida, o grupo de almas resplandecentes empreendeu o voo majestoso, ascencionando esbatido pelos fulgores topazinos e carminados do Sol astralino brilhando no poente, enquanto Swen, seus "vikings", com outras falanges, de espíritos em missão defensiva na Crosta, acenavam num longo adeus!

O grupo compunha-se de quinze espíritos volitando numa policromia de cores e luzes. Eram seis mulheres tão formosas como as fadas e nove homens belos, imponentes e serenos. A mais bela entre as mulheres, cujo perfil grego envolvia-se num traje lirial adornado de arabescos dourados sob um manto azul-claro de estrelas prateadas, sustinha nos braços um menino adormecido. Algum tempo depois surgiu-lhes à frente o conhecido e formoso "Anfiteatro das Papoulas", refulgindo entre cintilações róseas e liláses sob a luz astralina. Centenas de espíritos de vários matizes, raças, cores e luzes ali se aglomeravam em torno de um tapête confeccionado de flores vivas e veludosas, em cujo centro distinguia-se a frase colo- tida: "Benvindo o filio redimido do Senhor!" Descendo num ángulo reto sobre o maravilhoso colchão de flores e finalizando o seu voo longínquo desde a Crosta, os quinze espíritos. pousaram no solo arminhado, enquanto Cíntia — a formosa grega — depositava carinhosamente o fardo precioso do menino Isaac. Os presentes, jubilosos, curvaram-se para o rosto daquele menino, que passou a refulgir sob os matizes safirinos, liláses e róseos do ambiente, na fascinante combinação das cores áuricas de todos.

Sob a fragrância das flores odoríferas que matizavam o tapete atraente e florescente, a configuração perispiritual do menino adquiria um tom creme luminescente, e, depois evoluia para uma cor de laranja madura até esmaecer num colorido topazino, vivíssimo e emoldurando-se pelo róseo-lilás.

Apolonio — o venerável velhinho — acompanhava atentamente a metamorfose das cores em torno do menino adormecido. Em seguida, levantou a cabeça e apontando Isaac., disse aos demais espíritos:

— Ainda predomina algo do matiz que define a mente egoísta ou ambiciosa, nos seus reflexos do alaranjado um tanto obscuro. Mas, louvemos o Senhor, porque o rendilhado róseo-lilás não é apenas refulgência do nosso ambiente, pois já distingo-lhe a fonte carmim e violeta no tórax! O amarelo intelectivo também se mostra bem claro, comprovando a sabedoria, norteando-se para fins nobres! — Apolonio terminou sua descrição dizendo com visível emoção — Aliás, a ternura e humildade já fizeram moradia no coração dele! (32)

Levantou os braços e cerrando os olhos, convidou todos à breve saudação:

— "Senhor, Criador do Cosmo e Pai boníssimo; os pensamentos e as palavras jamais poderão exprimir a nossa ventura espiritual neste momento, ante a redenção de mais um dos nossos queridos familiares purificados na carne sob o processo justo e lógico da dor! Ave, Senhor! Mil graças pele ingresso do novo servidor da Luz nas fileiras do Cordeiro!"

Setas luminescentes, como um chuveiro flamívolo desciam do Alto atingindo a

fronte daquelas almas formosas, cuja. prece breve, mas eloqüente, avivara-lhes os fulgores do mais puro carmim emoldurado pelos eflúvios argênteos em suas auras sublimes. Apolonio subiu ao estrado castanho claro luminoso, e fazendo um gesto cordial, assim se expressou:

— Meus irmãos! Acabamos de usufruir mais um momento incomum em nossa vida espiritual, pelo retorno dos oito réprobos familiares redimidos na carne humana! Enquanto isso Adolf Hitler continua alastrando o fogo tenebroso da guerra na face do orbe terráqueo. Milhares de criaturas, ainda expiam o carma coletivo desde os tempos bíblicos, sofrendo sob os nazistas as dores e tragédias que semearam imprudentemente no passado! Agora envergam o traje carnal de judeus travestidos de mulheres, crianças, moços e velhos, sucumbindo atrozmente nos "guettos" incendiados, muros de fuzilamento, estertores da fome e nas câmaras de gases dos campos de concentração! Mas acertam seus débitos com a própria contabilidade terrícola e limpam sua contextura perispiritual da carga tóxica da "maldade", para depois comparecerem devidamente asseados ao banquete eterno da Casa do Senhor! —E apontando Isaac, o menino adormecido sobre o tapete de flôres, situado a alguns passos do formoso lago guarnecido de papoulas cintilando num fogaréu rutilante, Apolonio exclamou, comovido:

— Eis o mais feroz dos réprobos, agora glorificado pelos tormentos da retificação cármica, graças à ação centrífuga das próprias energias sublimes do espírito imortal! Expeliu a carga tóxica, desintegrou crostas petrificadas pela ambição, orgulho e crueldade, eliminou venenos mentais nutridos pela revolta ou vingança! Agora situa-se além do domínio implacável da "mente-instintiva" (33) que já lhe foi bastante útil **na** formação humana, mas doravante deve ser "dirigida" pelo discernimento da consciência espiritual. A mente instintiva coordena a organização do mineral, vegetal, animal e homem, porém, queridos irmãos, só a "mente espiritual" governa o esquema definitivo do anjo!

Apolonio cessou de falar, comovido por suas próprias palavras, e depois continuou traindo um suspiro de pesar:

— Malgrado a campanha hostil e destruidora encetada por Othan, Sumareji e El Zorian, eles fracassaram nas suas investidas maquiavélicas e os oito réprobos, seus comparsas de outrora, puderam cumprir integralmente o programa redentor! Algemados ao mármore frio da vivissecção sob o guante dos nazistas, não puderam fugir das provas redentoras e resgataram suas "horas culposas" desde os milênios findos! Mas também proporcionaram ao mundo físico as vacinas descobertas nas suas próprias entranhas esfrangalhadas, salvando milhares e milhares de outras criaturas, e assim compensando, no futuro, o passivo das trucidações pregressas! Sob a lei de que o espírito há de pagar até o "último ceitil" e "colher segundo a semeadura", os nossos réprobos devolveram em "bonus-salvação" o montante de vidas destruidas nas tropelias insanas da bestialidade guerreira! Doravante, poderão prosseguir na escése espiritual com melhores ensejos de aprendizado e na vivência mais íntima com a fonte eterna do Criador!

Descendo do estrado, Apolônio ultimou:

— Caros irmãos, agora partiremos com a nossa últ'ma carga preciosa para "Bemaventurança", e aguardemos o desvencilhamento das formas infantis dos réprobos torturados na Crosta, até vermo-los despertarem conscientes e felizes, depois da prova cruel redentora. Esqueçamos a Atlântida, Lemuria, Babilonia, Assíria, Indo-China, Egito e a própria Grécia, que foram palcos de morticínios, vinganças, ambições e tropelias dos nossos familiares, para mobilizarmos todos os nossos esforços e energias espirituais no sentido de sua breve redenção.

Após silêncio emotivo e brilho saudoso nos olhos, todos seguiram lentamente pela formosa alameda ladeada de flores pequeninas, semelhantes a minúsculas chavenas de chá, brincos de rubis e ametistas, arabescos e jóias dos mais variados feitios e cores, que resplandeciam em fulgores lucíferos à sua passagem. Cíntia curvou-se para o tapete

florido e ergueu nos braços fulgentes o menino adormecido, mostrando-se enrubecida ante o olhar majestoso de Apolonio, que lhe seguia os movimentos ternos. Mirando Isaac, o judeuzinho tão sacrificado nos experimentos tenebrosos dos médicos nazistas de Aschewitz, .ela então exclamou, feliz:

— Querido Apolonio, eu só imagino como Sesóstri deve estar belo depois de redimido e desvencilhado da figura transitória infantil de Isaac! — E num suspiro amoroso, que lhe avivou o róseo-carmim da aura, aduziu — Mesmo rebelde e agressivo, êle já era tão atraente!

Quando todos desapareceram no seio da cerração fulgente, atrás do portal de "Bemaventurança", expluíram no ar flocos de luzes douradas rebentando em cores inacessíveis à mais aguçada visão humana. Semelhante à uma noite feérica de fogos de artifícios, inimaginável na crosta terráquea pela suprema beleza, iniciava-se a festividade sideral pelo retorno de mais um "filho pródigo" à Casa do Pai!

***(I) Atanalgido : — Impossibilitados de descrevermos-as paisagens das regiões venturosas, em face da pobreza da linguagem humana, somos obrigados a recorrer ao recurso metafórico e ao palavreado de uso literário do mundo, tal qual o fizemos na descrição do "Anfiteatro das Papoulas". Releve-nos, o leitor, a nossa tentativa infrutífera do transmitirmos uma idéia pálida das esferas espirituais superiores, onde usamos e abusamos de imagens "argênteas,- translúcidas, cristalinas, refulgentes cambiantes ou revérberos", tentando associarmos na mente dos leitores as suas próprias. lembranças da realidade imortal. Exercemos verdadeira garimpagem na mente do nosso médium, mas, infelizmente, o ouro e o diamante que ali podemos faiscar, ainda são insuficientes para uma singela compreensão do cenário edênico.***

***(2) N. do Médium: — Pergunta 93, do capítulo "Do Mundo Espírita ou dos Espíritos", parte segunda e capítulo I, "Dos Espíritos", da obra "Livro dos Espíritos", editada pela Livraria da Federação Espírita Brasileira.***

***(3) Vide as seguintes obras sôbre "duplo etérico" e os "chacras": "Elucidações do Além", de Ramatís, ou "Charras", de Leadbeater, da Livraria "O Pensamento" e "Passes e Radiações", capítulo "Charras" de Edgard Armond.***

***(4) Senhores do Carma, assim conhecidos pela filosofia oriental; espíritos encarregados de esquematizarem os programas redentores dos encarnados no processo de retificação espiritual.***

***(5) Marcos cap. VIII v. 34 a 36: Lucas cap. IX v. 23 a 25 — Mateus cap. X v. 39.***

***(6) Maurício, tribuno e militar, era comandante de uma legião romana. Ele e seus soldados, quando se achavam em Jerusalem, imp essionados com os relatos da vida de Jesus, converteram-se ao Cristianismo. Tendo o imperador Diocleciano destacado essa legião para liquidar os rebeldes na Gália e ordenado que prestassem culto aos deuses e falsas divindades, todos negaram-se a isso e foram passados a fio de espada, ao cair da noite de 28 de Setembro de 286. Maurício, hoje, é o guia e o paraninfo das "Cruzadas dos Militares Espíritas" no Brasil, inspirando entre os próprios militares o espírito de paz e amor.***

*(7) Um dia do calendário sideral compreende 2.160 anos do calendário terreno, ou seja, um signo astrológico completo. O signo de Pisces iniciou-se quase em vésperas do nascimento de Jesus, cuja influência finda-se em breve, substituída pelo signo de Aquário, aliás, considerado o clima ideal para o desenvolvimento do Espírito no campo mental e científico. Aliás, em face da penetração da Ciência no mundo imponderável, a própia definição de materialismo enfraquece-se, ante uma concepção de espiritualismo positivo, em que, muito breve, o espírito será identificado nas balanças de precisão dos laboratórios terrenos. Vide o cap. "Considerações Sôbre o Grande Plano e Calendário Sideral" da obra "O Sublime Peregrino", de Ramatís, edição "Liv. Freitas Bastos S/A."*

*(8) Vide o capítulo "Os que Emigrarão para um Planeta Inferior", da obra "Mensagem do Astral", de Ramatís, edição da Livraria Freitas Bastos.*

*(9) Vide a obra "Mensagens do Astral", de Ramatís, cujo astro intruso, apesar de sua descrição física algo incoerente com as leis astronômicas, e, mesmo impraticável, numa passagem brusca entre o Sol e a Terra, oculta um dos acontecimentos mais importantes para a humanidade terrícola previsto há milênios. No momento, só os estudiosos rosa-cruzes, teosofistas e talvez yogas, devem entender a verdadeira significação do astro instruso, como futura habitação dos exilados da Terra. Na sua órbita de 6.666 anos, esconde-se grande parte da revelação ainda imatura ao homem, porque se prende principalmente à ocorrência de ordem espiritual.*

*(10) Talvez o leitor estranhe a nomenclatura prosaica à guisa de contabilidade terrena; porém a terminologia sideral é bem mais rigorosa e disciplinada do que nas organizações humanas transitórias. Na realidade, ela controla o trânsito dos espíritos entre os mundos espirituais e físicos, e abrange panorâmicamente o tempo de cada consciência individualizada no Cosmo.*

*(11) Vide parábola do festim de bodas, Mateus XXII, vers. 8 a 14, alusão ao perispírito purificado e limpo, simbolizado na túnica nupcial imaculada que permite seu dono participar do banquete divino, pois em caso contrário será atirado às trevas exteriores, ou seja, nos charcos da purificação astralina ou no purgatório da existência humana.*

*(12) Maioral, o comando supremo do mundo das Trevas.*

*(13) Vide cap. "Jesus e sua Descida à Terra", da obra "O Sublime Peregrino", de Ramatís, edição da Livraria Freitas Bastos S/A.*

*(14) Apesar da formosa tradição sôbre David, o salmista e filho de Salomão, do qual a Bíblia transmitiu-nos uma idéia lisonjeira, o certo é que êle também não passou de um feroz guerreiro cruel e vingativo, a trucidar mulheres, crianças e velhos indefesos. Como exemplo a esmo de suas barbaridades, eis o que se encontra em "Reis, Livro 2.º, cap. XII, vers. 31", da Bíblia, que transcrevemos: "E trazendo os seus moradores, os mandou serrar; e que passassem por cima deles carroças ferradas; e que os fizessem em pedaços com cutelos; e os botassem em fornos de cozer tijolos; assim o fez com tôdas as cidades dos amonitas; e voltou David com todo o seu exército para Jerusalem." Conforme comunicação mediúnica de fonte fidedigna, os mesmos soldados e comparsas de David e autores das atrocidades relatadas,*

*retornaram à Terra e sob a "lei do choque de retôrno", expiaram como judeus e sob o jugo alemão, os crimes do passado. Há mesmo quem diga que Adolf Hitler e David são os mesmos, o que ncs parece bastante coerente, pois entre ambos é difícil dizer qual deles é o mais feroz e falso místico!*

*(15) Seria muito complexo esmiuçar para os leitores um gráfico de "horas culposas" sob a responsabilidade dos departamentos de planejamen-. to cármico. Sendo matéria que em breve será transmitida para a Terra de maneira didática e expositiva, cabe-nos apenas a tarefa de assentar as bases dessas primeiras revelações numa conceituação geral. Aliás, o levantamento de tal gráfico não se prende própriarnente a segundos, minutos e horas terrícolas, mas é fruto de exames do "estado mental e emotivo" do espírito culposo, cujo processo não encontra analogia nas coisas do mundo carnal.*

*(16) Entidades conscientes podem decidir quanto à expiar suas horas culposas numa só existência carnal, caso sintam-se capazes de resistir às provas máximas de purgação psíquica, ou então dividi-las em liquidações parciais, através de algumas vidas na carne. Malgrado os conselhos superiores, muitos espíritos preferem uma liquidação ou expurgo imediato de sua toxicidade perispiritual numa só existência; mas, diante das dores atrozes e vicissitudes incomuns, as vezes suicidam-se agravando ainda mais a sua situação espiritual em face de tais desatinos.*

*(17) Quando na matéria um caminhão bate a máquina e precisa ser retificado, ninguém considera isso castigo ou punição, mas providência Indispensável para o conserto imprescindível. Em breve, sob o processo técnico da oficina mecânica, o caminhão readquire a sua capacidade e função comuns, voltando a trafegar pelas estradas do mundo e produzindo novamente a receita para o seu dono. O espírito, quando claudica por imprudência ou ignorância, também precisa submeter-se à "retificação cármica" ou reajuste espiritual, que depois o devolve em condições de prosseguir pela estrada de sua angelização.*

*(18) Buscamos analogia de certos acontecimentos e objetos da Terra, que possam dar uma idéia mais aproximada da realidade do mundo espiritual superior, onde as coisas são realmente "diáfanas, translúcidas, refulgentes, delicadas, etc."*

*(19) N. Atanagildo: — Diz-nos irmão Navarro que foi médico no Brasil, "que nos cromossomos, em verdade, há um verdadeiro projeto, programa ou .roteiro, que tem por fim assegurar as características fundamentais do indivíduo na sua estrutura corporal e dentro de uni esquema peculiar dos ascendentes hereditários. No entanto, a substância fundamental do cromossomo são as núcleo proteínas. 'Embora as proteínas sejam substâncias de alto peso molecular, compostas de carbono, oxigênio, nitrogênio, hidrogênio e as vêzes com algum fósforo e enxofre, cuja, pedras de construção são os aminoácidos, as proteínas também compõem certas substâncias fisiològicamente ativas, como por exemplo toxinas, tóxicos e "enzimas"! As enzimas, como moléculas proteicas estão presentes em tôdas as coisas vivas, e, atualmente, alguns cientistas estão convictos de que pràticamente, tôdas as doenças têm sua origem na falta de enzimas ou devido a enzimas insuficientes. E o que é mais importante; existe no cromossomo um germe específico como fator de hereditariedade, que governa tôda produção, ajuste e atividade das*

*enzimas no organismo. Evidentemente, quando falta êsse gêne diretor ou é defeituoso, acontece fenômeno idéntico com a enzima, decorrendo, também, as alterações do indivíduo. Apenas para dar uma idéia aos leitores do processo "demolidor" dos cientistas das confrarias negras do Espaço, diríamos que eles conseguem bombardear "magnèticamente" êsse gêne diretor da anatomia o fisiologia das enzimas, produzindo, assim, as perturbações na composição do organismo e resultando inúmeras enfermidades e conseqüências funestas no nascituro. Esse gêne, assim como o espermatozóide, significam para nós, no Além, apenas os "detonadores psíquicos" que ligam as energias do éter-cósmico com as energias do éter-físico; são elementos que ainda sofrem a nossa ação "mental-magnética" e funcionam no limiar da vida astral e física. Daí certo poder radioativo que podemos exercer em tais germens, porque sua estrutura astralina sobrepõem-se, prôpriamente, à energia e vitalismo do mundo físico. Aliás, a própria ciência terrena admite que as radiações atômicas agindo na medula óssea, produzem fenômenos anômalos na hemocitopoese incelóide.*

*(20) Embora a terminologia do mundo astralino possa ser entendido sobre outros aspectos, que identifiquem "estados angélicos" ou "estados diabólicos", há, realmente, uma nomenclatura no gênero que especificamos. Não se tráta de ficção muito ao gôsto humano; mas são confrarias e instituições cujas denominações identificam-lhes perfeitamente o gênero de atividades destruidoras, agressivas e subversivas do padrão angélico da alma. Algumas delas surgiram na Terra fundadas por espíritos exilados de outros orbes; mas sempre copiaram a ação agressiva ou destrutiva de certõs animais, reptis ou insetos. Em conseqüência, inspiram-se no dragão que vomita fogo, ou, ainda, na serpente que rasteja pérfida e traiçoeira, cujos adeptos fanáticos são capazes de tudo no astral inferior. Em antítese, os trabalhadores do Bem distinguem-se pela sua filiação à "Comunidade do Cordeiro", símbolo de mansuetude, humildade e ternura sob a égide do Cristo.*

*(21) Os leitores não devem estranhar as referências propositadas nestes contos verídicos, pois atendemos a instruções dos nossos Maiores, que acham de bom alvitre transmitirmos para a Terra mais alguns fragmentos da realidade da vida oculta. Os médicos ou cientistas das esferas superiores criam, ajudam e aliviam; os das Trevas prestam-se a tôda sorte de maquiavelismos, tarefas destruidoras e indignas, diferenciam-se tanto quanto o médico terreno e sacerdote, que cura e socorre, do que serve ao "gangueste·rismo" do mundo, ou faz da dor alheia urna tábua de negócios!*

*(22) Fogo serpentino: — fôrça telúrica, fruto da transformação do éter-cósmico pelo campo do astral terráqueo. Vivifica o homem através do "chacra" kundalíneo (sacrococígeno), cujo desenvolvimento prematuro é perigoso sem a devida espiritualização crística, por se tratar de fôrça que tanto cria como destrói. Jesus tinha o "chacra kundalíneo" desenvolvido em existências anteriores, e curava à distância pela fôrça do seu Amor. Tamerlão, Gengis-Can, Atila, Aníbal, Alexandre, Hitler e outros, através de processos censuráveis de magia negra, também o haviam desenvolvido. No entanto, a mesma energia que lhes dava o poder sôbre as massas, terminou por destruí-los no vórtice de sua ação violenta pelo choque de rotôrno.*

*(23) Serpente Vermelha, Dragões, Escorpiões e Caprinos, são remanescentes de velhas confrarias de magos negros que existiram na Terra desde os evos da Atlântida, pois chegavam a dizimar tribos adversas à longa distância, agindo pelo éter-físico através do "chacra esplênico" — sôbre o baço —, interrompendo ou intoxicando o*

*afluxo do "prâna" ou energia vital emanada do Sol. As vítimas sucumbiam pela exaustão, algo parecido à leucemia ou anemia perniciosa. Não podemos nos alongar nas minúcias desses processos, porque seria incentivo à criação de adeptos mal intencionados, bem assim como devemos proteger o médium de assaltos perigosos do astral inferior.*

*(24) N. Atanagildo: — A título de advertência às mães gestantes, esclareço que os espíritos exilados, ou "anjos decaídos", quando aceitam a encarnação terrena como ensejo de redenção espiritual e conseqüente adesão à comunidade do Cristo, ficam estigmatizados pelos próprios comparsas do mundo oculto na condição de renegados perseguidos impiedosamente. A fim de dificultar-lhes, a encarnação redentora, os cientistas das Trevas procuram atuar na mente e emotividade das mães gestantes, insuflando-lhes vícios, paixões, frustrações ou irascibilidades, que proporcionam um clima etéreo-físico poluído capaz de facilitar o bombardeio magnético sôbre o nascituro. A mulher grávida imprudente ou invigilante, pode alimentar êsse clima ou ambiente fluídico nocivo engendrado pelos adversários, prejudicando o desenvolvimento embrionário do próprio filho. Os trevosos tentam atingir a tessitura cromossômica dos nascituros, para impedi-los de uma vida sadia ou consciente na matéria. As parturientes deviam evitar ambientes viciosos, reuniões fúteis, espetáculos licenciosos, palestras maledicentes, novelas, filmes, teatros e diversões que chocam, enauseam e excitam o sistema nervoso repercutindo na mente da própria criança. A mãe é a médium da vida e quase sempre ignora a aflição dos protetores do seu futuro filho, quando ela mesma favorece a consecução dos objetivos daninhos e diabólicos do astral inferior. O programa severo da gestante deveria ser sempre moldado em bons pensamentos, amizades espiritualizadas, linguagem limpa, leituras construtivas, prece habitual, alimentação suave, rejeição ao álcool, fumo e excitantes, proporcionando assim o ambiente tranquilo e sadio para o descendente carnal.*

*(25) N. Atanagildo: — Como ainda não posso esmiuçar notícias prematuras a muitos leitores incipientes nos escaninhos da espiritualidade, os mais percucientes poderão entrever nas entrelinhas dêstes contos, o assunto iniciático e que já é entrevisto nas obras de Ramatís, o nosso "Mestre de Exílio Planetário". A visão panorâmica do Cosmo é conhecida entre os santos como o êxtase e entre os iniciados indus como "samadhi"; é a beatitude ou Paz de Espírito impossível de se descrever com as palavras do vocabulário humano. O ser abrange o conhecimento cósmico e funde-se com*

*'Criador, numa fração de segundo, sem perder sua individualidade. O espírito do homem modifica-se depois do "samadhi", pela poderosa vibração que lhe revoluciona o íntimo; dali por diante assenta os seus propósitos espirituais na linha reta da angelitude. Como todo homem é uma centelha individualizada no seio da Consciência Cósmica, o êxtase ou "samadhi" pode surgir da conjugação de circunstâncias inesperadas, que elevam a emoção do ser ao máximo de sua suportação consciencial. É um extravazamento de fôrça que rompe a personalidade humana, num impulso esférico ou em todo os sentidos e sem limite, cuja ação poderosa e centrífuga do espírito lança-o lora do tempo e do espaço, no oceano cósmico do Criador.*

*(26) N. do Médium: — Vide o capítulo VI, da obra "O Fio da Navalha", de W. Somerset Maughan sôbre a realidade divina ou a imersão no Absoluto. Idem a obra "Autobiografia de Un Yogi Contemporaneo", principalmente o último têrço da mesma obra. "Ediciones Siglo Veinte" — Buenos Aires — S.R.L. Juncai 1121 — Argentina.*

*(27) Vide os "Devas" e os "Arquétipos".*

*(28) Vide capítulo "Reencarnação", da obra "Missionários da Luz", de André Luiz, por Chico Xavier, em que o assunto do "perispírito fetal" é elucidado de modo minucioso.*

*(29) Nomes fictícios, apesar da maioria dos leitores saber quem foram os médicos autores dessas experimentações cruéis.*

*30) Amuh-Ramaya é entidade graduada pela iniciação indu e egípcia, conhecedor profundo da psicologia das duas raças e familiar dos protagonistas.*

*31) No t'anse da recuperação energética, Isaac captava através da mente poderosa a reação furiosa dos seus próprios comparsas que abandonara pela redenção espiritual.*

*(32) Na Cromosofia astralina, as mesmas côres podem identificar dois extremos de graduação espiritual, variando conforme a claridade, brilho, ou opacidade. Assim, o verde sujo representa ciúmes e o verde ardósia a falsidade baixa, enquanto o verde claríssimo, brilhante, identifica tolerância, tato, adaptabilidade ou sabedoria do mundo. O amor sensual e grosseiro pode se exprimir por um carmim escuro e opaco, enquanto o rosa claro e brilhante define elevada forma de amor. O azul escuro, sujo, interpreta a religiosidade interesseira e censurável, mas o claro luminoso demonstra senti mento religioso elevado e alta espiritualidade. Na própria concepção do mundo físico, o preto é a côr negativa representando o ódio, a malícia e a vingança, combinadas ao tom vermelho chamejante. O branco, no entanto, 6 a pureza de coração! Em verdade, o prêto, o encarnado chamejante ou amarelo violento dominam nos planos inferiores; no entanto, o verdadeiro amarelo claríssimo e formoso define a iluminação espiritual, enquanto a côr do sétimo princípio, que é o Espírito, é absolutamente branca e inimaginável para o homem.*

*(33) Vide a excelente obra "Quatorze Lições de Filosofia Yogi", sôbre o assunto no cap. "Os Princípios Mentais", editada pela Livraria "O Pensamento", de Yogi Ramacharaka e compêndio utilíssimo aos estudiosos da vida Imortal.*